

A narrow, historic street in Barcelona, Spain, with stone buildings and a person on a scooter in the distance.

TEORIA DO DESACONTECIMENTO
E NARRATIVA JORNALÍSTICA:
UM ESTUDO DA OBRA PERIODÍSTICA
DE BRU ROVIRA

TAYANE AIDAR ABIB

TAYANE AIDAR ABIB

**TEORIA DO DESACONTECIMENTO E NARRATIVA
JORNALÍSTICA: UM ESTUDO DA OBRA PERIODÍSTICA DE
BRU ROVIRA**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, linha de pesquisa em Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito à obtenção do título de Doutora em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura.

Bauru/SP
2021

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE TAYANE AIDAR ABIB, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 29 dias do mês de OUTUBRO do ano de 2021, às 14:30 horas, via sistemas de videoconferência e outras ferramentas para comunicação a distância, realizou-se a DEESA DE TESE DE DOUTORADO de TAYANE AIDAR ABIB, intitulada **Teoria do Desacontecimento e Narrativa Jornalística: um estudo da obra periodística de Bru Rovira**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor Associado MAURO DE SOUZA VENTURA, Orientador (Participação Virtual), do Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design de Bauru; Professora Doutora ANGELA MARIA GROSSI (Participação Virtual), do Departamento de Comunicação Social / Unesp, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru; Professor Associado MARCELO MAGALHÃES BULHOES (Participação Virtual), do Departamento de Ciências Humanas/Unesp, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru; Professora Titular CREMILDA CELESTE DE ARAÚJO MEDINA (Participação Virtual) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/ Universidade de São Paulo; Professor Doutor DIMAS ANTONIO KÜNSCH (Participação Virtual) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/Universidade Metodista de São Paulo. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma virtual, a discente recebeu o conceito final: **APROVADA, com distinção e louvor**. A banca examinadora recomendou a publicação da referida tese. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo Presidente da Comissão Examinadora.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read "Mauro", is positioned above the name of the signatory.

Professor Associado MAURO DE SOUZA VENTURA

A148t Abib, Tayane Aida
Teoria do desacontecimento e narrativa jornalística : um estudo da obra periodística de Bru Rovira / Tayane Aida Abib. -- Bauru, 2021
280 f. : tabs., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientador: Mauro de Souza Ventura

1. Teorias do Jornalismo. 2. Epistemologia da compreensão. 3. Newsmaking. 4. Cotidiano. 5. Imprensa espanhola. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Aos meus pais Ricardo e Leila,
que me revelam o mundo pelas brechas da rotina.

Ao meu padrinho Jorge Bechara,
que fez da vida a sua música em genuíno desacontecer.

Agradeço, sempre e em primeiro lugar, a Deus e à Maria Santíssima.

Agradeço aos meus irmãos e sobrinhos, que acalmam o mundo com pequenos gestos. Ao Ricardo Augusto, pelo tempo, sentimento, idas-e-vindas que dedica para nos manter unidos. Obrigada, irmão, por uma vida que testemunha que a fé de nada vale sem o amor. À Maria, pelo sorriso e pela doçura com que abre as portas do quarto e do seu coração todas as vezes em que eu chamo. Falam por aí em aborrecência, mas você, minha irmã, desde quando era nossa nenê Macota, é paz e é a cola da nossa família.

Aos pixulecos, José Francisco, Maria Lumena, Maria Teresa e José Miguel: o que eu gostaria é de viver, para todo sempre, de pão com mortadela na rapidex com vocês, como se estivéssemos em uma festa do chá perfeito infinita, vivendo as historinhas que quiséssemos e com um coração nunca quebrado.

À Letícia, minha cunhada-irmã, pela leveza com que é, assume os trancos e supera os barrancos dessa vida. Obrigada pela coragem de nadar contra a correnteza.

Agradeço aos meus avós, que tanto doam sem nunca cobrar.

Ao meu avô Jorge, a quem não pude conhecer, pelo legado de força que segue em nossa família já há três gerações. À minha avó Alice, pelo zelo em cada marmitinha, em cada pano de prato e toalha de banho bordados, em cada agasalho presenteado, em cada ligação de piada no dia primeiro de abril. Obrigada, minha vó, por cuidar do meu almoço, do meu calor, do meu humor. A senhora pode não escutar mais tão bem, mas o seu olhar e as etiquetinhas que caprichosamente escreve nos embrulhos dizem tudo.

Ao meu avô Carim, pelas aproximações gentis nos passeios de fiatinho verde, nos fiados da mercearia do Polaco, nos jogos do Corinthians, nas lembranças da Espanha. Obrigada, barrarito, pelos seus braços que se erguem quando me vê, pelo docinho que me oferece depois da refeição, pela chamada telefônica que atende em tom de exaltação: “Ô minha querida. Você sabe que eu te quero muito bem, né?”. Eu também, vó, eu também.

À minha avó Neide, pela resistência sensível nas viagens de circular, nas cantigas com cafuné, na mistura da gema do ovo com o molhinho de frango caipira. Obrigada, minha vó, pelo pique que não dá trégua, pela delicadeza ordeira e pela folia carinhosa com que nos recebe. Dos veiacos ao mais piticos, a senhora nos guarda na sensação de que a vida pode ser encantada.

Agradeço ao Luã, meu companheiro de sonhos, projetos e valores.

Amor que ficou, que transforma e que vai perseverar. Amor que entrega, que acolhe e que espera. Amor que sofre e que se esforça em perdoar. Amor-abrigo, amor-risco, amor-compromisso.

Agradeço às amigadas que se importam em permanecer.

Uma conversa, um café da tarde, um botequinho, a vontade de não estar só. Bianca Teixeira Morelli, pela serenidade. Augusto Junior, pela segurança. Jéssika Elizandra, pela sinceridade. Juliana Garcia, pela hospitalidade. Bianca Duarte, pelas provocações. Marcella Mazzocato, pela calma. Julia Benfatti, por não desistir. Monalisa Squiaveto, pela vitalidade. Nathália Sgarbosa, pela transparência. Bruna Tayar, pelas risadas. Michelle Moreira Braz, pelas instigações.

Agradeço aos professores que deixam suas marcas em minha vida.

Um olhar, um jeito de dizer, um silêncio em escutar, a vontade de compartilhar. Ao meu orientador e parceiro de trajetória acadêmica, Mauro de Souza Ventura. Aos supervisores que acolheram e ampliaram minhas buscas, Maria Estrela Serrano, Jesús Miguel Flores Vivar e Xavier Giró Martí.

Aos companheiros do caminho da compreensão, Dimas Antônio Künsch e Mateus Yuri Passos.

Aos conselheiros que iluminam muitos cantos desses escritos, Angela Maria Grossi, Cremilda Medina, Marcelo Magalhães Bulhões e Alex Arévalo Salinas.

Agradeço às instituições de ensino que me formam como profissional e cidadã.

O compromisso público, a responsabilidade social, uma vontade de mudar o mundo. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo financiamento de seis projetos de investigação nos últimos oito anos (processo de doutorado 2018/01541-9).

À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), pelos horizontes que não se findam em títulos.

Às Universidades Nova de Lisboa, Complutense de Madrid e Autònoma de Barcelona, pela experiência da dialogia intercultural.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Não é à toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei arduamente o meu!

E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo ser, o meu atalho, já que não ousa mais falar em caminho. Eu que tinha querido. O Caminho, com letra maiúscula, hoje me agarro ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, isso não encontrei. Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, são os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada.

Clarice Lispector.1968.

ABIB, Tayane Aidar. **Teoria do Desacontecimento e Narrativa Jornalística: um estudo da obra periodística de Bru Rovira**. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2021.

RESUMO

À sombra da desordem aparente, homens e mulheres ordinários apropriam-se de seus dias por movimentos diminutos que conferem sentido à sua existência, em esferas íntima e coletiva. Fazem da cotidianidade seu espaço-tempo de resistência ante a intempéries diversas, no compasso de um vivido cuja regularidade não desperta, desde as vias hegemônicas, o interesse noticioso dos meios jornalísticos. A marcação dos fatos pelo tinteiro profissional, conforme predica a teoria do *newsmaking*, prioriza as dimensões do desvio e da proeminência social na produção dos relatos, de modo a tecer um mapa cognitivo que pouco visibiliza as dinâmicas do comum, em seu ritmo de continuidades e anonimato. Nesse campo de disputas e de busca por brechas de informação, o Desacontecimento se inscreve enquanto noção provocativa à noticiabilidade tradicional, como matriz de práticas à revelia da semântica positivista que atravessa o jornalismo. Ao questionar a natureza dos fatos que logram a agenda midiática, e pública, estabelece uma ordem de contraposição, de discordância e de insatisfação para com o código de produção convencionalizado na cultura profissional, configurando uma estratégia de narração outra, que elege operar nas margens negligenciadas de protagonismo social e informativo. Articulado por um *ethos* que se assume em assinatura criativa, comprometido com a reestruturação do estado das coisas, o Desacontecimento investe na pauta do cotidiano por aparatos de captação dialógicos e compreensivos – intersubjetivos em sua processualidade narrativa, que propõe configurar caminhos para um jornalismo sentido à justiça social e aos direitos humanos. Nesta tese de doutorado, tal matriz é cotejada em nível teórico, empírico e interpretativo, sob o método da compreensão e a partir da obra jornalística do catalão Bru Rovira. Sua narrativa de *carreteras secundárias* é investigada por trabalho de campo e estudo interpretativo, especificamente de seus textos compilados em *Solo pido un poco de belleza* (2016) e *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (2006), originalmente publicados pelo periódico *La Vanguardia*, a fim de evidenciar a manifestação do Desacontecimento enquanto dinâmica profissional e analítica possível ao jornalismo contemporâneo.

Palavras-chave: Jornalismo de Desacontecimentos; Narrativa Jornalística; Epistemologia da Compreensão; Cotidianidade; Bru Rovira.

ABIB, Tayane Aidar. **Unhappening's Theory and Journalistic Narrative: a study of Bru Rovira's periodistic work.** 2021. Thesis (Doctorate in Communication). Postgraduate Program in Communication, Faculty of Architecture, Arts, Communication and Design, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2021.

ABSTRACT

In the shadow of an apparent disorder, ordinary men and women appropriate their days by tiny movements that give meaning to their existence, in intimate and collective spheres. They make everyday life their space-time of resistance in face of diverse obstacles, in the compass of a lived experience whose regularity does not arouse, since the hegemonic channels, the news interest of the journalistic media. The marking of the facts by the professional inkwell, as predicted by the newsmaking theory, prioritizes the dimensions of deviation and social prominence in the production of reports, in order to weave a cognitive map that barely shows the dynamics of the common, in its rhythm of continuities and anonymity. In this field of disputes and search for information gaps, *Desacontecimento* is inscribed as a provocative notion to traditional news, as a matrix of practices in spite of the positivist semantics that crosses journalism. When questioning the nature of the facts that achieve the media and public agenda, it establishes an order of opposition, disagreement and dissatisfaction with the conventionalized production code in professional culture, configuring another narrative strategy, which chooses to operate on the neglected social and informative margins. Articulated by an *ethos* that takes on a creative signature, committed to the restructuring of the state of things, *Desacontecimento* invests in the dailylife agenda through dialogical and comprehensive capture devices - intersubjective in its narrative processuality, which proposes to configure paths for a journalism in direction of social justice and human rights. In this doctoral thesis, this matrix is compared at a theoretical, empirical and interpretive level, under a comprehensive method and based on the journalistic work of Catalan Bru Rovira. His narrative of *carreteras secundarias* is investigated by fieldwork and interpretive study, specifically of his texts compiled in *Solo pido un poco de belleza* (2016) and *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (2006), originally published by the journal *La Vanguardia*, in order to highlight the manifestation of *Desacontecimento* as a professional and analytical dynamic.

Keywords: Unhappenings journalism; Journalistic narrative; Comprehensive epistemology; Daily life; Bru Rovira.

SUMÁRIO

INCURSÕES AUTOBIOGRÁFICAS.....	12
1. INCURSÕES TEÓRICAS.....	27
1.1 Desacontecimento em reflexão pelas vias da intersubjetividade.....	28
1.1.1 <i>Newsmaking</i> em travessia de mediação autoral.....	39
1.2 Desacontecimento em dinâmica jornalística de relação.....	50
1.2.1 Com a Cotidianidade: para pautar.....	50
1.2.2 Com o Homem-ordinário: para eleger quais fontes reportar.....	65
1.2.3 Com a Proximidade: para apurar.....	72
1.2.4 Com a Dialogia: para entrevistar.....	85
1.2.5 Com a Narrativa: para entrelaçar os sentidos da experiência humana.....	97
2. INCURSÕES EMPÍRICAS.....	105
2.1 Desacontecimento em prática com o reportarismo espanhol.....	108
2.2 Desacontecimento em vivência com as <i>Carreteras secundárias</i> de Bru Rovira.....	123
3. INCURSÕES INTERPRETATIVAS.....	157
3.1 Desacontecimento em análise na narrativa do <i>bando dos poetas</i>	159
3.1.1 Ritmo dos dias em memória e fabulação.....	163
3.1.2 Personagens rotos à procura de sentido.....	173
3.1.3 Vivência pelos diminutos.....	189
3.1.4 Escuta que diz de si.....	200
3.1.5 Reencenação do sensível.....	211
3.2 Desacontecimento em análise na narrativa de <i>Áfricas</i>	218
3.2.1 Comum em partilha e resistência possível.....	225
3.2.2 Protagonismo social em saída.....	233
3.2.3 Fraturas de complexidade.....	242
3.2.4 Movimento ao testemunho.....	251
3.2.5 Trânsitos intersubjetivos.....	259
INCURSÕES EM DESTINO PENÚLTIMO.....	265
REFERÊNCIAS.....	272
APÊNDICE.....	279

INCURSÕES AUTOBIOGRÁFICAS

(em casa, numa quarta-feira qualquer, dia de faxina da Cida)

- Pausa para um cafezinho pode, né Cida?
- Um golinho só para abastecer, né?
- Como é que faz para um café ficar tão bom?
- É que a gente tem que fazer ele na hora certa.
- Na hora certa?
- Naqueles momentos quando a gente precisa de um empurrão. Quando acorda, no meio da tarde, tem gente que toma até de noite.
- Pra já dar um rumo pra cama?
- Deus me livre. Cama, para mim, só com chá. E depois da novela.
- Ah é? Então quando você sair daqui já vai preparar um?
- Primeiro preciso deixar tudo certo lá em casa, cozinhar alguma coisa para as meninas. Daí sim. Faço um chá e ligo a novela.
- Aí é sua hora de descanso?
- Era minha e da minha mãe, a gente fazia juntas. Como gostava desse paparico. Mas daí ela teve um derrame e não aguentou... Eu continuo daqui, fazendo por ela. Na sexta só, que eu troco o chá por uma latinha. Na folga pode, né?
- Eu acho que dá um equilíbrio bom. E o final de semana, como é?
- Vira um trupé. Meu irmão vem visitar, as meninas convidam as amigas, a casa fica cheia. E eu tenho duas vizinhas que parecem carrapato. Todo dia a gente se encontra no terminal, mas na sexta eu já aviso: é para cada uma ficar no seu canto, nunca firmei com marido nenhum porque não gosto de grude, não quero saber de mulher me rodeando também. Mas não dá outra, elas param no meu portão e quando vejo, já tomaram a casa.
- Mas tem coisa melhor que casa cheia? Aqui você sabe como é.
- Mas aqui vai passando um tempo e seu pai coloca todo mundo para correr. E lá a gente faz como? Eles não se tocam. Dá a hora da novela e minha vontade é xispar todo mundo. Na verdade, as meninas vão lá pra praça, e a Nice até gosta de sentar e ver comigo. Mas fica me atormentando com pergunta: esse aqui não gosta dessa moça por quê? Como é que ela não sabe que ele tá mentindo? E passa a noite toda especulando. Eu também gosto de conversar sobre a novela, mas eu e a mamãe a gente tinha um combinado. Assiste tudo

e depois fala. Ou então conversa só nos intervalos. Mas na hora do programa tem que prestar atenção. Quando eu tô trabalhando ninguém me interrompe, por que eu vou ficar atrapalhando os outros?

- A minha sogra é assim também.

- Eu acho que é até por isso que a mamãe fazia o chá... Pra gente ficar com a boca ocupada e a cabeça ligada na tv.

- Eu acho é muito inteligente.

- Ela sempre ajudou a gente em tudo. Até hoje não sei como vivo sem ela. Volta e meia penso: o que será que a senhora está pensando de mim, agora que me vê aí de cima? Costumava dizer para as minhas filhas que eu era um orgulho... Acho que preciso acreditar que ainda sou.

- Você acha que a vida vale a pena, Cida?

- Apesar de tudo, tem muita pessoa boa no mundo, tem alegria.

- E a novela que não falha nenhum dia.

- O mundo pode cair, mas do sofá ninguém me tira.

(no posto de combustível, numa noite qualquer, dia de abastecer o carro com o seu Nilton).

- Oi, seu Nilton. Põe 40 reais de álcool, por favor?

- Ô, menina. De resto tá tudo certo? Precisa olhar a água, o óleo?

- Não, seu Nilton. Nessa semana eu não vou viajar, final de semana cheio. E para o senhor?

- Vou trabalhar, mas não tem encrenca não. O movimento é tranquilo, eu deixo o rádio ligado, dá para acompanhar os jogos da rodada.

- E vai dar Corinthians?

- Vai nada, com essa diretoria incompetente a gente nem cria expectativa.

- O senhor só escuta futebol, seu Nilton?

- Só. O resto não me serve.

(na praça da igreja, num domingo qualquer, dia do pastel da dona Lola)

- Oi, dona Lola. Vou levar dois de mussarela e dois de palmito, para comer em casa.
- E a mãe, hoje não veio?
- Ela ficou com as crianças, mas pediu se a senhora não pode mandar o molhinho de vinagrete junto, diz que faz toda diferença.
- Como se tivesse algum segredo. Deixo tudo bem picado de manhã e já faço a mistura. Na hora de vir, coloco a salsinha.
- Isso eu sei que ela gosta. Mas é que a senhora tem mão boa mesmo. Minha vó diz que quando a pessoa tem mão boa a gente pode até tentar fazer igual, mas não chega lá.
- E eu adoro o tempero dos outros. Vai entender? Acho que é sempre assim... Mas eu queria que o nosso movimento melhorasse, ultimamente deu uma caída.
- Mas vocês já têm uma previsão de como vai ser o mês?
- Acho que vamos conseguir chegar numas 15 cestas, mas a pastoral atende 50 famílias. O padre tá falando nas missas, mas ainda não melhorou.
- E na internet, a senhora tentou? Ou entrar em contato com o jornal daqui?
- A Matilde postou nos grupos para o pessoal compartilhar. Agora com jornal, não sei, não acho que vão querer.

(na casa do meu irmão, numa manhã qualquer, dia de levar os sobrinhos na escola)

- E aí, já estão prontos? Dormiram bem essa noite?
- A Lumena me acordou de novo.
- De novo, Lumeninha? Mas, por quê? O Ju gosta de dormir.
- É porque... é porque... eu joguei a cheirinha na cama dele.
- Ela fica fazendo assim oh (e choacoalha o braço para imitar o movimento da irmã, um ano e meio mais nova).
- Mas Lumeninha, você perdeu o sono de noite?

- Ah, Tata, você sabe...toda vez ela acorda. Vai no banheiro trocar de roupa, vai no quarto da mamãe...
- É porque você tem muita energia, né Lumeninha?
- Eu quero que o dia começa logo...
- E você trocou até de roupa?
- Ela gosta, Tata. Uma hora ela tá de bailarina, uma hora ela tá de unicórnio, aí ela põe a roupa das princesas...
- Mas eu só tenho duas roupas das princesas.
- E o que você mais gosta de ser, Lumeninha?
- Agora bailarina, mas amanhã acho que a Tiana, que é a favorita da mamãe.

A vida se revela todos os dias em pequenos atos. Por conversas corriqueiras, por encontros casuais, pelos ditos e silêncios das nossas expressões, dos nossos gestos e traquejos. Naquelas brechas nem sempre visíveis das nossas relações, por onde contamos do que somos e do que nos toca viver. Nossas diferenças podem ser das mais variadas ordens, mas há um comum que os seres humanos compartilham desde sua condição, e que encontra ponto de conforto na dimensão mais ordinária do contexto que nos envolve. Cada um é desafiado pelo despertar a dar um ritmo para os seus dias – alguns sob mais privilégios que outros, a maioria sem nenhum -, e essa construção ativa esforços, renúncias, ilusões e contrariedades, no mais das vezes em conjunção.

Trata-se da subjetividade que dispomos em convívio, ainda que nem sempre reconheçamos as entregas íntimas que fazemos como gesto de criação. A aparente desordem do mundo, que nos soa prevaiente pelo impacto de seus ruídos, nos distrai de uma percepção mais atenta ao que experimentamos rotineiramente enquanto movimento que nos coloca em fluxo *sempre adiante*. A sensação é de que a leva dos dias transcorre em repeteco tedioso, e que só vez ou outra vivenciamos o distinto, a novidade, uma mudança ou oportunidade. Mas no espaço-tempo que nos cabe em proximidade, nisso que se chama cotidianidade, a regularidade carrega em um contínuo as ambivalências de nossas permanências e virações. É território nada estaque, que opera no vai-e-vem de

desejos e frustrações, e que se assimila por enfrentamentos minúsculos, que até podem extrapolar em força coletiva, mas que se ensaiam por primeiro na esteira das banalidades.

Quem pode dizer que preparar um chá e assistir à novela, depois de um dia exaustivo de trabalho e de um presente saudoso da mãe, não é uma atitude de resistência? Que levantar cedo aos domingos para picar legumes e passar a tarde junto a um tacho quente de óleo, sem saber se ao final a meta de venda de pastéis será atingida, não é luta válida e necessária? Que aquilo que fazemos dia-a-dia, alguns mais espontâneos que outros, não é o que nos faz seguir, significar, reapropriar, ainda que pareça todo o contrário?

Fui criada em um lar às voltas com a rotina. Mesmo horário e ações recorrentes, os dias procediam em toada muito conhecida, e mesmo quando algumas coisas escapavam do previsto, a família dava um jeito de seguir no seu compasso. A mãe se desdobrava em seus afazeres, o pai regorganizava o expediente, as avós se dedicavam sem senão. O que até certo ponto me chegava como um comportamento padronizado ou a lógica de uma sistemática, o convívio com outras pessoas, em outros lugares e contextos, foi me indicando a vitalidade *de ser* que reside nas miudezas e nas nossas reiteraões.

Acho que por isso não me atraio tanto pelos contos dos altos e baixos, mas mais pela rota que se forma nesse espaço *entre*. Lembro-me de ler livros, ver filmes, e me frustrar com as histórias que acabavam tão logo o casal se juntava. E o depois? Quero saber da vida nesse vivido menos avassalador, do mareo que fica de tantos clímax e anticlímax, dos caminhos que se constroem na linha de um possível, e não de um perfeito. Como estão vivendo a normalidade diária? Os filhos na escola, a mesmice no trabalho, as circulações pela cidade?

Talvez por isso também tenha consumido crônicas mais do que qualquer outra coisa. Ainda que em fragmentos, seus relatos pareciam dar mais conta dessa potência de sentidos que nos atrela pelo cotidiano. Ao dizer daquilo que cada um e todos vivenciam, faziam fácil projetar o desenrolar de um comum. Hoje quando pego meu exemplar de *O analista de Bagé*, que meu irmão me comprou no sebo que costumávamos visitar ao sair da escola, tento resgatar o que me passava pela cabeça durante aquelas leituras. Eu entendia nada de psicanálise, ortodoxia ou Freud, mas algo me mantinha interessada naquelas páginas, quase 400, se juntarmos o volume de *A velhinha de Taubaté*, e que me fazem conservar uma memória afetiva com o autor, Luis Fernando Veríssimo, e suas personagens até hoje. Não elucidava com precisão as mensagens, e ainda agora me é difícil comentar sobre esses textos que de tão triviais tinham um quê de epifania, mas eles

mexiam comigo. Me despertavam a pensar sobre a minha própria vida, e isso por histórias alheias que, ao final, se mostravam muito concernentes a mim.

Creio que, de algum modo, continuo a perseguir esses encontros. Enquanto jornalista, aprecio as coberturas políticas, econômicas, internacionais. Reconheço o valor social do *hard news*. Mas me incomodo com os vãos de presença dessa dimensão ordinária, tanto em termos de lacuna narrativa, como de acionamento raso, utilitário, das vozes do comum. Falta, no registro jornalístico, a vivacidade do *ser gente*. E não em contorno popularesco, de um anonimato em espetáculo, como saga de heróis suburbanos ou de superação por uma enganosa meritocracia. Tampouco em participações programáticas, que insinuam uma humanização informativa quando transmitem *frames* declaratórios que nem sequer se enunciam em sentenças completas.

O protagonismo humano e coletivo de que falo, no qual penso, e que busco, na notícia e não em formas literárias, é substantivo, é matéria-prima, e enquanto tal não pode ser assumido como dado de um receituário. O indivíduo não pode ser inscrito para conferir “carne e osso” às ocorrências, para personificar as pautas, para dar toques de sensibilidade às abordagens. Ele deve ser, por si e em si, a narrativa, o cerne, a amarra e o arremate. Considerar essa centralidade no jornalismo não equivale a convertê-lo em divulgativo de histórias de vida, em produtor de perfis e relatos biográficos, em registro de personalidades em detrimento de fatos. Corresponde, antes, em situar temas, problemas e eventos por atravessamentos com o cotidiano dos sujeitos, de suas criações e resistências. Consiste em fazer do vivido ordinário o traço que delineia o acontecimento. Ou, para valer de uma semântica coerente com a virada propositiva almejada, dos desacontecimentos.

A noção me permitiu cotejar uma estratégia de narração à revelia dos tradicionais processos jornalísticos, por brechas informativas inscritas à sombra, e não à parte, do operativo noticioso. Tem tom provocativo porque contrapõe, a uma só vez, a natureza desviante e de proeminência social dos conteúdos reportados e a dinâmica das práticas mobilizadas para marca-los. Não se configura em contexto produtivo outro, mas joga com as potencialidades mesmo de um campo em disputa, pela responsabilidade das escolhas editoriais, discursivas e representacionais de seus agentes.

Rearranjos dessa ordem, que implicam a cultura profissional e constrangimentos organizacionais diversos, não se estabelecem em linhagem definitiva, mas se enformam como tipos elásticos, desde o enfrentamento possível que realizam os jornalistas. Há ambientes corporativos mais favoráveis que outros, rotinas de trabalho mais flexíveis e

adaptativas, no entanto, o agenciamento de partida é da figura que coleta os subsídios narrativos. E o Desacontecimento se viabiliza por um *ethos* em discordância, que se empenha em gerar abalos na sistemática informativa tradicional.

É por isso que seu escopo reflexivo se matura, e vem sendo investigado, desde exercícios profissionais que conjugam o *newsmaking* em chave de mediação autoral, de assinaturas criativas que, em meio à dinâmica de veículos hegemônicos, conseguem empreender pontos de virada na lente da noticiabilidade vigente. A obra jornalística da repórter brasileira Eliane Brum foi demonstrativa de minhas primeiras incursões analíticas acerca do Desacontecimento, a nível de Iniciação Científica e de Mestrado¹. Seu percurso narrativo evidencia a composição de uma processualidade atenta à vida tecida em seus diminutos, por homens e mulheres cujas façanhas e desventuras não costumam lograr destaque na agenda midiática, e pública. A posição privilegiada que Brum ocupa há alguns anos no cenário jornalístico nacional, e internacional, com autonomia e prestígio para emplacar seus próprios projetos, inclusive além-notícia, não retira a validade de uma proposta endereçada à cobertura informativa convencional. Ao contrário, sinaliza para a percepção de uma trajetória que se edificou, e se fez distintiva, por um investimento profissional, político e ético associado à pauta do comum, e desde embates editoriais e questionadores das estruturas.

O Desacontecimento se constrói como uma mirada, junto a repertórios de feito menos técnico que pessoal – intersubjetivo. Diz não tanto de um anseio por atualização factual, ainda que ajude a registrar os movimentos do mundo, mas especialmente de um intuito, que vem também da intuição, por compreensão da condição humana, em um trabalho que não deixa de se projetar em horizonte de justiça social, igualdade de direitos e democratização das vozes. Potencializa-se tanto mais se envolve pelo dialógico, pela alteridade em fratura terna e exposta com o entorno. É da ordem da relação, o que significa que não prescinde da escuta e do convívio, mas se articula em interesse genuíno por um *estar-com*.

Em pesquisa de Doutorado, a matriz do Desacontecimento enseja adensamento e sustentação enquanto dinâmica jornalística possível, também em âmbito de estudo científico. Seus fundamentos práticos e narrativos são posicionados, em entrecruzamento teórico, e cotejados por empiria e análise interpretativa junto a uma nova mediação autoral, que faz das *carreteras secundárias* seu caminho para reportar as camadas do

¹ Disponível para acesso em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152172>

ordinário: o jornalista catalão Bru Rovira i Jarque. Seu trabalho de reportagem, produzido ao longo de 25 anos de contribuição ao periódico *La Vanguardia*, o mais longo em circulação na Espanha, é revisitado desde os livros *Solo pido un poco de belleza* (2016) e *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (2006), além de materiais complementares – consultados na hemeroteca do diário e da Biblioteca de Comunicació da Universitat Autònoma de Barcelona –, afim de se verificar a configuração do Desacontecimento e de seus dispositivos profissionais.

Como a pauta da cotidianidade se manifesta nos relatos jornalísticos de Bru Rovira, que tratam sobre a vida local em Barcelona, especificamente de um grupo de ex-alcoolatras do bairro *El Gotic*, e sobre realidades africanas no contexto pós-Guerra Fria, nas regiões da Somália, Libéria, Ruanda e Sudão do Sul? De que modo confluem os aparatos de captação, entrevista e redação mobilizados à noticiabilidade do homem ordinário? Que atributos éticos, técnicos e estéticos estão em jogo para a formação de uma prática de contraposição na carreira de Rovira, e considerando o contexto social e organizacional de seu ambiente de produção? Essas questões estão lançadas como norte e objetivos para os estudos desenvolvidos aqui, e em cada incursão investigativa se apresentam e desdobram outras considerações mais.

Ao conjugar essas expectativas e interesses, o que quero, e espero, em última instância, é evidenciar o escopo do Desacontecimento como cerne propositivo possível às narrativas da contemporaneidade, mas não só: refletir também sobre a construção desse arcabouço como caminho para, complexo-compreensivamente, aproximar mundos e harmonizar vozes e sentidos plurais. Em maturação contínua, o meu movimento, pessoal e investigativo, é para estabelecer o jornalismo em relação dialógica, com saberes, práticas, vivências e culturas – tal qual exige o nosso tempo.

Nota sobre o método da compreensão

Já que me toca figurar a presente investigação como travessia, essa é como a etapa preparatória que todos nós fazemos, em alguma medida, antes de, de fato, desenrolarmos qualquer percurso. É quando ponderamos sobre nossas expectativas, alguns dilemas, o que levar e o que deixar para trás, sabendo, ainda que nos custe aceitar, que não há rota garantida e nem destino previsível, e que adaptações, desvios e retornos são necessários, e muitas vezes até bem-vindos, para nos aproximar do que buscamos. É quando ajeitamos

as bagagens, umas mais visíveis que outras, e dispomos nosso mapa, seja ele um roteiro completo ou algumas poucas anotações, para perfazer o caminho.

Aqui talvez seja mais interessante falar na disposição de indicativos. Porque me dinamizo junto a vias confluentes, na leva de um preâmbulo que já nos sugeriu algumas pistas, e agora faz de si abertura a outras tantas possibilidades mais. Estou nesse trânsito fluído, mas contando com o norte daqueles tracejados em pontos luminosos, que me sinalizam por onde e como seguir. Reconheço, afinal, que algumas marcações se mostram mais. São referenciais. Por isso é bom tentar situá-las, com um certo grau de precisão, antes de levar a cabo este trajeto.

Poderíamos, talvez, pensa-las como eixos que se prolongam e frequentemente se cruzam, uma vez que querem desembocar em lugar comum. Ou até como uma linha única, na medida em que partilham de igual toada. Propriamente essas são minhas noções epistemológicas em destaque: a complexidade e a compreensão, que se abastecem de sendas afins e que se maturam no compasso mesmo de um tal fluir, escoando os sentidos promissores para viabilizar a trilha. E se ao jornalismo essa associação oferece vitalidade enquanto recurso prático, que dirá o que pode proporcionar ao conhecimento que se enseja relacional.

Desde a metade do século XX, pelo menos, escutamos o eco de advertências, por algumas autorias, que nos deram mostra dos desgastes da ciência clássica assente nos princípios de redução e disjunção. Mediadores dos saberes que, atravessados por experiências de guerras mundiais, desastres ambientais e crises sociais, chocaram o progresso da marcha moderna com um movimento, ainda que aos trancos e barrancos, de criticar, com lucidez e abertura para o Outro, nossa leitura e interpretação de mundo. E não é que aqui se esteja a dar de ombros para os esforços da ciência e suas históricas contribuições. Mas há que se conseguir ponderar sobre “o que se perde quando se ganha desenvolvimentismo, seja ele técnico, material, urbanístico”, conforme Edgar Morin (2011, p. 36), uma dessas assinaturas que não teme os abalos das incertezas e nos indaga, no livro referenciado, sobre uma tensão civilizatória: estamos *Rumo ao abismo?*

Em repertório diverso, ele colhe os traços polissêmicos de sua teoria da complexidade: de Heráclito, apreende a unidade do antagonismo; de Montaigne, a singularidade da condição humana; de Rousseau, o exame sincero e autocrítico de nossa relação com a natureza; de Dostoiévski, o despertar da filosofia com a compaixão pelo sofrimento – “o que é fantástico é que os grandes escritores parecem ser muito mais capazes do que os filósofos para perceber a complexidade humana”, arremata Morin

(2014, p. 107), em obra que é uma espécie de tributo do intelectual àqueles que lhe instigaram a afrontar suas inquietações. Como ler, ainda adolescente, *Crime e Castigo* e não experimentar a ideia de que a redenção é sempre possível, de que o humano é conciliação e contradição, e de que não há suficiência em dicotomizar o que por si é múltiplo?

Sua pesquisa antropológica, a partir dos anos 1950, conduziu-o a reconhecer o conjunto *homo-bios-cosmo* como um “circuito recursivo ininterrupto, no qual cada termo está implicado no outro, alimenta o outro e depende do outro” (MORIN, 2014, p.17), por onde o uno faz-se diverso e “a diversidade aparece como tesouro da unidade humana”. Em seus escritos, assim, a defesa de reformas nos âmbitos da educação, organização social, vida e ética vai ao encontro dessa tomada de consciência acerca da precariedade de um modo de conceber que desune e simplifica, quando deveria articular nexos.

“Ganhos de ignorância”, valendo-se de sua expressividade (MORIN, 2011, p.24), que vieram a reboque de uma inteligência programática, compartimentada, “simultaneamente míope, hipermetrope, daltônica, caolha; [que] na maior parte das vezes, termina cega” (p.54). Um logocentrismo que, lidando com a realidade e seus problemas em chave de exclusão e fragmentação, atrofia nossas possibilidades de gerar um pensamento do contexto porque nos descola de uma atenção à interdependência, no tempo e no espaço, do que somos e do que compartilhamos.

E então que a integração do conhecimento seja, para Morin, uma necessidade epistemológica primeira, de tal forma convidativa para os que com ela se envolvem que, por onze edições, já em 1990, Cremilda Medina organizou e coordenou, como estratégia emergente na Universidade de São Paulo, seminários transdisciplinares junto a físicos, químicos, matemáticos, biólogos, filósofos, psicólogos e comunicadores para, na esteira de um saber plural, pensar um *Novo Pacto da Ciência*. A arte, o indecifrável, o sonho, as narrativas míticas, as facetas contrastantes de Apolo e Dionísio, foram colocados à mesa em dialogia de viragem com as certezas científicas, para, também considerando o jornalismo, aproximar eticamente nossas mentalidades das demandas coletivas.

Em tempos de crise de paradigmas, conforme Medina (1990, p. 15), não há espaço para ideias estratificadas ou princípios metodológicos definitivos, mas o convite, que ainda se faz preciso lançar, para uma aptidão “inter-relacionadora de situações humanas [...] sobretudo quanto aos prognósticos comprometidos com um ser menos infeliz e menos injustiçado que aí está no planeta”. O movimento almejado à ciência, vê-se, espera fortalecer um senso de responsabilidade e de solidariedade condizente com os dilemas

contemporâneos – uma religação, em última instância, que revela muito da condição das disciplinas, do local e do global, mas ainda mais do homem. *A cabeça bem-feita* proposta por Morin (2003), neste sentido, inscreve o complexo menos como um conceito manipulável, da ordem da explicação, e mais como uma noção aberta à compreensão, do vivo e do vivido, do intersubjetivo.

Abraçar junto o que foi tecido junto, é o que ensina a própria etimologia do *comprehendere* e do *complexus*. Não à toa esse foi o estalo que despertou Dimas Künsch, em uma noite dos idos dos anos 2000, quando ainda cursava o doutorado em Ciências da Comunicação, atrelando a reflexão sobre narrativa jornalística de grande fôlego à complexidade do sociólogo francês. Em sonho, nesse embate entre consciente e inconsciente, desde a via integracionista de Jung que tanto o inspira, a palavra compreensão lhe apareceu como que impressa em imagem, o achado que lhe faltava para renunciar às amarras dos esquemas explicativos e privilegiar o plano da comunhão possível. Desde então o signo se tornou cúmplice de suas veredas pela ciência, em sentido que evoca a acepção social e ética que mobilizamos nas relações sujeito-sujeito, e vai além: são nossos olhos abertos à uma pluralidade que se manifesta também no saber, considerando “a diversidade e riqueza dos modos como nós, humanos, contamos histórias, simbolizamos o mundo e, nesse sentido, participamos da cultura” (PASSOS; MENEZES, 2020, p. 109).

Enquanto método, então, a compreensão proposta por Künsch não é nada mais que um sentir junto e um pensar junto: um movimento que não pretende esgotar, mas se aproximar do Outro, que é humano ser e também ciência. O conhecimento, afinal, é laço que construímos com a alteridade, diz muito e leva muito do *como* nos deixamos afetar pelos sentidos múltiplos que nos cercam. É um caminho em busca de um caminho, resume Künsch (2017, p. 11), o que também empreenderemos aqui: “preferimos andar fazendo várias paradas pelo mundo, encantado ou não, dos objetos de pesquisa, das questões que nos incomodam, dos saberes diferentes que nos situam de alguma forma e nos orientam”.

Nossa travessia, desde aí, elegemos perfazer por três incursões investigativas, em traço complexo-compreensivo que espera alinhar a multiperspectividade para tratar dos temas que nos são caros:

i) Teóricas

Crise dos paradigmas, em Cremilda Medina (1990); crise de degenerescência, em Boaventura de Sousa Santos (1989); crise da modernidade da hipersimplificação, em Edgar Morin (2003); crise da ciência explicativa, em Dimas Künsch (2020). Horizontes epistemológicos que nos colocam em despertar para uma atitude outra da ciência com o mundo e com ela mesma. O pensamento inter-, transdisciplinar desejado a um saber plural, que não nega o necessário ímpeto de autonomia de cada campo, mas reconhece a contribuição das interlocuções para tatear realidades cada vez mais densas, toma forma nessa pesquisa como dialogia do jornalismo com conhecimentos afins. Na verdade, um tal exercício de ampliação da mirada começa por posicionar o jornalismo em espectro sensível: um ato que não é aleatório, mas aprendiz do que desdobra a própria raiz normativa da Comunicação – partilha, senso de comum, intersubjetividade. Ligações que colhem em retrospecto a projeção de novas conjunções.

Será que o jornalismo, tal como anseia o *communicare*, pode ser concebido e vivido como experiência arrebatadora? Em que configuração, mais especificamente, a narrativa jornalística pode assumir práticas de afeto? É então que a noção de desacontecimento se entrelaça à nossa colcha reflexiva sob visada de intercâmbios possíveis. Sugere, para a processualidade noticiosa, dispositivos divergentes de reconhecimento, tratamento e redação, em tons autorais que apreende a sintonia da mediação jornalística com a sociologia, a filosofia, a história, a antropologia e a psicologia, para relatos do comum. Como o Outro é o centro para o qual converge uma atividade marcadamente social, bem vale apostarmos na vitalidade dessas conversas.

ii) **Empíricas**

“Uma pesquisa que privilegia os afetos permite vários níveis de leitura e aponta a complexidade e riqueza da empiria”, escrevem Angela Salgueiro e Luis Sá Martino sobre *Produção de conhecimento e Compreensão* (2017, p.39). Se nossa visão de mundo assim se lança a percebê-lo, a renúncia à unilateralidade de nossas lentes é também abandono de um discurso abstrato e incursão investigativa em experiências e situações concretas. Ater-se à vivência, como coloca Michel Maffesoli em seu *Elogio da razão sensível* (1998, p. 277), é implicar-se com conceitos (ou, melhor, noções) encarnados, “enriquecer o saber e mostrar que um conhecimento digno deste nome só pode estar organicamente ligado ao objeto que é o seu”. Ou, melhor, com o sujeito.

Evidentemente uma tal postura tem feição de desafio: a empiria que nos ajuda a *crescer com*, do latim *cum-crescere*/concreto, a realidade que nos cabe compreender, pede-nos aliar o estático e o movente, naquilo que o sociólogo francês chama de enraizamento dinâmico (MAFFESOLI, 1998, p. 172). “Não construir um sistema quando se está confrontado a um mundo em perpétua mutação e sem referências fixas” (p. 177), mas trabalhar com a ideia, mais aberta e inacabada, de horizonte, buscando relações de significação em lugar de explicações causais aos temas em pauta. O desacontecimento, neste sentido, uma vez cotejado em relação de saberes, vai buscar novos subsídios em campo, de encontros com o sujeito de pesquisa Bru Rovira, por uma sensibilidade intuitiva que só pode emanar em dinâmica orgânica, privilégio “de quem se situa numa vasta rede de inter-relações e dela comunga” (MAFFESOLI, 1998, p. 220).

Em jogo, aí, está um movimento científico que se abastece de subjetividades, no plural, isto é, que não se contenta simplesmente com a abordagem dos sentidos manifesta pelo pesquisador em sua experiência-vivência, mas enseja um foco integrador para aprender do contato com o Outro as potências da intersubjetividade. Um mergulho mais profundo, em interação, no que se está a explorar. Retomando algumas das notas sobre conhecimento compreensivo na lida com a alteridade, cabe citar o trecho abaixo:

Processos de comunicação estão entrelaçados com processos sociais, políticos, educacionais, econômicos e afetivos. Mas temos que buscar, no encontro e na conversa com os sujeitos pesquisados, as pistas para indicar os modos de comunicar das pessoas, ou seja, como constroem suas narrativas, se expressam e convidam os outros a interagirem. Na pesquisa, não há articulação fácil entre conceitos teóricos e as narrativas produzidas pelos pesquisados. Ela exige uma disponibilidade para a escuta, tempo para permitir que o outro elabore o que deseja dizer, enfim, uma outra configuração afetiva da atividade de investigação. A pesquisa em Comunicação requer a escuta das perspectivas dos sujeitos, dos sentidos em jogo, as tensões e os enfrentamentos que marcam suas existências. Pesquisador se expõe ao pesquisado: um se apresenta diante do outro e deixa aberta uma passagem para que ambos interfiram na percepção um do outro em um encontro transformador (SALGUEIRO e MARTINO, 2017, p.42-43).

A empiria nos convida, em perspectiva qualitativa, a estabelecer vinculações e indagações na ordem de um ‘como’ antes de um ‘porquê’, a ser “acariciante”, nas palavras de Maffesoli (1998, p. 176), mais acompanhando do que subjugando os fenômenos, e alargando o pensamento para nele haver chances de confluir cosmos em comum. Não por acaso, em incursões assim não-distanciadas, propõe-se uma autoexpressão mais livre também em âmbito de escritura, para “fazer reviver no texto da pesquisa as cores e

texturas das falas dos pesquisados [...] um tratamento que não reduza o vivido a um simples relatório de ações” (SALGUEIRO e MARTINO, 2017, p.40). A narrativa descritiva, assim, em tom mais dionisíaco que prometeico, mostra-se enquanto via favorável para uma tal aproximação que quer epifanizar e ressaltar traços expressivos da partilha *entre* – sujeito investigador e sujeito pesquisado.

Do concreto de quase cinco meses de vivência em Barcelona, com interações junto a Bru Rovira e jornalistas de seu entorno profissional, e trânsitos junto à espacialidade, também rica em significações, das ruas, *ramblas* e províncias catalães, registra-se contribuições possíveis à noção do desacontecimento a partir de leitura e produção empírica.

iii) Interpretativas

O *reporterismo de carreteras secundárias* que na incursão anterior nos chegou pelo ato presencial com o autor em protagonismo, aqui se entrevê no tecido alinhavado narrativamente durante os anos de colaboração de Rovira ao jornal *La Vanguardia*. Pensado até então em suas dimensões teórica e empírica, o *ethos* do desacontecimento se reveste de outro dinamismo com sua inserção em escala produtiva, mobilizada no compasso das buscas do repórter, das rotinas organizacionais e dos sentidos efetivamente impressos nos textos por ele escritos. Como o desacontecimento se configura em seus registros ao periódico espanhol?

Nossa interlocução, nesta etapa, dá-se com as produções de Rovira reunidas em livros-coletâneas de suas trajetórias por Barcelona e África – nos títulos *Solo pido un poco de belleza* (2016) e *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (2006). Considerando que é a dialogia, conforme Cremilda Medina (2008a, p. 101), que de fato “caracteriza a nossa massa crítica de pesquisa e, sobretudo, de transformações na prática de comunicação social”, inscrevemos o estudo de sua obra jornalística também como uma abertura relacional dessa natureza. No texto, afinal, tal qual indica Gadamer (2002, p. 157), algo vem à fala: “ele não se limita numa rigidez inerte, mas dá novas respostas a quem lhe faz perguntas, apresentando sempre novas perguntas a quem lhe propõe respostas”. Em fluxo que não cessa, a interpretação se realiza, assim, na medida mesmo do encontro entre o escrito e o que pode ser traduzido para a linguagem do intérprete, de acordo com as experiências singulares que se aporta para essa compreensão.

Mediadas pelas lentes do desacontecimento, nossas leituras das reportagens de Rovira se desenrolam buscando perceber, então, a articulação dos traços que constituem essa tal matriz, sobre os quais conversamos no capítulo próximo: a cotidianidade, o homem-ordinário, a proximidade, a dialogia e o entrelaçamento narrativo. Não tanto como categorias analíticas, porque não queremos enrijecer nossas observações, mas como perspectivas referenciais que nos ajudarão a evidenciar as imbricações do desacontecimento no plano das *carreteras secundárias*, bem como seus delineamentos enquanto dinâmica possível às narrativas da contemporaneidade.



Foto da autora

1. INCURSÕES TEÓRICAS

1.1 Desacontecimento em reflexão pelas vias da intersubjetividade

Começo por apresentar o horizonte epistemológico desta pesquisa. Quero dedicar o capítulo inicial desta tese a delimitar, com estacas permissivas e fáceis de adentrar, as extensões teóricas que aqui serão abarcadas, indicando os marcos de partida de uma travessia que ainda não sabe muito bem onde vai chegar. Sabe, isso sim, que se encontra situada em um campo de disputas e contradições, que desde o século passado luta para se consolidar no Olímpio das disciplinas científicas. Reconhece, de igual modo, que carrega as heranças funcionalistas de um saber que, tendo fincado raízes em território positivista, negligencia, já há tempo demais, sua própria natureza normativa, expressa no vocábulo latino *communicare*: partilha.

Meios, códigos, canais, as técnicas e seus efeitos, as instâncias de emissão e recepção, parecem revezar o posto principal de interesse científico quando o assunto é Comunicação. Protagonizaram, no decorrer dessa recente história, as discussões de teóricos empenhados em sistematizar suas linhas de ação e identificar seus mecanismos de funcionamento, como se fosse possível reduzir a esquemas um certo tipo de ocorrência que nada tem de material. Desde logo, por isso, é meu desejo assumir que este trabalho de investigação não caminha por aí. Longe de descreditar a validade dos estudos que nessa linha se desenvolveram, e cuja importância as ciências testemunham, minha posição enfatiza, fazendo eco ao alerta do sociólogo francês Dominique Wolton (2006, p. 482), a necessidade de se resgatar o valor humanista da Comunicação. E, com isso, contribuir para preservar nossa humanidade, o último recurso que nos resta.

Se me toca falar da comunicação desde uma perspectiva relacional, converge com os meus propósitos promover também a epistemologia como um espaço de alteridade com o qual se é possível dialogar, de modo a considerar, assim, que conceitos podem convergir – já que estão tratando de miradas diferentes de um mesmo universo. Elejo transitar, então, pelas regiões fronteiriças do campo, intercambiando leituras e interpretações com os saberes vizinhos, sem, contudo, enfraquecer as matrizes singulares que configuram a especificidade da comunicação e do jornalismo.

As margens têm, ainda, minha predileção quando reflito sobre a prática jornalística. São nas esquinas e vielas, à beira rua ou à beira-mato, que as vozes estruturalmente silenciadas são ouvidas, que as rotinas tediosas são fantasticamente compartilhadas, que os pormenores que significam a vida se mostram em concretude. As

margens devem ser o espaço de excelência de uma profissão que se enseja democrática, na contramão dos circuitos hegemônicos e em divergência aos princípios tradicionalmente norteadores do fazer que, tal qual o paradigma da Comunicação, apequena-se ao insistir em modelos estanques e já esgotados.

Olhando desde as margens e para as margens, empenho-me em conduzir processos analíticos e criativos que movimentem a zona de estabilidade em que se conformam os valores, dinâmicas e agentes do campo, tecendo e entretecendo a trama propositiva do eixo que me concentra: o Desacontecimento. Cabe-me desde já sublinhar que, enquanto noção axial fundamentalmente provocativa, o mesmo opera sob uma lógica avessa às clássicas teorias noticiosas e faz-se parceiro do ideal de intercompreensão e arrebatamento evocado pela dimensão dialógica da Comunicação.

“A comunicação é, pois, ao mesmo tempo desejada e suspeita [...] simboliza de forma bastante clara a ambivalência humana”, diz-nos Dominique Wolton (2006, p. 173), como que a indicar, ainda na primeira década do século, aquilo que hoje rotineiramente sentimos, mesmo rodeados de aparatos e tecnologias que facilitam o contato: o aumento do número de mensagens difundidas não encurtou a distância entre transmissão e partilha. Em outras palavras, o progresso técnico não nos aproximou do valor normativo da comunicação, da dimensão da troca, que todos desejamos, mas evitamos pelo receio de correr seus riscos.

O plano técnico, aquele que nos diz das ferramentas e dos mercados, que se materializa pela escrita, a imagem e o som, acaba por obliterar o real sentido do processo, que é nos colocar em relação e em compartilhamento. É nesse sentido que a Comunicação, ao contrário do que intenta mostrar a face da onipotência instrumental, é frágil. Porque nos fala do Outro, e, ao falar do Outro, nos pede respeito e nos pede compreensão. O Outro que, embora mais visível, continua um mistério. Essa alteridade, que hoje pode até nos parecer mais presente, conhecida e fácil de apreender, em verdade continua a revelar que nossas diferenças estão por toda parte.

Comunicar, por isso, é reconhecer o Outro como sujeito, como um *alter ego*, e isso demanda um movimento profundo de abertura e de escuta. Abundância de troca informativa não é intersubjetividade: cada um reclama seu direito à fala, mas ninguém presta atenção ao outro. “Aquele que deseja ser ouvido está pronto para ouvir?”, questiona Wolton (2004, p. 80), quando compara o direito à expressão com um monólogo. O que precisamos, adverte o sociólogo francês, é compreender que o fenômeno comunicacional versa, sobretudo, sobre a possibilidade da escuta. Se a técnica amplia as formas de

emissão, há que se aprofundar o debate acerca do retorno. Ou estaremos simplesmente assimilando comunicação à produção e à distribuição de dados.

O receptor não é apenas a outra extremidade de um esquema teórico. É, isso sim, a implicação do que confere à comunicação um estatuto complexo: o horizonte da relação. Reconhecer a reciprocidade como elemento-chave do processo é, então, compreender que a comunicação trata de um encontro com um retorno. É tensão e é risco. É extremamente mais difícil que o contato mediatizado pela técnica, porque é interpelada pelo rosto do Outro. O rosto que, na filosofia de Emmanuel Lévinas (1997, p. 123), desperta-me para a descoberta de uma responsabilidade pelo próximo: “eu me vejo a partir do outro, exponho-me a *outrem*, tenho contas a prestar”.

Coloca-me, assim, a mim mesmo em xeque: quem sou eu e quem, para mim, é o outro? É possível compreendê-lo e é possível que ele me compreenda? As aspirações da comunicação remetem, no fundo, ao fundamento de toda experiência humana – assinalando, por isso mesmo, que há sempre uma possibilidade de fracasso. A proximidade e o confronto que se evitam no plano técnico escapam no encontro cara a cara. A experiência do sentir, o clima, o cheiro, o tato, ameaça-nos justamente porque nos choca com a incerteza. A modernidade, e sua promessa de êxito com o progresso, não impedem, portanto, a solidão ou a frustração, tampouco nos eximem daquilo que Wolton denomina de incomunicação.

O problema não está apenas na abertura – a própria globalização já se encarregou disso ao diluir as fronteiras geográficas, mostra-nos Wolton (2006, p. 74), mas está na “capacidade de manter sua identidade e coabitar com a abertura do mundo”, isto é, respeitar um território que é mútuo.

Construir a coabitação é refletir sobre as condições de um mínimo de inter-relação que respeite as diferenças. Construir a coabitação é justamente encontrar condições que permitam um mínimo de intercompreensão, que levem em conta a irredutível alteridade existente entre os seres, os grupos, as sociedades (WOLTON, 2006, p. 147).

Para o autor, deste modo, a comunicação é relação e é também coabitação: organiza a diversidade cultural e social em proveito da convivência em um mundo globalizado. Se o excesso de informações pode me levar a um imobilismo ou gerar conformismo, apenas a postura dialógica de quem se expõe a aceitar o Outro como ele é pode fazer emergir uma sociedade mais tolerante. Sob o ponto de vista de Wolton (2006,

p. 221), pensar na incomunicação, antes de ser uma proposta pessimista, é admitir que “comunicar não é passar por cima das identidades, é fazer com”.

Nessa empreitada sem fim e que é questão de cada um, o inimigo somos nós mesmos. A luta pela sobrevivência da humanidade, afinal de contas, como nos lembra Edgar Morin (2003a), (des)acontece em cada um de nós. O tema da alteridade, central quando discutimos comunicação, é também a via para a consolidação de uma cultura que apele ao homem um reencontro consigo mesmo e com o outro. Para além do progresso, precisamos ser capazes de assumir o risco da relação e do fracasso em compreender o estranho – que, na verdade, habita em todos nós. Dessa intersubjetividade constitutiva das trocas, avessa ao modelo fechado da transmissão de sinais, depende a nossa própria existência: a consciência de si, pontua Patrick Charaudeau (2009, p. 42), “passa pela tomada de consciência da existência do outro, pela aceitação do outro”.

Cada forma de presença ou de estar no mundo, escreve o teórico brasileiro Muniz Sodré (2014, p. 230), “é sempre perpassada por uma copresença, por um entre originário”, quer dizer, é próprio do ser-no-mundo uma abertura originária dos entes. A vinculação é, por isso, como a condição originária do ser, “desde já atravessado por uma exterioridade vazia – o comum- que o pressiona para fora de si mesmo e o divide” (p. 288). Não à toa, Sodré define a Comunicação como *A ciência do comum* (2014): estamos sempre em busca de constituir o comum humano, de fazer ponte entre as diferenças, de concretizar a abertura entre as existências.

Há um horizonte humano, defende o autor, em alusão ao pensamento de Wolton (2004, 2006), não esgotado pela dimensão funcional da comunicação. Se ainda hoje estamos inscritos no paradigma dos efeitos, com abordagens que nos dizem mais dos usos sociotécnicos dos meios e dos fluxos de sinais de um polo ao outro, é porque não nos dedicamos a realmente conhecer o que é a Comunicação. A proposta de Sodré (2014), neste sentido, convida-nos a um olhar mais cuidadoso ao étimo original *communicatio* (communis + actio). Associamos o fenômeno comunicacional à noção de transmissão, muito provavelmente em razão da própria ideia de informação, quando, em verdade, esse trata de algo como “ação do comum”.

“Não se está aqui afirmando que o campo de pesquisas da comunicação seja invertebrado, e sim que é a fraca a sua vertebração conceitual”, esclarece Sodré (2014, p. 10), logo na introdução da referida obra. Buscando comportar a ideia de comunicação como base existencial da vinculação humana, o sociólogo nos remete à coesão social sob o ângulo de uma transcendência: “na Antiguidade, o diálogo ritualístico entre mortais e

imortais era imprescindível à simbiose do todo ou ao *glutinum mundi*, à cola do mundo” (p.188). De fato, o autor nos mostra que, tanto em Antenas quanto em Roma, havia uma data dedicada a oferecer sacrifícios às divindades, por eles chamada de *dies communicarius*. Já na Idade Média, a *communicatio* configurava o sistema organizativo das relações entre todos os entes, sendo Deus um princípio unificador e “comunicativo”.

A partir do pensamento do filósofo Martin Buber (1979) – que será explorado no decorrer de toda a nossa investigação -, Sodré nos assinala que a questão da *communicatio* é, hoje, extensiva a toda relação humana, isto é, que a transcendência, ou a busca por colocar as diferenças em comum, até então almejada no plano dos mortais para com os imortais, também pode se realizar na esfera da relação com o Outro – em Buber designado como Tu. O comum, explicita Sodré, evoca essa ideia de compartilhamento: é o que não é próprio, “o que concerne a mais de um, a muitos ou a todos e que, portanto, é ‘público’, em contraposição a ‘privado’, ou ‘geral’, em contraste com particular” (p. 201).

Especificamente, Sodré (2014, p. 200) assinala o comum como um lugar espacial e simbólico ao mesmo tempo, como um vazio que não é falta, mas “possibilidade de preencher espaços ou de criar mundos [...] como uma condição de possibilidade de aparecimento de corpos”. O comum, enfim, como uma potência de criatividade autônoma, como um campo de identificações. Enfatiza, por assim dizer, uma espécie de dimensão exterior aos indivíduos, “que os obriga a uma entrega incondicional, a uma fatalidade do vínculo [...] a um ser-em-comum”. Em sua base, as diferenças encontram um lugar próprio para se comunicar.

A comunicação, deste modo, desde uma perspectiva de intersubjetividade, fala de uma espécie de ímpeto de aproximação entre os seres, “como o imperativo estrutural de tornar comuns as diferenças ou de unir os opostos que, em sua dinâmica, fazem circular a *philia*” (p. 197). O termo, de acordo com Sodré, não se limita ao sentido de amizade, mas trata de uma imanência afetiva ou de uma predisposição à sociabilidade. No fundo, o autor está tratando da concepção heideggeriana do *daisen*: a existência que consiste em estar junto ao que está presente, “portanto, junto às coisas a serem descobertas de maneira compartilhada, de modo que todo ser, até mesmo o solitário, implica o ser-uns-com-outros” (p. 204).

Nas expressões ‘estar-junto’ ou ‘ser-junto’, é bom que se ressalte, manifesta-se a aceção de compartilhamento também como descoberta, quer dizer, um estar aberto ao Outro essencialmente como um descobridor. Estar aí pronto para ser descoberto e pronto para descobrir, para ser-com e instaurar um comum – um lugar que não é marcado, mas

irrompe conforme os próprios movimentos do homem em sua busca por harmonizar as diferenças. Longe de uma concepção informacional, portanto, comunicar, para Muniz Sodré (2014, p. 208), é a ação de, continuamente, instaurar o comum como vinculação, como um nada constitutivo, “pois o vínculo é sem substância física ou institucional, é pura abertura na linguagem”. Inerente à noção de *communicatio* resgatada pelo autor, assim, está a figura desse sujeito que se comunica que é sempre um ser *entre*, ou seja, uma interioridade que se destina a uma exterioridade, que busca o Outro. A existência não é isolamento, em alusão à Jon Patočka (2004, p.67, tradução nossa), “e conduz à comunicação [...] que não é uma transmissão qualquer de um conteúdo qualquer; na comunicação estamos abertos por inteiro e próximos a alguém”. É uma tal dimensão que possibilita o diálogo e a ação de, a partir da linguagem, abrir-se à transcendência e pôr em comum as diferenças.

Se compreendemos a Comunicação como essa ação de articulação do comum, então precisamos também considerar que, para além da troca de palavras, há circunstâncias sociais e afetivas que presidem o processo comunicativo, justamente para ampliar e fortalecer o vínculo humano. Parece situar-se aqui uma brecha pertinente para entrecruzarmos tais pensamentos à inquietação que, desde o final dos anos 1990, engendraram os trabalhos do pesquisador brasileiro Ciro Marcondes Filho (1948-2020), em sua iniciativa propositiva de formular uma Nova Teoria da Comunicação.

Até que ponto, de fato, nos comunicamos?, pergunta o jornalista e sociólogo em seu livro homônimo, publicado em 2004. Essa sociedade da comunicação, de que tanto ouvimos falar e de que tanto lançamos mão em nossas análises, inclusive no âmbito acadêmico, não seria, na verdade, mera ilusão, encenação do que, de fato, raramente se realiza em plenitude?

Partindo do pressuposto de que ela não é uma coisa e de que, como vimos, nada nela se transfere, então não podemos tomá-la como dado fixo e estável. Não podemos olhar para a Comunicação como difusão ou codificação e decodificação de sinais. Antes, e esse é o convite de Marcondes Filho, precisamos concebê-la ultrapassando esse formato e realizando-se no atrito, dos corpos, dos olhares, dos ambientes – e mesmo do silêncio. Acontece, por isso, apenas quando da participação de duas intencionalidades se pode extrair algo novo, inesperado, que modifica o estado anterior de ambos. Há reciprocidade, há manutenção das diferenças individuais – em consonância com a advertência de Wolton – e, sobretudo, há criação.

No encontro em que sinto efetivamente o outro, eu participo com ele de um momento único, do qual resultam sentidos particulares e exclusivos. À parte de toda mediatização técnica, a plenitude desse processo somente é possível porque uma relação viva, consigo mesmo e com o outro, revela intimidade, revela corpo, revela gestos, revela comportamentos. Através de nossa expressão, não há como esconder nossos verdadeiros anseios. Estamos diante, assim, de um modelo de comunicação que se situa para muito além das palavras. Mostra-se como um verdadeiro labirinto. Enquanto as palavras são vaziais de sentimento e incapazes de traduzir nosso mundo subjetivo, o rosto, novamente ele, “é a superfície porosa que mostra nosso interior, que nos põe a nu” (MARCONDES FILHO, 2004, p. 96). Se na linguagem nós nos disfarçamos e dissimulamos, os olhares e os traços que se desenham em nossa pele deixam escapar os atos nítidos de uma comunicação real.

Sob essa mirada, a comunicação é um momento, uma ocorrência em que se cria uma situação favorável à recepção do Outro, à recepção do novo. Esse necessário e difícil acontecimento de tornar comum, de “fazer com que uma coisa seja a mesma num lado e no outro” (MARCONDES FILHO, 2008, p. 16), é aquilo a que Wolton se refere como dimensão normativa da comunicação. A partilha. E a ela, o estudioso brasileiro acrescenta um caráter único, efêmero e irrepetível. Na contramão da onipresença dos aparatos da informação – do volume crescente de meios, sistemas, acessos, redes e canais que acabam por nos exaurir, Marcondes Filho coloca o fenômeno da comunicação como processo difícil, designa-o “mágico”, porque também composto pelo incorpóreo, e que raramente nos arrebatava.

Arrebatamento é a expressão escolhida justamente por indicar um sentido de perturbação: é uma estranheza e um mistério que me desequilibram. Mas me trazem o novo. O Outro, no novo, é que pode me mudar. Ao alterar meus padrões anteriores, ressignifica minha visão das coisas, cria sentido. Enquanto o universo da informação amplia nosso repertório, conformando-nos em território conhecido, aumentando nossas salvaguardas, a comunicação trata de abalos e confrontos. É choque que nos questiona sobre o nosso ser e o nosso estar no mundo: é “afecção que desestabiliza a função cerebral de acoplamento a uma memória anterior, que seria tranquilizante” (MARCONDES FILHO, 2013, p. 23). É, assim, inesperada. Atravessa-nos.

Se tão complexa e nem sempre possível, como viver a ocorrência comunicacional? Em Wolton (2004, 2006), encontramos as pistas iniciais no movimento profundo da compreensão e da coabitação das identidades, no voto de confiança a esse Outro que é o

nosso *alter ego*. Em Marcondes Filho (2002, 2004, 2008, 2013), temos a confirmação de que é no diálogo que a comunicação tem a chance de acontecer. Essa acepção busca referências em Maurice Merleau-Ponty, Martin Buber e Emmanuel Lévinas para evidenciar que o diálogo é, em verdade, o espaço favorável à emergência de todos os sentidos outrora mencionados: o ambiente comum, a circulação de um ‘extra-linguagem’, ou os sinais corpóreos que extrapolam nossa fala e, fundamentalmente, é movimento de abertura.

O diálogo pressupõe que os partícipes da relação se disponham a acolher o que lhes é dirigido. Nas reflexões de Buber, identificamos uma espécie de descrição do ato – por ele chamado dialógico, tido em Marcondes Filho como a possibilidade da mágica da comunicação:

O dialógico não se limita ao tráfego dos homens entre si; ele é – é assim que demonstrou ser para nós – um comportamento dos homens um-para-com-o-outro, que é apenas representado no seu tráfego. Assim sendo, mesmo que se possa prescindir da fala, há, contudo, um elemento que parece pertencer indissolúvelmente à constituição mínima do dialógico, de acordo com seu próprio sentido: a reciprocidade da ação interior. Dois homens que estão dialogicamente ligados devem estar obviamente voltados um-para-o-outro (BUBER, 1982, p. 40).

“Comunicar efetivamente é sentir junto” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 88), ou, poderíamos citar, “na experiência do diálogo, meu pensamento e o seu formam um só tecido” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 474) e, ainda, reforçar, “é o Outro que me arranca da minha hipóstase” (LÉVINAS, 1997, p. 123). Importa-nos, neste contexto, sublinhar que, se o Outro é o estranho mistério que habita em mim, e se o verdadeiro sentido da comunicação é relação e partilha, então apenas a abertura para reconhece-lo enquanto sujeito que comigo experiencia um mundo único, que comigo forma um só tecido, pode fazer chegar a uma comunicação em profundidade, densa e transformadora.

Quando conseguir estabelecer esse pacto com o Outro, nos dizeres de Merleau-Ponty (2006, p. 478), construir um “intermundo no qual dou tanto lugar ao outro quanto a mim mesmo”; quando assumir minha responsabilidade pelo Outro – “estrutura essencial, primeira e fundamental da subjetividade”, segundo o filósofo da ética Lévinas (1982, p. 88); quando proferir a palavra-princípio Eu-Tu, tomando consciência de que só existo na relação (BUBER, 1979), então estarei vivenciando a passagem da crisálida para a borboleta (MARCONDES FILHO, 2008).

Interessante notar que, ainda que todos os teóricos e estudos até agora articulados empenhem-se em ressaltar a importância da figura do Outro e da esfera da recepção nesse

processo, a preocupação que prevalece é a de esmiuçar o agir de um Eu. As ações e posturas que me cabem são com afinco debatidas nessas obras, como que a ecoar, na esteira da ética de Lévinas (1982, p. 90, grifos do autor), que a responsabilidade do Outro “é um assunto *dele* [...] a recíproca é assunto *dele*”. Em alusão à sentença de Fiódor Dostoievsky (2012, p.396), na obra *Os irmãos Karamázov*, “somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais do que os outros”, Lévinas (1982, p. 91, grifo do autor) explicita: “o eu tem sempre uma responsabilidade *a mais* do que todos os outros”.

Ainda que nos escape controlar a simetria da relação, quando falamos de Comunicação, nas condições especificamente favoráveis do diálogo, Marcondes Filho (2013, p. 47) nos recorda que, para sua teoria, importa se ater ao território de interação invisível do “entre”, âmbito que engloba o Eu e o Tu, “espaço intermediário, região de contato, área entre um e outro, por onde um elemento incorpóreo, sutil e inesperado anima, vitaliza, energiza”. A reciprocidade, para o autor brasileiro, aí acontece como desdobramento natural dos sentidos produzidos pela ocorrência comunicacional. Esse Princípio da Razão Durante pode ser captado pelo que Marcondes Filho denomina de relato metapórico: a descrição do momento genuíno em que, saindo de meu solipsismo, cedo minha própria identidade para que o Outro possa em mim se expandir – sem abdicar de minha subjetividade.

O “meio” onde se processa a significação da Nova Teoria é, na filosofia Buberiana, o próprio fundamento da existência. As raízes da natureza humana, diz-nos o pensador, ao refletir sobre *O que é o homem?* (1949, p. 147, tradução nossa), estão na busca de um ser pelo outro, para comunicar com ele uma esfera comum, que se sobressaia ao campo próprio de cada sujeito: “essa esfera, que já está presente na existência do homem como homem, mas que ainda não foi desenhada conceitualmente, eu a chamo de esfera do ‘entre’”. Não se trata, acrescenta ele, de uma construção auxiliar *ad hoc*, mas de um lugar que incessantemente se constitui no compasso dos encontros humanos. E exemplifica: em um diálogo genuíno, em um abraço verdadeiro, em uma aula que se desenvolve com surpresas para professor e alunos; em todos esses casos se pode evidenciar a esfera do ‘entre’ tomando forma. Nela, o essencial não ocorre nem em um e nem em outro participante, mas faz emergir uma dimensão a que ambos têm acesso.

O indivíduo é um fato de existência na medida em que entra em relações vivas com outros indivíduos; a coletividade é um fato de existência na medida em que se edifica com unidades vivas de relação. O fato fundamental da existência humana é o homem com o homem. O que singulariza o mundo humano é, sobretudo, que nele ocorre entre os

seres algo que não encontra par em nenhum outro lugar da natureza (BUBER, 1949, p. 146, tradução nossa).

Aqui identifico, portanto, que o lugar de fala que tenho assumido, e que tenho dedicado à Comunicação ocupar, concebe-a desde sua dimensão intersubjetiva, relacional, ou de seu sentido metapórico, estando fundamentalmente atrelado às discussões sobre os fundamentos mesmos de nossa existência - inquietação essa que dinamiza as Ciências Sociais como um todo. A comunicação, afinal de contas, escreve Marcondes Filho (2002, p. 145), “tem no seu interior e de forma estruturante a presença expressiva do estranho, do inexplicável”.

Ainda que reconheça, assim, a necessidade de situar o campo comunicacional como autônomo e singular, considerando as próprias especificidades de sua ocorrência, pondero que é apenas em uma posição marginal, fronteira e dialógica com os saberes vizinhos que se faz possível complexificar o olhar para o processo relacional – meu ponto de partida para compreender a Comunicação em vias de intersubjetividade. Buscarei alargar, deste modo, o quadro epistemológico que versa sobre as práticas jornalísticas, entrecruzando suas referências às de áreas de conhecimento que, embora diversas, comungam de propostas comuns.

Especificamente, meu interesse é detalhar o que cabe ao jornalista, em termos de valores e recursos, quando o assunto é o deslocamento de padrões carreiristas-burocratas de suas condutas a um estatuto de efetivo mediador da comunicação. Em outras palavras, me toca compreender por quais caminhos, e sob quais condições, o jornalismo pode se impregnar de um tal espírito arrebatador capaz de se acoplar às experiências daqueles que o acolhem – via noção de Desacontecimento jornalístico.

Neste sentido, talvez valha tecer um último apontamento, que embora provenha de uma reflexão não diretamente ligada à epistemologia da comunicação, bem pode ajudar a inscrever demarcações acerca do *ethos* mobilizado por essa guinada intersubjetiva – o qual, evidentemente, será explorado em minha escritura adiante, quando circularrei por cada uma das etapas da prática profissional. A uma dinâmica configurada em plano sensível, afinal, deve corresponder um sujeito que se reveste por igual sensibilidade, uma maneira de ser mais afeta e reflexiva, que Josep Maria Esquirol (2018) expressa pelo termo catalão *replec del sentir*.

A proposta que o filósofo lança em tom ensaístico é o cerne de seu mais recente livro *La penúltima bondad*, e aporta a noção de que nossa essência é afetiva, não em

termos de uma acuidade, mas de vulnerabilidade e capacidade de receber e ser ferido. Aqui, percebemos a inspiração levinasiana² que conflui com o pensamento de Esquirol (2018, p. 26, tradução nossa), a projetar o estado de ânimo originário do homem como abertura do sentir, a que ele enfatiza: o princípio não é apenas o sentimento, mas o sentir que sentimos. “O mais elevado enunciado em três palavras: ‘Eu sinto que sinto’. Eu sinto tudo o que faço e tudo o que se passa comigo”, isto é, não apenas vivo, mas me sinto vivo, em uma relação direta do viver comigo, mas que não se esgota aí. Há também uma relação reflexiva de mim mesmo comigo: sinto que me sinto vivo. Nisso consiste a ideia de um *replec*, que poderíamos traduzir como uma modalidade de sentir em tal intensidade que faz um trajeto de retorno, ou dobra, volta-se para si mesma.

Se imaginarmos o sentir como uma função que cresce, podemos considerar que, em determinado momento, a função se elevou tanto que se vira e se dobra, isto é, se volta para si mesma. A linha da passividade-sensibilidade dobrou-se sobre si mesma e deixou um pequeno espaço no meio [...]. O *replec del sentir* não comporta somente mais afeto, mas uma espécie de afecção de afeto; e carinho profundo, carinho que toca o coração. Intensidade de sentimento que vai da pele ao coração, e do coração à pele (ESQUIROL, 2018, p. 36, tradução nossa).

O sentir, assim, desde a visada empreendida pelo autor catalão, abarca da percepção e da realização sensível ao próprio pensamento, como uma sorte de clarividência de autopercepção e de autoconhecimento sobre nossas experiências, que embora pareça simplesmente involuntário, uma vez que nos constitui, atrela-se a um necessário movimento de despertar – de receber e responder às três afecções mais nucleares e penetrantes: a vida, enquanto singularidade em um tempo finito; o Outro, como experimento de alteridade fundante; e o mundo, como horizonte que integra nossas relações e espaço que nos cabe apreender e transformar. O pensar, vinculado a essas irradiações, nada mais faz que conferir maior concretude aos nossos esforços para abordar e tentar tocar as sensações que nos chegam.

Uma aproximação entre tal pensamento e a Comunicação, que é sempre de uma ordem penúltima, porque o “sentir-se vivo não captura nenhum fim que possa completá-lo” (ESQUIROL, 2018, p. 157, tradução nossa), ensaia as potências de uma prática intersubjetiva que não se pode dissociar de um sujeito disposto a arriscar-se nas tessituras

² Emmanuel Lévinas (1993) tratando de subjetividade em *Humanismo de outro homem*: “En la sensibilidad, ‘se pone al descubierto’, se expone un desnudo más desnudo que el de la piel que, forma y belleza, inspira a las artes plásticas; desnudo de una piel ofrecida al contacto [...] El Yo, de pie a cabeza, hasta la médula de los huesos, es vulnerabilidad” (p.123).

dos afetos. Um mediador em abertura, que se reconhece implicado com os universos que reporta e que se quer à flor da pele, como popularmente costumamos dizer, para conviver com a vitalidade densa e tensa que a todo momento se revela.

Mas é preciso que se pondere: antes de uma cartilha instrumental, as articulações teóricas que aqui realizo mais tomam forma de vias possíveis em sentido ao território a ser sempre explorado do jornalismo com o seu povo. Não trata de uma investigação estanque, não trata de uma investigação fechada, e tampouco têm a arrogante pretensão de ser única ou precursora de um movimento original, como se pudesse se colocar à parte da dialogia e da polifonia que lhe trouxeram até aqui. “Uma só voz nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida, o mínimo de existência”, escreve Bakhtin (2003, p. 293). Pois que construamos nossas incursões em sonoridade volumosa e respeitosa com autorias de saberes e temporalidades diversas, na esteira compreensiva que acolhe e que, quem sabe?, pode aportar.

Para isso, e estando demarcado meu lugar de fala, faço uma primeira parada em campo relativo à noticiabilidade e identidade profissional do jornalista. A reflexão, que bebe de uma analítica da própria cultura e prática difundida no meio, pode ajudar a entender que, quando falo em apropriação ou resgate da dimensão intersubjetiva da comunicação ou de um ofício jornalista-mediador, o que está em jogo é a necessidade primeira de provocação com representações e valores historicamente constituídos no seio da comunidade profissional.

1.1.1 Newsmaking em travessia de mediação autoral

“Os jornalistas não gostam de que se fale da máquina midiática. De todo modo, se considerarmos o fenômeno da informação [...] é realmente disso que se trata”, escreve o autor francês Patrick Charaudeau (2009, p.241), assinalando a acepção central que fundamentará nossas incursões nessas próximas páginas. Se a legitimidade da profissão por muito se assentou na crença social de que o conteúdo midiático é reflexo do que se passa no espaço público, importa-me neste estudo sublinhar que o universo da informação é, de fato, resultado de uma construção. A visão de mundo que nos é apresentada diariamente pela instância midiática, antes de um dado natural, é um produto acabado, configurado de acordo com dinâmicas e atores que, cada qual em seu setor, e implicado por seus constrangimentos e convenções, fazem as engrenagens funcionarem.

Mais vale pensar, por isso, na realidade pública divulgada pelos meios como uma realidade seletiva, e não sintética. O jornalismo, afinal, conforme já ressaltava Walter Lippmann, em 1922, “não é um relato em primeira mão do material bruto, [...] é uma série completa de seleções [...] e não há padrões objetivos aqui” (2008, p.301). No entanto, a relação entre jornalista e seus destinatários estabeleceu-se, e institucionalizou-se, baseando-se em atitudes epistêmicas coletivas que foram forjadas justamente pela atribuição de um uso da mídia como transmissora do real. “Um contrato pragmático fiduciário social e historicamente definido”, nas palavras de Miquel Alsina (2005, p. 52), que é aceito porque o discurso informativo se constrói de uma tal forma a se mostrar como verdadeiro – ainda que reproduza os fatos através de uma complexa operação subjetiva.

É neste sentido que, como pondera Adelmo Genro Filho (1987, p.129), a informação “não é uma objetividade tomada isoladamente, fora de suas relações históricas e sociais, mas, ao contrário, é a interiorização dessas relações na reconstituição subjetiva do fenômeno descrito”. Tomemos de início a ênfase indicada nesta afirmação do autor brasileiro, para quem o jornalismo deve ser compreendido como produto histórico da sociedade burguesa. Desde aí, foram as bases materiais e sociais do capitalismo que deram a forma para a atividade tal qual a conhecemos hoje. Se durante o século XVIII os jornais ainda serviam de instrumento a causas político-partidárias, em modelagem opinativa, os processos sócio-técnicos que se desenvolveram pelo século XIX deslocaram o jornalismo a uma posição industrial, conferindo-lhe envergadura econômica para afirmar-se enquanto empresa produtiva – e lucrativa.

No compasso da consolidação de um tal polo econômico, dedicado a estabelecer a informação como mercadoria e seus leitores como público consumidor, em lógica de livre-concorrência, a profissionalização era buscada pelo grupo em um plano também simbólico, com a constituição de um *ethos* sob a conjunção de imagens e valores a integrarem “as premissas inquestionáveis sobre as quais assentaria sua própria existência” (TRAQUINA, 2005, p. 48). Trata-se da formação de uma consciência atuante e objetivada, a projetar a imprensa como elemento fundamental da teoria democrática, por representações como porta-voz da opinião pública, defensor da independência e da liberdade, cão de guarda dos poderes instituídos, ou Quarto Poder, que até hoje pairam sobre o imaginário social e que serviram, essencialmente, a três funções ligadas umas às outras, conforme Charaudeau (2009, p. 116): organizar coletivamente sistemas de valores que compõem os esquemas de pensamento normatizados próprio a um grupo; exibir as características comportamentais do mesmo diante de seu público; e “encarnar os valores

dominantes do grupo em figuras (indivíduo, instituição, objeto simbólico) que desempenham o papel de representantes da identidade coletiva”.

É neste polo simbólico, onde o jornalismo se inscreve como meio de informação para equipar os cidadãos no exercício dos seus direitos e expressão de suas demandas, que o contrato midiático anteriormente abordado se define, na visada de credibilidade que, ao associar em seu discurso os ideais de busca da verdade, objetividade, rigor e exatidão, o justifica socialmente. Aqui também se aloja a competência cultural adquirida no grupo, relacionada diretamente às suas práticas, segundo o sociólogo italiano Mauro Wolf (2003, p.102): “no conceito de cultura profissional cabem tanto os significados e os valores que surgem e se difundem nas classes e grupos sociais, quanto às práticas efetivamente realizadas”.

Daí que também se aborde o jornalismo enquanto comunidade interpretativa (ZELIZER, 2000), ou tribo (TRAQUINA, 2005), precisamente para destacar a partilha de estruturas cognitivas, perceptivas e avaliativas, ou os saberes específicos que configuram um modo de ser e estar, entre os seus membros. Estamos a tratar das maneiras altamente homogêneas de ver, agir e falar dos profissionais, respectivamente “o domínio de técnicas de recolha de informação, de elaboração de estruturas narrativas bem precisas, e de uma linguagem específica – o jornalês” (TRAQUINA, 2005, p. 116), que se difundiram como convenções tácitas e que ajudam a compreender como os jornalistas construíram – também em âmbito informal – definições do que é considerado uma prática adequada.

É a partir desses elementos iniciais, que demarcam em perspectiva histórica e interacionista a estruturação de uma comunidade profissional, a centrar seu contrato de comunicação no tensionamento entre polos econômico e simbólico, e a atuar em consonância a uma identidade coletiva, que posso aprofundar os estudos acerca das dinâmicas que perfazem o *newsmaking*, assumindo que, sob um quadro complexo e processual de olhar para a produção de notícias, delineia-se também caminhos de ruptura e divergências para com as lógicas hegemonicamente instauradas. É importante frisar, portanto, que minha argumentação se faz sob a premissa de que o jornalismo construiu uma maneira própria de perceber e arquitetar seus fatos, resultado de uma série de negociações, orientadas pragmaticamente, em função de “fatores com diferentes graus de importância e rigidez, que ocorrem em momentos diversos da cadeia informativa” (WOLF, 2003, p.200).

Cabe-me, então, uma analítica da noticiabilidade que considere formas ativas de atuação de jornalistas e agentes externos, investigando procedimentos de influência no universo informativo. Em meio à tradição comunicacional norte-americana, sobretudo a partir dos anos 1960, o ato de selecionar passou a ocupar um posto de destaque enquanto via de compreensão da configuração das notícias. A metáfora do *gatekeeper*, de Kurt Lewin (1947), que depois se personificou sob o pseudônimo de *Mr. Gates*, com David White, marca o início de um pensamento que pondera sobre as razões pelas quais alguns conteúdos são escolhidos e outros rejeitados. Nos anos seguintes, a trilha deixada por essa metáfora continuou a conduzir análises sobre seletividade informativa, de modo a considerar não mais apenas a subjetividade pessoal no processo de *gatekeeping*, mas a estrutura organizacional das empresas, em seu ritmo produtivo e critério de economia de tempo e de recursos, como constrangimentos para coleta e edição das notícias.

Privilegiar o olhar sobre a organização jornalística, entretanto, implica também reconhecer o conflito de forças sociais que opera e exerce influência nessa arena, que, segundo Gaye Tuchman (2002), revela-se em pelo menos quatro níveis: agentes econômicos, agentes políticos, agentes de audiência e fontes. Em Michel Schudson (1989), a inter-relação que configura o *newsmaking* é referenciada como ação pessoal, ação social e ação cultural – fatores que, respectivamente, projetam o peso individual, empresarial e do próprio contexto que circunda emissores e destinatários em seus códigos culturais. O quadro ganha contornos mais específicos com a proposta de Pamela Shoemaker e Stephen Reese (1996) de assumir o conteúdo midiático como um gradiente entre micro e macro indicadores, a envolver nível individual, nível das rotinas ou práticas do trabalho, nível organizacional, nível sócio-institucional e nível do sistema cultural, ou ideológico.

Trata-se de uma abordagem que reúne o histórico de subsídios trabalhados pela vertente sociológica da Comunicação e o sistematiza em termos categóricos, conceituando a noticiabilidade de acordo com agenciamentos em disputa em diferentes âmbitos, o que nos possibilita uma visada relacional mais ampla para entender a processualidade do universo jornalístico. Aspectos subjetivos e estruturais coexistem no artefato noticioso e, para fundamentar a noção de uma maquinaria informativa, que nos estabelece em circuito construcionista, vale nos atermos à problematização de tais indicadores, não sob um tom de determinismo, mas com a expectativa de delinear um mapa cognitivo a sinalizar os pontos de choque e brechas para viradas. Isso porque a mediação autoral que aqui defendo, e na qual pesam constrangimentos de ordens diversas,

vincula-se, em última instância, a movimentos de resistência que, inscritos a microdimensões, favorecem-se em contextos socioculturais mais afins à autonomia jornalística.

Pensando, assim, em plano individual, o conteúdo noticioso se articula, de maneira mais imediata e direta, com o sujeito-jornalista que o processa. O caso do *Mr. Gates* foi exemplar para evidenciar que os profissionais, embora inseridos em lógica corporativa, têm suas próprias preferências, em decorrência de traços psicológicos, raízes biográficas, e mesmo de suas próprias concepções acerca de seu papel ao informar. Shoemaker e Reese (1996) pontuam, aqui, características como crenças religiosas e políticas, identidade cultural e de classe, gênero, origem demográfica, etnia, e a autoimagem que os jornalistas têm de suas funções e das premissas ética a elas atreladas. Se os profissionais consideram como princípio de seu exercício a neutralidade, perspectivam a si mesmos como meros canais de transmissão, ou administradores dos sentidos vigentes, ao passo que se alinham um caráter ativo às suas produções, identificam também nelas a possibilidade de renovar e reestruturar os sentidos. Essa me é uma questão cara, e que pretendo aprofundar em momento oportuno; por agora, cabe sublinhar que as notícias carregam, sempre e inevitavelmente, a marca da ação pessoal – embora em sujeição a outras forças conformadoras.

Enquanto membros de uma comunidade interpretativa, os jornalistas desenvolveram modos de pensamento e linguagens comuns, como valores de uma cultura noticiosa que, ademais de contribuir para sua legitimidade social, orienta-os a lidar com o fluxo e quantidade de trabalho a ser feito diariamente. Fez parte do profissionalismo almejado nos últimos dois séculos, neste sentido, justamente configurar convenções e padrões de comportamento como práticas rotineiras para se realizar um *modus operandi* com eficiência – e, assim, também se apresentar perante à sociedade como dinâmica não-arbitrária, mas coesa em critérios e procedimentos de agir.

O *ethos* jornalístico performatiza também, aqui, os saberes de reconhecimento, procedimento e narração que caracterizam o aparato de trato noticioso, de um tal modo que Traquina (2005) fala em “diáspora” para marcar o tom de transnacionalidade que atravessa o ser e o fazer profissional. Assim se interpreta, por exemplo, a universalidade dos valores-notícia, que mais do que um “faro” que idealiza a profissão, como se o jornalista fizesse parte de uma categoria especial de homens e mulheres que fosse capaz de perceber o que outros não conseguem, é, de fato, um construto cognitivo – uma espécie de abstração daquilo que se crê que o público valoriza.

Não à toa, pelo nível de análise das rotinas midiáticas, depreende-se o que autores como Shoemaker e Reese (1996), Traquina (2005), Sousa (1999) e Tuchman (2002) descrevem por “mentalidade de pacote”. Ao adotar atitudes similares de coleta, processamento e disseminação de conteúdo, as coberturas noticiosas assumem parâmetros insulares e autoreforçadores – precisamente o que lhes é necessário para ter um mínimo de segurança para atuar em ambientes incertos, onde o fluxo de matéria-prima é constante e a disposição de recursos é escassa. No entanto, uma tal conduta é sobretudo pouco favorável à afirmação da autonomia, em termos coletivo ou individual: “a concorrência, longe de ser automaticamente geradora de originalidade e de diversidade, tende muitas vezes a favorecer a uniformidade da oferta, da qual podemos facilmente nos convencer comparando os conteúdos dos grandes semanários ou das emissoras com vasta audiência” (BOURDIEU, 1997, p. 108).

O risco, que muitos já evidenciam como dado enraizado na rotina profissional (MEDINA, 2006; KÜNSCH, 2005), é que o jornalismo se converta em atividade engessada, e o exercício do jornalista se conforme à aplicação de esquemas pré-estabelecidos, de acordo com interesses de outras burocracias, o que esvaziaria a notícia de seu potencial polissêmico e empobreceria a mediação social da atitude criativa que, em última instância, é o que faz do ofício uma produção cultural e autoral capaz de provocar significações outras ao real. Esses movimentos que parecem colocar a profissão em estado de inércia, é preciso que se diga, associam-se a camadas já menos próximas à instância individual e, neste sentido, mais macros em sua abordagem e porosidade a influências externas. Por isso, ainda que me seja caro o enfoque às práticas da tribo, e aos embates que, desde *ethos* individuais, podem reconfigurar modos de fazer, cabe perpassar as dimensões mais estruturais que também pesam no fabrico do conteúdo.

Em sua sistematização que alarga a seletividade para além do *gatekeeper*, Shoemaker e Reese (1996) inscrevem fatores organizacionais em nível distinto e acima das rotinas midiáticas, justamente para enfatizar que, ainda que se verifiquem padrões comuns na comunidade profissional, as instituições têm suas próprias políticas empresariais e modos diversificados de conduzir as regras – e conseguem adesão junto ao seu quadro de agentes através de mecanismos de contratação, demissão e progressão na carreira, que estruturam uma hierarquia clara de autoridade e tomada de decisões. Assim, características organizacionais que abarcam desde o estilo administrativo e o tamanho da organização, e a própria composição da equipe em termos de gênero e etnia, podem influir nas possibilidades de agenciamento dos profissionais.

Até porque o patamar administrativo-organizacional assume alinhamento editorial consonante ao ambiente que circunda suas ações: audiência, anunciantes, relações públicas, governos, são apontados como grupos de interesse em um nível extra-midiático, ou de instituições sociais, cujas demandas adquirem fôlego nas atribuições informativas. Quanto mais estreitas as conexões, mais os poderosos tendem a ser representados em estética favorável, enquanto pessoas com pouco capital simbólico dependem de lógicas desviantes para atrair visibilidade midiática. A problemática é que, nessa esteira, as rotinas, organizações e instituições sociais operam em razão de visões de mundo e valores atrelados à ideologia dominante – ou aos mecanismos simbólicos que servem como força coesa e integradora da sociedade. A perspectiva ideológica, e a mais abrangente da teoria do *nesmaking*, pode desdobrar-se em correntes estruturais diversas, e não faz parte de nosso escopo pormenorizar suas frentes de ação. Antes, mais vale enfatizar que, quando se pensa a nível de sistemas sociais e culturais, os meios são percebidos como transmissores de significações que reafirmam interesses de poder – e, assim sendo, não podem ser assumidos como uma força neutra. Para manter fixos os limites das normas, trabalham com a reafirmação do controle social a partir da denúncia de desvios à opinião pública.

Se conceber o jornalismo como exercício de manutenção das fronteiras do legítimo e do aceitável no tecido sociocultural pode ser sintomático de um olhar reducionista, a ênfase para as disputas que operam no sentido de inviabilizar reestruturações de sentido complexifica um horizonte mais largo no que toca à cadeia informativa. A noção de campo de Bourdieu (1989, p. 27) serve, nesses termos, “como um indício que lembra o que há a fazer, a saber; verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades”. Desde aí, as notícias são construções configuradas pela *inter-ação* de forças que jogam em diferentes domínios, em uma visada que nos ajuda a maturar a reflexão sobre as latitudes que cabem ao jornalista em termos de um exercício mais autônomo e autoral, considerando os movimentos pendulares que organizam a sistemática intra e extracampo.

Se acionarmos, por primeiro, a própria etimologia do termo autonomia, no desmembramento de duas palavras advindas do grego, a “intuição normativa” (*nomos*) do “próprio, si mesmo” (*autos*), pode ser entendida como tomada de decisões e ação a partir das próprias escolhas de um sujeito. Revestindo a noção com contornos mais práticos, em plano de profissionalismo jornalístico, Helle Sjøvaag (2013) define autonomia como uma forma de liberdade autodirecionada e independência moral que um

agente tem no desempenho de suas funções ocupacionais. Certamente essa é uma questão que se tensiona com fatores externos extremos, como a censura ou o controle direto por Estados autoritários. Em países com tradições históricas ditatoriais, a conquista de uma autonomia para informar envolve um embate muito mais duro, longo e, por vezes, fatal, onde a resistência pela liberdade de expressão é travada constante e coletivamente. Mesmo em contextos democráticos, no entanto, há restrições que imbricam a livre iniciativa de jornalistas a constrangimentos de gestão, de rotinas, de mercado e de ideologias, conforme já expusemos.

Mas chama a atenção como é no nível dos procedimentos que as limitações são mais percebidas pelos profissionais, tal qual sublinharam os pesquisadores Thomas Hanitzsch, Folker Hanusch, Jyotika Ramaprasad e Arnold de Beer (2012), em levantamento realizado junto a 27.500 jornalistas de 67 países do mundo: entre as dez maiores interferências citadas, apenas duas provinham de fora das redações – por fontes informativas e membros da audiência, o restante versava sobre *deadlines*, escassez de recursos, padrões de produção e outras convenções da profissão. E isso porque, na argumentação dos autores, essas influências se originam do ambiente imediato dos jornalistas, e são as forças com as quais eles precisam lidar todos os dias, ao passo que fatores externos são considerados abstratos e menos tangíveis justamente por atingirem a parcela de profissionais mais ligada a posições de gestão e diretoria. Entretanto, há que se ponderar que, ainda que suas interferências sejam menos notadas, “o impacto de elementos políticos e econômicos é mascarado por aspectos organizacionais e de procedimentos que têm um controle mais forte sobre a prática cotidiana dos jornalistas” (HANITZSCH et al., 2012, p. 489, tradução nossa) – de modo que mesmo as dinâmicas já bem socializadas e aculturadas estão atravessadas por relações de poder.

A autonomia profissional, neste sentido, não pode ser assumida como uma entidade estável, permanente, e sim enquanto valor continuamente negociado dentro da prática noticiosa diária, nas interações entre executivos, editores e repórteres, e suas esferas de atuação. Nossos níveis de autonomia são moldados por normas estruturais, explica Sjøvaag (2013, p. 161, tradução nossa), “mas nós também contribuimos para manter ou alterar essas regras por meio de como aplicamos os recursos de que dispomos”, isto é, de como nos movimentamos para resistir ou nos conformar às convenções que orientam nosso ser e fazer nos universos em que nos inserimos. Se a cultura jornalística é constituída de valores negociados e compartilhados entre os membros de uma comunidade, e se efetiva pelas ações, diárias e singulares, dos profissionais que a levam

a cabo, então a renovação e reestruturação dos sentidos vigentes, conforme também defende Cremilda Medina (2020), situa-se na mediação criativa de um jornalista que se reconhece um leitor e um agente cultural.

Partindo da premissa, em alusão a Néstor García Canclini (1983, p.29), de que a “cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido”, alinho-me à autora brasileira para afirmar que, apenas nas duas últimas possibilidades, pode residir as marcas de um jornalista que assume sua assinatura ao tensionar os padrões e provocar modelos estabelecidos. O investigador catalão Xavier Giró Martí³ (2020) elege a expressão *grietas* para indicar uma espécie de abertura informativa que deve ser buscada pelos profissionais, a despeito das estruturas que os constroem, para revelar visões e posições alternativas aos processos hegemônicos. Segundo Giró (2020), essas *brechas* são tipos elásticos, que podem se ampliar ou se encolher em função das dinâmicas organizacionais que a sustentam, e que podem aparecer como veículos independentes que, ao reportar conteúdos mais críticos, em favor da mudança social, perfuram/racham o sistema comunicativo tradicional, ou dentro mesmo dos grandes meios.

O mais importante, enfatiza o autor, é que a criação de *grietas* depende do fator humano, ou seja, de um movimento de resistência por parte de repórteres que anseiam transformar o estado das coisas – e aqui precisamos frisar que, para Giró (2020), a responsabilidade jornalística é responsabilidade política; precisamente porque discurso e ação são indissociáveis, e aquilo que produzimos enquanto linguagem tem implicações, diretas e concretas, na vida das pessoas.

Se uma pessoa tem uma ideologia que questiona a realidade, mesmo que trabalhe em um grande meio, é de se esperar - e de fato isso ocorre - que ela pense: “eu sou um ser político e, trabalhe onde trabalhe, vou assumir uma postura política para transformar o mundo. Modestamente, naquilo que eu posso. E não apenas eu, mas que sejamos mais. Isto é, vou colocar meu trabalho também dentro de uma estratégia. Porque não devo estar preocupado em triunfar e, sim, em agir para que o mundo mude. Neste sentido, quanto mais sejamos, melhor. Não há sentido em triunfar sozinho com o meu trabalho. O valor está em conseguir que mais pessoas atuem para a transformação da sociedade”. O mais importante não é o êxito de um dia, mas o trabalho daqueles que se dedicam todos os dias, pacientemente, e em conjunto, para ir mudando as coisas. Ou seja, os indivíduos, os jornalistas, podem ser *grietas* porque abrem janelas que nos ajudam a ver a realidade de outra

³ Entrevista concedida à pesquisadora, publicada na Revista Compolítica: <http://compolitica.org/revista/index.php/revista/article/view/455/274>

maneira, e isso independentemente do ambiente em que trabalham (GIRÓ, 2020, p.200).

Josep Carles Rius, ao escrever *Periodismo en reconstrucción* (2016, p. 179, tradução nossa) para tratar da crise da imprensa e dos desafios para um ofício mais independente e livre, argumenta que é a atitude pessoal de cada jornalista o elemento decisivo que pode garantir, ou não, que a atividade cumpra seu papel social: “jornalistas que criam seus espaços de liberdade em redações e meios que não são independentes. Jornalistas que vão a contracorrente para manter seus princípios, mesmo que a empresa que lhes paga tenha perdido os seus”. Ainda que os dados empíricos demonstrem que, quantitativamente, a influência individual dos jornalistas não tem um grande impacto – e os estudos de Shoemaker (1996, 2017) sinalizam uma tal percepção frente às condições institucionais que envolvem a cobertura noticiosa -, minha posição é de que os valores individuais manifestos pelo *ethos* do repórter devem ser considerados como um indicador qualitativamente necessário e relevante para provocar mudanças nos quadros semânticos estabelecidos.

Em uma mesma organização, e expostos às mesmas interferências internas e externas, jornalistas podem produzir matérias com enfoques diferenciados (SERRA, 2004), na medida em que acionem, em suas mediações, distintas interpretações dos contextos que os circundam e distintas apropriações dos dispositivos que acessam. Retomando as contribuições de Cremilda Medina, o agir autoral, ou a assinatura autônoma no que se lê e se produz do mundo, é aquele que mobiliza, para além de uma complexa empreitada técnica, concepções éticas e estéticas do fazer, isto é, a renovação e reestruturação de sentidos no jornalismo que estamos aqui a defender depende, de forma mais imediata e direta, da *práxis* consciente de profissionais que articulam ao instrumental aprendido sua intuição criativa e repertório político-cultural de mundo. Por isso, concebemos na *arte de tecer o presente* (MEDINA, 2003) uma matriz epistemológica, mais que um escopo prático-experimental, que instaura um *ethos* resistente aos padrões vigentes, e sobretudo afeto a novas possibilidades de vivenciar e narrar as relações da saga coletiva.

Os escritos que se seguem a esses apontamentos iniciais, assim, conjugam um exercício reflexivo de contraposição entre o agir jornalístico que se conforma a administrar os esquemas estabelecidos e um modo de feitura que, sob lógica de deslocamento, ensaia empreender dinâmicas outras, concebidos a partir de diálogos teóricos, interpretativos e também profissionais. Bem vale transitar pelas páginas adiante,

então, sabendo de meu intuito de levantar entrecruzamentos diversos, porque a ciência também é (des)encontro de inquietudes e encantamentos, é signo da relação que desperta em função de nossas interrogantes com a lida bibliográfica, e que se abastece (por que não?) dos elementos que aportamos de nossas próprias experiências e visões-querências de mundo.

De modo específico, elejo adentrar o território da cultura jornalística, problematizando os procedimentos que caracterizam a maquinaria da notícia em termos de rotina – esse *locus* de conformismo e de um modo de ser e fazer tolhido, sem o brilho da criação -, para, a partir daí, inscrever pontos de resistência e virada, *grietas* que podem configurar novas estratégias e vitalizar a mediação em moldes efetivamente de comunicação.

1.2 Desacontecimento em dinâmica jornalística de relação

Já tive a oportunidade de expressar como me é fundamental o signo da relação. Assinalei, logo no início, que é desde uma concepção dialógica que me toca investigar os processos jornalísticos. Com Dominique Wolton e Ciro Marcondes Filho aprendemos que, se quisermos superar a visão instrumental que predomina em nossa forma de tratar a comunicação, precisamos lançar mão de uma postura intersubjetiva, que se alinhe aos sentidos de partilha e de inter-humano os quais, na verdade, constituem o fenômeno.

A passagem aqui almejada demanda, no entanto, algumas rupturas. Os teóricos interacionistas do jornalismo nos mostram que há uma semântica profissional a estruturar, desde os últimos dois séculos, a cadeia noticiosa em nível hegemônico. Qualquer tentativa de mudança, neste sentido, esbarra nesse *ethos* histórica e culturalmente consolidado, e só consegue extrapolá-lo articulando movimentos de resistência, capazes de engendrar distintos exercícios profissionais. O trabalho de fundamentação de uma matriz divergente de práticas e valores concentra-se, por isso, em um primeiro momento, em buscar referências e contribuições em campos outros do saber, na expectativa de identificar perspectivas que ajudem a expandir o limitado sistema informativo que hoje nos orienta. A postura relacional que então defendo diz respeito, também, à dimensão epistemológica deste projeto, no que toca à sua arquitetura e edificação teórica.

Conversando a gente se entende, ensina a sabedoria popular. E agora é momento de as ciências também compartilharem seus horizontes.

1.2.1 Com a Cotidianidade: para pautar

Os percursos traçados anteriormente demarcaram como norte a noção de que a realidade transmitida pelos meios é uma construção, o produto de uma atividade institucionalizada que, através de uma processualidade rotineira e enquanto campo que joga com demandas políticas e econômicas externas, legitimou-se para operar uma seletividade no plano social, apresentando-nos recortes de mundo assumidos como relevantes para o coletivo. Essa tal acepção, que nos choca a uma visão de positivação do fato, desborda de cara à maturação de uma analítica da notícia, para dar conta das escolhas que convencionalmente se realizam em função de categorias que também foram culturalmente acordadas.

A essa espécie de porta de entrada à maquinaria informativa, Nelson Traquina (2005) se refere como saber de reconhecimento. O termo saber justamente porque nos recorda do histórico de profissionalização e reivindicação do jornalismo como portador de uma prática especializada, e porque, ademais, enfatiza a cadência de compartilhamento de interpretações que daí se desenrola entre os membros da tribo. Quanto ao reconhecimento, a ideia coloca em jogo a empreitada de captação, que o imaginário profissional idealiza como “faro”, dentre as incontáveis ocorrências que se sucedem todos os dias, daqueles fatos que ganharão o estatuto de notícia. Muniz Sodré (2009, p.71) é referencial para nossa compreensão do processo: diz o autor brasileiro que os profissionais partem do “fato em bruto, ou das qualidades ainda indiferenciadas de um evento, para transformá-lo em ‘acontecimento’, por meio da interpretação em que implica a ‘notícia’”. O relato noticioso a que temos acesso, neste sentido, é o desdobramento ou a ampliação dos fatos sociais “segundo parâmetros jornalísticos de tratamento [...] que comportam apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos, em função da ‘cultura’ jornalística” (idem).

Em outras palavras, a notícia é a construção do acontecimento de acordo com o conjunto de convenções que estruturam o campo jornalístico; uma micronarrativa que resulta da processualidade do fato em acontecimento, no qual o acontecimento se torna esse escopo-central a carregar, em sua configuração, a prática semântica do exercício de informar. Miquel Alsina (2005, p. 140) fornece mais algumas pistas nesta direção: “o ecossistema, ou melhor dizendo, suas normas, é fundamental para definir um fato como acontecimento” – quer seja, um fenômeno só se torna acontecimento quando um sujeito lhe aplica uma perspectiva específica, de modo que só se reveste de sentido enquanto tal ao se relacionar com determinadas visadas. Aí também entra a acepção de Patrick Charaudeau (2009, p.05), para quem o acontecimento “depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível”. O que estou buscando sublinhar, por essas alusões, é que o acontecimento jornalístico é sempre o que ocorre *depois* dos fatos brutos, “quando se produz o trabalho logotécnico de determinação das circunstâncias – apuração dos detalhes, realização de entrevistas [...]” (SODRÉ, 2009, p. 59). À emergência da ocorrência, portanto, inscreve-se uma etapa de construção de sentidos, do qual o texto noticioso é a forma final de uma sequência de reconhecimento, tratamento e narração pela empiria.

É devido a uma tal incursão que nos alinhamos à posição de Sodré (2009, p. 75) de conceituar o acontecimento, matéria-prima jornalística, como *fato-marcado*, em que a noção de marcação é elegida precisamente para sublinhar que não é qualquer fato que desperta o sistema da informação pública, isto é, que passa pelo que Charaudeau (2009) chama de “máquina de informar”, ou pelo que Tuchman (1973) denomina “teia de facticidade”, ou, ainda em Traquina (2005), pelas categorias estratégicas da “Novaslândia”. Antes, enquanto objeto de racionalizações desde que desponta no tecido social, o fato necessita ser semioticamente marcado por um código de produção para sua transformação. Também Alsina (2005, p. 140, tradução nossa) afirma que “os meios marcam os acontecimentos e, desta forma, expressam uma valoração do fato”, enfatizando uma espécie de determinação, ou mediação institucional, na definição das notícias – que justamente organiza o esquema simbólico para seu reconhecimento.

Para Marcia Benetti (2004, p. 161), a razão de ser do jornalismo, afinal, é essa, “dar aos fenômenos sociais o estatuto de acontecimento, segundo critérios de notabilidade”, e articular, com sua prática, “a percepção de fenômenos e a construção discursiva de acontecimentos”. Desde aí, o problema que se coloca é exatamente a interrogante sobre o trabalho de ordenamento do sentido ao qual se dedica o sujeito na relação com esse mundo fenomenal. Recapitulando o que Charaudeau (2009, p. 98) chama de processo evenemencial, ou acontecimental, precisamos considerar três momentos deste processo de construção: a) há algo que modifica o ‘estado normal’ das coisas no mundo, b) há um sujeito dotado de sensibilidade que percebe tal mudança, e c) há a significação que este mesmo sujeito confere a esta mudança; de modo que, na lida com o acontecimento, o indivíduo assume uma dupla faculdade: “perceber, através de uma experiência direta [...] aquilo que os fenômenos têm de potencialmente estruturável, e estruturar o mundo comentando-o (configuração) com auxílio da linguagem”.

A começar pelo primeiro aspecto da lógica descrita pelo autor francês, e que nos coloca diante de uma concepção funcional da história muito bem incorporada no discurso jornalístico: interessa depreender aquilo que causa uma quebra na organização do mundo, ou que provoque um desequilíbrio nas estruturas que sustentam essa ordem – o excepcional frente ao comum, o desvio em relação à norma. O acontecimento, conforme Adriano Duarte Rodrigues (1999, p.27), distingue-se facilmente de uma multiplicidade de fatos virtuais porque tem uma natureza especial, “ditada pela lei das probabilidades, sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência”. É tudo o que irrompe na superfície lisa da história, ou “o que se destaca sobre um fundo uniforme e constitui

uma diferença” – para fazer alusão ao pensamento de Stella Martini (2000, p. 30), e sublinhar que um acontecimento só pode emergir numa fratura.

A seleção operada pelo sujeito-jornalista sensível para perceber tal fenômeno ocorre justamente em função desse potencial de saliência do acontecimento, “que reside ora no notável, no inesperado, ora na desordem” (CHARAUDEAU, 2009, p. 101). Cabe-nos evidenciar, neste sentido, como a noção de acontecimento se associa a de ruptura com a rotina do cotidiano, e como esse certo impacto sensorial que provoca o indivíduo se atravessa pela imposição de determinados elementos sobre a aparente uniformidade que vivemos. A história, entretanto, como bem pondera Márcia Benetti (2004, p. 145, grifo nosso), nada tem de linear ou compacta. “É complexa e irregular, marcada por fenômenos sociais diversos que contem, cada um, algum índice de notabilidade – *para alguém*”. É que o aparato perceptivo-cognitivo dos que escrevem a história – especialmente dos que a transformam em narrativa informativa, os jornalistas – parecem só apreender como notáveis as ocorrências ou feitos que se enquadram nessa modalidade de uma repentina ascensão. Retomando um exemplo ilustrativo de Walter Lippmann (2012, p. 291): “as notícias não lhe dizem como a semente está germinando do solo, mas pode lhe informar quando seu primeiro broto cruza a superfície”.

O exercício profissional jornalístico, deste modo, lida com o acontecimento *enquanto estratégia de narração do fato social*, aqui fazendo referência aos critérios de produção da notícia que, em um primeiro momento, envolvem diretamente o reconhecimento pelos valores-notícia e, em via complementar, os procedimentos que lhe seguem formatando sentidos a partir da cultura que se compartilha pela tribo. O conteúdo que se difunde pela instância midiática, afinal, trata de uma cadência de escolhas e práticas que, de forma mais imediata, parte dos parâmetros que norteiam o “faro”, mas que, enquanto processualidade, só se completa com o trabalho logotécnico que lhe acompanha, como nos diz Sodré (2009).

Quando abordamos a sistemática noticiosa desde seu estágio inicial – e é esse o empenho reflexivo do presente tópico -, atemo-nos à ideia de marcação dos fatos por valores que são assumidos como orientadores “não por serem únicos, incomparáveis ou irrepetíveis, mas por determinarem categorias singulares de controle dos fluxos [...] que a comunidade jornalística identifica [...] como origem de uma possível narrativa” (SODRÉ, 2009, p. 75). E em perspectiva histórica apreendemos os contornos que, mesmo antes da imprensa de massas, já configuravam o acontecimento-notícia nos moldes como o conhecemos hoje. Miquel Alsina (2005, p. 131, tradução nossa) escreve que, do século

XV ao século XIX, o acesso ao acontecer era um privilégio das classes dominantes – “comerciantes e banqueiros europeus que recebiam informações manuscritas sobre o tráfego marítimo, eventos políticos, etc.; o tipo de informação que tinha uma função comercial-financeira”. A meados do século XIX, a noticiabilidade continua a se definir pela importância das pessoas as quais concerne e pela preponderância de ocorrências políticas e, ainda que ao final de tal período se tenha dado uma diversidade temática na cobertura da imprensa, continua a se verificar no jornalismo uma tendência à homogeneidade formal de se reportar o que os espanhóis denominam *sucesos*, e que Pamela Shoemaker bem estabelece de acordo com dois princípios: desvio e proeminência social.

Os valores-notícia já foram objeto de estudos diversos, e não faz parte de meus objetivos pormenorizar-los aqui. Cabe, isso sim, sublinhar que, a despeito das distintas nomenclaturas para suas especificações, esse tal constructo cognitivo, “um julgamento feito pelos seres humanos” (SHOEMAKER, 2014, p. 16), relaciona-se com as dimensões de ruptura e de notoriedade dos atores envolvidos. Ao menos duas investigações realizadas em épocas distintas podem ser tomadas como representativas dessas duas facetas: a tese de Tobias Peucer, *De relationibus novellis*, de 1690, e a tipologia de Johan Galtung e Mari Ruge, de 1965, tida como a primeira sistematização formal sobre critérios de noticiabilidade no âmbito acadêmico. Em Peucer, encontramos, por exemplo, o interesse da imprensa pelo insólito, a catástrofe, e o que se passa com as pessoas ilustres. Com Galtung e Ruge (1965, p.77, tradução nossa), temos a menção à imprevisão, ao negativismo, e ao indicativo de que “quanto mais baixo o *status* de uma pessoa, mais desviante a notícia sobre ela deve ser”.

É em um tal sentido que Shoemaker (2014) elege reposicionar essas diferentes variações em uma espécie de macro-categoria do desvio que agrupa acontecimentos de ordem estaticamente irruptivas – pelo incomum ou insólito, associados à violação de leis e normas, a crimes e violências; e de mudança social. A esses aspectos de caráter um tanto quanto mais ‘natural’ das ocorrências, a pesquisadora norte-americana acresce outro macro-valor vinculado à uma concepção de socialização cultural; ligada, especificamente, às significâncias política, econômica e pública dos atores envolvidos. Nos rastros de uma imprensa que se modernizou para atender às demandas da burguesia, a noção de proeminência opera em conformidade às relações de poder que atravessam o campo e conecta-se, assim, com a disputa por capital simbólico e legitimidade que os meios buscam junto às outras instituições sociais e seu público-leitor. Pesa, ainda, como

pontua Shoemaker (2014, p. 41), que significância social e desvio também se atrelam já que a vida de celebridades parece contar com um tal sentido de insólito que “até mesmo atividades rotineiras podem pular portões altos dos *gatekeepers* e resultar em um número incrível de itens jornalísticos”.

De uma configuração jornalística ancorada no escopo do acontecimento, com reconhecimento noticioso articulando-se pelos eixos de desvio e proeminência social, desdobram-se implicações que, em um plano cognitivo, modelam um certo recorte do espaço público e da compreensão social sobre o seu funcionamento (CHARAUDEAU, 2009; SHOEMAKER, 2014). Um mapa cognitivo, digamos assim, que nos legitima certos quadros de referência e de interpretação hegemônicos a partir do qual avaliamos nossa situação coletiva e momento histórico. Não à toa, Márcia Benetti (2004, p. 161) adverte para a noção de silenciamento que, desde a compreensão do jornalismo como acontecimento, mobiliza uma reflexão que nos é fundamental:

Podemos saber, de forma fluida e um tanto distante, que o mundo é maior e mais diverso do que nossas esferas de realidade mais próximas fazem parecer. [...] No entanto, dificilmente essa diversidade poderá adquirir o estatuto de possibilidade, tantas são as interdições que sofre em seu enquadramento. [...] Sei que esses modos de viver e de pensar, tão diferentes daqueles aos quais estou habituado, existem. O que o jornalismo não diz, as angulações que ele descarta, as vozes que ele ignora – ou a forma como ele marginaliza o que parece perigoso e acomoda o diferente na ordem de um regime discursivo – terminam por estabelecer, indiretamente, um suposto consenso social (BENETTI, 2004, p. 161).

Inscrito em dinâmica positivista, o acontecimento extrai do fato apenas seus elementos variáveis ou contingentes, e não dedica interesse – ou, pelo menos, não o faz como deveria – à complexidade de relações entre fatores e atores que o permeia. Limitada a tratar o social na linha do visível imediato, a prática jornalística se torna indiferente, retomando o tom de Sodré (2009, p.99), ao “invisível que caracteriza os desejos e as esperanças” que também dele faz parte. Se o aparato noticioso engendrado na maquinaria informativa se estabelece por negociações e operações seletivas bem acordadas na cultura profissional, é inevitável assumir que, enquanto uma escolha, o acontecimento-notícia é também uma omissão. “Toda forma de ver é uma forma de ocultar”, diz Alsina (2005, p. 127, tradução nossa), e é precisamente o conteúdo descartado, ou deixado à sombra por tal processualidade eletiva, que me desperta uma postura indagativa.

Os aspectos preteridos do acontecimento têm, assim, minha predileção investigativa. Aqueles que constituem uma outra face, de regularidade, sobre a qual a

mídia tradicional parece não ter interesse em versar. Dito de forma direta, ecoando as palavras de Benetti (2004, p. 146), “são fatos clinicamente percebidos como ordinários ou comuns e que, por isso, não alcançam os requisitos que lhes permitam ocupar o estatuto de acontecimento jornalístico”. E que Sodré (2009, p. 76, grifos do autor) aborda como fatos não-marcados, “que não significam fatos sem importância social, e sim fatos não imediatamente relevantes para o *cânone da cultura jornalística* [...] portanto, normalmente desconsiderados pela marcação (pauta) da grande mídia”.

Em meu percurso reflexivo, por vias de maturação desde 2013, minha posição teórica tem sido a de, integrando tais leituras referenciais, tratar de aprofundar essa seara, sobre a qual a muito para se compreender, a partir da noção de Desacontecimento jornalístico. E de imediato já me cabe destacar que o concebo como noção precisamente porque esse é um construto em contínuo processo de significação – o que não me exime do desafio de delinear seus contornos com rigor e bem fundamentar suas dinâmicas epistemológicas e de ação.

A terminologia que opto por adotar tampouco é arbitrária. O prefixo latino *des* aporta o sentido de negação e de oposição que, em termos de feitura jornalística, me é muito caro. A expressividade do *Desacontecimento* consiste justamente em inscrever uma chave de contraposição ao que se entende por acontecimento, ou por critérios de produção da notícia, e assim lançar no território elucidativo indicativos de que uma outra dinâmica é possível. É muito simbólico, em um primeiro momento, permitir-se pensar que, ainda que haja convenções tácitas e historicamente estabelecidas, inclusive num plano de linguagem, há margens para ensaiar e experimentar reformular o que nos acostumamos a ter como dado certo. Cotejar potências desde rearranjos léxicos para, avançando à uma concretude desejada, dar-se conta de que na esfera da ação o figurativo pode ganhar forma. O Desacontecimento se revela por sujeitos que, ao se apropriarem das latitudes que a noção especula, assumem-se em epicentro de negociar os sentidos vigentes desde a responsabilidade de suas escolhas. Resistem, por assim dizer, a um exercício burocrata que não corresponde à uma prática que se anseia comunicativa, intersubjetiva, dialógica. Relacional.

Por trás do Desacontecimento, e antes mesmo que comecemos a configurá-lo em suas especificidades, é importante frisar, portanto, tal qual já havia ensaiado no tópico anterior, meu entendimento acerca da necessidade de se haver um *ethos* jornalístico distinto, autoral e criativo, sob o tripé técnica-ética-estética proposto por Cremilda Medina (2006). A processualidade que passarei a articular a partir agora, assim, vincula-

se inevitavelmente à uma corporalidade que se coloca em campo, afeta aos riscos dos (des)encontros que abrem as vias – ou as revitalizam – sentido à uma provocação no estado das coisas. Nesse caminhar teórico em formação, por isso, mais vale considerar o Desacontecimento como uma matriz jornalística que, sob um escopo epistêmico divergente, associa um modo de ser e um código de produção às avessas da semântica hegemônica da profissão.

E se estou a problematizar o saber de reconhecimento que aciona por primeiro a sistemática informativa, e também ciente de que a noção de Desacontecimento provoca de imediato a natureza dos fatos-marcados pela pauta tradicional, minha proposição para as páginas que seguem é fundamentar uma predileção noticiosa por aquilo que vou designar cotidianidade – em tom substantivo, para consolidar-se em substrato denso em significações por si só, e não ser confundido com um tipo de adereço ou complemento que só interessa em determinadas circunstâncias. Desenvolverei uma espécie de elogio à vida autêntica, na contramão de perspectivas que não veem no cotidiano nada além de um regime de impessoalidade, movido por uma circularidade massiva e consumista. Estarei, então, afeta a uma linha de pensar que, respeitando as particularidades de cada trajetória teórica, busca a dialogia da Filosofia, da Sociologia e da História, nas contribuições de Josep Maria Esquirol, Michel Maffesoli e Michel de Certeau, e de suas inquietudes científicas que encontram em um tal território as potências para se interpretar nosso tempo histórico e o humano ser.

Se a herança romântica nos direciona para uma exaltação da vida em sua excepcionalidade, que também interessa aos domínios do espetáculo e da aparência aos quais, jogando com os aparatos midiáticos, nos impelem a ansiar o êxito do distinto, aqui a construção de sentido passa pelo reconhecimento do brilho e do valor da vida que desacontece todos os dias. Não pretendo uma distinção ou hierarquização entre um plano que seria real e outro ideal, ou um que seria superior e outro abstrato, mas a demarcação de uma mirada que, desde a consideração das virtudes do cotidiano, estabelece-as como traços de uma atividade criadora. O vivido, neste sentido, não é para mim o sintoma de outra coisa, mas conta como força em si mesmo.

Michel Maffesoli (1984) afirma sua ênfase à perspectiva do cotidiano frente às nossas incompreensões das novas estruturas sociais que despontam, frente também à saturação de grandes sistemas de interpretação, como o marxismo e o freudismo, cujas receitas de análise, para ele, já não servem, e, ainda que minha discussão não se implique nos dilemas conceituais de modernidade e pós-modernidade, bem cabe apreender uma tal

lógica do doméstico sob o desafio epistemológico de nos introduzirmos às coisas da vida. Porque concordo que, de fato, há uma vitalidade no ordinário que escapa às elites intelectuais e políticas, e que, embora nosso interesse aqui não seja investigar as formas de socialidade nascentes, como faz o autor francês, bem vale a ela recorrer para ponderar sobre o caótico e o aleatório, o tédio e a exuberância, que compõem às criações e atitudes de uma tal trama, “feita de minúsculos fios estreitamente tecidos” (p.146).

Os ‘pequenos nada’s’ performados em nossa cotidianidade são, desde aí, assumidos como quadro semântico e fonte de materialidade para a expressão de um emaranhado de afetos que, a despeito das estruturas econômicas e políticas, nos sustenta no que somos e no que compartilhamos com os outros: “o aperitivo ao final da tarde, os rituais do vestuário, os passeios à noite na praça pública, os rumores do mercado” (MAFFESOLI, 1984, p. 58), “os ruídos da rua, as cantorias populares na mesa do bar, os odores das castanhas quentes no inverno, os sorvetes nos dias bonitos” (p. 153) – exemplos de prazeres de uma vida que nunca se repetirão o suficiente, mas que nem sempre são tomados como elemento de base em nossas reflexões. É por isso que Maffesoli (1996) convoca-nos a um saber incorporado – em cuja esteira desdobramos o jornalismo, ou a um ‘pensamento vicinal’, cujo mérito se encontra no concreto das pequenas coisas, no trivial.

Em outras de suas obras, a proposta vai se revestir das ideias de uma “razão sensível” e de um “conhecimento comum”, para fazer referência a uma episteme que só pode se articular no plano do ordinário, ou de uma dimensão que por vezes ele já designou de “alma do mundo” (2007, p. 17), sinalizando a via de mistério que também se concentra nessa matriz subterrânea, que ‘garante a secreta coerência do todo natural e cultural’. Esse tom metafórico no trato teórico e na configuração do olhar para essa vida que nada tem de opaca também aparece nas concepções de Michel de Certeau (1996) e Josep Maria Esquirol (2009), para quem os trabalhos de historiador e filósofo do cotidiano devem se esforçar por apreender, respectivamente, “o invisível de uma ‘não-história’” (p.31) e “o amanhecer do mundo em um universo geralmente obscuro” (p.20). Aos nossos intentos de promover uma apreciação do comum, suas empreitadas nos abrem aos bastidores da existência que, na chave da aparência e do profundo, abrigam a oportunidade de se redescobrir o extraordinário dos dias.

Há, neste sentido, uma mobilização muito convidativa a acentuar o vivido como esse momento que cristaliza e dignifica a nossa existência, ou como uma espécie de temporalidade, por vezes fragmentada e ritual, que nos constitui em rítmica permanente.

Um primeiro eixo que me cumpre delinear a partir de tais conjugações teóricas, assim, é o que vincula a cotidianidade à repetição de gestos que, longe de nos empobrecer os sentidos, nos orienta a uma ontologia originária. Os gestos, afinal, como descreve Vilém Flusser (1994, p. 08) em sua abordagem fenomenológica, são as “formas de expressão de uma intenção”, e enquanto tal portam movimentos simbólicos, representativos de algo que desperta. As recorrências que nos acompanham em nossos dias, para Esquirol (2009), nos fornecem, por um lado, o apoio e a segurança que buscamos e, por outro, um dinamismo com pouco desgaste de energia. Neste sentido, a rotina da vida diária não se inscreve na contramão da novidade e da mudança, mas, antes, é a via mesmo que as possibilita, como soma da circularidade e do novo, de uma ação que é também libertação:

¿Qué hace el pianista cuando día tras día ensaya su interpretación de una pieza musical? Repite, sí, una composición del pasado – más o menos lejano –, pero la toca, sobre todo, de cara al futuro. ¿Qué hace la abuela cocinando cada domingo para toda la familia su plato predilecto? ¿Y qué hacen los amigos reuniéndose una vez al mes para beber juntos unas cervezas? (ESQUIROL, 2009, p. 175).

As repetições cotidianas, na acepção do filósofo catalão, não são apenas reminiscências ou monotonias; são movimentos adiante, que no compasso do retorno nos abrem o possível futuro, e que na oportunidade do agora nos firmam, cada vez mais intimamente, o lugar das coisas que importam – “repetição cordial e voltada ao coração”, escreve (ESQUIROL, 2009, p. 176, tradução nossa). Essa ‘roda’ diária, por isso, é também hábito: uma maneira continuada ou regular de se fazer próprio, não como uma posse, e sim como uma *forma de ser*, que se associa à ideia de ‘habitação’, um ambiente que nos é familiar. Desde aí, a cotidianidade é o que torna a vida um abrigo, que nos mantém aquecidos e seguros frente a intempéries diversas, justamente porque, em partitura de previsão e de reinício, nos entrega um ritmo orientador de vida. Não à toa, Esquirol se refere à rotina como musicalidade dos dias: podemos achar que sabemos de cor sua composição, mas a experimentaremos de um jeito sempre muito nosso, nunca idêntico, com o conforto de quem se reconhece em território seguro, e na intensidade de ser atravessado por sensações sempre novas.

A cotidianidade que nos serve à incursão de uma ontologia originária é, deste modo, a mesma que nos estabelece como sujeito-protagonista de produção de sentidos. Em uma segunda visada interpretativa, então, a vida de todos os dias é também vida autêntica, porque se traduz em atividade de criação e recriação permanentes. Agnes Heller

(2000, p.17), ainda que alinhada a uma abordagem mais estruturalista, ressalta o elemento da personalidade que constitui o homem do cotidiano, “atuante e fruidor”, que coloca “‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias e ideologias”, fazendo da característica dominante do ritmo dos dias a espontaneidade. “A condução da vida supõe, para cada um, uma vida própria [...]; cada qual deverá apropriar-se a seu modo da realidade e impor a ela a marca de sua individualidade” (HELLER, 2000, p. 40).

Esse tal mecanismo das criações, por muitas vezes minúsculas, já que nos espaços de nossa intimidade, nos realça ou, para valer-se de um termo acionado por Maffesoli (1996), “epifanizam” o real:

Em poucas palavras, isso significa prestar atenção ao que, de um modo espantoso, levando em conta as diversas imposições sociais, equivale a dizer “sim, apesar de tudo”, à vida. [...] E isso não em função de qualquer otimismo de privilegiado, mas considerando o sólido vitalismo social que, mesmo através das mais duras condições de vida, não deixa de se afirmar (MAFFESOLI, 1996, p.11).

Na dimensão do cotidiano que, sob o prisma do sociólogo francês, nos aparece como ‘centralidade subterrânea’, a marca distintiva se encontra em um querer viver irreprimível, cuja força ganha forma por uma criatividade instintiva a que Cremilda Medina (2014, p. 83), em um neologismo muito à brasileira, chama de *sevirol* – “o verdadeiro milagre da vida apesar de tudo”. Em foco, está uma espécie de capacidade de sobrevivência do humano ser na inventividade, suas ‘virações’ para lidar com a dinâmica vivida, cujo domínio expressivo não pode ser outro que o espaço-tempo diário. Os pequenos fatos da vida cotidiana carregam o fundamento incontornável de nossas maneiras de ser, o sentimento de vida que, em aparente simplicidade, tensiona o nosso aqui e agora com os outros, nas contradições mesmo de um fervilhar existencial. Se viver é possibilidade, conforme Esquirol (2009, p. 53, tradução nossa), “nos encontramos irremissivelmente atracados neste maravilhoso, e também trágico, abismo de fascinação e tragédia” que nos mostra que o supérfluo contém também o profundo.

E isso para nossas existências em esfera individual e social. A criação e recriação de sentidos que caracteriza a cotidianidade, para Maffesoli (1984, p. 19) é ainda o que constitui “o essencial da trama social [...], muitas vezes esquecido pela investigação sociológica”. As ocorrências a princípio banais tecem, assim, socialidade e permanência coletiva que, para os intuitos de estudo da pós-modernidade do autor francês, configuram uma fenomenologia poética, ou ‘ética da estética’, a revelar um modo de ser com outros

também emocional. Desde aí, a cotidianidade são as relações interativas de afetos e sensações que mobilizam o corpo social em vivências minúsculas e, deste modo, fortalecem a criação de um *nós*, como um impulso de base que nos recorda que a sociedade não é só uma mecânica político-econômica, determinada por rígidas estruturas. O perdurar societal se faz também no estar-junto que se compartilha numa crônica comum da vida diária.

Por isso, dessas duas acepções-fundantes do olhar para a cotidianidade, enquanto repetição que orienta nosso existir e enquanto criação/recriação de sentidos que nos vitaliza em plano individual e social, podemos depreender uma significação final que a configura como movimento de resistência do humano ser. Aqui, dois autores me ajudam a esboçar uma tal reflexão: Josep Maria Esquirol (2015) e Michel de Certeau (1994). O primeiro, inclusive, tem uma obra-ensaio sobre a condição humana que atrela nossa *Resistencia íntima* ao universo das experiências do que nos é mais próximo – propriamente, da vida cotidiana. Na perspectiva do filósofo catalão, a cotidianidade pode ser tomada como nossa resposta inerente ao abismo que é viver porque é a dimensão criativa e orientadora que faz o nosso existir ser também resistir. “Resistimos porque a vulnerabilidade amparada é capaz de maturar, de criar e de dar [...] O princípio se dá sobretudo onde a vida pessoal pulsa e circula com intensidade; ali onde a vida se sente; ali onde a vida se ilumina” (ESQUIROL, 2018, p.08-09, tradução nossa).

A circularidade dos hábitos que, como já vimos, nos oferece ambiente cálido e seguro, ao nos colocar em vinculação com o entorno sustenta-nos como a resistência do que somos não pelos bens em si mesmos, mas pelas relações de identificação que com eles somos capazes de gerar. Não é a mesa, como exemplifica Esquirol (2018, p. 65, tradução nossa), “mas nosso braço que nela se apoia uma e outra vez, e nossas mãos que uma e outra vez partem o pão e passam o sal”. A resistência íntima de que fala o autor, assim, é da ordem dos significados que estabelecemos com o que está à nossa volta; é a dificuldade que o mundo nos coloca às nossas pretensões e a fortaleza que podemos ter diante de tantos processos de desintegração que, desde seu prisma, só se edifica porque o pêndulo cotidiano é refúgio que nos guarda em nós mesmos. À vista disso que o pensamento de Esquirol sobre a cotidianidade é uma espécie de hermenêutica do sentido da vida, pois a situa como o que nos ‘salva’, o transfundo da existência humana.

Não se trata de uma perspectiva utilitarista ou que nos coloca em vias de contemplação com o que ocupa nossos espaços; antes, é a centralidade dos gestos, da conversação corriqueira, da companhia do Outro que importa sublinhar para reconhecer

que o cotidiano é também cuidado, é a esperança sem a qual a tensão do real nos pareceria insuportável. Em Michel de Certeau (1996), tal percepção assim se inscreve:

Quanto mais o espaço exterior se uniformiza na cidade contemporânea e se torna constrangedor pela distância dos trajetos, com sua sinalização obrigatória, seus danos, seus medos reais ou imaginários, mais o espaço próprio se restringe e se valoriza como lugar onde a gente se encontra enfim seguro, território pessoal e privado onde se inventam ‘modos de fazer’ que tomam valor definitivo (CERTEAU, 1996, p. 206).

A intimidade do que vivemos pelo que nos é próximo, o *bios* cotidiano, manifesta-se em seu pensamento não na esteira de um protagonismo à uma resistência ‘ontológica’, como em Esquirol (2015), mas de um quadro possível de astúcias e táticas sutis que, ainda que articulados em lógica complementar, mais dizem de uma resistência em âmbito social. Em jogo, na obra de Certeau (1996), temos a preocupação por uma distinção entre ordinário e massivo justamente para demarcar que, se a segunda simplifica os modelos culturais para ampliar sua difusão, a noção do ordinário salienta um trato com o entorno em função de códigos particulares, como uma “ciência prática do singular [...] que seleciona seus próprios instrumentos de pensamento e suas técnicas de uso em vista desses critérios” (p.341).

O interesse do historiador francês em aprofundar uma reflexão sobre cultura ordinária é fundamentar a assertiva de que, a despeito das determinações e ordens de estrutura que tentam se impor, a mesma insinua um “estilo de trocas sociais”, ou de invenções técnicas de resistência moral. Em outros escritos, Certeau (1994, p.20) se referiu aos qualificativos da dinâmica cotidiana como “‘uma economia do dom’, ‘uma estética de lances’ e uma ‘ética da tenacidade’”, explicitando as combinatórias de operações que o sujeito, para subverter o estatuto de dominado, lança mão em suas “mil maneiras de caça não autorizada” (p.38). Sua linha interpretativa não nos deixa esquecer de que o cotidiano é também espaço de embates e negociações, onde há fabrico, ou poética, que se mobiliza apesar das sistemáticas comerciais, urbanas e midiáticas:

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde *outra* produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante (CERTEAU, 1994, p. 39, grifos do autor).

Aí percebemos, ainda, uma alusão aos mecanismos de disciplina discutidos por Michel Foucault, em uma chave de contraposição teórica pelo reconhecimento, por parte de Certeau (1994), de que procedimentos populares, minúsculos e cotidianos, não se conformam a uma tal rede de vigilância, mas formam potências de reordenação sociopolítica. É importante, por isso, apreender que sua analítica sobre a cultura ordinária versa sobre apropriações singulares operadas enquanto dispositivo de antidisciplina – ou táticas articuladas sobre os detalhes do comum para alterar o funcionamento das estruturas tecnocráticas. As práticas da cotidianidade se revestem, desde essa acepção, de um contorno mais político, em que novos equilíbrios sociais são buscados a partir de tensões com modos de fazer que instauram pluralidades de efeito imprevisto. Há, deste modo, um jogo de “quase-invisibilidade” a encontrar brechas na clandestinidade, na pirataria, no murmúrio incansável e em outros estilos de ação que “metaforizam a ordem dominante”, fazendo-a funcionar em outro registro (CERTEAU, 1994, p. 95).

Vê-se como na obra de Michel de Certeau (1996, p. 31) nós encontramos referência ao dia-a-dia como o que nos cabe em partilha, como o que nos prende intimamente ou o “mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memórias do corpo, dos prazeres”, mas é, sobretudo, pela inserção de um tal território como caminho de resistência ao sistema social, “com operações quase invisíveis e quase inomináveis” (p.340), que sua contribuição é aqui acionada. Porque, ademais de uma proposição que considera as potências de negociação dos rotulados como dominados, no plano mesmo de suas vivências rotineiras, há um aspecto ético ligado à cotidianidade que me é caro frisar: a defesa de um algo próprio, ou de um gesto de autonomia capaz de reempregos transformantes.

No ‘invisível cotidiano’, sob o sistema silencioso e repetitivo das tarefas cotidianas feitas como que por hábito, o espírito alheio, numa série de operações executadas maquinalmente cujo encadeamento segue um esboço tradicional, dissimulado sob a máscara da evidência primeira, empilha-se de fato uma montagem sutil de gestos, de ritos e de códigos, de ritmos e de opções, de hábitos herdados e de costumes repetidos (GIARD, 1996, p.218).

Cada uma das facetas exploradas nestas páginas, se é que posso assim me referir a um fenômeno que as conjuga simultaneamente, sinaliza miradas à cotidianidade como escopo complexo em sentidos, como fonte de uma episteme de valor, na contramão de abordagens que a tentam fixar enquanto uma espécie de categoria ou vida de segunda ordem. Suas virtualidades foram cadenciadas sob um entrecruzamento filosófico-

sociológico que ora se teceu em eixo mais ontológico, ora mais interacional, para deste modo configurar um território rico em possibilidades de apreensões, seja em nível individual, seja em entendimento societal. A musicalidade dos dias, para retomar uma expressão de Esquirol (2009), na qual orbitam nossa criação e recriação de sentidos, a edificação de nossa resistência íntima, e o jogo de invenção de nossas astúcias sutis frente às produções impostas, é espaço-tempo que nos inscreve em vinculação direta com as tramas tecidas pelo humano ser. De um tal modo que ao jornalismo que se enseja dialogal, em ruptura à predileção pelo desvio e pela proeminência social, como aqui estou defendendo, não há via mais potente que a de pautar a cotidianidade desde essas complementares designações.

O Desacontecimento enquanto estratégia de narração do fato social se movimenta em trânsito noticioso pelas temáticas que, não se marcando pelo tinteiro hegemônico, afirmam-se com criatividade pela mediação que se dedica aos minúsculos da rotina. O protagonismo do sujeito-ordinário, cuja vida se orienta pelas redes de significação que confere ao que lhe é próximo, a contextualidade que abarca sua resistência às determinações sociais por táticas singulares e anti-disciplinares, passam a dar forma a um saber de reconhecimento já não mais delimitado em padrões, mas nos conformes de um traço autoral que só se estabelece no impulso autêntico dos dias.

Unicamente no mundo do cotidiano, dizem-nos Alfred Schutz e Thomas Luckmann (1973, p.25, grifo nosso), “pode se constituir um mundo circundante, *comum e comunicativo*” - ou, para retomar a expressão enfatizada no início desses escritos, intersubjetivo. Essa tal realidade se mostra, assim, fundamental e eminente para uma matriz jornalística do Desacontecimento especificamente porque revela uma trama subjetiva de sentidos, cuja configuração, ainda que atravessada por nossas ações individuais, consiste em que seja compartilhada com os outros. Trata-se de um universo que, evidentemente, resulta de um processo histórico que é distinto em cada cultura ou sociedade; no entanto, seu caráter de comum está associado às raízes que se assentam na condição humana, o que, afinal, torna-lhe “aquele ambiente no qual é possível a compreensão recíproca” (SCHUTZ e LUCKMANN, 1973, p. 53).

É na cotidianidade, portanto, que identifico o cerne da contraposição que estou a desenvolver neste estudo: enquanto território por excelência para a produção de sentidos do Desacontecimento sobre o mundo exterior, e como ponto de partida a projetar uma processualidade outra, em termos de dispositivos e técnicas narrativas, uma vez que uma tal matriz só se viabiliza pela articulação de um modo de ser e fazer (*ethos*) divergente, e

que a apreensão desse mundo da vida intersubjetivo demanda, também, aparatos próprios de captação. Voltar à cotidianidade, “aí está a lição”, defende Esquirol (2015, p.55, tradução nossa), em uma tomada de posição que bem interpela o exercício noticioso, “a temos ao alcance da mão e, talvez por isso, nos seja paradoxalmente uma das mais difíceis”.

1.2.2 Com o Homem-ordinário: para eleger quais fontes reportar

Tenho argumentado nesta incursão teórica que estamos distantes de um escopo jornalístico que se baseie nos aspectos intersubjetivos da Comunicação, de partilha e de relação. Herdeiros do positivismo, tradicionalmente operamos nos ditames de uma gramática funcionalista, e mobilizamos uma conduta profissional que parece não considerar que, apesar de constrangimentos de ordem organizacional e social, temos relativa autonomia no processo produtivo por meio das escolhas que fazemos. A própria noção de noticiabilidade manifesta a predileção jornalística pela natureza imprevisível do acontecimento, quando há um território de socialidade fértil a ser explorado no domínio do cotidiano.

De igual maneira, quando pensamos no saber que orienta os procedimentos da tribo em relação à matéria-prima noticiosa, damo-nos conta de que uma estanque cartilha de linhas de ação também aqui se faz notar. Para além da marcação de pautas, a seleção de vozes a compor a narrativa nos mostra a presença de um dirigismo, ou simplesmente de um comodismo de rotina, a limitar um modelo informativo de ordem mais complexa – polifônico e polissêmico. O tema das fontes, neste sentido, enquanto nexos-chave da triangulação fato-acontecimento-notícia, atravessa a inquietude investigativa que me dedicarei a apresentar nas páginas seguintes.

Já nos estudos de Pamela Shoemaker e Stephen Reese (1996, p.121) sobre *newsmaking*, no que toca aos níveis de análise do *gatekeeping*, a relação de influência, e por muitas vezes de subordinação, entre os meios e os chamados ‘definidores primários’ (a opinião dos poderosos) era evidenciada como parte da rotina dos profissionais. Os pesquisadores norte-americanos definiram três canais principais por onde os jornalistas tratam suas informações: instâncias oficiais, *press releases* e coletivas de imprensa; complementados por canais denominados ‘informais’, que tampouco alargam as possibilidades de registro nas dinâmicas que estamos a buscar aqui, quer seja, os *briefings* de origem, os relatórios de associações não-governamentais e de outras de agências de

notícia. Também Nilson Lage (2005) identifica que, mesmo antes do século XX, as fontes consultadas precisavam ter um certo tipo de prestígio: políticos, funcionários públicos em geral, diretores de empresas, viajantes – os repórteres se inseriam em portos, estações ferroviárias e em qualquer evento considerado de interesse aos seus leitores, bem concentrados no estrato burguês. Após a Segunda Guerra Mundial, o contato com as pessoas supostamente notórias passou a ser feito com intermediação de um profissional, via assessorias de comunicação. E desde a emergência da *penny press*, a mídia parece estar em dependência estrutural com esses atores e departamentos enquanto vozes da informação.

Miquel Alsina (2005, p.182, tradução nossa) sintetiza um tal proceder nos moldes de negociações de interesse: “enquanto existem sujeitos que têm um acesso praticamente imediato aos meios, outros dificilmente entram no circuito informativo”. Se há que se considerar que, diante de um fluxo de trabalho muitas vezes escasso em tempo e recursos, as fontes oficiais representam uma frente estável e regular de consulta, com seus gabinetes de comunicação fornecendo dados autorizados à imprensa, por outro, não há como não se ponderar sobre as vantagens institucionais dessas operações. Preservar estratégias políticas, beneficiar grupos dominantes, promover tendências no debate público ou determinadas construções para certos acontecimentos, são citadas como linhas de ação frequentemente performadas nos embates entre os campos e que nos sinalizam para as posições nada arbitrárias tomadas por cada um.

Ademais do predomínio das figuras de poder, as fontes especialistas são rotineiramente acionadas em ordem de contextualizar as notícias e fornecer-lhes explicações credíveis. Ainda que tradicionalmente apresentadas como objetivas, e pouco problematizadas devido à *expertise* legitimada em sua área do conhecimento, as fontes especialistas também acabam configurando uma narrativa previsível e homogênea, portavoz de um pensamento de grupo de elite. Não à toa, Jorge Pedro Sousa (1999, p. 51) descreve o espaço público jornalístico como “tendencialmente ocupado por meia dúzia de protagonistas”, a que vale ecoar, também, a assertiva de Michael Schudson (2010, p. 31), para quem a produção informativa pode ser tida “normalmente como uma questão de representantes de uma burocracia apanhando notícias pré-fabricadas de representantes de outra burocracia”.

Seguindo à risca a convenção da autoridade que norteia o saber de procedimento dos profissionais – “quanto mais alta a posição do sujeito, melhor a fonte de informação” (TRAQUINA, 1999, p. 172), o campo jornalístico nem sempre se atenta, assim, à cadeia

de privilégios que sustenta ao reduzir os pontos de vista articulados em suas coberturas. As relações de comunicação, não nos deixa esquecer Pierre Bourdieu (1989, p.11), são, inseparavelmente e sempre, “relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos”, de modo que as categorias do conhecimento sobre o mundo social, também no jornalismo, estão inscritas em tal jogo de interesses para se conservar ou transformar a percepção que temos. Nessa luta pelo direcionamento de uma visão sobre o real, explica o sociólogo francês, em que o poder se configura na proporção de seu capital, isto é, do reconhecimento que os agentes recebem de um grupo, a mídia, com suas operações de visibilidade e silenciamento, pode legitimar a eficácia performativa de discursos – ou também reduzir suas forças simbólicas.

Neste sentido, Bourdieu (1989, p.148) destaca o título profissional ou escolar como “uma espécie de regra jurídica de percepção social, um ser-percebido que é garantido como um direito”, e ao qual é conferido todos os tipos de ganhos simbólicos, “poder de fazer ver e de fazer crer”, em função justamente de sua posição ocupada no espaço – e aqui nos cabe problematizar a atuação jornalística que, se por um lado tem um estatuto público dependente de tais aparatos de credibilidade, por outro, pode converter-se em instrumento político e ideológico de manutenção das divisões sociais vigentes. O poder simbólico, afinal, tende a estabelecer um conformismo lógico, uma concepção homogênea na construção da realidade, que contribui para a integração da cultura dominante – uma vez que prestígio/reputação/fama inevitavelmente jogam atrelados ao capital econômico.

Longe de assumir um tom mais estruturalista em minha abordagem, o que me parece relevante desde uma tal incursão é evidenciar que, no compasso de uma analítica consciente de que o jornalismo é um campo, ou de que os seus procedimentos de rotina se inserem em uma ordem sociocultural macro, as fontes reportadas no circuito tradicional trazem para o palco da notícia seus interesses diversos, sobretudo visando ganhos políticos e econômicos, e bem se conformam a uma sistemática que, historicamente e também extraindo daí vantagens próprias, beneficiou a voz e o lugar dos oficiais e especialistas. O capital pessoal de notoriedade e de popularidade para aquisição de uma visibilidade midiática é como convenção já tão bem institucionalizada na maquinaria informativa que, para Alsina (2005, p.200, tradução nossa), “a mudança radical de algum desses elementos implicaria a alteração do tipo de imprensa”.

Mas é precisamente esse movimento que estou buscando empreender nestas páginas: alargar os horizontes da mediação jornalística para fazer, tal qual propõe Cremilda Medina (1996), do povo um personagem-protagonista da tessitura contemporânea. Ou, acaso, “ganhar o pão cotidiano é um esforço menor que uma criação artística? As tarefas diárias do padeiro, do mecânico...têm um conteúdo desprezível?”, ressoo o questionamento de Esquirol (2015, p. 65, tradução nossa) em sua crítica ao nosso modo de ver *corta de miras*, que não reconhece que há uma indiscutível dignidade no cotidiano das pessoas. Desde as margens, conforme já tive a oportunidade de frisar, a vida pode ser complexa em construção de sentidos, justamente pelo caráter de inventividade que cada qual articula no trato com o que lhe é próximo. Importa perceber, neste sentido, que cada um é assim início, vinculado à uma singularidade que ganha forma na trama tecida pela rítmica dos nossos dias. “Apenas quando entendermos as inumeráveis maneiras pelas quais as pessoas podem organizar suas vidas, seremos capazes de aprender o que é profundo” (ESQUIROL, 2005, p.40, tradução nossa).

Se sob as dinâmicas informativas há uma lógica positivista que conduz a redução do social a dados e fatos, o escopo da cotidianidade já nos pôde aclarar que cada rotina é uma textura rica em potência a ser desvelada – um (des)acontecimento a se descobrir. E elejo falar em descoberta porque, conforme ensina Certeau (1994, p.171), é mais embaixo dos limiares onde cessa a visibilidade que vivem os “praticantes ordinários da cidade”, cujos caminhos e desventuras, tradicionalmente ignorados, escapam à legibilidade:

A instituição dos aparelhos escriturísticos da ‘disciplina’ moderna indissociável da ‘reprodução’ possibilitada pela imprensa foi acompanhada pelo duplo isolamento do ‘Povo’ (em relação à ‘burguesia’) e da ‘voz’ (em relação à escrita). Daí a convicção que, longe, bem longe dos poderes econômicos e administrativos, ‘o Povo fala’ (CERTEAU, 1994, p.222).

Não há, nesta via, a acepção de um povo que é sujeito histórico sempre enganado, ou vítima de algum tipo de imposição da qual não é possível escapar. Antes, o homem-ordinário é assumido como aquele capaz de táticas de resistência para alterar os códigos dominantes, e de um jogo reapropriações dos espaços e objetos à sua maneira. Essa vitalidade criativa que, *a priori*, pode parecer ineficaz e mesmo imperceptível frente às estruturas hegemônicas, desborda-se em uma multiplicidade de experiências, também coletivas, que se articulam pelo que em Maffesoli (1984, p. 154) aparece como *leitourgia*. “É o que brota do povo e que o organiza enquanto tal [...] é essa poesia do cotidiano que é antes de tudo tradição oral, que nasce e celebra todos os microacontecimentos da

existência diária”, descreve o autor francês, sublinhando o valor da retórica popular que circula na vida concreta – uma espécie de organização paralela, digamos assim, para qual um jornalismo de contorno intersubjetivo deve se atentar.

Ao ordinário já tão referenciado até aqui, então, acrescento a oralidade como aspecto-norteador de uma prática noticiosa afeta ao popular. É o oral, em sua correlação com gestos e corporalidades, que nos inscreve em encontro com o Outro, e sua manifestação se percebe em toda parte porque a conversação, escreve Certeau (1996, p.337), se insinua em todo lugar, “é o espaço essencial da comunidade”. O concerto das vozes nos coloca diante de uma semântica para muito além do enunciado: “os acentos marcados pela inspiração e pelas paixões, [...] os rituais de mensagem e de saudação, os registros de expressão escolhidos, as nuances de entonação e movimentos do rosto [...]”, toda a associação som e performance nos mostra como o indivíduo em si é fonte complexa desde suas interlocuções.

Mas quanto nos falta ainda compreender, adverte-nos o historiador, “dos ‘obscuros heróis’ do efêmero, andarilhos da cidade, moradores dos bairros, leitores e sonhadores, pessoas obscuras das cozinhas. E como tudo isto é admirável!” (CERTEAU, 1994, p. 342). O homem-ordinário, em nossas coberturas jornalísticas, no mais das vezes não passa de um tom popular forçado que, às pressas, o profissional colhe para dar um ar ‘mais humano’ à sua matéria. Não consegue, com isso, figurar como inventor de sentido que na realidade o é, e aos ouvidos pouco apurados de uma mídia que mais se importa com o dito que com o ato de dizê-lo, segue ecoando apenas como “murmúrio das sociedades de todo o tempo” (p.57), sem uma cosmovisão, da parte do jornalista, “que ele merece nessa luta para que todos sejamos humanos”, conforme Medina (1996, p.26).

Se é “ignorância crassa” de uma elite intelectual, jornalística ou política, para nos valermos da expressividade de Michel Maffesoli (2010, p.19), ou se é em razão de um *ethos* que bem se estabilizou a administrar o quadro vigente, o que cabe nesta reflexão é ponderar sobre o território fecundo a ser explorado na conjunção cotidianidade e testemunho dos anônimos. Reposicionar em via de protagonismo os relatos das ruas, as histórias que se maturam em um bar, nos cafés ou nos escritórios, que se desenvolvem no nosso morar, cozinhar e caminhar, nas trocas com parceiros de urbe ou de povoados, e no exercício fabulativo conosco mesmo – nesse entrecruzamento de tempo e espaço que nos mobiliza na experiência do contar.

É-me caro, por isso, dar sequência ao pensamento em chave de alteridade epistêmica com a perspectiva da História Oral, na expectativa de que, dessa dialogia,

despontem potências em termos de recursos e condutas à uma matriz jornalística mais sensível a tais personagens e realidades. Longe do clássico empreendimento historiográfico, a metodologia que valoriza o recurso oral se fortalece, de modo mais robusto, na segunda metade do século XX, sob a proposta de articular tradição e reminiscência, passado e presente, para oferecer escuta àqueles que, tradicionalmente, não têm lugar no registro documental.

A maior parte dos historiadores profissionais, conta-nos Peter Burke (1992, p. 166), enquanto habitantes de sociedades alfabetizadas, “inconscientemente tendem a desprezar a palavra falada”, sendo bastante céticos em relação ao valor das fontes orais para a compreensão da história. Essa recente visada, no entanto, defende Paul Thompson (1992, p. 22), “pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história”, na medida em que revela novos campos de investigação ao alterar o seu enfoque e, em sentido mais geral, considerar como matéria-prima a experiência de vida das pessoas de todo tipo.

Tal qual ocorre com o jornalismo, o historiador dedica a maior parte de sua atenção aos líderes sociais, sendo da natureza mesmo de seu trabalho a abordagem desde o ponto de vista da autoridade. Não é de se admirar, neste sentido, “que o julgamento da história tenha, o mais das vezes, defendido a sabedoria dos poderes existentes” (THOMPSON, 1992, p. 26) – as muito conhecidas e referenciadas fontes oficiais.

A história oral, ao contrário, torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo (THOMPSON, 1992, p. 27).

As lutas cotidianas encobertas e os movimentos populares esquecidos voltam à cena com o resgate dos testemunhos daquelas figuras geralmente menosprezadas – os prisioneiros, os miseráveis, os loucos, as mulheres, os analfabetos. Toda e qualquer experiência individual, com a carga de subjetividade e emoção que a compõe, torna-se legítima como fonte para essa vertente da história que se constitui atrelada à história dos excluídos. Caso contrário, é como se disséssemos, na linha problematizada pela autora brasileira Helena Muller (2007, p. 24), que a história da humanidade se resume a uma só história, que é universal. “Todos os acontecimentos, todas as vidas dos povos e dos indivíduos fariam parte de um mesmo todo, apenas”.

Mas o prisma elegido pela Cotidianidade, e agora pela História Oral, nos ensina que não há como destinarmos um olhar único para a diversidade que a vida nos apresenta diariamente. Não há como esperarmos que uma única forma de mirar seja capaz de capturar toda dimensão do caótico e do fantástico que cerca nossas vivências. É possível, isso sim, multiplicar nossos horizontes e meridianos na tentativa de resistir a princípios únicos e excludentes de civilização. Uma tal perspectiva deve reconhecer, por isso, a importâncias das micro-histórias e dos microcosmos, em âmbito cotidiano, familiar, cultural – para a compreensão do todo social.

Expandindo o campo de atuação da produção histórica, e também do jornalismo, enriquecemos sua mensagem social, tornamo-la mais democrática. Se a vertente inova em um primeiro sentido por suas fontes, Etienne François (2000) também assinala a singularidade da própria abordagem mobilizada: interessa-se pelas maneiras de ver e de sentir, preferindo visões intersubjetivas às estruturas objetivas, no recorte temporal do presente. A história vista de baixo, neste sentido, não só reconhece o valor de personagens tradicionalmente marginalizados, como também centra o seu trabalho no interior e no mais profundo da experiência dos atores sociais.

É preciso apenas abrir os poros, aconselha Cremilda Medina (2014, p. 44), para perceber que “os enredos do caos da História, gritos e sussurros, violências e farras, sobrevivências do seivrol e tragédias da exclusão não cabem na razão quadriculada” dos métodos convencionais. Se os seguidores das tradições mais clássicas do historicismo enxergam a história oral com uma espécie de rótulo de segunda classe, questionando a credibilidade das fontes e a presença de marcos subjetivos em seus relatos, seus entusiastas, tal qual indica Lozano (2000, p. 22), percebem-na como “uma verdadeira alternativa para divulgar a história daqueles que não foram registrados nas histórias oficiais”, uma forma de instrumento ou de resposta mais acabada, ele diz, “que os intelectuais da história podem oferecer aos setores historicamente explorados”. Também ao jornalismo essa latitude dialógica, em busca de outros valores aos seus saberes de procedimento, pode representar um avanço no sentido das responsabilidades de sua mediação social.

Cabe, portanto, enfatizar a necessidade de uma reviravolta como esforço para se recuperar a experiência e os pontos de vista daqueles normalmente situados à margem – do interesse público, midiático e histórico. O trabalho da história oral, bem como de um jornalismo de desacontecimentos, é precisamente o de privilegiar perguntas e problematizar respostas que, como dados prontos, foram tomadas como certas e naturais.

Por que algumas vozes são ouvidas e algumas vozes são marginalizadas? E o que esse processo de escolha nos revela sobre a nossa forma de enxergar o Outro, a realidade, a História?

Movimentos divergentes ou de resistência, como os que estão sendo discutidos aqui, são os caminhos por essa investigação assumidos para provocar as práticas e noções convencionalizadas em nosso plano profissional, revelando os potenciais narrativos e até onde, e quem, o jornalismo pode chegar.

1.2.3 Com a Proximidade: para apurar

Lidamos, como mediadores por excelência, com o mundo vivo e vivido – uma assertiva tão certa quanto natural em nossa rotina profissional. Ainda assim, optamos por adotar, em nosso contato com o que nos cerca, um olhar objetivante ao real. Tradicionalmente, acionamos aparatos que, assentados em princípios funcionalistas, permitem-nos jogar com a imediatez e as limitações financeiras e espaciais que caracterizam o nosso fazer. O código de produção dos acontecimentos, como pude ressaltar, disciplinou-se de acordo com essas gramáticas que configuraram a modernidade ocidental.

Acompanhando a expansão industrial e urbana do século XX, o jornalismo enquanto discurso da atualidade consolidou o ingrediente pragmático como central nas formas de captação e edição do material noticioso. A busca obsessiva pela precisão dos dados, a delimitação dos fatos sob tom informativo, com fuga às abstrações, as entrevistas dirigidas, para citar alguns exemplos, com base nas reflexões de Cremilda Medina (2008, p. 92), sinaliza-nos como a cartilha da objetividade atravessa nossos procedimentos. Uma prática que se impregna com metodologias quantitativas, no entanto, apenas “serve de frágil escudo para defender posturas jornalísticas reducionistas” (MEDINA, 2008, p.93).

Suas fórmulas vazias de expressividade alimentam registros ligeiros, chapados, que não dão conta das exigências de uma realidade que se revela em carne e osso, para além dos contornos em preto e branco que o repórter administrador dos sentidos vigentes se conforma em delinear. O distanciamento herdado por uma tal racionalidade nos aparta da trama rica em significações da vida comum, e atrofia as afeições do nosso narrar. O despertar para a emoção intuitiva, neste sentido, é a aposta da pesquisadora brasileira para inscrever o jornalismo em vias de autoria – na ruptura com um papel de mera difusão de

informação, que nada mais empreende que a modelagem de estruturas e cenas em esquemas pré-estabelecidos.

Assinalei, até aqui, como a cotidianidade é território fecundo em criações que nos asseguram em resistência ontológica e social, e cujo movimento pendular de gestualidades e afazeres revela, para além de aparente repetição opaca, sentidos orientadores de nossas subjetividades e táticas sutis de reapropriações culturais. Neste domínio do comum que se contrapõe às noções de desvio e proeminência social, sublinhei o protagonismo do homem ordinário e de artifícios da oratura enquanto fontes coesas a um exercício jornalístico intersubjetivo. Avançando um pouco mais na acepção de Desacontecimento que escolhi assumir, inscrevo a potência de aparatos de captação mobilizados em chave de ternura e proximidade atenta, a tecer e entretecer relatos sobretudo pelo simbólico e pelo sinestésico.

Aprendemos com a *atravessagem*⁴ de Cremilda Medina que uma mudança de tamanha expressão opera, essencialmente, em dois níveis: a ruptura da mentalidade sujeito-objeto e a prevalência do ato presencial. Em Edgar Morin (2003, 2007), encontramos as implicações de uma tal epistemologia no paradigma de hipersimplificação que comanda nosso pensamento. Nossa inteligência cega, ele nos diz, “destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente. Ela não pode conceber o elo inseparável entre o observador e a coisa observada” (2007, p. 12). Vivemos, neste sentido, sob um modelo de disjunção, que nos leva a pensar nossas relações em distanciamento utilitário. Retomando as reflexões de Buber (1979), é como se nosso pensamento projetasse como Isso tudo aquilo que nos rodeia. Evitamos, com isso, os riscos de percebemo-nos vulneráveis, temerosos que somos das interações.

Não à toa, para o psiquiatra colombiano Luis Carlos Restrepo (1998, p. 75), “a vida na intimidade se apresenta como o maior desafio do mundo contemporâneo”. Triunfantes que somos do mundo da técnica, continuamos ainda aprendizes quando o assunto é afeto – ou padecendo de “um grau alarmante de analfabetismo afetivo”, para ecoar a expressividade de sua concepção. Herdeiros de Alexandre, o mundo se nos apresenta como um objeto de conquista, por um interesse de domínio universal e de homogeneização cultural que nos posiciona em ideologia guerreira, e que somente pela

⁴ O termo designa os mais de cinquenta anos de dedicação de Cremilda Medina ao ofício jornalístico e à reflexão acadêmica: sua trajetória entrecruza a vida na reportagem, na pesquisa e nas salas de aula, manifesta em projetos como “Novo Pacto da Ciência”, “São Paulo de Perfil” e “Foro Permanente de Reflexão sobre a América Latina”, desenvolvidos dentro e fora da Universidade de São Paulo (USP), na graduação, na pós-graduação e em um Programa de Terceira Idade.

enunciação da ternura, na defesa do autor, pode-se inverter. À dissociação entre cognição e afeição, e também como resistência à lógica cartesiana, Restrepo (1998, p.23) propõe uma espécie de dinâmica da fratura: “um estar aberto e deixar-se assaltar pelas intensidades ambientais que chegam ao nosso corpo [...] um ser atravessado pelo mundo e não a partir daquele que se fecha sobre a experiência impondo a qualquer preço suas intenções e projetos”.

Há uma metáfora acionada pelo autor que ajuda a esclarecer o que estou argumentando aqui: a ternura enquanto via para reconhecer-se assaltado e de saída, tensionado pela diferença, é “a unidade do eu [que] se rompe como um espelho, que se converte em prisma, e a carcaça da identidade cede, fendida sob a pressão de forças que, do interior do indivíduo, tentam entender o estranho” (RESTREPO, 1998, p.23). O afã por manter em amálgama o que somos em meio às provocações do ambiente, aspecto de uma cultura que define o corpo em termos funcionais e automatizados, nos projeta em eixo de insensibilidade com as muitas vivências que nos atravessam. E nos subtrai de apreender o caráter de singularidade constitutivo dos seres e de seus entornos.

A noção de afeto a ser restaurada por uma linguagem da ternura, assim, trata sobretudo de uma corporalidade que se coloca em jogo. Longe de apelar a um sentimentalismo extremo ou vazio, importa-me precisar a necessidade de nos expormos todo em relação – o *estar afeto* à não é piegas, sublinha Cremilda Medina (2016), é possibilidade de partilha pelos signos que construímos. É possibilidade de Comunicação, na vertente que me é tão cara. Vê-se, por isso, que uma tal dinâmica de fratura, ademais de um movimento interno, só se alcança pelo que a autora denomina de *Ato presencial* (2016), e que aqui nos toca abordar pela perspectiva da Filosofia da Proximidade, articulada por Josep Maria Esquirol.

Volto, assim, à ensaística do catalão que, transitando por reflexões sobre alteridade, conecta o discurso filosófico ao concreto, a partir do cotidiano e do horizonte da experiência. Uma vez que já apresentei esse primeiro território, cabe seguir desenvolvendo a compreensão sobre como nele nos portar. Para que a vida de todos os dias ganhe o relevo em que acredito – em forma de conforto e não de conformismo-, Esquirol (2006) propõe aflorar nossa sensibilidade pelo que chama de *acercamiento*. Em consonância com a ideia de vulnerabilidade de que trata a ternura, e com a afetação de um signo da relação, o filósofo inscreve como episteme a nortear nosso contato com o que está à volta um *encontrar-se implicado*. Estar em área de influência ou de irradiação, digamos assim, o que nos imbrica com uma perda de controle, aludindo à Lévinas (1993,

p. 142, tradução nossa): “a proximidade não é um estado, um repouso, mas é precisamente inquietude, não-lugar, fora do lugar de repouso”.

El acercarse a algo es condición para poderlo apreciar, pues si la distancia es mucha y no se puede ni percibirlo, se lo desconoce del todo. Me doy cuenta de las personas, de las situaciones y de las cosas acercándome primero a ellas: sólo con la aproximación percibo su singularidad; sólo con el acercamiento percibo su valor: al acercarme, todo crece, y no sólo de tamaño, pues la «grandeza» que puedo llegar a percibir en alguien nada tiene que ver con su altura ni con su volumen (ESQUIROL, 2015, p. 58).

Há um aspecto cognitivo muito claro, para o autor, a configurar a noção de proximidade como uma espécie de estado de conhecimento, isto é, contatar e explorar a cartografia empírica a partir da conjugação de um ser que se vincula. Mas, para além de uma aceção de desvelar, o que gostaria de desde agora destacar é o valor ético que carrega uma tal visada filosófica. Acercar-se, em uma camada mais profunda, é disposição oposta à indiferença ou ao permanecer ignorante: consiste em reconhecer, considerar, *prestar atenção*. Como um despertar, a atenção é tomada, então, enquanto um esforço de saída do fluxo, de uma impessoalidade, para deter-se. E que só se pode viabilizar em potência com a mobilização de nossos sentidos.

A começar pela mirada, que na obra de Esquirol é o cerne mesmo do movimento de *acercamiento*. Mirar bem equivale, fundamentalmente, neste plano, a dedicar atenção a algo ou a alguém. Frente a uma mesma situação, as percepções podem variar de frias a superficiais, de reducionistas a calculistas, e um tal contato com o concreto não se mostra à altura da vitalidade que perfaz o real. Antes, é a mirada atenta que nos pode levar a uma leitura mais complexa do que se nos revela, e que nos pode colocar em ordem de apreciar o mundo como um *continuum* sempre novo – as criações do humano ser que nunca cessam. Se a corporalidade da proximidade é mais uma descentração de si, então não é mais a minha posição que interessa, e sim aquilo que tenho diante de mim – a beleza do mundo, “tão grande e tão infinito...o mundo... e são tão misteriosas e profundas as pessoas que me rodeiam...”, escreve Esquirol (2006, p. 108, tradução nossa). O cerne consiste justamente no necessário paradoxo de um eu que se distancia de si mesmo para poder se estreitar ao que lhe rodeia.

E há uma contradição a mais: a facilidade de olhar talvez nos coloque em inércia com a vida que (des)acontece. Basta abrir os olhos para nos darmos conta do que temos conosco. A mera percepção do visual, de fato, não nos custa muito. No entanto, o dedicar

atenção, sob a associação mirada e *acercamiento*, que busco estabelecer como dispositivo de apuração, exige-nos a tomada de atitude de orientarmos, com cuidado e sem pressa, o olhar à nossa circularidade empírica:

Es un «mirar en derredor y hacia atrás» en el sentido de mirar dos o más veces, de repetir la mirada, de mirar con celo y con especial atención. Lo implícito, lo que ya se insinúa, es que esa repetición vale la pena; que vale la pena mirar así. Vale la pena porque se tiene la sospecha de que, si bien se mira, se descubrirá lo digno de ser tenido en consideración (ESQUIROL, 2006, p. 67).

Uma tal postura nos é rara: bem sabemos como desenrolamos nossas atividades diárias em compasso quase-automático, face a um equilíbrio entre demandas e expectativas difícil de alcançar – e esse, em âmbito de produção jornalística, permeia-se por engrenagens ainda mais sofisticadas de desarticular. Mas como a filosofia, para o autor catalão, não pode se reduzir à mera abstração teórica, ou se dedicar aos ‘parênteses extraordinários’ da vida das pessoas, tendo seu lugar na cotidianidade mesmo de cada um, três vias são delineadas em seu ensaio para orientar o processo: admirar, interrogar e dialogar. E as inscrevo enquanto vias porque a atenção não é escopo fechado, mas percurso prático.

Um exercício que toma forma, de princípio, com a capacidade de espantar-se – no sentido de reconhecer o valor que reside até no que nos é comum. Temos a sensação de nos impactar por essa surpresa quando em contato com lugares exótico, ou com culturas distintas, e nem sempre nos damos conta de que essa provocação que nos chega pode ser nada além de uma percepção filtrada pelas nossas fantasias. Um olhar de turista, que espera um real que lhe corresponda às suas vontades – e também preconceitos. “Quem não seja capaz de descobrir o surpreendente e o belo em seus entornos habituais, tampouco será capaz de vislumbrá-lo em terras distantes”, adverte Esquirol (2006, p. 75, tradução nossa), como que a indicar que uma clarividência só se realiza por uma abertura à vida como ela é. Um olhar de estrangeiro, que se deixa tomar pelo assombro sutil de camadas que em seu próprio ritmo se desvelam. E que também é capaz de compreender que, sob o signo da relação, um controle cognitivo total não é possível, e nem desejável: algo sempre nos escapa – faz parte de seu inescrutável mistério.

Como em uma espiral, a admiração se vincula ao movimento indagativo, que é também um modo de examinar o que nos está diante à mirada. E a pergunta cumpre um papel importante na disposição da atenção, porque promove uma sorte de transformação no olhar do sujeito que interroga: “a coisa mesma se mostra de outra maneira, como se

afetada por uma ruptura, como se ela mesma se mostrasse a nu, descoberta por sua questionabilidade” (ESQUIROL, 2006, p. 91, tradução nossa). A indagação, desde aí, é assumida como possibilidade de abertura, tanto do elemento perguntado, que se põe à mostra de especulação, quanto do indivíduo, que ao lhe orientar o pensar, coloca-se ele mesmo em xeque por reflexão. Mais que um espelho, diz-nos Georges Perec (1986, p.15, tradução), cuja trajetória tem muito a nos ensinar sobre esse exercício, “uma interrogante funciona como prisma, como provocação: a possibilidade de um jogo inventivo. Pode ser clara e sincera, e sua resposta também, sem que a integralidade da discussão seja alcançada”.

As obras do ensaísta e romancista francês são ilustrativas das dinâmicas que estamos demarcando aqui: desautomatizar o tempo para observar o que nos rodeia, admirar-se mesmo, e sobretudo, com o ordinário, perceber com maior profundidade as relações que se tecem entre material e simbólico, e aprender a ler o real interrogando-o, no mais simples.

Muito poderíamos encontrar se nos dignássemos prestar atenção: fatos triviais, observados em silêncio, esquecidos, dados como certos: eles, entretanto, nos descrevem, embora pensemos que possamos prescindir de tal descrição; remetem, com muito mais acuidade e presença do que a maioria das instituições e ideologias que os sociólogos tendem a abastecer (PEREC, 1986, p.80, tradução nossa).

Para celebrar o individual e o particular, de fato, em um presente que se mostra massificado e homogêneo, por uma Modernidade que nada mais fez que explorar o espetacular até o seu esgotamento, Perec propõe, no artigo *Approches de quoi*, publicado em 1973 na revista *Cause commune*, a noção de ‘infraordinário’, ou ‘infra-cotidiano’, que bem se articula às minhas incursões teóricas. Antes disso, em 1965, quando o seu primeiro livro *Les choses: une histoire des années soixante* foi lançado, já era possível entrever a fascinação que os detalhes exercem sobre ele. Pares de meias, cabides disponíveis no guarda-roupa, cortinas na janela, espaguete em um fogareiro: nada escapa à *mirada atenta* e desapressada do autor francês. Em uma espécie de inventário, sua escritura registra quês, por quês e para quês dos despercebidos que nos rodeiam.

Seu método chama a atenção para uma descrição meticulosa, que captura as características de cada espaço e as formas de utilizá-lo, sem se esquecer da interação criadora entre sujeitos e entornos nas delimitações da vida diária: “observar a rua [...] talvez com um esmero um pouco sistemático. Aplicar-se. Anotar o que se vê. Aquilo que é importante. Sabemos ver o que é importante?”, Perec questiona (2001, p. 84, tradução

nossa). Ao que lanço a provocação, em diretriz específica aos profissionais da comunicação: o que nos desperta a atenção? No mencionado artigo, publicado em português em 2010, identifico aproximações entre as noções de infraordinário e desacontecimento jornalístico:

O que nos fala, ao que me parece, é sempre o acontecimento, o insólito, o extraordinário: cinco colunas na primeira página, largas manchetes. Os trens só começam a existir quando descarrilam, e quanto maior é o número de viajantes mortos, mais eles existem; os aviões só ganham existência quando se perdem; os carros têm por único destino chocar-se contra os plátanos: cinquenta e dois finais de semana por ano, cinquenta e duas estatísticas: muitos mortos, e tanto melhor para a informação se os números não param de crescer! (PEREC, 2010, p.178).

Será que a vida, ele acrescenta, só se manifesta através do eloquente e do anormal? Onde fica o lugar do corriqueiro? Sim, porque é nesse espaço que nos encontramos, que nos relacionamos, que vivenciamos. Se o que se passa todos os dias é visto como banal, e se o cotidiano é tido como evidente e comum, então o que é que os jornais nos acrescentam? Em nada nos dizem respeito, em nada nos questionam e tampouco respondem às perguntas que fazemos ou gostaríamos de fazer, rebate Perek (2010, p. 178), mostrando-nos quais perspectivas o desacontecimento deve mirar. “O que acontece realmente, o que vivemos, o resto, todo o resto, onde ele está? ” (p.179).

Falta-nos, assim, o exercício do estranhamento, capaz de nos colocar em posição de abertura e espanto ao habitual que nos cerca. “Dormimos nossa vida em um sono sem sonhos”, o poeta alerta: estamos anestesiados pelos grandes projetos, pelos grandes momentos, pelos grandes personagens que, na verdade, estão nos diminutos de nossas vidas, de nossos arredores, de nossos corpos. É tempo de enfatizar não mais o exótico, mas o endótico. Cercar as coisas comuns e “trazê-las para fora, arrancá-las da casca onde estão presas, dar-lhes um sentido, uma língua: que elas falem enfim do que é, do que somos” (PEREC, 2010, p. 179).

A camada do infra-cotidiano em que Perek nos sugere situar dialoga, em última instância, com a própria dimensão antropológica da narrativa: pode nos levar a nós mesmos, ajudando-nos a compreender a humanidade que, de fato, nos constitui. Pela rota da cotidianidade, o autor nos ensina, é que precisamente podemos alcançar o que nos é essencial, em consonância com a resistência ontológica de que fala Esquirol (2015). O caminho, no entanto, não tem a facilidade do óbvio: demanda-nos ver com mais sensibilidade, a descobrir um ritmo, a anotar uma ausência, a ler o que está escrito na rua,

a decifrar um pedaço da cidade. Em tom de advertência, Perek (2001, p.85, tradução nossa) nos diz: “Obriga-te a escrever sobre o que não tem interesse, o que é mais evidente, o mais comum, o mais apagado” – uma empreitada que ele mesmo levava a cabo em práticas sociológicas, biográficas, lúdicas e ficcionais – e sempre pela via interrogativa.

A rua, de que é feita, para que serve? As pessoas que nela circulam, como se movimentam, por que o fazem? O ônibus e o metrô, os carros e as bicicletas, o que transportam, para onde levam? As lojas, o que vendem, como as frequentam os moradores do bairro? As padarias, os quiosques, o que oferecem seus anúncios, o que revelam os grafites em seus muros? O tecido social é emaranhado denso de sentidos a ser descoberto, mas “registramos apenas o insólito, o particular, o miseravelmente excepcional: haveria que ser o contrário” (PEREC, 2001, p. 88, tradução nossa). Vê-se como o espanto questionador é também exercício imaginativo, que quer extrair do aparente bases de significação para a existência do sujeito em sua individualidade que se expõe ao mundo. Os espaços são lugares de uma materialidade efêmera, porém carregam marcas de uso e de desejos, de sonhos e de recordações – das múltiplas afetações que com eles se estabelece.

Nessa mesma toada, Michel de Certeau (1996) desenvolve o que aqui me parece uma descritiva substancial para a dinâmica de captação jornalística:

Um mínimo apartamento ou moradia revela a personalidade de seu ocupante. Mesmo um quarto de hotel, anônimo, diz muito sobre seu hóspede de passagem no fim de algumas horas. Um lugar habitado pela mesma pessoa durante um certo tempo esboça um retrato semelhante, a partir dos objetos (presentes ou ausentes) e dos costumes que supõem. O jogo das exclusões e das preferências, a disposição do mobiliário, a escolha dos materiais, a gama de formas e de cores, as fontes de luz, o reflexo de um espelho, um livro aberto, um jornal pelo chão, uma raquete, cinzeiros, a ordem e a desordem, o visível e o invisível, a harmonia e as discordâncias, a austeridade ou a elegância, o cuidado ou a negligência, o reino da convenção, a maneira de organizar o espaço disponível, por exíguo que seja, e de distribuir nele as diferentes funções diárias, tudo já compõe um ‘relato de vida’, *mesmo antes que o dono da casa pronuncie a mínima palavra*. O olhar atento reconhece imediatamente a confusão dos fragmentos do ‘romance familiar’ (CERTEAU, 1996, p. 204, grifo nosso).

É possível, neste sentido, promover uma conciliação entre as invenções da cotidianidade de Certeau e uma apuração pelo infraordinário de Perek, no compasso da Filosofia da Proximidade delineada por Esquirol. Nessa dialogia destaco como cada componente do real é qualitativo, uma espécie de estrutura que manifesta, em nível

simbólico, a maneira de ser-estar fundamental do sujeito em sua *bios*. Se as apropriações do mundo cotidiano nos dizem das mil maneiras de fazer do homem-ordinário, conforme nos ensina Certeau (1994, 1996), o *acercamento* pela mirada atenta e interrogante pode nos fazer chegar à singularidade conotada pelos significados em jogo. O caminho elegido por um transeunte para chegar ao trabalho, por exemplo, para além do dado objetivo de um indivíduo que precisa se deslocar todos os dias para cumprir com suas responsabilidades profissionais, pode nos contar ainda, se nos aproximarmos dos detalhes de seu percurso, das subjetividades que se mobilizam com ele: o pão de queijo que pega, na padaria da rua de baixo, para ir comendo e não perder tempo preparando o café em casa; a atendente que já se acostumou com essa rotina e deixa o pedido pronto para a retirada, para não atrasá-lo mais; o amigo do escritório que encontra no ponto de ônibus, junto com a jovem que gostaria de ter coragem para convidar para jantar; o motorista que tenta incentivá-lo nessa... Visível e invisível que se imbricam na trama do que somos, e que só se deixam perceber em registros sensíveis, *fraturados* pelo nosso *mise en scène* diário.

Por isso a linguagem descritiva nos é importante. Não estou falando aqui de ficcionalizar o jornalismo, ou de romantizar os enfrentamentos cotidianos que nos assolam e que, muitas vezes, só a um custo pessoal altíssimo conseguimos manejar. Mas é a tessitura dos detalhes, também duros, que nos abre vias para sondar os mistérios do que nos assombra. É essa a forma expressiva mais convergente à mirada atenta, segundo Esquirol (2006), porque é a que “más se aleja de la aridez de los discursos especializados”. Também Perec se valia de um tal recurso para dar forma aos seus ensaios dos anos 1960 e 1970. Em *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*, por exemplo, o autor selecionou 12 lugares de Paris, entre praças, esquinas, paisagens que lhe traziam lembranças particulares, e, sentado em um café, ou andando pela rua, com um caderno e um lápis na mão, tratava “de descrever as casas, os comércios, a gente com a que me encontro, os cartazes e, de um modo geral, todos os detalhes que atraem meu olhar” (2001, p. 91, tradução nossa).

Pode parecer uma imagem cenográfica, ou um ideal que já não tem como se encaixar frente às complexidades do atual fluxo sociotécnico, mas vale evidenciar que o ato da descrição, por uma corporalidade que se coloca em campo, nos ajuda a alcançar também o entrelaçamento de afetos conjugados no eu-que-experencia. Quais memórias os lugares me evocam, quais sensações seu barulho e seu cheiro me provocam, quais as texturas que sinto ao me sentar em seus bancos ou cumprimentar algum pedestre que por

ali está passando? Faz parte de um movimento de resistência às nossas ideias preconcebidas pensar nesses termos que nos parecem mais originários, que nos pedem cuidado à tentativa de desvendar nossas próprias percepções; uma descrição que não precisa ser rebuscada, mas tampouco pode ser mecânica: dá-se na medida da autoria de nossa sensibilidade, em suas operações de conectar rostos e ambientes a sentidos, símbolos e afetos.

As relações que tecemos com o que nos circunda, deste modo, não nos são simplesmente dadas, mas são processos de conquista, tomam a configuração não-previsível que desponta por nossos poros quando bem apurados. É importante frisar, então, que a atenção de que trata Esquirol, enquanto esforço de saída de si para uma ternura com o mundo, desborda a captura da mirada. Logicamente é o olhar que, na maioria das vezes, e de forma mais imediata, nos conecta com o entorno – e por isso, também, a necessidade de ponderar sobre como o estamos orientando –, mas a vitalidade social não se esgota, ainda bem, por nossas apreensões visuais. A cercania efetiva, a descrição complexa, o infra-ordinário que atende ao singular só assim se constituem se intensificarmos nossa percepção para além de uma focalização ótica. O filósofo catalão reconhece que, em geral, conferimos peso e protagonismo demasiado à vista, e que o mais coerente é interpretar à noção de proximidade em termos de tato: “se vê e se ouve como se toca. Aquilo que, em outra parte, chamei ‘mirada atenta’ trata de entender a mirada como aproximação com tato” (ESQUIROL, 2006, p.155, tradução nossa).

A recepção pelos outros sentidos, no entanto, à sociedade ocidental, herdeira de uma ideologia conquistadora, conforme Restrepo (1998, p.32), pode soar como ameaçadora, já que não permite a cognição mantendo uma distância física. “Nossa cultura é uma cultura audiovisual. [...] ‘Olhar e não tocar chama-se respeitar’ é uma expressão que exemplifica o desejo de excluir qualquer experiência que possa comprometer o indivíduo na proximidade e intimidade”. Mas se estou a me dedicar à uma teórica da processualidade jornalística em contornos comunicacionais, a geografia do corpo precisa figurar como nossa zona de mediação por excelência, em toda sua extensão e vulnerabilidade. Na evocação dos aromas, nos contrastes do paladar, nas carícias dos toques, apreendemos da singularidade das vivências de um ser que só o é em partilha com o mundo.

Aos dados opacos que extraímos de uma captação satisfeita em significar o real por levantamentos estatísticos e cruzamentos de aspas, a apuração conduzida pelos cinco sentidos, acionada em metáfora de *espelho cindido*, oferece tessituras que se desbordam

do falatório informativo, no fundamento da experiência-vivência de um jornalista em imersão com a realidade reportada, tal qual referenciado nos estudos de Raúl Osório Vargas (2017). ‘Ir à rua’, ‘sujar os sapatos’, “enfiar os pés na lama torcendo para atolar” (BRUM, 2017, p.54) são expressões que costumam aparecer no *how to do* noticioso de repórteres que se consagraram por um trabalho de campo que bem lembra o exercício etnográfico, de que fala Clifford Geertz (2008, p.15), não interessado em apenas pensar “realista e concretamente sobre os outros e sua realidade”, mas, principalmente, “criativa e imaginativamente com eles”.

O antropólogo vive experiências-próximas com seus informantes, participa de suas realidades e tenta perceber o “‘com o que’, ou ‘por meios de que’, ou ‘através de que’ os outros percebem os seus entornos” (GEERTZ, 1997, p. 106). Para além da rotina de coletar dados, estabelecer relações, mapear campos, levantar genealogias e manter um diário, um etnógrafo procura os elementos de fundo, a exemplo de um crítico literário, interessando-se pela multiplicidade de camadas que se sobrepõem, ou amarram-se, umas às outras e pelo que elas podem revelar de sua base social. Fazer etnografia, nas palavras de Clifford Geertz (2008, p. 21), é “olhar as dimensões simbólicas da ação social [...] e mergulhar no meio delas”.

A capacidade criativa e imaginativa de que diz Geertz, em grande medida, atrela-se à força dos sentidos humanos que só se mobilizam no plano da interpessoalidade. O tato é nosso autêntico ponto de encontro com o Outro, o paladar nos imprime memórias, e o olfato nos permite revestir com mais nuances as cenas que vivemos – integrados, todos esses recursos nos levam a experiências mais ricas em sutilezas e detalhes. Uma prática jornalística que se pretenda intersubjetiva, então, necessita deixar de ordenar a realidade em função apenas do que se ouve e do que se vê, e implicar-se nos cenários para dar conta de sua complexidade. O ofício da etnografia, neste sentido, circunda em torno de duas perguntas principais, que Geertz (1997, p. 106) sugere lançar no contato com grupos nativos: “Como é sua maneira de viver, de um modo geral?, e Quais são precisamente os veículos através dos quais essa maneira de viver se manifesta?”.

Na trilha dos significados e símbolos que as pessoas mobilizam para compor sua própria identidade, assim, encontramos as pistas para compreender as realidades que por vezes se colocam tão estranhas às nossas. Em vez de tentar encaixar a experiência de outros na moldura de nossas próprias concepções, aconselha Geertz (1997, p. 91), mais vale deixar de lado nossas posições e buscar ver essas experiências em relação às próprias concepções desse ‘Outro’. A observação-participante, neste sentido, só é possível na

medida em que me desprendo de minhas noções fechadas e arrisco-me a assumir o ponto de partida do Outro. Vê-se como, aqui também, o ensejo de proximidade é noção-chave para uma leitura do real em configuração de descrição *densa*, isto é, como a tessitura etnográfica alinha o aparentemente banal de nossas práticas cotidianas a interpretações culturais que balizam nossa compreensão sobre o espaço-tempo que vivemos.

A apuração que, pelo *acercamento* terno às minúcias, pode nos contar da singularidade de nosso ser-estar em sociedade, é via favorável para alcançar, ainda, o conhecimento multidimensional que caracteriza o *complexere*, conforme Edgar Morin (2007, p.13), o pensamento que abraça – resistente à visão mutiladora que, quanto aos fenômenos humanos, traduz-se na “incapacidade de conceber a complexidade da realidade antropossocial, em sua microdimensão (o ser individual) e em sua macrodimensão (o conjunto da humanidade planetária)”. O paradigma da simplificação que orienta o Ocidente pelos princípios de redução e abstração, segundo o autor francês, conduz à uma espécie de inteligência cega, também perigosa ao jornalismo, pela fragmentação no trato com o empírico: anula a diversidade, ou, ao contrário, justapõe a diversidade sem conceber a unidade, “destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente [...] não concebe o elo inseparável entre observador e coisa observada”, para citar algumas de suas linhas de ação em eixo de correspondência com a processualidade informativa (MORIN, 2007, p. 12).

Não poderíamos deixar de aludir, por isso, em nossa incursão sobre uma revitalização dos movimentos de captação jornalística, ao valor de uma episteme complexa a balizar as buscas de uma mediação mais profícua na coleta do vivo e do vivido, no enlace da cotidianidade com um caminhar pela historicidade. As veredas da contextualização, afinal, tal qual ensina Dimas Künsch (2010, p. 204), leva-nos a perceber a realidade com suas diversas formas e sentidos, nos rastros das conexões que nos “ajudam a construir uma narrativa que realmente dê conta das demandas da sociedade contemporânea”. Desde aí, evidencio a conjugação entre técnica complexa e estética criativa, no compasso mesmo de um jornalismo que ensaia apreender as marcas da individualidade no plano de um comum-coletivo.

Cabe-me retomar, por fim, a ideia de valor ético sobre a qual já havia sinalizado em princípio, quando abordava a Filosofia da Proximidade de Esquirol (2006) como um encontrar-se implicado que carrega a posição da não-indiferença. Na reflexão do autor catalão, a atenção deve ser elemento fundante de nossas relações com o entorno não apenas porque supõe uma sorte de ampliação em nossa lente de contato com o mundo,

mas sobretudo porque é dotada de uma significação moral que nos convoca em responsabilidade. É, em si mesma, a decisão de um sujeito que se confirma em posição de respeito para com o que lhe envolve. Não à toa, Esquirol (2006, p. 13, tradução nossa) nos diz que a palavra castellana *miramiento* “pode funcionar perfeitamente como sinônimo de respeito: tratar alguém com ‘miramento’ é dispor a ele atenção, respeito”.

A palavra atenção tem, neste sentido, a virtude de não dissociar dimensões da ordem do concreto e do afetivo-moral, correspondendo, a uma só vez, a um ver bem e um tratar bem. A prática de apuração que estou alinhavando aqui reconhece, portanto, a importância da discrição, ou de uma aproximação que sabe guardar a devida distância, e que tem flexibilidade suficiente para manter-se de acordo com o que lhe exigem as situações.

El acercamiento del respeto no tiene un sentido utilitarista ni funcional. No me acerco para descubrir una utilidad ni un beneficio; hasta pueden darse circunstancias «contrarias» a la utilidad, como, por ejemplo, cuando al aproximarse a una determinada situación humana se siente uno obligado por un deber moral o se le despierta el sentido de la responsabilidad. En cualquier caso, lo respetado, precisamente porque es respetado, no está disponible ni es susceptible de ser utilizado (ESQUIROL, 2009, p.59).

O respeito que nos deve acompanhar, assim, inscreve-se em margem oposta à das noções de solipsismo e totalidade, precisamente porque não opera em chave de apropriação/fagocitose ou de diluição de nós mesmos no ambiente que nos cobre, mas sim nas delimitações da alteridade que, embora queira o encontro mais profundo com o Outro e suas imediações, bem sabe que pretender esgotá-lo não é possível, nem tampouco desejável. Uma tal moderação do sensível quem nos ensina é o movimento da dialogia, que em autores como Martin Buber e Hans-Georg Gadamer, como veremos adiante, toma a forma de um liberar-se de sua própria indiferença e voltar-se para o Outro. É a escuta no domínio de uma conversação autêntica que também nos guia em possibilidades de apreensão, e que nos modula nessa tentativa de lidar com o caos da existência.

Daí que o diálogo desponte igualmente na obra de Esquirol (2006) como via para se efetivar a atenção na cercania, ademais da admiração e da interrogante. Como parte dessa espiral que estou a configurar aqui, articula-se à observação terna e complexa, em método de infra-ordinário, para dar novas nuances à captura noticiosa, na medida em que enriquece e favorece nossa própria atenção sobre as coisas, ao nos projetar outros modos de acessá-las. As páginas que seguem, então, ainda circunscritas a um saber de procedimento que, em código de produção às avessas, joga com o intersubjetivo no

contato com o real, passa a se concentrar, especificamente, no terreno da entrevista jornalística.

1.2.4 Com a Dialogia: para entrevistar

Interessa-me, agora, pensar no efetivo momento da interação social, quando o procedimento da entrevista coloca jornalista e fonte em relação. Enquanto saber especializado, a entrevista difundiu-se entre a comunidade como estratégia clássica de se obter informações para a composição noticiosa. Executada como uma espécie de técnica, por meio dela o profissional empreende sua consulta às figuras elegidas como personagens da matéria, quer seja para coletar dados, contrastar versões, checar explicações, e, assim, na esteira da gramática positivista, aparentar uma reconstituição dos fatos reportados – como se lhe fosse possível afirmar-se em posição de testemunha ocular dos eventos, cujo fluxo, já aponte, é de difícil controle, mas se acomoda a sistemáticas bem convencionalizadas para assegurar um contrato social de credibilidade.

A entrevista integra, neste sentido, as engrenagens da maquinaria informativa a nível de rotina e de seletividade extra-midiática, e opera, conforme a cartilha dos manuais de redação referenciada por Lage (2005, p. 32), de acordo com as intenções e objetivos que a partir dela se espera alcançar. Em tipificação que evidencia o caráter estanque a, tradicionalmente, revestir o procedimento, o autor brasileiro elenca logísticas rituais, temáticas e testemunhais a conduzir as entrevistas jornalísticas. No domínio da primeira, o contato entre repórter e fonte decorre em espectro breve, limitado, já que visa salientar uma exposição da figura do entrevistado, e não do que ele tem a dizer. Resulta, comumente, em “declarações esperadas, ou irrelevantes, ou ainda mera formalidade a que, por algum motivo, se atribui dimensão simbólica”, e tem, no mundo oficial, esse das fontes de poder de que falei anteriormente, o seu maior expoente. Não é raro, no entanto, ver o homem-ordinário inscrito em uma tal posição: a de fornecer aspas pontualmente coletadas em função de roteiros pré-montados, na pretensa ilusão noticiosa de dar ares humanizados a relatos que, em verdade, só se empobrecem com um tal apego utilitário.

Pela modelagem temática, um certo avanço até se insinua realizar, pelo destaque conferido a exposições de versões e argumentos que se implicam aos assuntos cobertos, mas em jogo o peso maior está no próprio atributo de autoridade da fonte, cuja visibilidade se acentua conforme seu capital simbólico, econômico, científico e cultural.

Aqui temos o lugar privilegiado dos especialistas que, se por um lado poderiam contribuir para uma complexificação das narrativas, no arremate de nexos sócio-históricos ao conteúdo apurado, por outro, mais vê seu potencial minguar em face de mediações que divulgam a ciência em conhecimento cifrado, quando deveriam promover a transferência ciência-sociedade, sociedade-ciência, em mão dupla, “de um artesão criativo da relação transformadora da ciência e do saber cotidiano (MEDINA, 2006, p. 15).

Também nesse território os reflexos do paradigma de hipersimplificação, ponderados por Morin (2002), se fazem sentir. Talvez o jornalismo não consiga fomentar uma linguagem mais inovadora no contato entre esses universos porque falha em reconhecer a incompletude dos saberes especializados, bem como sua própria responsabilidade em resistir a uma tal fragmentação atuando para uma interlocução que também colhe das demandas coletivas as expressões da ciência. Afinal, enquanto leitor e produtor cultural que lida com a tessitura do presente, cabe ao jornalista valer-se de um aparato de investigação que se ensaia nas várias redes de significados de um laboratório o qual, aspirando à uma ação comunicativa, não se pode ensimesmar em uma razão reducionista.

Na entrevista de tipo testemunhal, essa perspectiva funcionalista também se revela de modo evidente. Aí, nos rastros do legado de Augusto Comte aos jornais, a metodologia da objetividade pode conduzir à uma estratificação do real em cenas e vozes tomadas como enrijecidas, pela pretensa ilusão de correspondência exata entre o mundo que vibra e o verbal que limita. Na marcação da pauta que se atravessa pelo insólito, o registro dos testemunhos parece daqueles contornos de reconstrução subjetiva que, pelo protagonismo vívido dos atores afetados, nos aproxima do pulsar humano e do dialógico de um eu que se narra para também continuar a existir. No anseio verborrágico de dar tónus às quebras sociais, pouco sabemos como manejar o grau de indizível que permeia esses relatos. Nossos dispositivos, estão, assim, mais alinhados a um “culto da novidade e da exploração do choque em doses cada vez maiores, com imagens atiradas contra um espectador cada vez menos sensível”, conforme aponta Seligmann-Silva (2005, p. 64), e isso porque também nos estabelecemos em eixo de apropriação sujeito-objeto com o que está à nossa volta, mesmo quando essa outra extremidade da relação é um novo sujeito.

Se continuarmos abordando a entrevista sob esse viés instrumental, veremos, ainda, que um conjunto de estratégias é recomendado ao profissional com vistas a mantê-lo no comando do contato, com o controle sobre os rumos da conversa. Ainda em Lage (2005, p. 35), encontramos algumas pistas sobre os comportamentos indicados: não

questionar mais do que o necessário, não insistir em linhas interrogativas que se constatem improdutivas, evitar digressões do entrevistado, impedir que ele desvie o foco do roteiro estabelecido. Enquanto tomada como uma simples tarefa, afinal, é lógico pensar que há um ritmo correto que lhe deva ser imposto: pré-pautar perguntas por um questionário, prever as respostas desejadas, muitas vezes já bem delimitadas em um boneco, cadenciá-las com o enquadramento que se espera, e, assim, conduzir o interlocutor em suas falas e exposições. Não à toa, para a socióloga norte-americana Gaye Tuchman (1999, p. 75), o uso das aspas pelos profissionais, sobretudo em contextos protagonizados por figuras oficiais, inscreve-se como procedimento tático dentro do que ela denomina de “ritual da objetividade”, como já tive a oportunidade de frisar.

Não é por essa via interpretativa, no entanto, que quero avançar. Espero discutir, isso sim, e longe de qualquer ênfase de aplicação técnica, as potências dialógicas da entrevista que, em associação às proposições práticas lançadas nos tópicos anteriores, pode situar o jornalismo em um plano intersubjetivo e de uma mediação efetivamente plural. Defendo, neste sentido, a adoção de entrevistas abertas, como Medina (2008, p. 11) nos diz, “sem a camisa-de-força do questionário fechado”, ou, nas palavras de Morin (1996), entrevistas não-diretivas, que conferem a centralidade da palavra ao homem interrogado e, assim, contribuem para momentos de autoelucidação.

Esse estágio de uma interação humana que se mostra criadora, e que revela conhecimentos novos aos sujeitos partícipes do diálogo, não é imagem de um vislumbre ideal, na visão da autora brasileira, mas realizável em uma entrevista jornalística levada às últimas consequências. Em outras palavras, uma ruptura com as rotinas empobrecedoras das corporações jornalísticas permite que os limites da técnica imediatista sejam ultrapassados – e isso para cada uma das esferas do processo, como tenho aqui considerado.

A adoção de uma tal postura tem, no entanto, a forma de um desafio, ou de uma empreitada de resistência. Transpor esse limite, como bem pontua Eclea Bosi (2004, p. 61), exige-nos uma certa “maturidade afetiva”, uma sensibilidade para reconhecer que a convivência é uma aventura comum que pode, sim, transformar, mas que antes precisa lidar com as limitações de nossas capacidades compreensivas. Isso porque, tal qual nos esclarece a psicóloga brasileira, “somos, em geral, prisioneiros de nossas representações”. Esse Outro, afinal de contas, apesar de ocupar o mesmo espaço e a mesma paisagem social que eu, não está sob meu controle, é distinto, é estranho, parece estar além do alcance.

Roger Silverstone (2005, p. 249) nos coloca o Outro como essa grande questão, inclusive para o campo jornalístico, justamente porque “tudo o que fazemos, tudo o que somos, como sujeitos e atores no mundo social, dependem de nossa relação com os outros, de como os vemos e de como os conhecemos”. O Outro me leva a ponderar que não estou sozinho, e é a partir de sua presença que a minha identidade se constitui. Michel Maffesoli (2007, p. 133, grifo do autor) indica que a nossa subjetividade mesmo só se objetiva na relação com o que está em face: “só somos alguém ou alguma coisa porque o outro nos reconhece como *tal*”.

Mas esse Outro, na verdade, não me é completamente exterior, conforme o pensamento de Jean-Yves Jolif (1970), também tradutor da obra *Ética a Nicômano*, de Aristóteles. A alteridade, nos diz ele, é como uma sombra: perpetuamente nos acompanha, mas, por maiores que sejam os esforços empregados, não há como ultrapassá-la. Tem, por isso, um domínio irredutível, um caráter que não podemos destruir: é aquilo que nos define, que reside em nosso interior, e nós nos interpenetramos.

O Outro não é, neste sentido, um segundo momento, ou melhor dizendo, o ser humano não existe independentemente da alteridade; antes, essa nos é uma espécie de força sempre viva, é um “êxtase” que nos leva em direção a uma região estranha:

Impossível, pois, dizer simplesmente que o homem é *eu* ou que é *outro*. Cada afirmativa é em si mesma insuficiente. É preciso enuncia-las simultaneamente: o homem é ao mesmo tempo e inteiramente *eu* e *outro*. *Inteiramente*: cada um dos pontos de vista não conduz a uma parte do ser humano, mas engloba sua totalidade, permitindo uma descrição da qual nenhuma região essencial fica ausente. [...] *Ao mesmo tempo* o homem é *eu* e *outro* (JOLIF, 1970, p. 168, grifos do autor).

Por isso não podemos dizer que a Alteridade é uma *completa* estranheza, um dado opaco. “Não é o *Outro* absolutamente outro” (p. 170), na medida em que eu mesmo só me situo quando o retomo, quando difundo-me nele, sem, contudo – e é preciso enfatizar esse aspecto – negar ou suprimir sua especificidade de *alter*. Nossa existência, neste sentido, a partir dos escritos de Jolif, é, na verdade, um intermédio: só saio do nível da abstração quando reconheço e assumo, dentro de mim mesmo, a diferença. Uma tal ponderação nos é relevante para configurar a alteridade também desde uma perspectiva íntima, isto é, enquanto espécie de fissura no interior do sujeito, que o pode projetar a modos mais empáticos de relação social. É essa mesmo a proposta de Josep Maria Esquirol em sua obra *Uno mismo y los otros* (2005), que conjuga, por um trânsito das

experiências existenciais à interculturalidade, a defesa de que o autoexame nos leva a estabelecer pontes entre o próprio e o alheio.

Ainda que a discussão sobre uma ética intercultural não esteja no escopo das presentes páginas, considero que a travessia reflexiva do filósofo catalão bem pode contribuir com nossos ensejos teóricos, sobretudo por sua ênfase à uma noção de estranheza intrasubjetiva. “O homem faz experiência de si mesmo e, no entanto, há algo de si que não alcança dominar”, pontua Esquirol (2005, p. 51, tradução nossa), indicando-nos que o desconhecido reside não apenas no mundo que nos toca habitar, mas inclusive em nós mesmos. Tal assertiva que, na psicanálise, tomou a forma do inconsciente, e mesmo antes, na teologia, de uma sorte de manifestação do infinito na alma do homem, aqui é a expressão de uma alteridade constitutiva e irreduzível de um si mesmo, não como uma negação do que somos, mas, precisamente, como reconhecimento de nossa complexidade. “Ninguém é totalmente transparente para si. Na experiência que faço de mim mesmo, há algo da minha intimidade que não posso compreender. Paradoxalmente, eu não tenho a mim mesmo, e nem a mim mesmo posso entender” (ESQUIROL, 2005, p.51, tradução nossa).

Daí se constitui, para o autor catalão, o fundamento ontológico da diversidade humana. Se somos uma ordem de mistério até para nós mesmos, se nos é impossível nos assumirmos enquanto totalidade decifrável, como conceber o Outro se não dentro de uma igual singularidade, como instância inesgotável que não nos cabe assimilar?

A fenomenologia responsiva de Bernhard Waldenfels (1997, p.21) nos sugere que essa estranheza que começa em nós mesmos é como uma “ausência encarnada” no ser, que o convoca a um movimento de resposta ao Outro. Um apelo que não consiste meramente em falar sobre algo, mas “em se fixar e prestar atenção, e que tem uma forma própria de inevitável” (WALDENFELS, 1997, p.23, tradução nossa). Ao percebê-la, portanto, o sujeito interpelado já não mais pode ser indiferente aos outros, mas deve assumir sua identidade fronteiriça, em trânsito ao Outro. Vê-se que a questão de um *alter* interno e externo, em última instância, conduz-nos à reflexão sobre a relação que se estabelece entre ambas, isto é, o trajeto simbólico demarcado por essas duas extremidades. “Palavras como ‘intersubjetividade’, ‘interculturalidade’ e ‘interação’ seguirão sendo palavras vazias enquanto o “inter”, o “entre”, não seja pensado expressamente, enquanto não se avance a uma esfera média, que é contrária a qualquer centramento”, adverte Waldenfels (1997, p.18, tradução).

E neste território, inevitavelmente, retomo a autoria de Martin Buber, para colher os ensinamentos de sua Filosofia do Diálogo no que toca a esse tráfego dos homens entre si – a noção de “entre”, sobre o qual discorri pontualmente no capítulo um dessa investigação, ao abordar a Comunicação segundo a Nova Teoria de Marcondes Filho.

Durante um curso de verão na Universidade Hebraica de Jerusalém, em 1938, Buber escreveu um livro, publicado apenas onze anos depois, compreendido como um esboço de Antropologia filosófica. Sob o título, na versão espanhola a que tive acesso, *Qué es el hombre?*, a obra toma como objeto, ou melhor dizendo, como sujeito de estudo, o homem, com o interesse único de conhecê-lo. O autor visita o pensamento de diversos intelectuais, de Aristóteles a Immanuel Kant, passando por Hegel e Marx, Ludwig Feuerbach e Nietzsche, finalizando a reflexão na fenomenologia de Husserl e Heidegger, para apresentar-nos o histórico de meditação do homem sobre o próprio homem.

Colocando em questão o primado de um individualismo ou de um coletivismo, o autor judeu estabelece o princípio dialógico como a única possibilidade humana de aproximação ao Ser. Uma concepção que se ocupe exclusivamente da relação da pessoa humana com ela mesma, Buber nos diz, não é capaz de nos levar a um conhecimento sobre a essência do homem. Tampouco o é uma perspectiva que não vê no homem mais do que um componente da sociedade. Ao contrário, há que se entender o homem como o ser que se funda na relação. Quem quiser se conhecer a si mesmo, orienta o pensamento Buberiano (1949, p. 141), que se sobreponha à tensão da solidão e reconheça que o homem só existe com o homem, isto é, que a existência só se dá no nível da relação.

Uma relação que precisa ser de tipo essencial. Não pragmática ou instrumental, mas configurada na contramão das interações que visam usos para um fim determinado. É em uma tal possibilidade de encontro que se projeta a esfera do “entre”, o espaço comum onde *dois-estão-em-recíproca-presença* (BUBER, 1949, p. 150) e vivenciam sentidos que apenas se revelam a um e ao outro. Anos mais tarde, quando o filósofo publica o livro *Eu e Tu*, em 1979, tal reflexão amadurece com a conceituação das palavras-princípios que introduzem o homem à existência. Desenvolvendo uma espécie de ontologia da palavra, Buber (1979) atribui ao par Eu-Tu e ao par Eu-Isso a designação de portadores do ser. Há uma dupla possibilidade de existirmos como homem, o autor nos explica, a depender da palavra-princípio que elegemos proferir. Isso porque essa é, em verdade, uma atitude efetiva, que nos inscreve no mundo com os outros: “aquele que profere uma palavra-princípio penetra nela e aí permanece” (BUBER, 1979, p. 10).

Quando assumo a palavra-princípio Eu-Isso, assim, projeto uma relação em experiência objetivante, de utilização, fazendo do Outro uma espécie de meio para alcançar os meus fins. O meu eu, conseqüentemente, torna-se egótico, isto é, “dobrado-em-si-mesmo” (p. 77). A palavra-princípio Eu-Tu, por outro lado, instaura a alteridade essencial, ou a relação essencial, de que tratou Buber em sua obra anterior, na medida em que reconhece o Outro como parceiro, em uma experiência de confirmação mútua. É somente nela que o homem pode se realizar plenamente porque é somente nela que o princípio dialógico pode se efetivar.

A dialogia, e isso Buber esclarece no seu livro *Do diálogo e do dialógico*, de 1982, é o sentido que se encontra encarnado no jogo entre dois, quando consigo viver um clima de plena reciprocidade ao aceitar o Outro com a totalidade do que sou, e a ser por ele também aceito. Numa situação dialógica, o prefaciador da obra Newton Aquiles von Zuben define, “o homem que está face a mim nunca pode ser meu objeto” – quer dizer, nunca pode ser o meu Isso. Por isso, a dialógica corresponde a um movimento íntimo, em torno do qual se constrói a ação interior de voltar-se-para-o-outro. Só consigo assumir o Outro como Tu reconhecendo sua existência específica, abrindo-me para acolhê-lo, respeitando suas singularidades, empenhando-me, por fim, em uma espécie de “auxílio ao vir a ser do homem enquanto ser-próprio” (BUBER, 1982, p. 152). Para tanto, porém, é preciso que haja o enfrentamento de dois obstáculos: a intervenção perniciosa da aparência e o desejo de imposição ao outro. Aí, então, quando a dialógica (des)acontece, no desdobramento da relação Eu-Tu, emerge, por fim, a tomada de conhecimento íntimo. Parto do meu próprio interior em direção ao interior do Outro, arrisco-me ao nada fácil exercício da compreensão intersubjetiva.

Quanto o jornalismo pode apreender desses apontamentos: a não desviar-se-do-outro, a não dobrar-se-em-si-mesmo, ou dobrar-se no comodismo de suas rotinas, mas a aceitar o desafio da relação dialógica como o cerne mesmo de sua profissão – uma vez que é esse o fundamento mesmo de seu ser. A exercitar, no cotidiano com o homem comum, o movimento básico dialógico de ir-em-direção-ao-Outro, de se colocar em experiência aberta, de escuta, reconhecendo como legítimo o que o Outro pensa e espera, considerando o valor daquilo que o Outro é e vive.

Que erro grotesco, afirma com muita precisão Martin Buber (1982, p. 57), e estendo a assertiva aos profissionais da comunicação e suas corporações, dizer que “o voltar-se-para-o-outro seja impraticável no tumulto desta vida. É apenas a confissão mascarada da fraqueza de sua própria iniciativa diante da situação da época”. Fraqueza

em romper com as gramáticas historicamente consolidadas, em resistir às facilidades dos aparatos tecnológicos e aceitar a vulnerabilidade de seu trabalho que, longe de espelhar o real, é a escolha diária de se aproximar da realidade das pessoas, em tudo o que tem de risco e complexidade. De partilhar e de viver junto a casa comum, em alusão à Hannah Arendt (2008, p. 52), entretecendo nosso próprio fio, aquilo que somos, numa rede de relações. “O que vai sair disso, a gente nunca sabe”.

Mas é isso que significa aventura comum, é isso que significa compreensão. Ela só é possível, nos ensina a filósofa alemã, “quando há confiança nas pessoas. Uma confiança – difícil de formular, mas que é fundamental – no que há de humano em todas as pessoas. De outro modo, não se poderia empreender tal aventura”.

A compreensão é um processo complexo que nunca gera resultados inequívocos. É uma atividade interminável por meio da qual, em constante mudança e variação, chegamos a um acordo e a uma conciliação com a realidade, isto é, tentamos sentir o mundo como nossa casa. [...] Compreender é infindável e, portanto, não pode gerar resultados definitivos. É a maneira especificamente humana de viver, pois todo indivíduo precisa se sentir conciliado com um mundo onde nasceu como estranho e onde sempre permanece como estranho, na medida de sua singularidade única. A compreensão começa com o nascimento e termina com a morte (ARENDT, 2008, p. 330-331).

Em *Fenomenologia e relações sociais* (1979, p. 169, grifos do autor), de Alfred Schutz, encontro um excerto dedicado ao tema da compreensão em vias de intersubjetividade que bem pode se conciliar a essa tessitura. Para o filósofo austríaco, a *compreensão genuína da outra pessoa* toma forma não quando focalizamos as indicações do Outro, isto é, os fatos externos e movimentos do corpo que nos dizem das experiências por ele vivenciadas, mas quando nos atentamos ao que está por trás delas. Não se trata somente do enunciado, e sim dos significados das palavras, “como o *que quem fala quis dizer*”, “como um sinal das experiências subjetivas de quem fala”. Para cada sinalização objetiva, pública, explica Schutz (1979, p.170), há outro significado interior, subjetivo, e é a ele que devemos corresponder nas trilhas de uma experiência compreensiva. Neste sentido, à interrogação que questiona ‘o que esse sujeito está fazendo?’, um movimento de compreensão sugere indagar: “‘o que ele está pensando? O que ele pretende? O que significa isso para ele?’”.

Se aos nos fixarmos somente no que vemos incorremos em juízos monotéticos, mais vale orientarmos nossos esforços aos contextos de significados próprios da outra pessoa, para assim nos aproximarmos de modos mais complexos de tratar suas vivências.

A apreensão, desde aí, é resultado de um tal envolvimento com o Outro que considera “as suas experiências subjetivas como fluindo simultaneamente com as *minhas* experiências subjetivas *de você*” (SCHUTZ, 1979, p. 175). Em um trecho seguinte, o autor reafirma que a compreensão é indissociável da alteridade:

Não posso compreender os atos de outras pessoas sem conhecer os “motivos a fim de” ou os “motivos por que” desses atos. Na verdade, existem diversos graus de compreensão. Não devo (e, mais do que isso, não posso) captar toda a rede de motivos de outras pessoas, com seus horizontes de planos de vida individuais, seu fundo de experiências individuais, suas referências à situação única que a determina. Tal compreensão ideal implicaria a identidade total da minha corrente de pensamento com a do *alter* ego, e isso significaria a identidade dos nossos dois eus (SCHUTZ, 1979, p. 176).

Não nos é possível, assim, e muito menos desejável – como já tive a oportunidade de ponderar em reflexões anteriores –, esgotar o signo da relação com o Outro. No entanto, uma tal constatação não descarta a experiência de um estreitamento intersubjetivo desde a confluência de nossos motivos, já que a disposição mesmo da compreensão, segundo Schutz (1979, p. 77), consiste em interpretar o que vive o Outro nos termos do que nós próprios fazemos disso – “só sou capaz de compreender os atos de outras pessoas imaginando que eu próprio desempenharia atos análogos se estivesse na mesma situação, dirigidos pelos mesmos ‘motivos por que’”.

A situação face-a-face, então, em sua imediaticidade espacial e temporal, inscreve-se como território por excelência para a emergência dessa partilha, pela cenografia das expressões de subjetividade que se coloca em jogo. Não importa quão curta seja a sua duração, o relevante é que “envelhecemos juntos durante determinado momento, na medida em que podemos viver dentro dela juntos” (SCHUTZ, 1979, p. 183), nessa espécie de *entre*, para retomar um termo caro à Martin Buber e à minha propositiva. Aí se abrange corpo e consciência, porque a significação se revela nos movimentos⁵ que percebemos, instaura-se nesse campo do comum, que não é privado de nenhum de nós, mas é nosso mundo, “quando você e eu estamos imediatamente envolvidos um com o outro” (p. 184), na dialogia que não só enrique a experiência que fazemos do Outro, mas do coletivo em geral.

⁵ Schutz (1979, 203) cita, de modo mais específico, movimentos corporais que nos desvelam o signo do pensamento do Outro: “a inflexão de voz do falante, sua expressão facial, os gestos que acompanham sua conversa”.

Também Hans-Georg Gadamer (2002, p.73) esclarece a compreensão como “participação num sentido comum”, que constrói uma identidade de sentido, mas conserva a alteridade dos partícipes em envolvimento: “quando dizemos que nos entendemos sobre alguma coisa, isso não significa, em absoluto, que um tenha uma opinião idêntica ao do outro” (p.25). Essa é, afinal, a magia da Comunicação sobre a qual falei no início, que Marcondes Filho (2008) só projeta como acontecimento possível no diálogo, e que o filósofo alemão afirma como o fundamento mesmo da linguagem: “sua vitalidade própria, seu amadurecimento e renovação, sua deterioração e depuramento até as elevadas formas estilísticas da arte literária, tudo isso vive do intercâmbio vivo entre os seus interlocutores” (GADAMER, 2002, p. 243).

Vê-se, então, como comunicação, diálogo e compreensão se estabelecem em clima de afeição pelo horizonte da intersubjetividade. A verdadeira realidade da comunicação, para se valer da expressividade de Gadamer (2002, p. 221), é o fato de o diálogo não ser nem a contraposição de um ao outro, nem a soma de um com outro, mas uma tal solidariedade ética e social que “só pode acontecer na comunhão de opiniões, que é tão comum que já não é minha ou tua, mas uma interpretação comum do mundo”. Por isso, representa uma espécie de expansão de nossa individualidade para experimentar um *ser-com*, que em Buber (1982) desponta como tomada de conhecimento íntimo. Aqui, é também a abertura compreensiva entre os entes que pavimenta o caminho para o diálogo manifestar sua força transformadora, para nos deixar uma “marca” – em referência ao *arrebato* da Comunicação defendida por Marcondes Filho (2002).

Testemunhamos diariamente que o diálogo pode dar-se mesmo entre pessoas de diferentes temperamentos, diferentes opiniões políticas. A ‘incapacidade para o diálogo’ parece-me ser mais a objeção que se lança contra aquele que não quer seguir nossas ideias do que uma carência real no outro. [...] Pode surgir entendimento pela paciência, pelo tato, pela simpatia e tolerância e pela confiança incondicionada na razão comum a todos (GADAMER, 2002, p. 252).

O valor está, precisamente, no intento contínuo de se deixar tomar por algo e com alguém, uma decisão de “elevação do homem a sua humanidade” (GADAMER, 2002, p. 251), que só se pode empreender pelo interesse genuíno de escutar o Outro, que é também uma atitude de renúncia aos “ouvidos de mercador”: “quem está constantemente apenas ouvindo a si mesmo, quem possui os ouvidos tão cheios de si mesmo, buscando seus impulsos e interesses, que já não consegue ouvir o outro” (GADAMER, 2002, p. 252). A escuta apressada, que não se afina ao tempo do Outro, ou que tampouco respeita seu

silêncio e endurecimento, também faz parte de nossas incapacidades a nível de relação – dialógica e compreensiva.

Cabe conciliar, nesta incursão, as ponderações que Josep María Esquirol (2005, p. 74, tradução nossa) tece ao tratar do tema. Ouvir, e ouvir bem, “uma das habilidades mais preciosas e mais humanas”, para o autor catalão, não é apenas escutar coisas uns dos outros, mas nos escutarmos uns aos outros, nos atendendo – nos ensejos da atenção que lhe é tão cara, enquanto cognição e sentido ético de respeito. Reproduzo, neste sentido, um trecho de sua obra *El ritmo de los días*, referencial às discussões que ensaiei anteriormente sobre cotidianidade, e que bem poderia interpelar a prática jornalística:

Si hablas, da tiempo a que tu palabra llegue al alma del que te escucha y también a que la palabra de éste te llegue a ti. ¡Con cuánta frecuencia, antes de que los otros hayan terminado de hablar, les hemos interrumpido para decir lo nuestro! Dejar que la otra persona hable no es ‘aguantar mecha’, sino ser capaz de recibir. Todo diálogo degenera en mero simulacro de tal si los pretendidos dialogantes no se dejan mutuamente tiempo para ser auténticos interlocutores (ESQUIROL, 2009, p. 94).

O silêncio tem, na conjugação dos exercícios dialógicos destacados por Esquirol, configuração de relevância enquanto recurso para saída do ruído e da aceleração que nos envolve e via de acesso ao que se nos revela em proximidade. O filósofo catalão o toma como também linguagem de não-indiferença ante o Outro, como um saber deter-se, que guarda a fala quando essa se mostra centralizante e que reconhece que a compreensão só é mobilizada quando fazemos do nosso interlocutor o protagonista do (des)acontecimento comunicacional.

A dinâmica jornalística, de fato, não é mais que a própria dinâmica dialógica, engendrada pela abertura compreensiva perante os fatos e sujeitos, a história e a sociedade. É efetivamente a apreensão de que são essas conexões que estão na base do vínculo social, e que sua atividade consiste nesse trajeto do um ao Outro. A verdadeira compreensão, ao fim, é aquela que não se cansa do diálogo, porque é só em contato genuíno com o Outro que nos abrimos para senti-lo, e para sentir-nos, e que nos damos conta, em alusão a Jolif (1970), que a alteridade, em última instância, habita em nós, depende de nós.

Interessante aprender ainda, e isso tomo da filosofia de Emmanuel Lévinas (1982, 1997), também presente em Ricoeur (1991), que o Outro, fundamento de nossa existência e de um exercício jornalístico de configuração relacional, é nossa responsabilidade. “O si

é destinado à responsabilidade pelo outro”, escreve Ricoeur (1991, p. 222), indicando que a ética é, em Lévinas, uma precondição da vida social, e não sua consequência. Sua filosofia repousa, neste sentido, no fato existencial fundamental de que eu *sou* com os outros. E, por isso, tenho de assumir responsabilidade pelos outros. Uma tal responsabilidade que, como já tivemos a oportunidade de ver, prescinde da reciprocidade, é anterior mesmo à nossa liberdade. Trata-se de um pensamento complexo, que inscreve a humanidade do homem em ser-refém, desde uma identidade que não é a posse de um “sou”, mas a exposição de um “eis-me aqui” - “ninguém pode permanecer em si mesmo: a subjetividade é uma responsabilidade pelos outros, uma vulnerabilidade extrema. O retorno a si mesmo se converte em um desvio sem fim” (LÉVINAS, 1998, p. 93).

Do prólogo de *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*, extraio outro trecho que nos aproxima da alteridade nas vias de uma passividade radical delineada pelo autor:

[...] A aventura existencial do próximo importa ao eu antes que a sua própria, colocando o eu diretamente como responsável pelo ser de outrem; responsável, quer dizer, como único e eleito, um eu que não é mais um indivíduo qualquer do gênero humano. Tudo se passa como se o surgimento do humano na economia do ser virasse o sentido, a intriga e a classe filosófica da ontologia: o em-si do ser persistente-em-ser supera-se na gratuidade do sair-de-si-para-o-outro, no sacrifício ou na possibilidade do sacrifício (LÉVINAS, 1997, p.19).

Ainda que, para Lévinas, o espaço intersubjetivo seja assimétrico⁶, e o Outro seja quase que absolvido da relação, importa-me enfocar não as diferenças epistemológicas entre os pensadores aqui referenciados, mas sim o horizonte-comum que nos estabelece imbuídos de uma responsabilidade para com o Outro, isto é, sublinhar que a alteridade nos interpela uma postura ética. Sobretudo porque em pauta está um ofício de mediação social e, enseja-se, de compartilhamento democrático de vozes e sentidos.

No que tange à prática profissional, portanto, acredito que a resposta a esse chamado se dá no plano das escolhas que fazemos, quer dizer, em um movimento que dê predileção à escuta e às demandas do Outro – em resistência aos processos hegemônicos que se deixam conformar por imperativos outros. Se insisto em alinhar responsabilidade e escolha é porque, desde o meu lugar de fala, enxergo a possibilidade de uma guinada

⁶ “A intersubjetividade assimétrica é o lugar de uma transcendência onde o sujeito, ainda conservando sua estrutura de sujeito, tem a possibilidade de não retornar fatalmente a si mesmo, de ser fecundo” (LÉVINAS, 1998, p. 130).

intersubjetiva ao jornalismo a partir da adoção de atitudes dialógicas, que se sustentam na alteridade como princípio para valorar a esfera do *entre*, enquanto território privilegiado de prática profissional.

Pautas cotidianas, fontes ordinárias e entrevistas realizadas em tom de Eu-Tu são, por isso, aspectos fundantes na discussão de uma teoria do Desacontecimento jornalístico. Trata-se das linhas referenciais de um fazer que, no compasso da trama comum, faz do povo seu protagonista e empreende, nas trilhas abertas pelo diálogo, a tessitura da socialidade humana na contemporaneidade. Em última instância, revela que um ofício noticioso de tipo relacional não cabe nos limites de um campo engessado. Antes, extrapola esquemas e modelos fechados pela iniciativa conciliatória de colher contribuições em outros territórios de saber. De tais articulações, aprendemos que o método compreensivo não cansa de surpreender quando o assunto é, também, vitalizar o conhecimento.

1.2.5 Com a Narrativa: para entrelaçar os sentidos da experiência humana

Minha travessia teórica tem se modulado, basicamente, em dinâmica de contrastes entre os pressupostos positivistas que predominantemente orientam o agir profissional e escopos epistêmicos que apontam para uma semântica jornalística outra, em perspectiva de intersubjetividade. Bem sabemos que, pelas confluências de um contexto sócio-histórico cujos valores conciliaram-se aos de um projeto de modernidade, o campo jornalístico carrega marcas de uma tradição funcionalista, em que a noção instrumental assume um papel de destaque até natural – para viabilizar a eficácia de transmissão informativa, em sistemática industrial. E se quisermos investir em uma processualidade irrigada pelo comunicacional, à técnica atrofiada que opera para simplificar estruturas noticiosas, deve se sobrepor aparatos mais complexos, que não apenas provocam a mecânica do fazer, mas que se conjugam com ética e estética criadora, tal qual a proposta de Cremilda Medina (2016) – que tenho buscado incorporar nessas problematizações.

No nível de um saber de redação, os elementos resultantes de uma tal abordagem pragmática por fim se acomodam em forma sob medida para legitimar o discurso jornalístico enquanto verdade. Pelo menos desde o final do século XIX, quando da expansão tecnológica-informativa os profissionais adotaram a gramática da pirâmide invertida, o texto da imprensa vem seguindo à risca parâmetros de objetividade e de hierarquização de dados.

Essas formulações discursivas, que perduram no compasso das rotinas, são nossas amostras diárias, agora atualizadas de minuto a minuto, do quão limitado e limitador pode ser o lugar da tessitura jornalística, que em verdade deveria abrigar – dentro das possibilidades do código, é claro – o vivido da mediação social. Faço eco, neste sentido, à defesa de Fernando Resende (2002, p.12) por uma transição do texto das lógicas à lógica do texto, em que narrativas de resistência assumam frente aos registros oficiais – “pouco atentos às práticas cotidianas e culturais da contemporaneidade” –, em outro momento também designados de ‘autoritários’ pelo autor brasileiro, “exatamente porque propõem o apagamento daquele que fala” (2005, p. 04). Em tom propositivo, Resende (2005) pensa o enunciado e a enunciação para inscrever o jornalista como instância narradora, e não apenas autora, nas trilhas do ofício de leitura e produção simbólica proposto por Medina (2006).

Tomarei em conta as contribuições que advém dessa confluência estruturalismo/culturalismo para esboçar uma compreensão sobre o agir jornalístico do desacontecimento através do texto, em lida com a *pluralogia*⁷ da cotidianidade, à contrapartida da monofonia profissionalista ensejada pelos manuais de redação. À luz do contorno do singular delineado pela ocorrência comunicacional, inscrevo a escritura jornalística em rítmica autêntica com o próprio trabalho de campo do mediador, como que a entrelaçar os sentidos que emanam desse signo relacional. A matéria-prima estética, afinal, conforme indica Medina (2016, p. 277), “nasce do contato real. Não precisa recorrer a fórmulas exitosas alheias”. A montagem cênica das informações, desde aí, é desafio intimamente integrado ao ato presencial, em proximidade sensível, do jornalista: desencadeia-se naturalmente e entrecruzando-se com as sinestesias de um profissional que, como *replie* do sentir, experimenta as intensidades do ambiente e colhe, *in loco*, as vozes que compõem a trama-comum.

Por nossa experiência enquanto leitores, bem constatamos que os textos que escapam aos padrões e ensaiam dinâmicas próprias de configuração envolvem-nos, capturam nossa atenção porque, em certa medida, mobilizam nossa capacidade de identificação. São relatos que mexem conosco, intrigam-nos, como se nos convidassem a fazer parte da esfera do *entre*, a compartilhar do sentido do novo que desperta do enigma da comunicação. Neles, é como se uma lógica específica, acionada por recursos também singulares, favorecesse a instauração do necessário vínculo entre os polos de emissão e

⁷ Expressão também adotada por Cremilda Medina (2014) para se referir à diversidade do mundo que extrapola a dialogia Eu e Tu.

recepção. Minha premissa, sob a visada interpretativa que estou construindo, é de que uma tal tessitura, que puxa o próprio reencantamento do jornalismo, se busca alinhar em retalhos intersubjetivos. Apenas quando os comunicadores se assumem como parceiros, e não coadjuvantes, na dialogia social, a mediação criadora – da qual diz Cremilda Medina (2006, 2008) –, tem chances de (des)acontecer. É aí que esses sujeitos se revelam, então, não como meros difusores de informação, mas como um tipo particular, tal qual nomeia Paul Ricoeur (1996), de artesão da comunicação: o narrador.

O narrar, recorda-nos Walter Benjamin (1987, p. 198), é, por primeiro, a faculdade de intercambiar experiências. E quando o *ethos* jornalístico lança mão desse processo, seus registros não ficam atrás no sentido de concretizar a efetiva comunicação: o plano dos fatos se alarga e se aprofunda no jogo social dialógico e, na partilha das vivências, realidade e imaginação se entrecruzam pela produção simbólica que não se satisfaz com o referencial. A narrativa, neste sentido, ocupa em meus estudos o posto de tessitura privilegiada das relações; instância, por excelência, dos encontros e do tornar-comum entre Eus e Tus.

Imagem de uma experiência coletiva, retomando o pensamento de Benjamin (1987, p. 215), ela é como “uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens”. Seu alcance histórico, conforme o autor alemão, provem da conjugação de dois estilos de vida: o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos imigrantes, que chegavam de longe com relatos a explorar, e o saber do passado, recolhido pelos camponeses que ganharam a vida sem sair de seus países, conhecedores de histórias e tradições. Daí depreendo, como uma primeira dimensão de abordagem, a noção de que a narrativa carrega consigo um sentido de troca, com sua natureza a se sustentar no vai-e-vem que flui entre narradores, personagens, ouvintes/leitores, que partilham em dinâmica imprevisível aquilo que lhes ocorre, e que também lhes pode formar e transformar. A experiência tem essa potência de nos interpelar, de se conectar com nossos anseios e nos tocar, às vezes de uma tal maneira a alterar o próprio estado das coisas.

Ao comportar esse trânsito, a narrativa se torna abrigo para essa cadência de sentidos, pelo emaranhado dos afetos que pode mobilizar. Quando o jornalista, inscrito no cotidiano vívido e arriscando-se a compartilhar do mistério do Outro, permeia seu texto e sua prática com esses significados, abre as vias para que seu leitor também experimente o fenômeno comunicacional arrebatador. Para movimentar-se nesse fluxo, no entanto, a semântica da experiência demanda de cada um de seus agentes um certo gesto de interrupção. Parar para pensar, parar para escutar, parar para olhar, aconselha o

filósofo catalão Jorge Larrosa (2004, p. 24). Demorar-se nos detalhes. Agir mais devagar: “suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade [...] cultivar a atenção e a delicadeza [...] e dar-se tempo e espaço”. Em outras palavras, desse sujeito da experiência, emissor ou receptor, espera-se a passividade de quem exercita uma disponibilidade fundamental, aceitando tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco.

Como a própria etimologia germânica e latina da palavra nos mostra, experiência registra uma dimensão de travessia e perigo, já que seu agente se expõe a situações indeterminadas. Guarda, por isso, igualmente, uma certa capacidade de impregnar nossas percepções e reestruturar nossa ordem vigente, na medida em que estabelece mediações entre o que conhecemos e o que vivemos. Cabe admitir, neste sentido, a configuração de um saber conectado a essas vivências. Ainda que a ciência moderna desconfie da experiência enquanto tal, assumindo-a apenas enquanto método, considero importante enfatizar sua qualidade formativa, de significação e apropriação daquilo que nos cerca, justamente para aproximá-la da comunicação dialógica e da narrativa jornalística, em seus aspectos de irrepetível e singular.

É da experiência, portanto, de sua própria ou da relatada pelos outros, que o narrador extrai o que conta. Aquilo que toca os indivíduos ganha, assim, permanência, seja pelas trocas orais ou, com mais frequência, pelo próprio registro verbal. No ato de narrar, ensina-nos Ricoeur (1996), presenciamos o milagre de uma experiência vivida que, como vivida, mantém-se privada, mas cujo sentido, ou significação, extrapola e torna-se público. O texto, afinal de contas, como também nos diz o autor francês, não se encerra nele próprio, mas pode gerar outros polos possíveis de compreensão. Na denominada fase de refiguração da ação pela narrativa, a obra se abre a diversas interpretações, em razão do próprio repertório de experiências do sujeito que a recebe. Uma narrativa, deste modo, não é só o que ela significa, ou as experiências que ela contém, mas, também, aquilo em que se desdobra, isto é, as outras experiências que pode engendrar.

No jogo dos sentidos que circulam, podemos entender a assertiva de Marie-Christine Josso (2004) quando afirma que, em última instância, a narrativa é um processo contínuo de caminhar para si. As vivências partilhadas e experiências relatadas, ou recebidas, nada mais fazem do que, de fato, levarem-nos a compreender um pouco mais de nós mesmos e do mundo que nos rodeia. A narrativa, em verdade, bem pontua Ricoeur (1991, p. 138), “é uma mediação privilegiada para a interpretação de si”. Hannah Arendt (2008, p. 33) também dizia que, para ela, escrever “é uma questão de procurar se

conhecer”. Aqui evidencio, em associação à sua primeira dimensão de troca, o contorno mais antropológico da narrativa, ligado à própria constituição da subjetividade humana, em uma sorte de contribuição ao autoconhecimento e à autoconstrução do sujeito.

É narrando a sua vida, coloca Christine Delory-Momberger (2014, p. 337), que “o indivíduo ordena, tematiza, interpreta os acontecimentos de sua existência segundo uma coerência de forma e de sentido”. É quando o caos da história se converte em cosmo simbólico, já diria Cremilda Medina (2003), como que a indicar que o ato de narrar deriva de uma necessidade humana radical de reagir às desorganizações e às inviabilidades da vida.

Não por acaso, aprendemos que, desde tempos ancestrais, a narrativa manifestou-se como essa tentativa de nomear o desconhecido, como forma, inclusive, de assegurar que a vida e o mundo continuassem a existir. Pelos mitos, os gregos relacionavam os fenômenos da natureza a deuses e deusas, relatando histórias sagradas que até hoje circundam nosso imaginário. Precisamente em razão do caráter evasivo da vida real, por um misto instável entre fabulação e experiência viva, eles buscavam conferir unidade àquilo que vivem. Joseph Campbell (2007, p. 21) escreve que é essa mesma a função primária da mitologia e dos ritos: “fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar”. Se somos criaturas em busca de sentido, como coloca Karen Armstrong (2005), então são as histórias que cumprem o propósito de nos mostrar que a vida tem, sim, valor e significado.

Expandindo um pouco mais a concepção, com o auxílio de Jerome Bruner (2014, p. 85), constatamos que a própria cultura humana, na verdade, só se viabiliza pela interação de nossas ações e significados, elaborados a partir das narrativas: estar em uma cultura viável, o autor nos diz, “é estar inserido em um conjunto de histórias conectadas, capazes de estabelecer vínculos mesmo que essas histórias não representem um consenso”. Neste sentido, o entrelaçar da cultura não só opera, mas também depende da produção e da circulação dos sentidos de nossos relatos. Além de ser o território, portanto, de trocas de experiências e visões de mundo, a narrativa é a instância onde o eu se constrói – e se constrói, é preciso enfatizar, em clima de reciprocidade com outros eus e personagens. A narrativa do outro, assim, também pode ser lugar para experimentarmos nossa própria construção biográfica.

Atrelando esses processos ao jornalismo, no quadro maior da perspectiva comunicacional aqui acionada, temos que o jornalista pode figurar como um artífice de encontros, um articulador das experiências humanas pelo exercício dialógico de tecer

histórias e vidas. Desprendido da lógica instrumental da informação, essa a quem Benjamin (1987) atribui a responsabilidade pelo declínio da arte narrativa, o jornalista experimenta a dinâmica da coautoria: participa, pelos valores de cumplicidade com o Outro e por uma intuição estética criativa, de uma espécie de regência das múltiplas vozes e dos múltiplos significados que constituem a realidade.

Se Benjamin (1987) adverte que a narrativa morre com o surgimento do romance, no início do século moderno, isso nos coloca em alerta para o risco que também corremos, enquanto profissionais da comunicação, quando nos conformamos à condição de quem não conta a partir da experiência, nossa e dos outros. A troca que se dá pela via interpessoal é imprescindível para o espírito da narrativa e, em se tratando de jornalismo, para a emergência de tessituras autorais e solidárias. Sob tal mediação, toda uma bagagem de processos, outrora limitada pelos parâmetros positivistas no exercício profissional, experimenta uma transformação, orientada por essa espécie de epistemologia intersubjetiva da comunicação social.

Falo em narrativa, ademais, porque a matriz do desacontecimento que estou a fundamentar não preleciona gêneros e tampouco acredita que há um tipo de *template* ideal para dispor o mundo vivo e vivido. A ocorrência relacional, como sublinhei, sob diferentes perspectivas é tratada como um momento único, que não se repete, e que toca, sobretudo, aos sujeitos que dela participam: apenas Eus e Tus, neste sentido, jornalistas e fontes, podem dizer do que viveram, bem como eleger a forma mais ajustada a acolher o relato – com vistas, por suposto, a que sua cadeia de sentidos não cesse naquela primeira interação.

O que cabe ao registro jornalístico, vale frisar, é o empenho cuidadoso para traçar, por cada exposição dialógica e por cada descrição densa, um caminho que nos aproxime da saga do humano ser – em léxico invertido, para que o ser se revele em seu sentido de ação, e não mero apêndice do humano (MEDINA, 2016). Ao jornalista, tal qual pontua o pesquisador colombiano Raúl Osorio Vargas (2017, p. 03), cabe a tomada da palavra para nos levar de volta, como um porta-letas, um porta-voz, um porta-vida, cujo ofício “es un arte de la interpretación y la comprensión de la vida misma”.

Mas reviver o que passou, seria isso possível? Em coerência com a linha teórica que aqui tenho adotado, reconheço que não. Tampouco esse é o desejo. A narrativa, enquanto obra aberta, como vimos, implica refiguração, gera novos circuitos de sentido e experiência, de forma que seria impossível repetir o jogo interpretativo inicial – dependente agora da leitura realizada pelos sujeitos-receptores. Acredito, no entanto, e

nessas páginas defendo, que a possibilidade de engendrar novas significações só se viabiliza na medida mesmo em que o texto se atém ao intersubjetivo que emana daquilo que o repórter vive. Na tessitura compreensiva acerca de suas mediações abrem-se as brechas para que o leitor percorra, acionando sua própria subjetividade, o trajeto rumo às vidas e cenas ali reportadas.

A liberdade autoral em termos da organização do vivido me é, por isso, muito cara: gêneros e formatos podem se hibridar – e o interessante é que a tessitura jornalística seja sempre experimentação -, já que seu papel é secundário no trabalho de construção de vias de sentidos para o humano ser. As fórmulas convencionalizadas se tornam desnecessárias quando aparatos dialógicos orientam o fazer: uma experiência de proximidade, de tal maneira sensível ao simbólico da trama-comum, libera do pensamento os entraves da técnica.

A razão de ser e a potência da narrativa jornalística podem estar precisamente nisso: “en volver sobre nosotros mismos...humanos que a veces desconocemos de qué estamos hechos por dentro, y como ese otro interno dialoga con los otros” (VARGAS, 2017, p. 35). O desafio reside, assim, em incorporar na linguagem essa leitura de mundo, em que importe a marcação, no texto, de uma autoria mediadora de vozes, contextos, detalhes e sensações.

Um registro efetivamente comunicacional reúne, ao fim, a pluralidade de saberes que aqui tenho destacado, quer dizer, mostra-nos o entrelaçar histórico, sociológico, filosófico e antropológico sensivelmente acionado para que nos aproximemos da empreitada de ver mais além, enquanto jornalistas e leitores, da aparência dos fenômenos. Concebido assim, o produto jornalístico é configuração sempre nova, desprendida de formatações padronizadas porque, embora se tenha que atrelar à uma confluência de métodos, é capaz de sempre dispor tessituras diferentes. É, em verdade, a própria combinação de tais métodos que permite que assim o seja.

Jornalismo pode ser enigma da comunicação, desde aí, se, como um primeiro movimento, rompe com o discurso positivista que ainda impregna suas práticas e busca, pela abertura de *grietas* no sistema informativo tradicional, a conjugação de uma narrativa em alteridade complexo-compreensiva com o mundo que reporta, a sintonizar-se com um *ethos* resistente às conformações vigentes, e à flor da pele para inscrever no ofício novas possibilidades de fazer. Sinais luminosos como esses despontam, com menos frequência do que gostaríamos, quando autores sensíveis, nas palavras de Medina (2003, p. 142), “aqui e ali se revoltam contra esses estrangulamentos”. Diante de uma maquinaria

noticiosa que opera conforme interferências múltiplas, é em chave de contra-proposição a nível de rotina, como tenho argumentado nessas incursões teóricas, que identifico pontos de viragem, sob a intuição ética e criativa do fator humano, para ressignificações (des)acontecerem.

Minha ênfase investigativa, por isso, tem recaído como *mirada atenta* a repórteres que, em face dos constrangimentos organizacionais dos grandes veículos de comunicação para os quais trabalham, têm empreendido movimentos outros, por embates editoriais diários, para conferir o toque de suas assinaturas à processualidade da notícia, no compasso do que aqui tenho designado de desacontecimento jornalístico. Assim o foi com Eliane Brum, sujeito de minhas pesquisas entre 2013 e 2017; assim o é com Bru Rovira, o periodista que hoje desperta o presente estudo; e assim continuará sendo pelo próprio dinamismo acadêmico e profissional que não cessa de projetar novas pistas para se explorar.

Essa minha predileção é também uma maneira de não me distanciar do agir da imprensa, entendendo minha posição não em formalismo teórico, como uma espécie de abstração cômoda e romantizada que ignora que o campo é, evidentemente, atravessado por relações de poder, mas como um escopo subsidial que extrai de práticas possíveis seus apontamentos de reflexão. A etapa seguinte desse projeto, assim, assume contornos mais empíricos e interpretativos em relação à matriz propositiva do desacontecimento, apreendendo e conjugando do *reporterismo* de Rovira ao levantado até então recursos que fundamentem tal constructo investigativo.



Foto da autora

2. INCURSÕES EMPÍRICAS

Digamos que esse é o momento de pavimentar a travessia até agora delineada em *pluralologia* epistêmica com um material da ordem da empiria. Os entrecruzamentos tecidos anteriormente resultam de leitura e interlocução teórica com autorias diversas, no encontro sempre fecundo de inquietações e possíveis correspondências, mas a vitalidade do conhecimento que me toca, em perspectiva coerente com a própria noção que estou a desvelar, pede o contributo da produção analítica em signo relacional, na figura de um(a) pesquisador(a) que maneja qualitativamente seus dados a partir de interpretações colhidas em campo. Evidentemente, um tal privilégio científico floresce quando pode contar com o respaldo de instituições que trabalham para fomentar o tripé ensino-pesquisa-extensão da universidade pública, e em tom de agradecimento posso dizer que esse é o caso.

As aportações das obras referenciados na primeira parte, e a propositiva mesmo do Desacontecimento, ganham vibrações e tonalidades pelo ato presencial do projeto que desenvolvi em Barcelona, cidade que abriga o repórter Bru Rovira e sua carreira profissional, durante o segundo semestre de 2019. Nessa experiência-vivência, estive em bibliotecas universitárias e municipais, na busca que continuamente se atualiza por novos encantamentos bibliográficos, e exercitei o contato de aspiração dialógica, sempre imprevisível, de um eu exposto à uma diversidade de Tus, em estranhamento cultural que também almeja o selo de estrangeiro, e não de turista. A *Universitat Autònoma de Barcelona* foi a instituição que oficial e gentilmente me acolheu, na pessoa do prof. Dr. Xavier Giró Martí, cuja visada interpretativa me acompanhará por vezes direta e por vezes indiretamente nestas páginas, mas o intercâmbio acadêmico confluuiu com a *Universitat Pompeu Fabra*, pelo prof. Dr. Miquel Rodrigo Alsina, e com a *Universitat de Barcelona*, pelo filósofo e prof. Dr. Josep Maria Esquirol.

Alojei-me no distrito *Sant Martí*, que, na esteira de um largo passado industrial, harmoniza núcleos históricos e modernos ao característico fervilhar popular da capital catalã, e transitei com especial admiração e interesse investigativo pelo bairro *El Gotic*, centro da *Ciutat Vella* no entremeio das famosas *ramblas* locais, e cenário vivo das reportagens que integram o livro *Solo pido un poco de belleza* (2016), de Bru Rovira, selecionado para análise posterior nesta investigação. E como o território predileto do repórter catalão são as *carreteras secundárias*, circulei junto a ele pelo pequeno povoado de Ordis, onde reside há cerca de quatro anos para se manter próximo à família, e da província de Girona, comarca que também tive a oportunidade de conhecer.

A esses dois eixos centrais para uma incursão interpretativa, associei uma sorte de perpendicular, por assim dizer, a que cumprirá irrigar as coletas bibliográfica e de campo

a partir de relatos de cunho biográfico e sociocultural sobre nosso tema de pesquisa, desde a voz e experiência de profissionais diversos, que me ajudarão em minha analítica e ponderações. Nela, o enredo das gerações que viveram o período mais recente de esplendor e crise da imprensa espanhola no pós-franquismo se tecerá em memórias de nostalgia e permanências de resistência pela defesa do ofício do *reporterismo*, em linha que sutura a cobertura local, nacional e internacional.

Uma tal conciliação me fornecerá pistas de contexto sobre o jornalismo espanhol e a tradição de seus meios, os quais preciso considerar em meus intentos de compreensão sobre a prática de Bru Rovira, e sobre movimentos profissionais empreendidos, em nível de constrangimentos de rotina e de organização, para perfurar a sistemática informativa hegemônica e construir uma autoria própria no que toca à noticiabilidade e estilo narrativo. Ademais de entrevistas realizadas com figuras mais próximas à trajetória de Rovira, e cientes do peso de seus trabalhos como enviado especial à África subsaariana no pós-Guerra Fria, bem como do desafio de tatear dinâmicas jornalísticas sobre conflitos, contatei correspondentes espanhóis no recorte temporal de 1990-2019, para esboçar com mais precisão o tratamento noticioso conferido às essas regiões do continente, em termos de falhas e potências.

Os estudos sobre a obra periodística de Rovira, neste sentido, ganham forma por interlocuções teóricas, como as encaminhadas nas páginas anteriores, e também prático-profissionais, em apreensões que se imbricam com as vivências de alguns dos nomes da história mais recente da informação em Espanha, e Espanha-África. Fundamentei, por aí, uma espécie de *background* a orientar o olhar em busca dos traços constitutivos da reportagem de Rovira, e de sua vinculação ao escopo do Desacontecimento. Sigo a costura ensaístico-científica dessa investigação, portanto, tratando de articular apontamentos mais próximos às travessias do jornalista e de suas *carreteras secundárias*.

2.1 Desacontecimento em prática com o reportarismo espanhol

Não há como falar em reportagem na imprensa espanhola, para o jornalista catalão Lluís Foix (2019, informação verbal), especializado em política internacional, sem considerar a morte de Francisco Franco Bahamonde, militar que esteve à frente da ditadura espanhola do final da Guerra Civil (1939) até 1975, como um marco histórico também ao jornalismo do país.

Há mais de sessenta anos envolvido nesse ofício, Foix carrega em seu repertório experiências de coberturas locais, *corresponsalias*, colunas opinativas e cargos de diretoria, diretoria-adjunta e subdiretoria no jornal *La Vanguardia*, onde atua desde 1969. Com tom calmo e bem articulado, em traje aparentemente formal para um *cortado* na cafeteria *La Farga*, mas que entrevê o esmero com que trata a profissão, ele discorreu⁸ sobre o histórico do sistema informativo do país e sobre as adaptações político-editoriais do diário em que trabalha, e lançou prognósticos e diagnósticos para o nosso mundo social e noticioso que, na data de nosso encontro, já completava 30 anos da queda do muro de Berlim. Aos 20 minutos que inicialmente foram demarcados para aquela entrevista na Avenida Diagonal de Barcelona, as análises sobre os ataques de 11 de setembro de 2001, os impactos da internet e o papel das faculdades de comunicação para uma formação mais humanista do jornalista o estenderam em uma hora e meia de fala, cujas contribuições diluirei no decorrer desses escritos.

Quando lemos a *Historia práctica del periodismo español* (2018), de María José Acosta e Antonia Nogales-Bocio, evidenciamos a inflexão que o regime ditatorial representou à mídia do país, conforme sinalizou Foix. Durante esse período, os setores da imprensa e radiodifusão estavam convertidos em canais de doutrinação político e ideológico. As atividades relacionadas à comunicação se encontravam delimitadas ao âmbito da *Delegación Nacional de Prensa e Propaganda*, vinculada ao *Ministerio del Interior*, e sob determinação da *Ley de Prensa* de 22 de abril de 1938, que estabelecia o jornalismo como “un instrumento al servicio del estado, encaminado al logro de la unidad política y religiosa que debía existir durante el franquismo”, nas palavras das historiadoras (2018, p.173). Uma espécie de instituição nacional, por assim dizer, cujos veículos, minados de sua autonomia editorial, operavam em função da vigilância estatal que vigorava à rotina profissional de então.

⁸ Entrevista realizada pela pesquisadora em 26 de novembro de 2019.

A despeito desse ambiente repressivo, um caráter combativo e de resistência despontava na atuação jornalística daquele período, sobretudo nos dois últimos anos do franquismo, e abria as vias para a etapa de maior brilho do periodismo da Espanha recente, tal qual me conta Foix, um dos profissionais mais veteranos do *La Vanguardia*:

Los años setenta y cuatro hasta los noventa fueron nuestros años dorados, un período de grande protagonismo y, sobre todo, de una gran complicidad, en el sentido más positivo de la palabra, con el poder político y con algunos poderes sociales, de tal manera que el periodismo era quien causaba, digamos, el sistema de libertades que se consolidaba aquí en aquel momento (FOIX, 2019, informação verbal).

Se os primórdios da Idade Moderna marcaram as sociedades ocidentais europeias em geral com o incremento do fluxo das comunicações, a partir das novas dinâmicas urbanas e comerciais, da nova ordem burguesa e da reforma da igreja, a fase posterior da ditadura de Franco estabelece, no país, a renovação e o fortalecimento do valor social do ofício, com uma aposta muito clara, como relatam os jornalistas dessa geração entrevistados neste projeto, pelo *reporterismo* e o exercício narrativo. A configuração jornalística emergente do regime assumiu, assim, uma performance mais além do tom ora partidário ora informativo que caracterizara a imprensa espanhola dos últimos três séculos – explorando, deste modo, a complexidade da escritura e a capacidade criativa e de investigação dos repórteres, em lugar de posicionamentos ou silêncios ideológicos e de coberturas superficiais.

Os séculos XVII e XVIII, de acordo com Acosta e Nogales-Bocio (2018), representaram ao país um primeiro avanço no sentido de um modelo jornalístico mais noticioso. A circulação de *gacetas* assinalou o surgimento de um produto informativo mais acabado, no qual se buscava uma redação mais concisa e direta, uma periodicidade mais regular e a diversificação de conteúdos para atrair um público cada vez mais interessado em leitura. Cabe mencionar que Barcelona foi a cidade pioneira da imprensa periódica na Espanha, onde teve vez, em 1641, não apenas o primeiro jornal da Catalunha, como de toda a península⁹: a *Gazeta de Barcelona*, editada pelo tipógrafo Jaume Romeul, e que depois foi acompanhada pelo surgimento da *Gazeta de Madrid*, inicialmente

⁹ O sistema comunicacional espanhol, como explica o diretor do diário *Ara*, Antoni Bassas (2019, informação verbal), ademais de ter uma força radicada em Madrid, sua capital, conta com o protagonismo do subsistema catalão, por onde entraram a primeira estação de rádio da Espanha, a *Radio Barcelona*, em 1924, e as primeiras provas de televisão, em 1948.

denominada de *Relación o Gazeta de algunos casos particulares así Políticos como Militares sucedidos en la mayor parte del Mundo, hasta fin de Diciembre de 1660*.

Enquanto esse período se caracterizou pela difusão de um formato jornalístico informativo, bem como pela aparição progressiva de modalidades como a crítica literária e a divulgação científica no país, o século XIX assistiu a um regresso da imprensa a uma função de instrumento na mão de forças políticas existentes, devido à transição do Antigo Regime feudal e absolutista à implantação de um novo sistema, de caráter liberal.

El íntimo vínculo establecido entre la política y la prensa (no era infrecuente que los hombres públicos crearan o dirigieran diarios) llevaría a esta última a ser concebida más como un arma de combate en la elevación o derribo de los gobiernos que como un sector moderno, que operara según las leyes del mercado (ACOSTA e NOGALES-BOCIO, 2018, p. 39).

Foi na segunda metade do século XIX, segundo as autoras, sob a estabilidade facilitada pela *Ley de Policía de Imprenta de 1833*, que a prática noticiosa voltou a se desenvolver, sobretudo em virtude de investimentos realizados na infraestrutura do aparato gráfico-editorial dos meios. Neste momento, também, os irmãos Carlos e Bartolomé Godó fundaram o *La Vanguardia* – relevante para esta pesquisa em, pelo menos, três direções: é representativo da transição jornalística de uma linha político-ideológica assertiva a um tratamento de contorno mais mercadológico; quase um século depois figuraria como um dos protagonistas do esplendor da imprensa espanhola pós-franquismo; foi o contexto organizacional de Bru Rovira de 1984 a 2009, de onde resultam o *corpus* de meu projeto.

Bem vale, por isso, dedicar as páginas adiante a revisitar o percurso histórico de *La Vanguardia* na sociedade espanhola, com especial ênfase no *reporterismo* que ali se realizou nos anos 1980 e 1990, ao aflorar de um ofício vitalizado pela ética autoral de profissionais impactados pela censura anterior do regime.

Novamente, Lluís Foix nos ajuda a apreender características importantes do periódico dos Godó, sobre o qual também escreve em seu livro *Aquella porta giratòria* (2016), em referência à entrada do *La Vanguardia* pela rua *Pelai*, e também como metáfora para os movimentos realizados pelo jornal para estar junto ao poder: “desde finales del siglo XIX, sigue siendo una voz importante en la prensa española porque siempre se ha adaptado a las circunstancias con prudencia, desde una posición conservadora en los aspectos económicos y liberal en las cuestiones culturales” (FOIX, 2019, informação verbal). A esses elementos, o jornalista, que de 1987 a 2000 foi diretor-

adjunto do periódico, acrescenta o peso do controle privado sobre *La Vanguardia*, uma propriedade familiar que tem “un carácter por una parte patrimonial, pero por otra parte también con una cierta capacidad y mano de obra para moverse en todos los ambientes”¹⁰.

Em 01 de fevereiro de 1881, quando foi criada pelos irmãos Carlos e Bartolomé, seu subtítulo já deixava claro um perfil instrumental-partidário, em consonância com o tom político que vigorava na mídia da época – *Diario político de avisos y noticias. Órgano del Partido Constitucional de la Provincia*. Os Godó, segundo relata Gaziél, pseudônimo de Agustí Calvet Pascual, um famoso correspondente da *La Vanguardia* desde Paris durante a Primeira Guerra Mundial, e seu diretor de 1920 e 1936, tiveram uma origem humilde em Igualada, uma pequena cidade da comunidade da Catalunha, e enriqueceram em Barcelona com a operação de uma fábrica têxtil de extração de cânhamo no bairro *Poble Sec*. Graças à influência política¹¹ pelo monopólio da fibra, decidiram fundar um novo jornal, como órgão do Partido Liberal, para satisfazer, “se nada mais, sua necessidade de propaganda” (CALVET, 1994, p. 31, tradução nossa).

Ao final de 1887, no entanto, o diário se desvinculou de tal partido para oferecer uma linha mais informativa e independente, embora Carlos Godó tenha continuado como membro do Comitê Liberal Monárquico de Barcelona e deputado nas legislaturas de 1893 e 1896. Se a primeira *Vanguardia* havia sido um periódico de dimensões reduzidas, com seções não muito cuidadas que abordavam notas marítimas, espetáculos e aferições meteorológicas, a reformulação de 1887 apresentou um novo formato de jornal, impresso em duas edições, uma pela manhã e outra pela tarde, com editorias mais diversas, que passaram a tratar de finanças, comércio e literatura, e uma redação mais autêntica, pela colaboração de escritores renomados do país.

O editorial do dia 01 de janeiro de 1888 inscreve os aspectos buscados nesta nova etapa:

No intentaremos nosotros hacer un *Times*, sería pretensión vana y ridícula, pero sí queremos que nuestro diario, en compañía de los otros dignísimos colegas de esta capital, refleje en primer término y con la mayor exactitud posible la vida de Barcelona, luego la de Cataluña, y por último la de España entera, que constituyen las tres relaciones primordiales de nuestra existencia social. [...] Estos serán, pues, nuestros principios de conducta. Imparcialidad y severidad. [...] Esta

¹⁰ No livro: “La Vanguardia há fet moltes transicions i molts canvis d’orientació ideològica i política. No hauria sobreviscut, si no, a les convulsions de tota mena que han colpejat el país desd d’aquell primer de febrero de 1881. [...] Sempre ha estat en mans de la família Godó, que no ha intentar fer promoure canvis radicals sinó sobreviure a redós dels règims que s’han anat succeint” (FOIX, 2016, p.155).

¹¹ Bartolomé Godó era, além de deputado, vice-presidente do *Comité Provincial del Partido Liberal*. Em 1885 foi também conselheiro do *Ayuntamiento de Barcelona*, em um período de governo liberal.

nos parece obra difícil porque al cabo como hombres también tenemos nuestras pasiones; pero es nuestra intención sobreponernos a las miserias humanas en interés general, y si no siempre lo conseguimos, la intención salva como dice la sagrada escritura (LA VANGUARDIA, 1888, p.01, edición de la mañana ¹²).

Sob a direção de Modesto Sánchez Ortis, jornalista também vinculado ao Partido Liberal, a publicação começa a assumir uma personalidade própria, que inclusive se deixa ver pela declaração de intenção do seu novo subtítulo *Diario político independiente*, bem marcada pelo investimento em informação internacional. Em 1893, *La Vanguardia* envia seu primeiro correspondente, Josep Boada i Romeu, ao Marrocos, e até princípios do século XX será o único diário espanhol a dispor de profissionais fixos em Paris e Berlim. Uma estratégia certa, avalia Josep María Huertas (2006, p. 43, tradução nossa), para o exemplar estabelecer “as bases sólidas para ser o periódico mais importante do país”.

Os anos seguintes foram acompanhados por novidades técnicas: melhorias na rotativa, uma oficina telegráfica própria que permitia prescindir da arbitrariedade oficial, um serviço telegráfico desde Londres e Paris, a incorporação de fotografias – novos recursos que fizeram o jornal ganhar em prestígio e notoriedade, e alcançar, na década de 1920, o posto de maior tiragem na Espanha, quando *La Vanguardia* já estava nas mãos de Ramón Godó, da segunda geração da família proprietária do diário. Como o pai Carlos Godó, Ramón foi deputado liberal durante muitos anos e participou ativamente da *Unión Monárquica Nacional*. De fato, ecoando as palavras de Huertas (2006, p. 83, tradução), “o periódico podia se dizer apolítico, mas não os seus donos”.

Durante a Guerra Civil Espanhola, agora sob o comando do filho de Ramón, Carlos Godó, membro do partido conservador *Renovación Española*, e depois procurador da Corte franquista em duas ocasiões, *La Vanguardia* chegou a ser incautada, convertendo-se em órgão da *Generalitat de Catalunya* e do governo da República – situação que só foi alterada com a vitória franquista e a recuperação da propriedade do jornal pela família Godó. Entretanto, o desenho de sua linha editorial permaneceu submetido ao regime de censura imposto pela *Lei de Prensa de 22 de abril de 1938*, redatada por José Antonio Giménez Arnau.

Na prática, isso significava que todas as noites todas as provas do jornal que saíria no dia seguinte, incluindo anúncios e fotos, eram levadas ao

¹² Disponível no acervo digital de *La Vanguardia* pelo link: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1888/01/01/pagina-1/34662156/pdf.html>. Acesso em: setembro de 2020.

departamento que fiscalizava seu cumprimento. A subordinação dos jornais aos órgãos oficiais era tão grande que até era preciso pedir permissão quando o diretor queria tirar férias. Desnecessário dizer que durante os longos anos do primeiro pós-guerra, de 1939 a 1966, os jornais espanhóis viveram em condição servil (HUERTAS, 2006, p. 145, tradução nossa).

Nesse período, o periódico teve seu título alterado para *La Vanguardia Española*, até 16 de agosto de 1978, por uma ação destinada a promover, segundo Acosta e Nogales-Bocio (2018, p. 179), a “castelhanização” do jornal, bem como a nomeação de Luis Martínez Galinsoga¹³, “periodista franquista hasta la médula”, como seu diretor, de 1939 a 1960¹⁴. A publicação, então, assumiu uma posição alinhada ao regime franquista, o que, na visão de Anna Nogué e Carlos Barrera (2006, p. 70), coincide com “los conocidos principios de aceptación y colaboración con los poderes constituidos” que tradicionalmente nortearam *La Vanguardia*. Sua linha editorial, afinal, retomando o relatado por Lluís Foix em entrevista, é governista:

Yo comparo *La Vanguardia* con una barcaza que baja por el río, y que baja por el centro, nunca va a ningún lado, ni a la derecha, ni a la izquierda, porque una barcaza de unas dimensiones como esas, si va a la derecha o si va a la izquierda pues encalla [...] Un poco de esto es por lo que *La Vanguardia* ha perdurado hasta hoy. Porque si la propiedad está comprometida directamente con mantener un gobierno o con destruir un gobierno, no existiría todavía (FOIX, 2019, informação verbal).

Na década de 1970, sob a direção de Horacio Sáenz Guerrero, por designação feita pela família Godó, que não ocorria desde o final da Guerra Civil Espanhola, *La Vanguardia* passou a buscar maior abertura informativa, com a circulação de páginas em gravuras coloridas, graças às novas oficinas instaladas no bairro *Poblenou*, e a contratação de novos redatores procedentes da primeira turma formada pela *Escuela Oficial de Periodismo*, em 1974, de modo a conjugar um quadro de 60 profissionais pela primeira vez em sua história.

¹³ Publicou o livro *Centinela de Occidente*, uma biografia de Francisco Franco em “463 paginas de prosa panfletaria”, com a colaboração do ditador, que “Galinsoga esperaba que li obririen la porta d’algun ministerio” (HUERTAS, 2006, p. 155).

¹⁴ Foi destituído pelo governo Franco para dar fim ao problema originado na paróquia de Sant Ildefons, em 14 de junho de 1959, quando proferiu o seguinte discurso: “Vengo a protestar porque se disse la missa en catalán. Yo soy castellano, pero me parece lógico que en esta misa el sermón sea en catalán. Pues diga a ese señor y a todos sus feligreses que son una mierda. Todos los catalanes son una mierda” (HUERTAS, 2006, p.155).

Javier Godó, da quarta geração dos proprietários do diário, assim definia os desafios de *La Vanguardia* naqueles momentos: “incluir a las redacciones gente buena, dinámica y sin excesivo cielo de sus tendencias [...] es preciso que se produzca una reacción para no vernos desfasados” (apud HUERTAS, 2006, p. 198). É importante recordar que, no período de transição do franquismo à democracia espanhola, precisamente em 1976, José Ortega Spottorno, filho do filósofo José Ortega y Gasset, junto com os jornalistas Darío Valcárcel e Carlos Mendo conceberam o projeto do periódico *El País*. Pertencente ao grupo PRISA, *El País* estreou no dia 04 de maio daquele mesmo ano, com uma tiragem de 180.000 exemplares, um modelo progressista inspirado no *Le Monde*, um livro de estilo elaborado com base no do *The New York Times*, e uma linha ideológica próxima à do *The Times* (SEOANE e SUEIRO, 2004).

El País, desde a primeira *Tribune Libre* assinada na página editorial por Juan Luis Cebrián, defendia uma aspiração à liberdade e à democracia, sob a promessa de diversidade de conteúdo e colaboradores, e uma renovação tecnológica, chegando a alcançar, já nos seus primeiros anos, a cifra de terceiro lugar entre os diários mais lidos na Espanha – atrás apenas de *La Vanguardia* e do madrilenho *ABC* -, fatos que soaram como alerta à família Godó. Nesses anos, outros veículos de imprensa também surgiram, como o *Avui* (1976) e *El Periódico* (1978), com o qual *La Vanguardia* adentra os anos 1980 com uma queda de 11% em suas vendas.

Era fácil prever: *El País* era um jornal novo, ambos começaram a abraçar o território espanhol. Em novembro de 1980, *La Vanguardia* enfrentou queda de 3000 exemplares. Horacio tentou fazer ver os problemas ao conde: “Vemos a nossa presença limitada à Catalunha e desaparecemos ou estamos a desaparecer de alguns mercados nacionais ou estrangeiros, cujo espaço está seguramente ocupado pelo nosso colega madrilenho” (HUERTAS, 2006, p.204).

O periódico da família Godó iniciava, assim, seu centenário em um ambiente de “oscuridad” (HUERTAS, 2006, p. 205), precisando de reformas editoriais e tecnológicas para fazer concorrência aos novos títulos que circulavam pelo país. Em 1982, as mudanças começam com o desenvolvimento de um suplemento de revista, a cargo de Lluís Foix, que assumiria como diretor do jornal no ano seguinte, em 48 páginas de papel brilhante e colorido, como um apelo a um design mais moderno e atraente aos leitores, e também com a implementação de uma nova rotativa offset – Wifag OF-7, que permitia

produzir um diário de 112 páginas, e de processos de compaginação¹⁵ e de vídeo-terminais.

Essas reformulações técnicas, ademais, foram acompanhadas por transformações mais profundas no âmbito do conteúdo veiculado pelo jornal, a partir da coordenação de Josep Carles Rius i Baró, contratado pelo novo diretor de *La Vanguardia*, Joan Tapia, em fins de 1980, quando trabalhava como redator-chefe do *El Periódico*, para alterar as rotinas consolidadas até então e recuperar os leitores perdidos, através de uma aposta pelo *reporterismo*.

Na sala 19 do departamento de *Periodismo y Ciencias de la Comunicación* da *Universitat Autònoma de Barcelona*, onde atualmente leciona, Rius¹⁶ recordou os mais de 20 anos de carreira dedicados à publicação dos Godó, sempre em cargos de editoria e supervisão junto à nova geração de repórteres que emergia do regime franquista. Sentado à mesa redonda com vista aos jardins que circundam a praça cívica do campus Bellaterra, entre os edifícios das Faculdades de Comunicação e Ciências Sociais, Rius deu mais detalhes da criação do projeto desenvolvido no *La Vanguardia* para fazer frente à concorrência que então se fortalecia:

La Vanguardia era el único periódico que quedaba de la época de antes del franquismo, y era un periódico que necesitaba una profunda transformación. Entonces incorporaba periodistas jóvenes de otros periódicos para hacer esa transformación. En *La Vanguardia*, yo tenía una doble función: era coordinador del área de Sociedad, y luego responsable de una nueva sección que se creó, con el cambio, que se llamaba *La Revista*, que consistía en hacer un gran reportaje cada día. Era un reto muy difícil, hacer un reportaje en profundidad, de tres páginas, diario, ¿no? Y esto solo era posible teniendo, pues, todo conjunto de *La Vanguardia*, poder contar con toda la redacción de *La Vanguardia*, casi 200 periodistas, y, sobre todo, tener un gran equipo de reporteros (RIUS, 2019, informação verbal).

O anúncio da implantação dessa nova seção foi feito pelo jornal em sua edição de terça-feira, dia 03 de outubro de 1989. Na página par ao lado do texto¹⁷ *Barcelona festeja la nueva “La Vanguardia”*, em que o conde Javier de Godó declarava que “las empresas

¹⁵ Juan José Caballero (2019, informação verbal) conta como era o trabalho na *La Vanguardia* antes dessas reformas: “la gente escribía en unas cuartillas de papel marrón, que eran papel de resmas de periódico, escribían un título sin mirar caracteres ni nada, y esos textos se enviaban a la imprenta, a través de una ordenanza, había un linotipista que volvía a escribir este texto, y entonces el regente de la imprenta veía el título y decía: ‘esto voy a dar dos columnas’... entonces la gente de la imprenta ponía el cuerpo que quería, la familia que quería, si el título era muy largo ponía el cuerpo más pequeño... así se hacía *La Vanguardia*”.

¹⁶ Entrevista realizada pela pesquisadora em 05 de novembro de 2019.

¹⁷ Disponível em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1989/10/03/pagina-31/33083527/pdf.html>. Acesso em setembro de 2020.

no funcionan si no hay equipo, y nos hemos propuesto formar un equipo nuevo y joven en el espíritu” (LA VANGUARDIA, 1989, p. 31), a peça *Crónica de un cambio histórico* apresentou *La Revista* como “uno de los productos más originales y novedosos de la nueva ‘Vanguardia’, con una amplia y variada oferta de lectura, [...] en la que ocupa el cuerpo central del diario, y el color salmón la distingue del resto” (LA VANGUARDIA, 1989, p. 32).

Junto ao comunicado que assinalava as intenções do jornal com o projeto *La Revista*, uma imagem retratava sua equipe¹⁸ principal de 16 jornalistas, nas instalações da redação na rua *Pelai*, posta à serviço de “una visión distinta de las noticias, más profunda, con las claves del reportaje y la narración”, conforme Rius, para quem a experiência é emblemática do fervilhar autoral pelo qual ansiava a imprensa espanhola após décadas de censura. Seu tom modulado em nostalgia e convicção de que ao ofício não cabe outra forma de ser é compartilhado pelo então colega de chefia de redação do diário, Juan Jose Caballero, com o qual ainda trabalhou nos dois anos de experiência do periódico português *Público* (2010-2012), na Espanha, e com o qual me encontrei numa tarde muito chuvosa de dezembro de 2019.

“¿Y qué te parece Barcelona lluviosa, han? A mí me encanta el calor de Brasil”, me dizia o sujeito de ‘baixa estatura, pouco cabelo e algo grisalho, com óculos sem armação’, tal qual sua própria descrição perfilada em e-mail, enquanto me abria a porta do café da biblioteca *Jaume Fuster*, na praça *Lesseps*, um tanto próxima do turístico *Parc Güell* – uma das assinaturas de Antoni Gaudí na cidade. Em clima amistoso, por onde perguntas e respostas se emendavam sem rodeios, e quebrando de partida a fachada de introversão que se costuma atribuir ao povo catalão, Caballero¹⁹ me situou em sua trajetória profissional, de início bairrista, pela cobertura das associações vizinhais aliadas do *Partido Socialista Unificado de Catalunya*, uma das resistências ao general Franco, e cujo auge se deu com o ponto de viragem promovido pela *La Revista*²⁰:

Fue un momento en que se generó otra forma de hacer periodismo, en el que se apostó mucho por el reporteroismo, y el reporteroismo

¹⁸ A saber: Jordi Bordas, J. M. Baget Herms, Víctor Amela, Isabel Ramos, Alberto Armengol, Eugenio Madueño, Juan J. Caballero, Antoni M. Piqué, José M. Castro, Manuel Díaz, Eduardo Martín de Pozuelo, Francisco González Ledesma, Caries de Torres, Miguel Martín, Bru Rovira e Josep Carles Rius.

¹⁹ Entrevista realizada pela pesquisadora em 04 de dezembro de 2019.

²⁰ Não nos esqueçamos de mencionar também que, antes de ser contratado para fazer compaginação no *La Vanguardia*, em 1982, espécie de porta de entrada para a posição de redator-chefe que assumiria anos depois, esse ‘otimista compulsivo’ deixou sua marca como coordenador de imprensa das *Compañías de Metro y Autobús de Barcelona*, pela unificação dos serviços de transporte que passou ali a vigorar sob a sigla TMB – *Transports Metropolitanos de Barcelona*, uma nomenclatura de sua autoria.

prácticamente no existía como concepto en *La Vanguardia*. Los reportajes lo hacían, sobre todo, los corresponsales. *La Vanguardia* siempre ha tenido una sección de Internacional muy potente, con periodistas muy buenos, pero, los reportajes que se veían en aquel tiempo eran esos, o en los domingos, en algunas páginas que había de huecograbado, y Rius introdujo otra variante periodística, el reportaje. Hasta entonces todo era información. *La Vanguardia* era como una agencia de noticias en papel, que era un poco lo que hacían los medios en aquel momento, decir lo que estaba pasando. No había, digamos, creatividad (CABALLERO, 2019, información verbal).

A potência de tal projeto residia, para Caballero, que hoje vive das aulas que ministra no *Master de Periodismo* da *Universitat de Barcelona*, “porque ya no tengo aguante físico, y para trabajar en una redacción hay que tener músculo, es muy duro”, precisamente na renovação geracional empreendida ali naquele momento: jovens, como ele, Bru Rovira, Manuel Díaz, que há pouco haviam ingressado no jornalismo, tendo feito escola com profissionais de referência da imprensa espanhola - Josep María Huertas Clavería, José Martí Gómez, Manuel Vázquez Montalbán -, e que energizavam um novo estado de ânimo na prática jornalística corrente.

Na visão dos repórteres entrevistados por esta pesquisa, não há como dissociar as mudanças que tomavam forma em um meio tão tradicional quanto conservador como o *La Vanguardia* da aportação técnica, ética e estética dos que recém chegavam da primeira turma da escola de jornalismo local, dispostos a desacomodar as inércias da rotina de uma grande corporação. “Esta gente joven solo quería hablar de periodismo y quería hacer buen periodismo” (CABALLERO, 2019, informação verbal), pelo que atribuí a valor da atuação profissional justamente na edificação de uma mirada própria, a (des)estruturar-se na lida narrativa com o real.

O vigor estava em fazer aflorar a primazia do ofício mesmo, como me conta²¹ Inmaculada Sanchís, que integrava o grupo de reportagem de *La Revista*, e atualmente é responsável pela seção de entrevistas *La Contra*, do periódico dos Godó. Por telefone e em contato inicialmente tímido, no entrave da mediação técnica que custa sempre mais a fluir, e que, no entanto, era nossa única opção naquelas semanas mais cheias pela proximidade do natal, ela relata o clima que os envolvia então:

Vivíamos en un cuarto pequeño y nosotros lo vendíamos los temas al jefe – ‘mira, hay esto, esto en África, esto aquí, esto allá’, y, bueno, peleábamos los temas. Y, normalmente, el jefe estaba a favor. [...]

²¹ Entrevista realizada pela pesquisadora em 17 de dezembro de 2019.

Viajábamos, pero cuando estábamos en *La Vanguardia*, vivíamos los temas, tú decías ‘voy a entrevistar a este, ¿qué piensas?’ o sea, había mucho intercambio y mucho entusiasmo por hacer periodismo. Había mucho entusiasmo por el periodismo [...] Lo más importante era contar buenas historias. Había un peso en la escritura, en la mirada de cada uno. Al final, nosotros ¿lo que somos? Somos contadores de historias. Yo soy periodista y eso significa que yo lo que hago es ver, oír y contar. Investigar, ese es mi trabajo. Es así de sencillo, y era la esencia del equipo de *La Revista* (SANCHÍS, 2019, informação verbal).

Seu dia-a-dia profissional já não se faz com os burburios criativos da redação e o vai-e-vem, inclusive internacional, que marcaram as pautas publicadas em cada nova edição do jornal naquele período. A cargo da contracapa do *La Vanguardia*, ao lado de Lluís Amiguet e Victor Amela, desde 1998, Inma se ressentia pela fragilização do convívio profissional e da aposta pela autoria na imprensa vigente, mas reconhece o privilégio de poder seguir com uma espécie de legado “de libertad y espíritu de cuando se hacía los reportajes” na condução dos trabalhos atuais, que ela designa como “*República Bananera de La Contra*” – um planeta distinto no padrão do periódico. “Ha habido momentos muy curiosos en los que en la portada se defendía una cosa y en la contraportada otra”, e é inevitável, ela me diz, não lembrar como esse tipo de ocorrência era frequente na quase-década do esplendor *reportero*.

Josep Carles Rius, que também continua a buscar brechas no sistema informativo hegemônico, agora como presidente da *Fundación Catalunya Plural*, criada por ele em 2013 para editar periódicos digitais especializados²², avalia o desenvolvimento da *La Revista* como uma sorte de pequena revolução mesmo, que tomou lugar como agir coletivo na redação do *La Vanguardia*: “trabajábamos en un periódico conservador y sabíamos que, para verlo reaccionar frente a la competencia, era preciso romper con el tipo de periodismo que se había hecho antes, incorporar una nueva cultura, hacer valer el reportaje”. E, para tanto, foi preciso assumir uma posição de embate no processo de mediação entre a coordenação de *La Revista* e a diretoria do diário. “Hacer de paraguas del equipo de reporteros”, define o responsável por aquelas páginas em cor-salmão, sobre seu papel de “argumentar delante del editor que era necesario hacer esta revolución”.

²² Rius se refere a essa nova empreitada como ‘jornalismo de comunidade’. O final do primeiro decênio de 2000 foi conturbado para a imprensa por lá, como o foi aqui no Brasil, pelos passaralhos que revoaram as redações desestabilizadas com o impacto do digital. Da crise que levou muitos profissionais, inclusive consagrados, ao desemprego, acabou emanando novas experiências dissidentes, encabeçadas pelos mesmos, como *Eldiario.es*, *Lamarea*, *Infolibre* (...), e as publicações de sua fundação: *El Diari de l'Educació*, *El diari de Treball*, *El Diari de la Sanitat* e *la Revista XQ*.

Veja que estamos falando de quebras de tabu, enfatizava Rius ao me ilustrar tal movimento com exemplos: reportavam histórias de mulheres em prostíbulos, quando a maior parte dos anúncios publicitários do periódico provinha de magnatas da prostituição, falavam de religião em enquadramento laico, mesmo com sacerdotes ocupando cargos executivos e publicando sobre dogmas do cristianismo em outras editoriais - “aprovechamos muy bien esta primavera para hacer lo que nos daba la gana”. Tal ousadia se atesta também pelos números: nesse período, conforme Huertas (2006, p. 237), *La Vanguardia* alcança a tiragem de mais de 210 mil exemplares diários, bem como a marca de diário com maior ocupação publicitária dentre os editados na Espanha – 43,6% sobre o total de páginas publicadas, na sua edição de domingo.

Temos, assim, uma conjunção de fatores que contribuíram ao protagonismo do *reporterismo* na *La Vanguardia* dos anos 1980/1990, configurando um tipo de eixo que atravessou sua maquinaria informativa a níveis intra e extra-midiáticos: a necessidade de modernizar o jornal e transformar sua imagem de alinhado ao franquismo frente aos diários emergentes e progressistas – *El País* y *El Periódico*; a disposição financeira da diretoria em investir na formação de uma equipe para produção de conteúdo exclusivo – também através de viagens para um trabalho de investigação mais apurado dos repórteres; e o fator humano pelo estado de ânimo de uma geração que, implicada em um contexto pós-ditadura e de conflitos internacionais em ordem da Guerra Fria, carregava consigo o peso da História e o valor social da imprensa em suas coberturas.

Enquanto me acompanhava até a estação Lesseps do metrô, com seu guarda-chuva bem mais adequado àqueles ventos de inverno em região beira-mar que a sombrinha que eu costumava levar em minha bolsa, Juan Jose Caballero ensaiou uma última defesa da juventude de jornalistas catalães que fizeram sua carreira no compasso da barcaça dos Godó - que sempre mira ao centro:

En *La Vanguardia* había dos frases recurrentes: ‘esto siempre se ha hecho así’, cosa que yo odio, y la otra ‘el lector de *La Vanguardia* lo que quiere es eso’, cosa que yo, también, odio. Nosotros vivimos a romper esta dinámica, no porque nos los propusiera, sino porque nuestro propio impulso y nuestro carácter era así. Lo peor que le puede pasar a una redacción es quedarse atrapada por sus propios vicios. [...] En todas las secciones tiene que haber un pepito grillo. Un pepito grillo es un personaje que siempre está jugando como coñazo. Pero esto pepito grillo te hace ver la realidad, te va poniendo en tu sitio, o sea, las voces críticas son muy importantes dentro de las redacciones. Y ahora yo tengo la sensación de que, primer, no hay nadie que espontáneamente quiera ser una voz crítica, y luego ha surgido un

modelo de jefe que yo creo que prefieren tener redactores disciplinados, que no plantean problemas (CABALLERO, 2019, informação verbal).

A primavera da *La Revista*, “fruto de un momento de mucha libertad creativa y compromiso periodístico”, tal qual descreveu Rius, perdurou até junho de 1997, quando de sua transição editorial para o novo projeto *El Magazine*, um suplemento dominical do jornal, com uma visada mais inclinada ao entretenimento, que seguiu buscando desencadear a proposta de outrora, contando com a mesma equipe de repórteres, sob a mesma supervisão: “en fondo lo que hacíamos era cambiar la naturaleza de *El Magazine* [...] coger un producto que era más light, con publicidad de lujo incluso, y convertirlo en una plataforma de periodismo en profundidad, con reportajes comprometidos [...] era una contradicción muy interesante” (RIUS, 2019, informação verbal).

Essas duas empreitadas, na interpretação de Caballero, que se manteve no ofício *cabrón* de aparar os textos do suplemento até 2009, tiveram êxito por associar uma singularidade na escolha dos temas reportados e um zelo com seu tratamento narrativo – resultantes diretas do respeito da coordenação pelo estilo de escritura de cada jornalista e da disponibilidade de um ‘triumvirato’ a se dedicar exclusivamente aos cuidados de edição:

Era un trabajo que significaba poner al servicio de otro tu talento. Aplicábamos a la organización de los textos, a la coherencia del tono de las entradillas, de los destacados, de los rodillos, de los pies de foto, del dialogo con las fotografías, es decir, nos preocupábamos con el texto y sus complementos, esos pequeños detalles que le dan fuerzas y cohesión, y que son los que, yo creo, hacen grande a un producto. Pero, imagínate ahora, en la situación actual de crisis, ¿quién se puede vivir de mejorar el texto de otro?, ¿pagar alguien para pasar el día haciendo solo eso? (CABALLERO, 2019, informação verbal).

Nos anos 2000, o grupo Godó, que também edita *El Mundo Deportivo* e detém o canal de televisão *8TV* e as emissoras radiofônicas *RAC1* e *RAC105*, sentiu a crise financeira e de valores que assolou os meios informativos do país, e além-fronteiras, especialmente a imprensa, e levou a cabo uma reestruturação de seu quadro de funcionários. Sob a direção de José Antich, a empresa aposentou precocemente 29 jornalistas veteranos, dentre os quais Bru Rovira, os profissionais aqui referenciados e outros, encerrando também a aposta jornalística assegurada por essa equipe, como relata Josep Rius:

La Vanguardia dejó de invertir en el reporterismo cuándo más lo necesitaba. Por razones económicas y por razones de, creo, falta de visión. En un momento en que hay tanta información volátil y muy

inmediata, tú, para distinguirte, deberías apostar por la calidad, por la profundidad. Además, en la versión en papel, tienes que hacerte fuerte en el placer de la lectura, el valor de la escritura. Si era importante el papel de *La Revista* en los años noventa, ahora es mucho más, porque tienes que competir con una infinidad de medios y, lo mejor, es competir en textos muy bien escritos (RIUS, 2019, informação verbal).

Quando me despedi dos entrevistados que me concederam horas de seus dias para me ajudarem a compreender a realidade da notícia em Barcelona, na troca paciente que não se apegam ao rigor dos idiomas, procurei perguntar sobre o que mais lhes causava incômodo ao folhear as páginas dos diários atuais. A Catalunha, eles me disseram, vive em uma bolha conflitiva que se enrijece pela falta de diálogo com o governo espanhol, pelo não-reconhecimento das demandas culturais de seu povo e pela falta de compromisso de seus atores políticos, que implicando-se com o universo da informação gera uma espécie de dinâmica de sectarismo, ou de ‘periodismo de trincheras’, como costumam nomear a cobertura noticiosa corrente: “no se hace más reportaje, se hace periodismo em función de una causa superior, se hace propaganda”, me esclarece Caballero – a que acrescenta Antoni Bassas, diretor do periódico *Ara*, com o qual também estive para conversar²³ sobre jornalismo, “el problema es que hay un abuso de la opinión no solamente con la mayor presencia de los artículos, pero sobre todo en las portadas, en los titulares, en un tipo de opinión que aparentemente no se ve”.

Rius comenta que, com o advento da internet, intensificou-se na mídia o apelo “por la cantidad, por el clique, por un periodismo muy de impacto, muy emocional”. Antes, sinaliza Inmaculada Sanchís, “se trataba de tener tú temas que no tuvieron los demás, y no de dar el tema que da todo el mundo, como ocurre ahora”, de modo que um desafio importante, para *La Vanguardia* e para os periódicos de um modo geral, é criar uma rota de navegação própria, “recuperar lo pulso de un deseo por ser singular”. Inevitavelmente, uma tal empreitada passa hoje, mais do que nunca, pela necessidade de os veículos encontrarem, e isso quem sublinha é Joan Cañete Bayle, executivo da diretoria do *El Periódico*, “un modelo de negocio que le permita mayor autonomía del poder político y económico” (2019, informação verbal²⁴).

Para Bru Rovira²⁵, o jornalismo não pode perder de vista o sentido histórico para aprender com as lições do passado: os anos dourados da imprensa espanhola ensinam que houve um fortalecimento de seu propósito com a defesa pelas liberdades – civis e também

²³ Entrevista realizada pela pesquisadora em 08 de outubro de 2019.

²⁴ Entrevista realizada pela pesquisadora em 29 de setembro de 2019.

²⁵ Entrevista realizada pela pesquisadora em 14 de dezembro de 2019.

profissionais, fomentado em um processo de resistência ante ao regime ditatorial franquista. Os jornalistas dessa geração tinham como vívida a importância do *reporterismo* enquanto ofício a serviço de mudanças e avanços sociais. Agora, a realidade atual, fragilizada pela insuficiência das tradicionais ideologias em impulsionar transformações, também necessita de um compromisso do jornalismo sentido à uma mediação plural, compreensiva e complexa frente às necessidades do humano ser:

Estamos en un momento histórico muy interesante, porque es un gran cambio de civilización, un cambio brutal. Desde la caída del muro de Berlín, hubo un cambio, y luego en el 11 de septiembre, hubo una constatación del cambio. Las teorías políticas antiguas ya no sirven. Hoy, el problema, la urgencia, es que todas las minorías tienen que sentirse respetadas por el Estado de derecho, representadas. El respeto y la protección de la diferencia es la base del futuro de un mundo cada vez más diverso. [...] Lo que necesitamos es rescatar el compromiso con el humanismo. Eso también sirve al periodismo. Si me preguntas cómo vamos a salvar la profesión, a mí me parece claro: lo que tenemos que hacer es el camino de regreso a lo humano. El compromiso con las cosas es lo que nos puede hacer crecer, las personas solo pueden crecer juntas, y es a eso que el periodismo debe dedicarse (ROVIRA, 2019, informação verbal).

Cabe avançar esse exercício de reflexão empírica, por isso, a apreender em maior proximidade as concepções e acepções que se conjugam na dinâmica jornalística de Rovira, na esteira dessa aportação contextual que nos apresentou um pouco da trama social e organizacional que involucrava seu fazer – atravessado por 25 anos de colaboração ao *La Vanguardia*. Os apontamentos continuarão entrecruzados pela experiência dos profissionais aqui citados, que compartilharam com nosso sujeito de pesquisa seu percurso a tomar forma com o *reporterismo* do periódico, e colherão de outros relatos mais elementos para compor a tessitura interpretativa de sua obra. Meu intuito, com essas incursões em dialogia, é substanciar, também com intersubjetividade analítica, a leitura cultural que por fim esboçaremos de suas narrativas em *Solo pido un poco de belleza* (2016) e *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (2006).

Pois, então, vamos...

2.2. Desacontecimento em vivência com as *Carreteras secundárias* de Bru Rovira

Todo encontro é mistério, a literatura nos diz. Romances são tecidos nessa expectativa, artistas e intelectuais são movidos, desde muito e sempre além, por esse desvelo, e a cotidianidade vive a sua magia, em tudo o que tem de conforto e tensão. As ideias ensaiam, como medida de segurança e escape fabulatório, o que só o concreto pode, em parte, nos dar – e é bom que essa oferta nos seja suficiente. Especulamos com ansiedade as cenas de um imprevisível que, a bem ver, é parte corrente de nossos dias. Por vezes demais, até, nem nos damos conta do enigma que nos interpela, e nossa imaginação parece trabalhar em um *continuum* silencioso. Por outras, os seus ruídos inquietam e nos levam ao limite do que a introspecção pode chegar. É a presença, todavia, que resolve a intriga das projeções, e também nos abastece com nova semântica para desvendar.

A nível de investigação, nada disso muda. Nós, que tratamos da Comunicação, vivenciamos o fenômeno, também na pesquisa, bem sabendo dos afetos que colocamos em jogo – se ainda não, precisamos despertar. Temos nossas próprias expectativas, nossas urgências profissionais, nossas barreiras as mais diversas que não cedem completamente em favor da objetividade científica. Elas participam conosco da processualidade que executamos com nossos projetos, e se deixam entrever em cada unidade de organização que dispomos. Especialmente neste tópico, uma maior transparência me é necessária. Porque, vejam, no mínimo alguns bons anos de minha trajetória pessoal confluem com maior intensidade aqui: esboço hipóteses, levanto bibliografias, conecto autorias – e cada uma dessas etapas munidas de seu próprio valor -, mas minhas pistas fundantes quem me lança é o signo que (des)acontece entre sujeito-investigador e sujeito de pesquisa.

Se as locuções timbradas em papel-tela podem nos dissimular em certezas de sentido – estão ali, fixadas, como que dados que não se alteram -, o real que nos chega pela experiência-vivência escapa a qualquer tentativa estanque de interpretação. É fruto do presenteísmo, das subjetividades em um intermédio do aqui-e-agora, o que não lhe esvai de validade epistemológica, mas talvez lhe peça um cuidado a mais no seu articular. Nessas linhas em que estarei a alinhar o percurso jornalístico de Bru Rovira, sobre o qual nada foi até agora escrito em termos acadêmicos no Brasil, meu *replieg de sentir* estará em exercício e um tanto quanto à mostra para que minhas incursões sejam mais claramente compreendidas. Do jornalismo de Bru Rovira, assim, nos dirão seus textos, ele mesmo, e o contexto dialogal partilhado junto a ele por mim – eu, as leituras que já

havia feito sobre, as entrevistas que já havia realizado sobre, e os afetos que já havia mobilizado sobre.

O fazer acadêmico e o fazer jornalístico podem entrecruzar nuances interessantes. Quando embarquei no aeroporto de Guarulhos para dar início ao estágio previsto em Barcelona para aquele semestre da pós-graduação, levava em minha bagagem de mão as folhas impressas do projeto que havia desenvolvido para me guiar durante a investigação, como que um recordativo da tarefa que teria que cumprir naqueles próximos meses. Ali estavam meus objetivos geral e específicos, as teorias que bem se encaixam às minhas premissas científicas, e o problema de pesquisa que eu ansiava responder tão logo entrevistasse Bru Rovira. Aquele típico roteiro que um jornalista profissionalista carrega consigo para otimizar os trabalhos, sabendo das demandas de que precisa dar conta. E embora eu perseguisse uma visada contrária a uma tal prática em meus estudos, não parecia realizar que estava engessando meu olhar de pesquisadora também naquele momento.

Passaram-se dois meses desde minha chegada na capital catalã até eu conseguir conhece-lo pessoalmente. Ainda no Brasil, havíamos trocado alguns e-mails onde lhe contei de meu interesse por suas obras, e ele de sua admiração pelo jornalismo latino-americano, e nas semanas quentes de agosto em que tateava minha nova paisagem em solo estrangeiro, após avisá-lo de minha disponibilidade para nos vermos, recebi uma mensagem sua no celular: “Hola. Estoy viajando. A partir de septiembre está bien. Concretamos más adelante. Disfruta BCN”. Durante a espera, aquela ficha recordativa permaneceu em minha mesa, ganhando novas páginas, pelas perguntas cada vez mais específicas que eu buscava formular especulando o que teria de retorno, e pelos novos apontamentos que fazia conforme o trato bibliográfico se desenrolava. Até que recebi a ligação de Rovira enquanto almoçava, no dia 30/09/19 – para ele, como para os espanhóis, ainda manhã, para mim, que não conseguia desvencilhar-me da rotina no Brasil, 12h30 já era uma boa hora para um prato de arroz com frango, infelizmente sem feijão carioca.

- Que tal Barcelona? Está gostando do nosso verão? [...] Estava em Maurîtânia, mas agora podemos nos ver. [...] Já visitou a terra de Salvador Dalí? Vivo em Ordís, vai ser difícil para você chegar aqui sozinha, mas por Figueres posso te buscar. Saindo da estação Sants,

é só tomar o Figueres Vilafant, estarei lá te esperando. [...] Você vai conseguir me reconhecer, né?

E, assim, dois dias depois, eu rumava para a região de *Alt Empordà*, a quase uma hora por trajeto ferroviário desde a estação Sants de Barcelona, com uma bolsa que abrigava minhas expectativas em forma de itens. Gravador, o caderninho com o roteiro que havia, por meses, preparado, dois livros-reportagens de Eliane Brum como gesto de agradecimento, os livros dele que compunham minha pesquisa, e a sombrinha com que tento me precaver de chuvas inesperadas. No vagão 12 da Renfe-AVE, a vida que (des)acontece, felizmente, me distraiu, ou me despertou, das leituras que havia programado para o trajeto.

Um casal e seus trigêmeos se sentaram no banco ao lado, no outro lado do corredor. Brasileiros, estavam em férias visitando algumas cidades da Espanha. Madrid-Barcelona, uma pausa para conhecer o museu do célebre surrealista – a despedida em Valência. As mochilas que equilibravam junto às crianças, imagino que na faixa dos oito anos, me indicavam que viviam em ritmo espontâneo aqueles dias de viagem. Enquanto os filhos coloriam alguns desenhos, marido e mulher retomavam os retratos feitos pelo celular na noite anterior, e comiam as maçãs que estavam embrulhadas em papel alumínio – um daqueles raros momentos que os pais tiram para si. Pensei no meu irmão e em meus quatro sobrinhos, menores, e em como seria se estivéssemos todos juntos. A garotinha, Luísa, pintava os contornos do Mickey, e teimava em querer a mesma cor que o irmão já estava usando. Passei a interagir quando ela percebeu que eu os estava observando. Conversamos sobre a turma da Disney e sobre o que ela estava achando do passeio. Acho que se sentiu confortável ao escutar outra pessoa, além dos pais, falar português depois da semana longe de casa. E eu também. Conteí que estava ali estudando, mas, espera, ela me interrompe, “para que estudar se não estamos na escola?”.

E em fragmentos tão ingênuos quanto perspicazes, a gente compreende que talvez faça mais sentido deixar o vivido nos orientar que o contrário. Descemos em Vilafant e agora me pergunto, curiosa, o que a será que a mente criativa da Luísa lançou ao ver os gigantes ovos intercalados com estátuas douradas no topo do museu de Dalí. Pela plataforma, a faceta caricata do pintor, em verde-quadriculado, acompanhou-me no percurso até a saída da estação, onde Rovira me esperava em moletom esportivo, para um dia de céu azul com os ventos característicos do outono de lá. Quantas partidas e chegadas

ele já deve ter presenciado em mais de 40 anos de carreira?, divago, enquanto aceno com as mãos em aproximação.

Já havia escutado de seus colegas de profissão que ele era um *tremendista*, uma dessas figuras que se implicam de maneira profunda pelo mal-estar do mundo e vivem com tal peso, mas seu semblante me expressava calma, e sua voz fluía nesse mesmo compasso. Me intrigo sempre que ouço pessoas atravessadas por fortes experiências, que já testemunharam conflitos diversos, em timbre suave, espaçado, como de quem não precisa impor tudo o que viu. Rovira não comprime os silêncios e preserva o tempo das trocas, sabe que naquela ocasião seu relato é o foco, mas atrela o que tem para dizer com a narrativa do outro. Nos pouco mais de dez minutos de rodovia que fazemos em seu furgão preto, sentido a Ordis, ele quer conhecer o que penso sobre o jornalismo no Brasil, e já começa a me dar pistas da percepção que marcará nossas conversas naquele dia:

- Al periodismo lleva muy bien la inestabilidad, la precariedad, todo eso es muy bueno para el periodista, ¿no? Fíjate el periodismo latinoamericano como es mucho más fuerte, interesante que el español, y es porque es un periodismo que tiene un sentido en la sociedad, porque nosotros aquí estamos hablando de un mundo que se hunde, de un mundo pesimista y tal, y en cambio el latinoamericano tiene la sensación que puede hacer y transformar cosas, ¿no? y que lucha. Entonces esto es una cosa que es jodido decirlo, pero lleva muy bien al periodismo esta fragilidad, esta necesidad de asumir una causa...

Em meio às estreitas vielas do pequeno povoado em que se aloja atualmente, naquele gradiente-pastel de pedras pelo chão e pelas construções, o repórter me aponta o flamular das bandeiras da Catalunha junto às janelas que se enfileiram com nosso trânsito, sinal da resistência cultural dos quase 350 habitantes que ali vivem de modo sustentável e autossuficiente energeticamente. O direito à autodeterminação é um assunto caro aos povos mais tradicionais da comunidade, e vou me situando de que a História é o motor narrativo de Rovira também. Ele se interessa por essas problemáticas largas, que se ensaiam como pano de fundo para a compreensão do que somos e do que fazemos enquanto sociedade. Eu poderia até começar a levantar as perguntas miúdas que desde muito havia esboçado para aquela ocasião, tentar conduzir em via mais segura – também para os meus desejos de pesquisa, os diálogos que passaríamos a tecer, mas todo encontro é mistério, e foi me ficando mais claro que mais valia que aquele nosso *entre* me indicasse os sentidos para onde poderíamos chegar.

Quando entramos em sua casa, um sobrado rústico, com tijolos antigos à mostra e piso sem cerâmica, o apego à historicidade continuou a se me mostrar. Cadeiras de palha e paredes brancas, com pouca mobília nos cômodos e praticamente nenhuma porta para fazer suas divisórias – com exceção do banheiro, é claro. Entre a sala, a cozinha e uma espécie de escritório, a visibilidade era direta para alguns poucos itens de decoração: fotografias em preto e branco de suas andanças pelo mundo, vasos com conchas de mar em tamanhos variados, caixinhas com ferramentas de jardinagem para os cuidados com o quintal florido, e livros espalhados cerca da grande janela que se põe à frente da entrada. Na cozinha, onde nos sentamos para a primeira parte de conversas, os utensílios se acomodam em copos altos listrados e as poucas panelas ficam expostas em prateleira de madeira, junto com um bloco em resma de papel e um pequeno radiozinho de pilha com sua antena levantada ao máximo. Um frigobar branco e as duas bocas do fogão fundido em ferro dividem espaço no balcão em que ele nos prepara um café à moka, pela pequena jarra de alumínio que nos retém o amargor mais característico do grão.

Em um desses copos largos e baixos, que bem poderiam servir uma dose de whisky, a fumaça com o rastro do aroma se expande mais livre enquanto Rovira atende a uma ligação logo ao se sentar, na mesa redonda onde eu já o aguardava comentando sobre minha estada em Barcelona. Era Ramón Lobo, jornalista venezuelano-espanhol de notória expressão como correspondente internacional no *El País* dos anos 1990 e 2000, e recém-contratado para colaborar como colunista do periódico em 2018. Veteranos quando o assunto é *reporterismo* de conflitos, sob as trilhas deixadas por Ryszard Kapuściński no velho continente, eles coincidem em Madrid com frequência para tratar do ofício que os move, ainda que à revelia de um reconhecimento público que parece já não mais valorar os que se entregam à escritura do tempo presente. “Mira que tenho comigo uma *chica* idealista do Brasil, que está disposta a me ouvir falar sobre o que fazia a nossa geração...”, ele sorri em tom já de despedida, beliscando a toalha de geometria vermelha e branca que reveste nosso café. Seus dedos compridos e finos estão sempre em movimento, ora pela mesa, ora pelo pescoço enquanto conversa.

“Pois, então, por onde vamos começar?”, ele me interpela. Deixo o questionário na bolsa e decido ativar somente o gravador cinza chumbo que tenho comigo de meus tempos de graduação, quando fazia a cobertura local para uma rádio de Bauru. “Sabe que demorei para ter um modelo prático desses comigo? Passei uns bons anos contando com anotações... e com a minha cabeça, ¿no?”, e dessa interrogante que se fazia comum em sua oratura, eu apreendia do convite que ele sempre me estendia a participar de seja qual

fosse o assunto. Mais que um vício de linguagem, a expressão que se reiterava me indicava para o ânimo dialogal que não se contenta em discorrer e palestrar sobre si, quer, antes, se conjugar no comum. Por vezes eu acenava com a cabeça e sorria, ou então lhe respondia o que me vinha à cabeça, e nessa atmosfera fluída, em que eu até me esquecia dos entraves de se ter que falar em um idioma que não é seu, me percebia como que em uma de suas reportagens. Dos meus erros de pronúncia e de meus lapsos de linguagem, que com certeza existiram, ninguém marcou ou centralizou, ali o tono era conhecer histórias, e ele corria em mão dupla.

Daí que na sequência das próximas duas horas, antes de fazermos uma pausa para o almoço, a conversa (des)aconteceu por enredos mais contextuais. Sua incursão pelo jornalismo, ele me dizia, foi muito atravessada pelo regime ditatorial de Franco e as implicações em sua infância fechada. O espanhol era o passaporte de um país fascista, isolado, proibitivo, onde o silêncio imperava como derrocada e eco de repressão.

- Todo era gris y también era pobre. En las pocas veces que viajaba en Suiza en verano, a visitar la familia cuando era niño, encontraba esa visión de otro mundo que me hacía pensar ‘joder, aquí vives en una prisión’. Nadie hablaba de nada, y yo solo quería salir fuera, conocer y explicar el mundo, pero no solo explicar con un sentido político, sino vivenciar, ¿no?

Quando temos o privilégio de conversar com mediadores-autores, que se distinguem por sua assinatura criativa, há frequentemente o despertar desses momentos em que o universo das palavras se coloca como subterfúgio da dureza do real. Em Bru Rovira, os livros de poesia se entrecruzavam com relatos do Holocausto e do campo de concentração de Auschwitz, e a imaginação que o circundava naturalmente lhe abria janelas para o exterior, não em confabulação desde as fronteiras de sua casa, à dinâmica de um escritor-ficcionista, mas na vivência curiosa e vital que lhe demandava experimentar o que o rodeia, em rupturas com o dia-a-dia enclausurado. Na adolescência, o movimento de um tal desejo ensaiou-se por uma associação ao partido comunista, “pero cuando vi que te daban una pistola, hombre, no...”, não era por aí que ele queria resistir. “No pertenezco al grupo por encima de la verdad, creo que soy un poco anarquista en este sentido”.

O ideal que desde a infância Rovira construía com os livros, junto a simbolismos revolucionários e hippies que alcançavam sua casa pelo tio inglês que lhe trazia de *Beatles*

a Che Guevara, tomou sentido de concreto quando nos anos 1970 ele passou a colaborar com o periódico *Tele/eXprés*, oficina de embate para nomes nostalgicamente lembrados por sua geração. Joan de Sagarra, Joaquin Ibarz, Josep Casasús, Josep María Huertas, Manuel Vázquez Montalbán figuram como expoentes da imprensa franquista em suas memórias – e de outros que ali também fizeram escola antes de ingressarem no *La Vanguardia*, como Juan Jose Caballero e Josep Carles Rius. *Informe sobre la información*, publicado em 1975 por Montalbán, era como que leitura obrigatória dos repórteres que se seguiam aos impactos do pós-Guerra Civil. O substrato da obra foi escrito pelo jovem jornalista durante os 18 meses em que permaneceu na prisão, a maior parte no cárcere de Lérida, pelo apoio à greve dos mineiros em Asturias, em maio de 1962. A cela que o separava do mundo acabou lhe sendo favorável para discutir a liberdade do labor jornalístico em face às engrenagens hegemônicas que estruturam o produto noticioso.

“La información es, pues, una búsqueda del control de la verdad para suministrarla de acuerdo con los intereses de la clase social que detenta el poder económico y político consiguiente, no siempre coincidente con las necesidades históricas de los hombres”, escreve Montalbán (1975, p. 36), ao que persegue nas páginas seguintes as implicações dessa complicada indústria no papel assumido pelo jornalista: adquirir consciência da contradição que encarna, clareza de ideias suficiente para compreender que sua grandeza é “forcejear con todos esos condicionamientos para recuperar, cotidianamente, la dignidad que le otorga la búsqueda de sus auténticas responsabilidades con el pueblo” (p.232). O compromisso social da prática *reportera*, assim, é marca distintiva enfatizada no repertório daqueles que, sabendo-se produtores simbólicos, ensinam-se também leitores da complexidade cultural.

Em cada experiência profissional partilhada por Rovira durante aquele dia, a confluência dos sentidos que se formou como princípio norteador para essa geração *Tele/eXprés* se fazia notar. Não se tratava de simplesmente lidar com fatos, mas de compreender a sua colcha contextual, que diz da história, dos sujeitos e de suas emoções. As inquietações que enfrentamos em nosso hoje, na visão do jornalista, enquanto coletividade assombrada pelo retorno do autoritarismo, ou pela crise dos refugiados, não se aplaca porque não temos sido capazes de uma mediação informativa que alarga o olhar em vias de relação.

- El clima, el ambiente es lo que también crea las personas. Vamos a lo contemporáneo. ¿Por qué un sujeto en los años setenta, que era español, portugués o italiano, se instaló en Francia, trabajó como obrero en la *Renault* o en algún sitio así, estaba acogido por el partido comunista porque llegó sin papeles y lo protegieron, por qué este tío hoy vota en Marine Le Penn? Esta es la pregunta. La sociedad de hoy le insulta, ¿no? Le dice ‘tú eres un imbécil y no sé qué’, pero nadie se pone en su piel para escucharle y ver lo que pasa, porque a ese tío pasa algo, ¿no? Y ¿qué le pasa?

Ele me joga a indagativa de uma das problemáticas mais urgentes do nosso século, para a qual um repórter em exposição constante com o concreto tem algumas hipóteses para cercar. E que se lhe tornaram de tão modo caras que a condição do jornalismo e seu futuro enquanto atividade legítima e valiosa socialmente passa por essas conexões históricas.

- Pues es muy sencillo, su mundo se ha hundido. Ya no hay fábricas, no está la *Renault*, los vecinos, los hijos suyos no tienen trabajo, el barrio es una mierda, antes eran trabajadores, protegidos por los sindicatos, protegidos por la política, hoy son parias, inmigrantes, han fracasado, ¿no? Entonces ellos, su vida, sus valores, lo que les dio fuerza ha sido traicionado, porque la sociedad capitalista no ha dado salida a esta gente, entonces esta gente, los que les comen la cabeza, como los políticos de la derecha conservadora de ahora, ellos van a este discurso que es un discurso mesiánico. ¿Y nosotros lo que hacemos? Atacamos. Pero, ¿tú puedes atacar un sentimiento? No sirve para nada.

Se o jornalismo está fora de lugar é porque está falhando em se dar conta de que as lentes ideológicas que usamos para perceber o real não servem para as demandas do mundo em que vivemos. No sirven para *nada*, para *nada*, e me repete com sua mão direita em posição reta e firme, como que a romper com o bloco mental que insuficientemente nos guia. Seu fazer jornalístico se edificou no tardo-franquismo colhendo valores em defesa de liberdade e de união coletiva, mas sua bagagem política não lhe viciou a ponto de perpetuar os mesmos esquemas de interpretação às nuances cada vez mais diversas do global pós-Guerra Fria. Ainda ao final dos anos 1980, quando já viajava para *La Vanguardia* pelo leste europeu, testemunhando a ruína do regime comunista na Romênia,

com a queda de Nicolae Ceaușescu, Rovira aprendeu que é do contato direto com o vivido das pessoas que deve prover nosso conhecimento de mundo.

A um sujeito desde menino impregnado pela experiência fascista, que durante as aulas da escola de “Formação do espírito nacional” idealizava o comunismo “como a una mujer desnuda que no veíamos”, a escuta do povo que sentia no dia-a-dia, e não na abstração política, as dolorosas contradições do regime socialista foi o choque necessário para desestabilizar as convicções doutrinárias, que ali se faziam de aportações concretas que ele também carregava. Mas ao jornalista cabe a honestidade de se desenganar também a si mesmo, ele me afirmava, dando a entender que nesse fragmento de autoexame se encontrava também uma de suas primeiras lições profissionais.

- Así es precisamente porque si tú vives con la gente, escuchas, profundizas, está siempre en una posición gris, dónde no puede asumirse de un modo dogmático. [...] Yo me acuerdo que llegaba a Rumanía y que era brutal, porque estaba prohibido entrar como periodista y yo entré desde Italia, cogí un coche en Yugoslavia y entré, como clandestino, como si fuera visitar alguien, no sé qué, y entonces visité todo el país, no había electricidad, controlaban el consumo de la gente, controlaban las mujeres, había hambre, entonces todo eso tú tienes que decirlo, ¿no?

E então que não há como reportar sem se atentar às articulações dialógico-dialéticas das temporalidades e dos afetos do humano ser. Rovira, de fato, fundamentou em seu agir a historicidade dos conflitos entre direita e esquerda, que atravessaram nossa geopolítica até a queda do muro de Berlim, e fez da curiosidade resistência para seguir com o ofício, mas também maturou o desencadear social que maneja e que cobra outras semânticas de ponderar. “Hoy más que nunca se trata de mirar hacia la vida de la gente y ser bondad o hijo de puta. Así lo declaro”, com o humor a canto de lábio que, no entanto, não se esquivava da seriedade do que enuncia.

- La bondad es entender, primero, que no tiene siempre la razón. Que es una sociedad plural, que mucha gente vive de modo distinto de lo que tú quieras y que no hay problema en ser distinto... Si todo mundo tuviera que ser como yo, hombre, sería un desastre total, ¿no? Yo, como periodista, lo único que tengo que hacer es entender todos esos cambios. Antes, por ejemplo, se hablaba del grupo como el elemento cohesionador que sustenta las personas; hoy se habla del revés, lo sujeto, la persona es lo más importante. Porque

cuándo tú no construye sobre la libertad de la persona, la has jodido. Y la persona, como individuo, no importa quién sea o lo qué piensa, te pide respeto. El respeto y la protección de esa diferencia es la base del futuro. Antiguamente, no. Antiguamente teníamos ideas, que hasta podrían ser buenas, y las queríamos imponer esto, pero un mundo así no se sostiene.

Ah... Veja que essa é a grande tragédia da Europa, ele me sinaliza. E fala com o pesar de uma frustração que não se conforma como há tempos demais o prestigioso primeiro-mundo falha em alcançar a complexidade de nossas demandas hoje. Ainda apegada à justificação pelo progresso, cuja bandeira lhe estabeleceu em vias de controle de tantos territórios, e cujas consequências Rovira narra desde a guerra dos Balcãs, a princípio dos anos 1990, aos fluxos migratórios atuais dos africanos à costa espanhola, a Europa quer que todos sejam europeus, “solo no sabe de qué tipo”, enfatiza. Não aceita os muçulmanos, não aceita os africanos, e até pode dizer “estos negritos son buena gente...”, mas não são assumidos como iguais, vê? Não são iguais, Rovira argumenta. E seu pensamento parece estar sempre nesse trânsito histórico, que desafia os tradicionais modelos ideológicos e aposta em contrapartidas desde o protagonismo da própria dinâmica social.

Enquanto os partidos de esquerda conduzem sua cartilha como burocratas, e os da direita como demagogos, cada qual buscando em seu povo as feridas para perturbá-lo em termos de bem ou mal, negligencia-se a necessidade de se conceber o mundo tal como ele é, “y el mundo tal como es que es un mundo cada vez más diverso, plural”, ele assim o compreende. Voltemos a um exemplo contemporâneo, já que a oratura de Rovira sempre trabalha em chave de associações:

- Aquí en España ahora está el tema del islam, ¿no? Mira, cuando yo era niño, en Barcelona, y empezaron a llegar los inmigrantes, me acuerdo mucho, plásticamente, porque mi barrio se llenó de inmigrantes, que las mujeres andaluzas iban a la playa de Barcelona vestidas de negro y no se bañaban... Ahora sus nietas se van a topless. No pasa nada. Pero si nosotros en aquella época hubiéramos dicho ‘mujeres vestidas de negro y tal’, hubiéramos roto la normalidad de un cambio, ¿no? Y ahora hacemos eso con los musulmanes. Vemos una mujer tapada y la insultamos. Pero déjala, su hija decidirá, ¿no? Y siempre deciden lo bueno y no lo malo. Siempre deciden lo bueno. Esta hija de la mujer

que va tapada de negro ama esta mujer, ama su madre, su abuela, la respeta, y cuando ve que tú las insulta, ella se cierra también.

As leituras que tece dos fenômenos culturais agora bem mais evidentes pelas aberturas da globalização, e situadas em amplitude espaço-temporal, convergem com um aprendizado sobre a processualidade das transformações que, conforme suas travessias dialógicas, nada tem a ver com o signo autoritário da explicação, que quer determinar ao Outro como ele deve ser e como deve agir, mas é mais afeta ao ritmo paciente da compreensão, que reconhece o valor da aparente lentidão do exercício reflexivo. E tudo isso quem lhe mostra é o convívio entre-sujeitos. Rovira fala de estrangeiros, de imigrantes, de soldados, de políticos e eleitores, de pessoas. Suas articulações estão sempre orbitando a vida ordinária, e colhendo do pouco visado senso-comum os extratos para suas significações de mundo. Quando está com gente maior, como os espanhóis costumam dizer, vê de modo muito claro a importância de se manejar com tranquilidade o tempo. Os idosos negociam, reconhecem, admitem os sentimentos, não se importam em dizer ‘me equivoquei aqui, sou frágil’, o repórter continua me ilustrando suas formulações, para concluir que o saber, o pensar, o conhecer nada mais deve ser que isso. É também espera.

Aproveito a deixa pelo novo café que ele torna a ferver para lhe comentar do bairro em que naqueles meses estive vivendo e das senhoras que ali pude conhecer. *Sant Martí de Provençals* não é próximo do circuito universitário – de fato, todos os dias eu precisava baldear duas estações de metrô e tomar um trem de 40 minutos para chegar na *Autònoma*, e tampouco rodeado de atrações turísticas, mas me oportunizou olhar para Barcelona a partir do cotidiano de seus anciãos que, transcorridos os anos difíceis das guerras e da ditadura, enfim desfrutavam seus encantos. Na *Rambla Guipúscoa*, entre as estações *La Pau* e *El Clot*, costumeiramente caminhava ao anoitecer daqueles dias em que o sol nos acompanhava até às 21h, e podia observar o encontro de amigas, avós passeando com seus netos em carrinhos de bebê e em patinetes, ou então sentadas à sombra das árvores locais a conversar com suas cuidadoras. Às vezes em cabelo tingido de rosa ou roxo, transitando com bengalas, cadeiras de roda ou de mãos dadas com seus acompanhantes, a vida ativa pela qual Barcelona é tão conhecida também (des)acontecía nessa urbe mais pacata.

Certa tarde em que uma feira popular visitava o bairro, e enchia a *rambla* com suas barracas diversas, de roupas, artes e comida, me sentei para comer churros em uma

banqueta ao lado de um casal de idosos, que logo se interessou pela camiseta que eu estava usando, ou melhor dizendo, pela minha origem brasileira, afinal a estampa de folhagens trazia escritos em português. Como espanhóis da Galícia, há uns anos vivendo na capital catalã para se manterem próximos aos filhos, dona Antía e seu Luís reconheceram facilmente minha expressividade. Também porque tinham lembranças bonitas de Porto Alegre. Que pena que eu não era de lá... Mas nós estivemos algumas vezes em São Paulo, né Luís?, recordava a senhora em seu vestido azul-céu... E como era o nome daquela empresa que fazia voos daqui para o Brasil? Varig, acho que Varig, ele esperava pela minha confirmação. Pois que já viajaram bastante naquela época em que a tia se alojou no Rio Grande do Sul e o Luís estava bem na fábrica de tecidos em *La Coruña*, depois de terem se casado mal tendo um lugar para começarem a vida a dois. E agora tomavam o tempo para paparicar as crianças. Os netos demoraram, mas vieram à luz em 2013. O terceiro da turma está para nascer nos próximos meses, me contam.

- Imagínate que, en vez de hablar de Barcelona y delincuencia, empiezas a hablar de estos paseos, las avenidas, gente mayor, ciudad de ancianos que tienen una vida activa, que van a la biblioteca con sus nietos, que hacen gimnástica, natación... Pero hoy las campañas políticas se basan en el miedo. La seguridad es el tema que más gana votos, hay que trabajar con el miedo, el miedo y que tú tienes la solución.

Suas acepções jornalísticas iam, assim, se me mostrando pelas leituras de mundo que fazia, e pelo lugar que conferia ao jornalismo em meio aos fluxos históricos que, desde a sua visão, configuravam uma mudança de civilização. Não que os valores fundantes à prática se alterassem com o tempo, pelas fragilidades ou pertinências de nossas semânticas políticas e culturais, mas como, ele indagava, diante de quebras tão drásticas como a queda do muro de Berlim e os ataques do 11/09, não nos ficava mais claro o necessário vínculo do humanismo com a profissão? Como, em vez de fortalecer o diálogo com os diferentes, agora que temos tantas fontes de informação, em vez de despertar essa abertura curiosa, estamos criando essa depressão, inclusive na própria autoestima do jornalista? Se o ofício mesmo poderia nos estar fomentando uma mirada mais generosa, contribuindo para pactuarmos uns com os outros de maneira distinta, reconhecendo os desafios do momento em que vivemos?

Mas o diálogo custa. O enfrentamento de tamanhas adversidades nos pede uma dinâmica que não estamos dispostos a adaptar. Me parece que esse é um ritmo que só

existe em períodos de pós-guerra, Rovira me diz. Será que está dando para acompanhar os pensamentos, ou está tudo muito confuso?, ele ri. Porque esse é até o motivo pelo qual raramente o convidam para *tertúlias* na televisão. “Mis ideas son barullentas, no se expresan rápidamente, y eso no sube la audiencia”. Mas como acho que você também é uma idealista, podemos seguir, ele arremata, enquanto eu lhe aceno com a cabeça.

Chega a ser curioso, então, como apenas nessas situações de total desastre o ser humano se movimenta a pensar e criar laços. Depois da Segunda Guerra Mundial veio a socialdemocracia, o Estado do bem-estar, melhor época da Europa, todos empenhados numa reconstrução, não? Para quem havia passado pelo inferno, não havia outra porta de saída que o humanismo. “Pero ahora, que estamos todavía en el cielo, y hay leche en todos los supermercados, pues la gente no vislumbra el infierno que estamos construyendo, y estamos construyendo el infierno, ¿no? Y el periodismo tiene que entrar aquí, tiene que militar en eso”.

De que nos serve sabermos falar inglês, francês, alemão, ou acessarmos mais facilmente territórios que antes nos pareciam inalcançáveis, se não nos interessamos pela história dos povos? Se não nos detemos sobre o modo que vivem, que comem, que celebram seus dias? E Rovira tem essa predileção pelas interrogações, como que a enfatizar que também segue perseguindo as provocações que elas lançam. Não como uma busca pela verdade, porque enquanto conceito essa se escancara como insuficiente, autoritária, e sim para a significação de uma visão mais plural, respeitosa e afeta.

- Te quiero decir que tenemos una sociedad en la que el ser humano está en su infancia de humanismo, de un modo real. ¿Qué ha pasado? Que con la globalización todo eso explota de un modo no entendido, o sea, diríamos, los procesos humanos son mucho más lentos que la ciencia. Por ejemplo, que yo me comunique con un chino por *whatsapp* va a una velocidad superior al encuentro entre yo y un chino, porque el chino tiene un mundo propio, una cosmovisión totalmente distinta... Entonces, claro, la ciencia nos dice que puedo estar en *whatsapp* hablando con un chino, pero esta velocidad no tiene nada que ver con el diálogo profundo con un chino.

E quando esse complexo descompasso é levado ao limite pelos conflitos bélicos globais, a banalidade do mal alertada por Hannah Arendt ganha ares de corolário com as atuais tecnocracias de bombardeio por *drones*, desde contêineres informatizados, no qual nada se experiencia *in loco*.

O jornalismo não passa impune a tantas contradições. Como quer-se afirmar uma atividade de mediação social se não se coloca próximo ao humano? Não escrevemos *mirando*, não escrevemos pensando, e assim desperdiçamos o maior presente que a vida pode nos dar, afirma o repórter. Que outra profissão permite tratar a condição humana, a filosofia, a sociologia, a antropologia, a psicologia? “Yo he llegado a leer libros de cocina para hacer reportajes sobre China, ¿quién te puede regalar eso intelectualmente?”

Suas investidas reflexivas pela história do último século, pelos paradoxos que atualmente nos regem enquanto civilização, convergem em sentido de regresso ao homem, ou ao compromisso com sua individualidade coletiva que, para ele, também é o único caminho que resta ao jornalismo para continuar a ter sentido. A convicção de que para se ter direito a narrar há que se conhecer, em campo, sem filtros e nem escudos protetores, sobre aquilo que se fala, lhe vem como legado do convívio com Ryszard Kapuściński, repórter polaco que confluíu nas assinaturas de outros profissionais como Ramón Lobo e Gervásio Sanchèz – este último, fotojornalista especializado em cobertura de conflitos, cuja trajetória voltarei a acionar em etapa oportuna. Conheceram-se na década de 1980, antes da derrocada soviética, no bairro *El Born*, em Barcelona, quando de sua visita para o lançamento do livro *El Emperador*, sobre Haile Selassie da Etiópia. Naqueles anos, Kapuściński ainda não havia logrado o reconhecimento internacional de que dispõe nos circuitos, inclusive acadêmicos, sobre história e reportagem, mas tinha prestígio entre a geração de jornalistas catalães que então buscava sua singularidade no ofício.

Talvez o enxergássemos como um de nós, esclarece Rovira, porque também ele era de uma minoria de uma minoria, vindo de uma espécie de satélite da URSS, com um idioma restrito, trabalhando para uma agência de notícias pequena, enquanto daqui resistíamos pela Catalunha, também em posição marginal.

- Él era un tío interesante, tenía formación histórica, era un lector del humanismo, en verdad que era un humanista, una mezcla de católico progresista y comunista, y tenía una actitud filosófica que conectaba para un país que salía de cuarenta años de dictadura y censura. Gustaba de narrar historias de la gente corriente cuando el periodismo diplomático solo quería escribir sobre poder y las figuras oficiales.

Como *Os cínicos não servem para este ofício* (2002), Kapuściński defendia que para exercer o jornalismo, antes de tudo, era preciso ser um bom homem, ou uma boa

mulher. “Si se es una buena persona se puede intentar comprender a los demás, sus intenciones, su fe, sus intereses, sus dificultades, sus tragedias. Y convertirse, inmediatamente, desde el primer momento, en parte de su destino [...] compartir de forma natural y sincera los problemas de los demás” (p.38). Para o historiador formado, conforme sua própria designação, na escola dos Annales franceses, não há *reporterismo* possível à margem da relação com o Outro, fonte principal do conhecimento que nos chega pela escuta, pelos detalhes, pelos humores, e que se complementa com a literatura sobre o tema de fundo em questão.

Cada um de nós está conectado a outros seres humanos e é preciso que nos imaginemos, ele aconselha, como figuras dotadas de muitos fios e elos que vão em todas direções (p.43), reconhecendo o espírito de compreensão recíproca como uma das obrigações morais que temos quando escrevemos. Em Bru Rovira, a contracorrente pela vida da pobreza trilhada por Kapuściński em suas *corresponsalías* toma a expressividade de *carreteras secundárias* – noção que carrega suas escolhas jornalísticas, também políticas, e sua aspiração por inscrever marcas de singularidade e autoria no que reporta. “El periodismo es un carácter y su base es la curiosidad”, me diz, como que para destacar que a feitura de cada profissional se faz, enquanto desvela, das responsabilidades por ele assumidas na complexa mediação do real, que apreende de seu vivido sentido e partilhado.

Carreteras secundárias, para Rovira, porta a processualidade formativa de seu agir interessado em conhecer o mundo mais além, dos discursos oficiais, das agendas tradicionais, do *mainstream* das manchetes e das capas da imprensa. E mais afim, ao dia-a-dia, à gente comum, às histórias ordinárias. Seguindo, evidentemente, os rastros daquela vontade de vivenciar o imaginário e as inquietudes que desde a infância lhe rondavam. “El *reporterismo* es también una experiencia física de una vocación intelectual”.

- Las carreteras secundarias serían el modo de entrar en la colmena, ¿no? Imagina que el mundo es una colmena, y tú el modo de explicarla, pues entonces trata de un *cómo* puedes decir, ¿no? Pues puedes hablar del todo, o hablar de la reina, o del polen, de la flor.... Hay una manera de entrar, ¿no? Y yo me he interesado por el relato de la olla.

Rovira faz, aqui, referência a uma passagem que é, inclusive, descrita em seu livro *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (2006), e que bem exemplifica, em tom de experiência-vivência, a mirada jornalística que lhe toca empreender:

- Eso ocurrió en Mozambique cuando rescatamos una señora con un helicóptero, después de las inundaciones del 2000. Esta señora subió, y cuando estaba en el helicóptero dijo ‘me he dejado la olla’, pero el tío del helicóptero decía ‘bueno, cada hora de vuelo en este helicóptero vale no sé cuántos millones’, y ella insistía ‘no, es que yo sin mi olla no puedo vivir, necesito la olla’... El tío entonces le contestó ‘bueno, nosotros tenemos que ir’, y la señora por fin se tiró. Entonces, claro, la olla no es solo una olla, y tenemos que explicar eso. Está la olla, pero también está la señora, y está el helicóptero, y está el vuelo, y bueno, tenemos que hacer las conexiones de las cosas, ¿no?

E me ilustrou a noção, também, com a figura de um sapateiro de seu vilarejo em Ordis, que nos dias de muito vento, frequentes por lá, se coloca na praça com uma batuta de maestro a conduzir as correntes de ar, como se dirigisse música. Ou de um homem que, em meio aos conflitos de Mogadiscio, e a despeito da falência do Estado, segue vestindo seu uniforme de polícia municipal, boné, correias, apito na boca e uma bengala branca para ordenar o tráfego local. Ou, ainda, de vizinhos do povoado de Pétrola que se ressentem pelos cartões postais que não mais lhes chegam pelos correios, de líderes camponeses explorados como escravos, de mulheres refugiadas acusadas de traição à pátria, de albaneses que resistem em suas mesquitas e igrejas mesmo com as proibições religiosas do país, de cuidadoras estrangeiras que amenizam a solidão na velhice, de artistas que vivem e sobrevivem de reciclados, de professoras exiladas que não se esquecem de seus alunos, de mães em campo de refugiados, mães enfermas, mães que enterraram seus filhos, de pessoas em situação de rua, de padres em asilos...Sem entrar nas histórias do *bando dos poetas*, reunidas no livro *Solo pido un poco de belleza* (2016), sobre os amigos que se ajudam a lidar com a dependência do álcool – que serão aprofundadas mais adiante -, e outras listadas no capítulo 3 desta tese.

Por vezes ganhando contornos mais literais, com o repórter tomando as pistas vicinais dos povoados espanhóis, ou se enveredando por territórios pouco abordados da ex-Iugoslávia, da África subsaariana, da Amazônia em suas fronteiras com a Colômbia e a Bolívia, a expressão *carreteras secundárias* se reveste enquanto metáfora à prática jornalística por projetar-nos em percurso, que imagino que aqueles que vivem no interior estão mais acostumados a fazer, de direção mais imprevisível, por vezes com desenho sinuoso, que nos pede desacelerar para preservar os pneus do carro, avistar os postos de gasolina ou lanchonetes para uma pausa na viagem, e mesmo para perceber as vegetações

diferentes que se nos apresentam, as casas dos que vivem à beira-pista, ou os animais confinados em seus pastos.

Uma tomada de posição, digamos assim, distinta da que provavelmente assumiríamos se pegássemos uma rota tradicional. Aí, as rodovias por nós já bem conhecidas, no mais das vezes lineares, sempre recapeadas, com sinalização evidente e específica, pontos de parada calculados para o conforto dos usuários, e pedágios, trazem-nos uma sensação de controle que nos permite, inclusive, engatar o piloto automático do veículo e nos dispersar da viagem que trilhamos. Essas vias bem estabelecidas nas nossas rotinas, de trabalho, de estudo, de visita a familiares ou amigos, acomodam-nos a considerar apenas a chegada, fazendo do durante um desenrolar sem muita importância. Tão apegados ao destino final, damos poucas chances ao entorno de nos envolver.

Por isso *carreteras secundárias* tem um tom de provocação. De um repórter que, em discordância com as configurações cada vez mais engessadas do ofício a despeito de seus necessários compromissos frente ao dinamismo sociocultural, elege conjugar sua mirada jornalística como crítica e resistência à feitura hegemônica, demarcando suas tessituras em chave de uma narrativa de outra ordem. Mas podemos continuar a conversar sobre isso enquanto almoçamos?, ele me convida, e eu confesso que às 14h eu já estava pensando nisso há um tempo.

Rovira troca a pantufa que estava usando por um tênis – alguns de seus calçados ficam agrupados na entrada da casa, a exemplo do costume oriental -, e seguimos em seu furgão para o povoado de *Empúries*, à noroeste da península, que ainda abriga herdeiros dos gregos e romanos que ali se instalaram 500 anos a.C. Quinze minutos de estrada, aos poucos avistando em horizonte os contornos montanhosos dos Pirineus, que fazem a divisa do território com a França, e estacionamos na baixada do *Passeig Pi i Llussà*, na rotatória em que os motoristas disputam uma vaga para ficarem mais próximos do cenário que foi nomeado Patrimônio da Humanidade pela Unesco em 2002.

Muy bien. A pausa que fazemos nos diálogos sobre jornalismo me oferece a oportunidade de apreender mais pelos outros sentidos. E a fala cessa à medida que vamos caminhando pela passarela em meio ao verde que abriga as ruínas da cidade que já foi o enclave comercial da Catalunha no mediterrâneo ocidental. Não há como não silenciar diante do encontro da história com a natureza. À margem dos vestígios de nossa civilização, o mar se mostra em cor e som com os ventos do princípio de outubro. Eu, que apesar do medo, e talvez até pelo medo, tenho fascinação por água, desço apressada as escadinhas de madeira sentido à praia de *Sant Martí d'Empúries*, enquanto Rovira vem

mais devagar, como que sabendo preservar a toada do momento de cada um. O céu em azul forte e claro faz dregadê com as ondas até que calmas que se formam no mar. Algo sempre me surpreende quando me deparo com um visual assim tão nítido, leve, em co-presença com sensações outras, naquele caso, o toque gelado e cortante das monções. Como se, ciente de que o verão tem muitas vantagens, o tal visual nos convidasse em disfarce para apreciar as suas cores, e depois de arrebatá-los pela expressividade de suas nuances, já não nos deixasse importar se faz frio ou calor.

A Costa Brava tem o seu charme. O litoral não parece denso como o nosso, o vai-e-vem das águas são mais espaçados e a areia parece mais movediça, grossa, também concentrada em faixa mais estreita. Alguns guarda-sóis estilo palha se enfileiram em sequência, mas mesmo nos dias mais quentes não se vê barracas de bebida ou vendedores ambulantes circulando e anunciando seus produtos. O imaginário sobre os pescadores, as navegações, os portos e as trocas internacionais que ali já tomaram lugar, no entanto, nos distrai a tatear concepções distintas de mundo.

Por aqui a gente costuma dizer que o vento ajuda a limpar a cabeça, ¿não?, Rovira me interpela, agora que precisamos fazer o retorno para chegarmos ao restaurante.

Em frente à igreja de *Sant Martí*, acima da praia, nos acomodamos nas mesas em chão de terra do *La Terrassa d'Empúries*, para uma refeição tipicamente catalã, como ele me sugere. Vinho tinto da *Ribera d'Ebre*, produzido nas vinícolas de Tarragona, também marcada por confluência romana, e pizza de *butifarra* branca, um embutido de porco popular na região, usado como petisco avulso, em sanduíches ou massas. Rovira conversa um pouco com o garçom que nos atende, um senhor que leva mais de 20 anos instalado em Ampurias, e que se acostumou muito bem com o idioma catalão, apesar da origem ucraniana, mas não se habitua aos ventos do norte. “Yo tengo un vecino a que le gusta mucho. A mí no, porque seca todo, el jardín, la piel. Nunca acostumbro. Al día siguiente ya está todo muerto. Prefiero lluvia, hasta mal tiempo. Aguantemos”.

É por isso que não entendo a falta de vocação do jornalismo de hoje para as histórias, Rovira desperta nosso assunto. Posso parecer nostálgico ou um *tio aburrido*, mas é assim que aprendemos a viver de jornalismo naqueles anos. *La Vanguardia* podia ter uma estrutura conservadora em seus diretores, mas do editor e chefe de redação para baixo eram todos jornalistas, ele me explica. Havia direita, havia esquerda, as desavenças eram inevitáveis, mas todos conseguiam se respeitar de modo profissional, porque eram muito bons na assinatura que criavam.

- Me gusta pensar que personalidad fuerte también es talento. He hecho lo que me daba gana, francamente. A veces mitad de la redacción te odiaba, eras juzgado, pero el editor no tiraba tu texto jamás. Todo lo que he hecho era porque yo proponía, siempre fui un reportero con iniciativa, que tenía ideas y que proponía temas. Me acuerdo de un texto que incluso estuviera en la portada del diario, sobre una curva en un sitio donde la gente hacía carreras de motos, y la redacción lo aceptaba. Claro, tenía que estar bien tratado, pero había una apertura para un ejercicio profesional más libre. El director estaba en su despacho arriba, ganando dinero, y mirando cuanta publicidad tenía... hasta que todo eso se ha cambiado. ¿Quién manda ahora, la empresa o la redacción?

Por tratamento textual, Rovira abarca todo o aparato de sentidos mobilizado pelo repórter para perceber que qualquer tema pode ser história de capa ao jornalismo. Há, em sua fala, o envolvimento com as práticas que consagraram figuras por todo o mundo na história da profissão, de João do Rio a John Hersey, de Ricardo Kotscho a Svetlana Alexievich, preservando-se suas singularidades, vê-se como o valor está em ser orelha e ser voz. “Mirar con atención y comprender cómo una persona se explica a sí mismo para mí es el fundamento de todo, es el sustantivo del lenguaje”, me sintetiza. *Carreteras secundarias* é saber olhar para lados distintos e reconhecer que, se em nível hegemônico só se considera a espinha dorsal, em vias de contra-proposição há que se interessar pelo esqueleto todo: “el lenguaje, las elecciones, las señas, los gestos, los mecanismos que van por detrás, todo eso explica la persona”.

Mas é só a proximidade que nos pode sensibilizar para uma tal apreensão, ele continua. O que se passa é que o olho que apenas vê não se acerca a nada, prefere se contentar à construção de seres fantasmagóricos sobre o que não conhece em vez de se colocar em relação. Sim, fantasmas – ou de que outro modo poderíamos nos referir a como a Europa está tratando os imigrantes?

- Esta frase que dicen aquí ‘porque el inmigrante viene a quitarnos el trabajo y no sé qué’, si conocieran este tipo se encontrarían con un tío que lo que quiere es vivir, sobrevivir, dar trabajo a su familia y ser amigo tuyo. No te quiere joder. Pero la sensación es esta, ¿no? Entonces a mí lo que el periodismo me has enseñado es el otro, es que ese tío que viene es simpático, o es un capullo, o son las dos cosas, como también nosotros somos las dos cosas, y más. Todos los tipos humanos están en una misma persona, están en este

tío que para nosotros es un fantasma. Eso es lo que me ha cambiado, y que me ha deprimido profundamente.

E se os jornais estão perdendo leitores, ele argumenta, não adianta colocar a culpa na internet. Por que as pessoas vão ler um diário em papel se encontram o mesmo conteúdo no formato digital? Por que têm que ler um texto que não as toca, que não tem ritmo, que ao final não encontram tese, que não passa de uma pirâmide invertida? “Si está en crisis es porque es muy aburrido, muy estandarizado, el periodismo escrito hoy produce frustración”. Para quem a reportagem é estar, ver, ouvir, partilhar e pensar, não há como prescindir do cunho criativo no registro dos relatos. Não é fazer do ofício mero manejo estético ou formal, mas inclusive assumir no plano da linguagem um cuidado com as histórias que lhe foram confiadas. *Carreteras secundarias* é também como uma cebola, com o qual o trabalho consiste em desvelar as camadas, até se chegar onde há um sentido profundo, pela escuta e pela redação.

Por que tudo é uma questão de sentidos, não? E Rovira retoma suas incursões pela condição humana. O homem, se não é criativo, se não sente que faz algo próprio, está infeliz. “Hostia, en la vida estás vivo porque eres Tú, no porque eres una pieza de un sistema, quieres sentir que te valoran, todos necesitamos del reconocimiento del Otro”. Aprendemos de pequenos que cada um busca a seu próprio modo a mirada do Outro: quando criança, pedimos aos nossos pais que nos olhem brincar, jogar, desenhar, e mesmo adultos seguimos esperando essa atenção de nossos parceiros, em nossos trabalhos ou outros grupos sociais. Ao jornalismo, essa compreensão é vital, “y quizás sea el oficio más bonito del mundo porque ofrece esa mirada al Otro, pero es también el más narcisista del mundo, porque necesita permanentemente de ese reconocimiento... Y el mundo de hoy es un mundo completamente cruel, no valora a nada. Nada. Solo el dinero. El éxito”.

Mais de 40 anos de jornalismo...você se sente reconhecido?, lhe indago. E como nenhuma história de vida cabe em sim ou não, sua resposta me vem em diferentes dimensões, e ilustrações. Se considerarmos que em minha trajetória cubri guerras em muitas partes do mundo, e inclusive reporte Ruanda meses após o genocídio de 1994, então talvez não, não consiga falar em reconhecimento. “Porque desde ahí reconocimiento es ver que lo que tú has dicho o lo que tú has hecho ha servido para algo, que tu experiencia tiene alguna influencia social”, e basta olharmos ao redor para constatar que nada efetivamente mudou, não? Essa frustração que se mistura com impotência, em quadro que não se descola de um forte senso de responsabilidade social,

percebi nos discursos de outros repórteres de guerra com quem pude conversar – Gervásio Sanchez, Alfonso Armada, Gemma Parellada.

O ofício pode ser muito solitário se você pensa que toda carga que viveu enquanto lidava com as angústias e o horror da violência não se altera substancialmente com as palavras que escreve, e que tampouco você consegue nomear suas dores aos Outros – e nem tem o direito de pesá-los com suas fraquezas, ele completa. Mas é aí que talvez enxergue outra faceta em termos de valor pessoal.

- Mi ex mujer era suficientemente emotiva para entenderme sin preguntar, tuve alguien para me acoger, que sabía cómo me dejar tranquilo, que me valoraba, y reconocimiento es también ese amor, esa complicidad. Yo tengo dos hijos, hice toda mi carrera profesional con familia, y viajando... Tuve suerte porque así no me volví loco, estaba enamorado, estaba bien. Pero, claro, había como un secreto, ¿no? que es dos realidades: el mundo de aquí, el mundo de allí. A mis hijos nunca les decía ‘he visto esto, he visto aquello’. No. Silencio. Y a mí hijo a veces eso le molesta, ¿no?, que no le he explicado cosas, pero yo creo que le he protegido. Porque tú no puedes volver de un genocidio y decir todo lo que has vivido, todo lo que has visto, no podía infectar la vida de mis hijos así...

A emoção da vida é se dar conta dos pequenos momentos em que talvez seu exemplo tenha feito a diferença, Rovira me relata, na sequência dessas passagens em que me conta mais abertamente sobre sua vida íntima. E é possível apreender que se trata de algo forte para ele porque, junto ao tom de quem decide falar mais de si, seus olhos marejam ao recordar de episódios em família. Ele não estava sempre em casa, e por vezes precisou lidar com a incompreensão dos filhos sobre a ausência ou o que enfrentava nas viagens, mas qual não foi a sua surpresa quando, na formatura da escola do menino, no início dos anos 1990, em meio aos seus deslocamentos para a região dos Balcãs, o concerto da turma tocou *Cant dels ocells*, de Pau Casals, um dos símbolos da resistência ao franquismo e ao nazismo, até hoje tida como a canção que representa os que vivem em exílio.

*Ya entra la totovía
diciendo: Pájaros ven
festejar la aurora!
Y el merlot, silbando,
iba festejando*

*a la mayor Señora.
 El estiverola dice:
 No es invierno ni verano
 sino que es primavera;
 cuanto es nada una flor
 que por todas da olor
 Y llena la tierra entera.*

A composição que se converteu em hino de liberdade aos catalães, lembrada especialmente nas noites de Natal, foi performada em violoncelo por um estudante, refugiado de Sarajevo, colega de seu filho – e a pedido dele. “Entonces tocaron esto, y yo venía de Bosnia. Me puso a llorar como una sopa, pensando en lo que significa ser padre, periodista, y en la fuerza de la educación”. Há um espaço de sofrimento que não podemos partilhar, mas talvez o gesto da arte nos seja a via mais favorável para uma aproximação. Se não há o que dizer, se não há como narrar, o sensível encontra suas próprias maneiras de se fazer presente. Assim também o é nas interações jornalísticas. Mas decidimos embalar essa conversa no sobrado, aproveitando as horas que ainda restavam para a partida do meu trem, às 18h.

Finalizamos a crema catalana, sobremesa típica servida em recipiente de cerâmica, à gosto de pudim, com frescor de limão e canela, e voltamos pelas ruínas greco-romanas sob o golfo das Rosas, com o vento a nos limpar a cabeça. Barriga cheia pé na areia, nós costumamos dizer por aqui, e por lá o ditado se reveste como a tradição da *siesta*, um tempinho de descanso que os espanhóis e os italianos tiram antes de voltar ao trabalho, pelo que, dessa vez, nos acomodamos em poltronas, com uma infusão de camomila para acompanhar o costume.

A mesinha de madeira no centro de sua sala trazia livros diversos: *Le cahier gris* (Jose Pla); *La Sega* (Martí Domínguez); *Vacío y Plenitud* (François Cheng); *Mauritanie* (Organisation Internationale du Travail); *Llibres de poesia* (Carles Riba); *Bleu blanc noir: quand des africaines prennent racine en France* (Laurent Beccaria) e *Reforzar los cimientos*, de Ngugi Wa Thiong’O. “Soy um enamorado de este tio”, Rovira me aponta para a obra de capa bege do autor queniano, voz crítica ao neocolonialismo da África, que viveu em exílio por mais de 20 anos, em Londres e na Califórnia, devido ao seu ativismo político.

- Los europeos, los soberbios que somos, nos vamos por el mundo y pensamos que somos los grandes pensadores y tal, y luego cuando ves esta gente, que han reflexionado tanto y son grandes filósofos, son grandes escritores, y este racismo nuestro de pensarnos que el negro está en otra dimensión, solo sirve para hacer de jardinero, de campesino, o hacer casas y tal, pero que no sirve para dirigir una universidad, ¿no? Y lees este tío, y él debería estar en la ONU, dirigiendo, porque tiene una visión de lo que es democracia. Él explica muy bien cómo realmente puedes hacer para defender a una minoría y en África este es el reto, cómo puedes hacer en un país en que hay 35 etnias, que la minoría tenga una representación política. La recepta europea es que hay la colonia, hay una superioridad política, que es la nuestra, y que vas a imponer, y en los libros NGugi explica cómo tiene que respetar, o sea, que no habrá una superioridad de la democracia hasta que una minoría no tenga la protección y la representación en las decisiones del Estado.

África é um tema caro a Rovira. Sua grande viagem ao Outro, que é também o grande movimento do jornalismo, como ele mesmo me assinalou em autógrafo registrado em meu exemplar de *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (2006), um compilado de suas reportagens publicadas para *La Vanguardia*, nos anos de *La Revista* e *El Magazine*, quando de suas incursões por Somália, Ruanda, Sudão Sul e Libéria no pós-Guerra Fria. Quando teve a oportunidade de viver em concreto o ideal de humanismo e *carreteras secundarias* que defende, reportando e partilhando desde a *cercania* o mistério do estrangeiro. Que é desconhecido até que se sente com eles, coma com eles, e perceba que são como o Manolo de seu bairro, ele me relata, que gostam de contar histórias e se divertir tanto quanto você. “Compartir es un escuchar y es un hablar también. Ellos también me preguntan: ‘tío, y tú quién eres?’, entonces creo que es muy importante que el otro sepa quién eres tú, y qué intenciones tienes. Cuando uno siente que hay apertura en ti, ya está”. A magia (des)acontece. A confiança é relação que vem dos dois lados para o repórter.

Olhar o Outro sobre o qual se narra, e sobretudo sob a complexidade da relação norte-sul, é dar-se conta, ademais, de que esse Outro nos mira a nós mesmos, e talvez o grande desafio esteja em nos colocarmos na visão que o nosso interlocutor nos estende, Rovira aponta. Se tomarmos uma das pateras que chegam às costas de Andaluzia com refugiados, nossa percepção imediata pode ser a de apreender apenas sujeitos cansados, que perderam familiares, que vão viver nas ruas, sem trabalho, quando uma vivência mais

próxima nos pode revelar outros aspectos, sua esperança em transformar sua vida, em ajudar seus pais, em lutar por uma vida mais justa aos filhos.

- Ver que el Otro es alguien que tiene una historia, que piensa, que es como Tú. Este ‘como Tú’, que es tan fácil de decir, es muy difícil de explicar. Pero hay que explicarlo. Que piensa diferente, también lo tienes que aceptar, y que ni siempre se acepta. Aquí hubo muchos años, muchas décadas, la idea era que él que viene de fuera se tiene que adaptar a un sistema que es mucho mejor que es el nuestro. Bueno, eso se acabó, o sea, él que viene de fuera tiene su sistema, entonces tú tienes que crear un espacio común, que hay unas leyes para todos igual, pero que las creencias, que claro está contemplado en los derechos humanos, son distintas, entonces tienes que adaptarte a todo eso.

Mas veja que quando comecei minhas viagens pelo continente, Rovira pondera, eu não sabia nada de nada. Buscava em leituras, buscava em dados, mas nenhum documento te prepara para um encontro como esse. Me colocava em mediação em diferentes países da região subsaariana, às vezes em tempos de estadia curtos, e tentava colher com os locais suas interpretações de mundo. E de seus modos de encarar os problemas e do desenrolar de seus dias, ele me acrescenta, é que aprendi a me enxergar também em trânsito histórico, a entender os ciclos do tempo, que questionavam o meu próprio lugar ali enquanto europeu.

- África tiene todos los pecados de la Europa ilustrada. Si recoges un mapa de África ahora, y mira dónde están los conflictos, verás que todos los conflictos están asociados a los recursos, eso quiere decir que se ha introducido una cultura de violencia exterior, tú miras donde hay oro, donde hay diamantes, donde hay petróleo, y es donde hay guerras, es donde hay problemas... quiere decir que ha habido una relación del mundo ‘civilizado’, del mundo rico, que ha tratado África como nada.

E a despeito da exploração ocidental-capitalista que corrói suas estruturas e perspectivas, é o tecido social que nos desperta para a compreensão sobre resistência, ele me conta, de um tono humano que persevera enquanto cultura de diálogo, que precisou criar seus próprios mecanismos para enfrentar uma geografia muito dura, o que se lhe mostra como território muito rico também em termos jornalísticos. Para buscar a dignidade das pessoas. Caso contrário, estaremos fazendo espetáculo, pedagogia do

horror. Ou, o que lhe parece tão pior quanto, produzindo significados sobre a realidade a partir de opinião vazia. “El periodista quiere hablar de todo sin escuchar. En vez de analizar los hechos, ya directamente opina, ha suplantado el social”.

O jornalismo do Outro, que está na base da prática das *carreteras secundárias* e de outras que elegem fazer do povo o personagem, pede um tipo de abordagem que não pode prescindir da alteridade enquanto fenómeno vivido. É preciso estar em movimento, por avião, por comboio, por carro ou pelo que seja, para conhecer e reconhecer do contexto de que se fala. “En España todos los debates que hay, públicos, sobre Oriente, sobre las guerras, sobre la pobreza, lo hacen gente que no han salido de su casa. Son periodistas en abstracto, normalmente políticos”, que além de propagarem ignorância, ocupam a voz e a vez dos que se encontram verdadeiramente implicados. Mas se entrarmos por essa rota, Rovira adverte, lá se vai mais um bom tempo de crítica ao que mais amo fazer. Será que é por isso que me chamam de *tremendista*?

A questão é que também já eram quase 18h, e meu trem sairia dentro de alguns minutos da estação *Vilafant*. Precisamos, por isso, pegar a estrada sem muitos rodeios, em despedida que até me fez esquecer de entregar os livros que havia trazido, ou de pedir-lhe autógrafos e uma foto. Seguimos junto ao sol que já se punha e bem se harmonizava aos tons pasteis das casas e vielas de Ordís. Rovira me dizia de sua vontade de conhecer melhor o Brasil, agora que estava mais livre para se dedicar a projetos pessoais, principalmente os ribeirinhos da Amazônia, a que não teve a oportunidade de contactar quando visitou o país e seus entornos latino-americanos. Quem sabe dentro de uns anos eu poderia ver um pouco do Brasil pelos seus relatos?

Nos despedimos à porta do embarque, e eu lhe reforcei que se nos encontrássemos novamente, seria na companhia de alguma iguaria brasileira, feijoadada no melhor dos cenários, para continuarmos nossas incursões pelo jornalismo como nos toca ser. Disse o meu até logo também a Dalí, a quem prometi voltar com mais calma a Figueres, para me estranhar com a vida pela sua arte. E retornei à Barcelona com um novo quadro a mãos, um pouco diferente daquele que havia esboçado inicialmente, em uma escala alargada, rizomática, sob contornos menos precisos, porém mais densos e estimulantes.

Nas semanas seguintes ao encontro com Bru Rovira, procedi com entrevistas junto a jornalistas e investigadores de alguma maneira alinhados ao projeto de pesquisa.

Esqueci propositalmente a ficha das questões que me roteirizava em via aparentemente segura, mas limitadora, na gaveta da escrivaninha, e me desafiei a participar das conversas em sentido mais livre. Me preparava, evidentemente, levantando informações prévias que poderiam me ajudar a conhecer mais os sujeitos com quem iria tratar, mas não engessava as formulações em ordem de uma futurologia que pretende arrematar os inesperados que na verdade nos são o mais caro em qualquer dialogia. Com os 26 profissionais que me receberam, busquei me aproximar da possibilidade de compreensão do jornalismo desde a ênfase do olhar empreendida por cada autoria. Se convergiam diretamente às ideias que trazia comigo, ou se mais bem pareciam divagações pessoais, cada fala diz de seu momento e é contribuição em um quebra-cabeças que não nos cabe esgotar.

Mantive contato com Rovira por mensagens virtuais e, antes de regressar ao Brasil, nos vimos em mais uma comarca catalã. A princípio agendamos um almoço em Barcelona, para a sexta-feira 13/12, na *Ciutat Vella*, onde o repórter por muito circulou em suas vivências com o bando dos poetas, e onde poderíamos tentar encontrar um cardápio à brasileira para honrar aquele nosso combinado, mas ele teve um imprevisto e acabamos transformando a refeição em café no dia seguinte, em Girona, já que estaria por lá para um final de semana em família. Como não tivemos a esperada feijoada, que seria até um ótimo encaixe ao clima de inverno que ali se fazia sentir, coube à paçoca nos dar o gosto do Brasil nesse novo encontro. E agradeço à minha amiga do interior de São Paulo que, em viagem à Espanha no mês anterior, me presenteou com esse pacotinho de saudade, que também contava com farofa e doce de leite.

No sábado, às 09h, então, o ponto de acolhida foi o bar *Sol*, bem em frente ao *Ayuntamiento* da cidade de 100 mil habitantes que acabou ganhando interesse mundial por ser palco de algumas cenas da aclamada série audiovisual *Game of Thrones*. Da estação central na praça da Espanha, caminhei uns 15 minutos pela *carrer Nou*, atravessando a *pont de Pedra* que corta o rio *Onyar*, já avistando os traços medievais das construções de Girona com as bandeiras da comunidade autônoma. Na *plaça del Vi*, as sacadas dos edifícios se dispunham com laços amarelos que representam a luta pela liberdade dos presos políticos e a volta dos exilados, desde o referendo de 2017 assumida como símbolo de resistência pelos catalães. O bairro parecia ainda despertar naquela manhã mais cinza, e apenas Rovira se encontrava sentado na cafeteria, tendo às mãos um exemplar do *El País*, que mancheteava a guerra comercial entre Estados Unidos-China e o *Brexit* inglês. Eu, dessa vez, apenas levava o gravador e dois livros para autógrafo, além do nosso doce junino típico em sinal de agradecimento.

Na TV, ele me sinaliza a situação dos mais de três mil refugiados em Bihac, à norte da Bósnia, que enfrentam temperaturas negativas em barracas para alcançar a Croácia e a União Europeia. Enquanto aguardamos o café, Rovira me conta de seu projeto de escrever um livro sobre a Albânia, na transição do comunismo ‘delirante’ a um capitalismo também ‘delirante’, em tom narrativo e mais conceitual. Tem, ainda, a ideia de fazer reportagens sobre a estrada que há desde o Marrocos ao rio Senegal, “una carretera que es un cambio de civilización, ¿no?”.

Há dez anos distante do ritmo frenético das grandes redações de imprensa, uma espécie cada vez mais rara que até nos parece em extinção, o jornalista idealiza com mais tranquilidade suas obras futuras. Teve a oportunidade de viver quatro anos em Dakar, dois em Mauritânia, e desde que deixou de assinar sua coluna no diário catalão *Ara*, em 2019, colabora integralmente com a emissora radiofônica *SER*, do conglomerado midiático PRISA. Em outubro estive com Antoni Bassas²⁶, um dos diretores do mais jovem jornal da Catalunha, fundado em 2010 por Carles Capdevila. Curioso ver a aposta de criação do *Ara* em um momento de crise, econômica, política e profissional, que conforme Bassas me relata, é concebido “justamente para ser el periódico de esta nueva etapa, de una nueva manera de pensar Cataluña, España, las relaciones económicas y las luchas por los derechos de la mujer, el feminismo y el ecologismo”.

Contando, atualmente, com cerca de 40 mil assinantes, que podem ler suas notícias em papel ou em versão digital, e ainda que assumindo um perfil editorial alinhado à defesa da autodeterminação catalã, o jornal busca uma abordagem universal: “queremos explicar el mundo en catalán, a los catalanes – eso incluye Barcelona, incluye Cataluña, incluye España, incluye Europa, incluye el mundo”, comenta o jornalista, que construiu sua trajetória no rádio, fazendo cobertura esportiva. Em coerência com essas intenções, Rovira integrou a equipe de articulistas do periódico, quando de sua saída do *La Vanguardia* junto a outros profissionais em 2009, escrevendo, sobretudo, sobre os países africanos – reportagens, críticas à atuação ocidental em questões do continente, análises de suas problemáticas sociais e políticas. Bassas e Rovira se conhecem, inclusive, do tempo em que o primeiro fazia transmissões de partidas de futebol para a *Ràdio Barcelona*, e convidou Rovira para participar da narração de alguns jogos em Moçambique.

²⁶ Entrevista realizada pela pesquisadora em 08 de outubro de 2019.

“El periodismo tiene que ser una mezcla de grandes autopistas y carreteras secundarias. El mundo no es solamente la agenda, es algo más. Necesitamos de los reporteros que se especializan en buscar otras noticias”, me afirma, quando lhe pergunto sobre o que acha da mirada que Rovira se interessa em empreender, durante minha visita às instalações do *Ara*, no distrito *Eixample* de Barcelona. O ambiente da redação fica no andar de cima, dividindo espaço com uma sala multimídia onde se fazem gravações de conteúdo para as plataformas digitais, mas já não há fumaça de cigarro e nem bebidas, os ruídos são mais esparsos e as telas se converteram em sua grande protagonista, opina Rovira, em misto de nostalgia e decepção com a rotina dos jornais nos últimos anos. Agora seria um bom momento para ver as trocas entre as gerações (des)acontecer nas redações, porque o aprendizado do ofício se dá, de fato, em tertúlia aberta, ele me diz, e não há como não associar sua fala ao do discurso de Gabriel García Márquez sobre *A melhor profissão do mundo*²⁷.

- En las redacciones hoy hay un individualismo que no me agrada, en verdad a mí me molesta mucho, porque yo siempre me he considerado, aunque sea un pájaro libre y que me gustara salir y no estar siempre haciendo mesa, tengo la sensación de que me he educado en una redacción. Es básico a la formación de un periodista, tener la redacción como una especie de fábrica y cerebro era muy muy importante, porque te daba archivo, te daba experiencia, te encontraba con gente mayor que te enseñaba y así podías aprender escuchando, compartiendo...

Mas fomos aceitando tudo isso se perder. Os sindicatos lutaram por melhorias econômicas, mas se esqueceram do debate político do jornalismo, que é fazer bem a informação. Esqueceram-se completamente, me enfatiza. Discutiam sobre salários e queriam manter seus privilégios profissionais junto às empresas, e acabaram se afastando do elemento fundamental que é zelar pela liberdade e autoconfiança dos jornalistas. “Esa es una experiencia amarga que tengo porque yo, cuando era joven, colaboraba con los sindicatos, porque eran antifranquistas, eran revolucionarios, pero hoy los sindicatos son colaboracionistas del sistema, no se ocupan de la precariedad, son enemigos de los

²⁷ Ecoando as palavras do colombiano: “O jornal todo era uma fábrica que formava e informava sem equívocos e gerava opinião num ambiente de participação no qual a moral era conservada em seu lugar [...] Os que não aprendiam naquelas cátedras ambulantes e apaixonadas de vinte e quatro horas diárias, ou os que se aborreciam de tanto falar da mesma coisa, era porque queriam ou acreditavam ser jornalistas, mas na realidade não o eram” (MÁRQUEZ, 1996).

precarios. Así lo declaro”. A precariedade que atravessa nossas dinâmicas hoje se cola muito bem ao que o repórter chama de mundo esquizofrênico que está a formar a personalidade dos universitários.

Desde a faculdade esses precisam se adaptar a uma dupla vida entre o que querem-sentem e o que fazem: aprendem sobre *marketing* e persuasão, sobre como gerir campanhas, trabalhar eficazmente em assessorias, em duelo com os ideais que alimentam suas aspirações de mudança social, e que se chocarão com maior intensidade no ambiente de trabalho: ¿Cómo te puedes adaptar a algo que no crees, si no por cinismo? Se é para ser assim, te digo que os cursos poderiam fechar todos. “En serio te digo, ¿no?”.

E a exaltação tecnológica vem como o auge dessa mentalidade em engano. A falsa crença de que todo dia é espetáculo de algo novo, quando na verdade o tempo do mundo se dá em tipos largos. A história é cíclica, mas o apego técnico nos desvia da capacidade de apreender as raízes que conectam o que está ocorrendo com eventos do passado. A onda conservadora que vislumbramos como tormenta às democracias do presente, ele me exemplifica, tem vestígios na ascensão de Margaret Thatcher e Ronald Reagan ao poder, se agudiza com o fim da Guerra Fria nos anos 1980, e se escandaliza com os ataques do 11 de setembro de 2001.

A vida tem um ritmo, os sujeitos se inscrevem em contextos, as crenças se alicerçam em cosmovisão, mas se passar ao largo de um tal sentido de articulação, para Rovira, o jornalista não poderá fazer interpretações complexas da realidade. Vê como sempre voltamos a esse olhar histórico? E me fica cada vez mais evidente o valor do pano de fundo às *carreteras* secundárias. Ou dos marcos geopolíticos das últimas décadas à trajetória de um sujeito que se fez repórter quando o regime silenciava até mesmo os ideais. É um assunto que volta tranquilamente a qualquer conversa que iniciamos. De que outro modo poderia ser considerando seus esforços para cobrir os conflitos internacionais dos últimos trinta anos? E mesmo para suas andanças pelos vilarejos espanhóis como mais recentemente tem feito à serviço do programa *A vivir que son dos días*?

Desde 2015, quando foi convidado por José Martí Gómez e Javier del Pino para integrar a equipe de reportagem do formato radiofônico, Rovira circula com mais frequência pelos pequenos povoados do país. Por telefone, já que a sede da emissora SER está em Madrid e uma entrevista presencial não nos foi possível, conversei com del Pino e Valentina Rojo Squadroni, profissionais que vivenciam com Rovira as rotinas do trabalho. O programa, transmitido aos sábados e domingos, das 08h às 13h, existe desde 1988, porém foi reformulado em 2012 por Javier, que atuava então como correspondente

da emissora nos Estados Unidos, e se tornou líder de audiência do meio aos finais de semana, batendo a marca de mais de dois milhões de ouvintes, conforme o *Estudio General de los Medios*, referente ao consumo midiático espanhol no terceiro quadrimestre de 2019.

O sucesso de *A vivir que son dos días* se deve, em grande medida, de acordo com del Pino²⁸, seu atual diretor, à configuração jornalística distinta que os profissionais buscam desenvolver no programa, investindo tempo na produção de conteúdos próprios, por uma aposta na reportagem. Um modelo de jornalismo radiofônico “más trabajado, más sosegado, consciente de su valor como sistema de comunicación más que como vehículo de comunicación de masas”, ele assim me descreve, que teve como inspiração a rádio pública norte-americana *NPR*, a qual del Pino pôde conhecer durante seus 16 anos de *corresponsalía* em Washington D.C à *SER* e de colunas para o *El País*.

Em timbre de sonoridade agradável e com ritmo que se encadeia com clareza, o jornalista-locutor me conta que as premissas de *A vivir*, que acabaram se convertendo em promessas para o ouvinte, foram essencialmente duas: afastar-se dos grandes eixos em torno dos quais se move a rádio na Espanha, a saber política e futebol, e “escuchar las pequeñas cosas, para de ellas sacar grandes conclusiones”, de modo a tornar o programa uma espécie de remanso, ou trincheira frente aos conteúdos informativos tradicionais. O formato sim trata de política, mas não da política da confrontação que abunda na cobertura dos jornais, ele me enfatiza, e sem se amarrar aos discursos oficiais – não havendo convidado, nunca, um político a participar do programa. O interesse é discutir políticas, mais que política – sociais, de trabalho, culturais, desde a perspectiva das necessidades da população.

É nesse sentido que a narrativa da vida comum ganhou destaque no *modus operandi* do *A vivir*, que com a chegada de Rovira passou a contar com o quadro *Carreteras Secundarias*. Se a lógica noticiosa predominantemente “apunta siempre muy alto para intentar llamar más la atención”, a prática das *carreteras secundarias*, como temos visto, e que também se leva a cabo no produto radiofônico, prefere apontar mais abaixo, para daí sacar narrativas. “Preferimos entender los grandes temas a través de la gente, y eso nos hace escuchar cosas que ayudan muy bien a entender lo que está pasando en este país y en el mundo”, sintetiza Del Pino, depois de me ilustrar alguns exemplos

²⁸ Entrevista realizada pela pesquisadora em 28 de novembro de 2019.

das coberturas que já realizaram, sobre a atuação da Igreja Católica hoje e os reflexos do governo Barack Obama.

A mídia hegemônica, ou os meios que falam desde as capitais, aprendeu del Pino, muitas vezes se esquecem que as grandes cidades, na verdade, são minoria frente ao país, isto é, que há uma multiplicidade de pessoas que vive em localidades cujas demandas são distintas das da capital, e é papel do jornalismo se atentar também a essas vozes, bem como repercutir de que modo as decisões tomadas nos centros afetam a outras comunidades. O processo de trabalho do programa, assim, consiste em, a partir de reuniões de pauta semanais, levantar, dentre a equipe – hoje formada por dez jornalistas – temas que estejam de acordo com sua proposta de reportar problemáticas sociais desde pessoas comuns – dedicando, para isso, de semanas a meses de apuração.

Especificamente na seção de *Carreteras Secundarias*, trabalham Bru Rovira e Valentina Rojo – uruguaia de origem, de 28 anos, que desde 2015 atua na *SER*, sob um modelo de colaboração que justamente aposta na integração de duas gerações que viveram dinâmicas profissionais distintas – dado também o momento histórico do país, mas que compartilham a aspiração do *reporterismo* de toda vida: “ir libre de prejuicios a cualquier lugar donde vayas, dejarte sorprender por cualquier cosa que vayas a conocer, por mucho que creas que ya te lo sabes”, me diz Valentina Rojo²⁹. Recupero aqui o que ela me relata em continuação:

- Salir en la calle y hablar con la gente, no hacemos nada más que esto. No hemos inventado nada, es de lo qué se trata el periodismo. No es algo nuevo en realidad, pero es algo nuevo en la lógica general de los medios. Mientras el día a día del periodismo va, pues, por las grandes autopistas, nosotros lo que intentamos es ir por el otro lado de las historias que no se cuentan, y que son importantes, pero, bueno, al final el día a día de la actualidad, pues, hace que pasen más desapercibidas, o que no tenga tanto espacio para dedicarles a ellas. Creo que es un pequeño remanso de paz. Lamentablemente ahora esta iniciativa parece que resulta algo marginal.

Vale destacar que o rádio conta com uma tradição de longa data na Espanha. Em seus momentos de máxima audiência, suas cifras são mais altas que as da televisão, como me indicou Antoni Bassas quando conversamos sobre sua carreira no meio – “la voz

²⁹ Entrevista realizada pela pesquisadora em 12 de dezembro de 2019.

transmite mucha verdad y mucha proximidad, es muy respetuosa con la gente”, ao que acrescenta Del Pino ao me responder sobre o porquê do encanto espanhol pelo rádio: “la protagonista es la palabra, y la gente no quiere otra cosa más que la palabra. Por ella, la integridad, la honestidad, la personalidad del comunicado llega de manera muy más directa al corazón del oyente”.

Compartilho com Rovira essas conversas que tive com profissionais de seu entorno nos últimos meses. Àquela altura já deveríamos estar na terceira xícara de café, as paçocas acabadas, e o *Sol* com mais mesas ocupadas em sua terrassa à medida que o céu se abria, e ele me contrastou que, apesar de a voz jogar uma função importante na rádio, onde às vezes os jornalistas se convertem mais em locutores que repórteres, o fundamento é sempre ser orelha. “El periodismo, independiente del medio que sea, es una actitud, es cómo tú llegas a un sitio y escuchas [...] la potencia tiene que estar en la voz del otro, no en la tuya”. É o ponto que mais se destaca quando saem a explorar suas pautas, Valentina me conta: “Rovira presta muy poca atención a cómo va a quedar él, cómo va a sonar su voz, simplemente se limita a conversar con la persona [...] lo que yo he aprendido es que tú es lo primero que tienes que olvidar”.

Uma vez mais Rovira me elucida seus ideais pelo que colhe nos testemunhos do dia-a-dia, agora como repórter de rádio pela primeira vez em quarenta anos de carreira:

- Otra semana fue al museo del Prado, estuve con la gente que trabaja por la noche y tal, y el tío que limpia el Prado, el jefe de limpieza, es un dominicano, inmigrante, que empezó limpiando cristales. Es una historia bonita. Este tío, fue con él por el museo, y limpiaba cuadros del bosque, ¿no?, y le pregunté ‘este cuadro, ¿por qué te gustas?’, y él me explica que allí estaba la historia del mundo, el infierno, el pecado original... Es un dominicano inmigrante que te explica aquello, ¿no? Y solemos tener un prejuicio contra la gente que nos pensamos que un tío que limpia es un idiota, pero cuando te acercas y ves que tiene su gusto, lo cuadro lo disfruta, lo explica a su manera... Esta alma del hombre es muy presente en la radio, muy fuerte con la voz.

O valor está no humano ser. O jornalismo, desde aí, assumido como ofício de vinculação, é uma sorte de celebração, nas palavras do mediador-autor, que nos estimula a viver mirando, escutando, lendo e aprendendo, e que, ao final, “también tiene el poder de construir historias que nos dicen sobre cómo somos nosotros en cuanto humanidad”. É por isso que, ainda que considere a si mesmo um pessimista, por vezes até um

tremendista, como costumam dizer os colegas de profissão, Rovira manifesta com seus escritos uma predileção pela beleza, fazendo dela a sua tábua de salvação. Como podemos fazer para que as pessoas possam viver um pouco melhor? Como contribuir para cuidar do pouco que têm os desprotegidos, os imigrantes?, ele vai me sinalizando sua causa atual. Porque nós estamos em uma época de baixa, em um momento da História de poucas possibilidades, de forma que o esforço, sobretudo a partir do jornalismo, “es hacer lo máximo para preservar que la gente que tiene fragilidad no se fragilice más. En esto me vuelvo además conservador”.

O pessimismo, afinal, também é fruto da paixão. Da mesma maneira que existe o horrível, ele defende, existe o belo. De fato, um ser humano é todos os dias o horror e a beleza. Não há como separar uma coisa da outra.

- La belleza, sin la maldad, sería como un sueño de niño. Pero esta belleza se construye precisamente sobre el conocimiento de la maldad, te salva de la maldad. Precisamente bajar hasta las profundidades del alma humana te permite construir una dignidad de la belleza. Si no tuviéramos una conciencia del mal, no seríamos humanos, no podríamos construir la humanidad.

Suas experiências em zonas de conflito e crise humanitária lhe imprimiram solidão, impotência e frustração, uma dura sensação de que o *reporterismo* nem sempre repercute como deveria, e que a compreensão intersubjetiva nem sempre alcança a complexidade do ser. No entanto, “la emoción de lo bello es tan fuerte que, para mí, es como un refugio dónde te agarras para observarlo al resto”. É o que me fica como transfundo do jornalismo de *carreteras secundarias*, que se revela como um traço permanente de suas incursões narrativas, reportando realidades locais ou externas, como buscarei sublinhar mais à frente deste estudo.

Antes de seguirmos caminhando para a praça da catedral de Girona, para nos despedirmos junto ao bairro judeu *El Call*, naquele pedaço do antigo império romano estrategicamente envolvido por muralhas, Rovira me ilustra uma última vez o que em mais de dez horas de entrevista, ao todo, buscou indicar:

- Mira, aquí en este bar trabajan dos chicas que son magrebís, y hablan un catalán fantástico. Si tú entras en este bar con una actitud de querer hacer de eso algo político,

eso conducirá tu discurso, pero si tú entras aquí, tomas un café, e empiezas a hablar del cielo, de la tierra, si están cansadas... si te interesas por ellas, luego vendrá los otros asuntos. Pero si tú, la primera pregunta es ‘¿te sientes incómoda en Cataluña?’, ‘¿el idioma te ha costado mucho?’, todo eso ya la conduces a otro sitio. Porque la persona te va a contar algo que es lo que te interesa a ti, pero no te va a hablar de ella. No te va a hablar. En cambio, si tú hablas de ella, al cabo de un rato, podrás hablar también de eso, pero desde la disponibilidad por ella, por el interés por ella, que al mejor este tema es el tercer tema de su vida, no el primero, ¿no? Así habla de los primeros, busca ver qué piensas, qué le interesa, y después ya sabrás.

E, então, com foto, autógrafo, e a renovação da promessa de uma feijoada que, quem sabe, um dia se concretizará, lhe agradei pelo tempo, pela paciência e pela sua forma de ver ao mundo. E agradei ao jornalismo, à pesquisa e à universidade pública, pela magia dos encontros.

“Bien, yo creo mucho en los ideales utópicos, creo muchísimo”.



3. INCURSÕES INTERPRETATIVAS

A etapa de tratamento qualitativo do *corpus* desdobra-se, enquanto frente interdependente de análise, de toda a travessia investigativa realizada até então. Faz das demarcações teóricas acerca do Desacontecimento sua fonte referencial à leitura interpretativa das obras em questão: cotidianidade, homem ordinário, proximidade, dialogia e narrativa convertem-se, aqui, em parâmetros para identificar, nas produções de Bru Rovira, a presença da processualidade e do *ethos* jornalísticos que constituem tal matriz propositiva. E também se inscreve como uma espécie de estudo experimental a projetar, para pesquisas futuras, a possibilidade de aproximar outras narrativas contemporâneas à semântica engendrada pelo Desacontecimento.

Aos apontamentos interpretativos que se desenvolvem pelos diálogos entre nossa teoria e a autoria do repórter catalão, somam-se aportes da ordem da empiria: incursões que tivemos a oportunidade de fazer pelo bairro *El Gotic*, de Barcelona, que ambienta os textos do livro *Solo pido un poco de belleza* (2016), a seguir analisado, e entrevistas com correspondentes espanhóis no continente africano que, por suas experiências em coberturas de conflito, nos ajudam a situar em complexidade o trabalho de Rovira em *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (2006), a segunda obra que compõe o *corpus*.

3.1 Desacontecimento em análise na narrativa do *bando dos poetas*

Quando se chega à praça Catalunha, naquele grande círculo em cerâmica avermelhada, concentrado de pombas e turistas lhes dando de comer, aos poucos se pode avistar as bolhas de sabão lançadas mais adiante pelos artistas de rua para nos puxar a outros caminhos. Eles se dispersam por uma grande faixa central, que à princípio parece não ter fim pelo mar de gente que por ela circula. Nos dias de verão fica ainda mais difícil saber de onde elas vêm. Você as enxerga no alto, junto às crianças que pulam tentando pegá-las, mas não demora muito para se distrair e se deixar tomar por outros (des)acontecimentos. A *La Rambla* talvez seja a via mais emblemática da Catalunha. Barcelona está cheia desses espaços dedicados exclusivamente aos pedestres, mesmo nos bairros mais pequenos, com árvores enfileiradas fazendo sombra e bancos em madeira acomodados em par ou trio – é difícil ver algum solitário. Mas nenhuma dessas largas vias, já tão características da arquitetura da cidade, se compara ao charme da que se desenrola na descida dessa praça, convertida em cartão postal para os visitantes.

Como a aglomeração ali é inevitável, com pessoas chegando e saindo, paradas fotografando, entretidas com a arte local, nem sempre é possível absorver todo o seu entorno. Às vezes por falta de espaço mesmo. Algumas construções evidentemente se impõem, pela grandeza e presença nos livrinhos e blogs de turismo. Há a igreja Maria de Belém com seus tijolos desgastados à mostra, e a imagem de Nossa Senhora olhando para o menino Jesus em fundo acortinado vermelho, de tirar o fôlego; o Liceu, mais antigo teatro local, incendiado em dois momentos e com última restauração em 2019; a Boqueria, mercado municipal que dispõe as bancas de jamón, embutidos, frutas e doces que atraem os passantes não se sabe se mais pelos olhos ou pelo estômago; e o Museu de Cera, com a Marilyn Monroe dançando na sacada. Entre os edifícios tradicionais, os traços modernos imprimem sua marca. As fachadas do Starbucks, do McDonalds, do KFC, das casas de câmbio e outras multinacionais têm seu lugar naquele pedaço histórico. As lojinhas de souvenirs também se multiplicam embaralhando Messi, Gaudí, Cristiano Ronaldo, o personagem Professor, da série *La Casa de Papel*, e Salvador Dalí. Alguns pintores que fazem quadros e caricaturas ao vivo encaram uma disputa boa para convencerem os turistas de que vale mais pagar 30 euros em um presente autêntico do que 5 ou 10 em chaveirinhos, imãs e canecas do comércio ao lado. De fato, andar pela *La Rambla* e não se automatizar com o fluxo é um desafio. Ainda mais porque seu final

desemboca na imensa estátua de Cristóvão Colombo e no porto olímpico de Barcelona, construído por ocasião dos jogos de 1992.

Mas, se você se desloca um pouco dessa grande faixa central, começa a sentir a região ganhar um ar mais próprio. As ruelinhas que se abrem como em labirinto convidam os mais curiosos para escapar. Já dá para se ver alguns bares mais típicos, com os locais bebendo cerveja em long neck, no balcão ou na calçada, fumando freneticamente enquanto beliscam algumas tapas, sem sinal de sangria em taça com canudo colorido, ou dos pratos de *paella* geralmente servidos nos restaurantes turísticos. Alguns brechós se acomodam nas calçadas como iniciativa de vizinhos ou de arrecadação por parte de igrejas. Ali também se consegue encontrar barracas com produtos diversos a preços mais acessíveis, e a interação pela barganha pode render aprendizados interessantes sobre a cultura e a vida na cidade. Muitos são imigrantes e não esperam para puxar conversa sobre de onde vem quem e o quê fazem, e inclusive dão dicas sobre como circular em Barcelona: estações de metrô mais perigosas, passeios gratuitos, viagens por cidadelas bonitas da redondeza.

Conforme se avança pelo labirinto, nuances mais controversas do centro turístico passam a emergir. À órbita direta de *La Rambla*, se chega ao bairro Raval, que na década de 1970 abrigou prostíbulos e pontos de drogas e desde então carrega essa má fama que reduz sua diversidade social e étnica à vandalismo. Na cidade em que uma de cada cinco pessoas tem nacionalidade estrangeira, os paquistaneses e marroquinos, que são os mais presentes no distrito, carregam um estigma de maior profundidade. Qualquer viajante que faz uma rápida busca na internet sobre a cidade já recebe a recomendação de evitar suas esquinas. E das ações sociais de cooperativas e comunidades vizinhais que buscam romper com o ciclo de violência por lá pouco se ouve falar. Do Raval, me lembro de uma movimentação menos intensa, prédios em tons amarelados e o restaurante com melhor macarrão ao pesto que já comi, que ainda me veio com sorvete de creme de sobremesa como *regalo* por ter aceitado a indicação do garçom, boliviano.

Pela órbita esquerda da *Rambla*, se alcança outros pontos turísticos que completam o tour da *ciutat vella*: a basílica de Santa Maria del Pi, com a torre do sino e vitral circular por onde as luzes incidem em sua nave central; a catedral, em arquitetura de estilo gótico que faz jus aos 150 anos dedicados à sua construção; e a praça Sant Jaume, que abriga o centro administrativo de Barcelona, com as sedes da prefeitura e do governo catalão. Às costas do edifício da *Generalitat*, um arco de contornos medievais se encarrega de fazer a conexão com a Casa de *Canonges*, a residência oficial do governador,

na ligação conhecida como ponte *del Bisbe*, que atrai visitantes com suas lentes fotográficas apontadas para cima tentando registrar seus detalhes e das pequenas criaturas em mármore ao redor. Para alguns esse pode ser considerado o marco da zona que é o coração de Barcelona, o *El Gotic*, seu grau zero, de onde se levantaram as primeiras casas da cidade, quando ela ainda era a colônia romana Barcino. Ou mais bem sua alma, fortaleza de seu signo identitário mestiço, pelas confluências das origens de cartaginenses, laietanos, mouros e visigodos.

Nas ruas mais estreitas e tortuosas, quase monocromáticas, que se seguem para além da região mais agitada do bairro Gótico, no atravessar da avenida Laietana, esse quê de temporalidade histórica talvez se faça sentir em uma outra modulação. Talvez pelo silêncio que se escuta com o trânsito menor de pessoas circulando por ali, talvez pelo cheiro típico de porto que se intensifica com a proximidade do mar, as paredes de pedra parecem mais desgastadas; as pichações nas portas dos estabelecimentos fechados, mais contrastadas; e as sacadas dos prédios mais homogêneas. Por vezes se vê um ou outro turista posando para foto, aqueles dispostos a encontrar mais que o furor do centro, mas as pequenas praças entre os quarteirões ficam geralmente vazias. As cafeterias e bares, também, mesmo aos finais de semana, têm mesas vagas e um conversar mais disperso. Na beirada de um canteiro convertido em assento, um senhor gesticula com um rapaz a tocar violão, um outro em barba comprida branca e boné azul me conta que já leva 12 anos vivendo nas ruelas do bairro.

Cantos e contos de um *El Gotic* que soa mais introspectivo. Atravessados por vivências subterrâneas que, em 2004, tiveram vazão com a autoria jornalística de Bru Rovira e sua narrativa sobre o *bando dos poetas*.

*Las calles de Buenos Aires
ya son mi entraña.
No las ávidas calles,
incómodas de turba y de ajetreo,
sino las calles desganadas del barrio,
casi invisibles de habituales,
enternecidas de penumbra -y de ocaso
y aquellas más afuera
ajenas de árboles piadosos
donde austeras casitas apenas se aventuran,
abrumadas por inmortales distancias,
a perderse en la honda visión
de cielo y de llanura.*

*Son para el solitario una promesa
porque millares de almas singulares las pueblan,
únicas ante Dios y en el tiempo
y sin duda preciosas.*

(Jorge Luis Borges, 1974, p. 17)

Já não se encontra o Centro de Serviços Sociais da *Ciutat Vella* nas imediações da rua *Correu Vell*, onde o grupo de amigos que protagoniza o livro *Solo pido un poco de belleza* (2016) se reunia às quartas-feiras, e nem o bar Can-Flay, à esquina, onde tomavam café da manhã embalados em nostalgia e fabulação. A pizzaria na rua *Ample*, que os acolheu na celebração do Natal de 2004, continua lá, reformada, com fachada verde e amarela em frente a um restaurante de comida brasileira. O bar Arri, ao lado das escadarias do prédio do antigo Correio, agora atende pelo nome Vendimia. Lugares que não resistiram intactos ao passo do tempo, mas permaneceram presentificados nos relatos de Rovira como os marcos de convívio desses anônimos de Barcelona, que semanalmente figuravam na página 14 do jornal *La Vanguardia*.

Ao longo de mais de dois anos, ambientaram os momentos em que Vittorio, Ramon e Benavente extrapolavam a reclusão de uma vida solitária de enfrentamento ao álcool e outras fragilidades para apropriarem-se do curso de suas histórias. Era quando se abriam a compartilhar memórias de um passado não tão distante e especular sobre tramas possíveis, na justa medida que nos permite a imaginação para escapar da dureza do real. Muito mais que demarcar o âmbito espaço-temporal dos encontros do *bando*, as localidades nos situavam no plano da cotidianidade construída por cada um e todos eles enquanto resistência na ordem dos dias. E assim inscreviam, como música que sabe da vida, para retomar uma vez mais a poesia de Borges (1974, p. 57), o desacontecer que nos movimenta em diminutos e sentidos.

Contadas em primeira pessoa, as 24 reportagens que se publicaram no periódico em página cheia, com imagens coloridas ao centro e quatro colunas em texto corrido, dizem também do repórter, que naturalmente se converteu em parte constitutiva da dialogia que então se adensava. Pelo transcorrer do convívio, Rovira se fez orelha e se fez voz, experimentando, nas *carreteras secundárias* da cidade, o *reporterismo* como busca de algo que também vai dentro de si mesmo. Da dor que silencia e da dor que ressignifica, do habitar que se reclus e do habitar que se associa, suas narrativas extraem o encanto da rotina que, às percepções mais acomodadas, frequentemente se esvai.

Desvela, como cerne, o desejo de assumir a beleza como o único e último recurso dos que não tem mais que o apego à esperança para se amparar: no fundo, todos nós.

Mas, para essa conversa, vale recorrer à escritura de Rovira a fim de buscar, no *ethos* manifesto com a composição de suas tessituras, os traços constitutivos da processualidade que aqui venho designando Desacontecimento jornalístico.

3.1.1 Ritmo dos dias em memória e fabulação

Como esforço teórico, fiz algumas apostas reflexivas, por modulação compreensiva, sobre o cotidiano acionado pelo jornalismo em perspectiva intersubjetiva. Consonante a um pensamento que reconhece que camadas profundas e valiosas permeiam o aparente inosso pendular dos dias, destaquei nos gestos que se repetem a oportunidade de se depreender a criação de sentidos do humano ser, enquanto movimento de resistência que revela de nossas esferas íntima e social. A rotina nos envolve em dimensão cálida, segura e singular, de acordo com as nossas necessidades subjetivas, e nos oferece táticas e astúcias sutis para lidarmos com as intempéries de nossos contextos. É, por isso, em si mesma, fonte e palco para dispormos do que nos sustenta no mais simples.

Considerada enquanto referência analítica da matriz do desacontecimento, a cotidianidade comporta o desafio de uma leitura integrada, e ao mesmo tempo detida nos pormenores, para interpretar um entrelaçamento que opera, pelo menos, em dois níveis: a da saga comum que se estabelece com a experiência-vivência do repórter, e a da individualidade que se apreende das vidas em relato. Há elementos, assim, que nos falam das recorrências que se consolidam como aspecto natural da partilha, ou do comunicativo, entre jornalistas e protagonistas sociais, e há aqueles que nos apontam às significâncias de cada sujeito reportado no compasso de seus dias. Esses planos, evidentemente, coexistem o tempo todo na cena vívida, que, ainda bem, não se deixa fragmentar e nem cede ao estanque das estruturas. Também carregam, ao mesmo tempo, semânticas inventivas, de proteção e de enfrentamento. Desde aí que a uma tal matriz não seja possível prescindir da proximidade e do diálogo na dinâmica narrativa. Sem essas espécies de engrenagens, não têm-se os meios para viabilizar, em experiência e em texto, as aportações que emanam do cotidiano.

Falemos, então, nesse primeiro momento, da rotina criada entre os partícipes da relação, cientes de sua necessária associação com os dispositivos mencionados, que mais adiante serão retomados e discutidos. Michel Mafessoli nos dá as pistas para essas

interpretações iniciais ao dizer que “o espaço molda os hábitos e costumes do dia-a-dia que, por sua vez, permitem a vinculação comunitária” (1984, p.53). Sabemos que foi nos contornos do *El Gotic*, no labirinto mais abaixo do fervilhar turístico, que a história do *bando dos poetas* passou a tomar forma. E que seus locais, nesse horizonte mais simbólico, deram saída para uma socialidade, ou o cotidiano que ela exprime, entre o grupo e Rovira. O autor francês nos ajuda a entender que assim o é porque o bairro serve como “polo de atração, constituindo sólidas fortalezas nessa luta permanente que é o afrontamento do destino” (1984, p. 57). Ou como um modo de colocar o tempo em retardo, em outra alegoria por ele acionada para sublinhar a importância da ritualização na vida do dia-a-dia, que “representa e mimetiza o imutável”.

Os espaços nos colocam em conjunto mais vasto, e é propício para experiências empáticas porque, “em seu aspecto mais comum, através do jogo da diferença, podem provocar situações, encontros e momentos particularmente intensos” (idem). Daí que uma primeira visita de Rovira ao Centro de Serviços Sociais da *Ciutat Vella*, a convite da assistente social Judith, se tenha alargado em uma convivência de anos. A vida solitária que (des)acontecia nesses cantos mais isolados como que se resignificava na pertença coletiva que ocupava suas salas, praças e bares. As errâncias que embaralhavam suas posições no mundo se compensavam como desventuras compartilhadas, na experiência do caminhar, do se sentar à mesa, do dividir um croissant, um café ou um *carajillo*. Rovira se deu conta de que aquele cômodo que abrigava as reuniões semanais de um grupo de ex-alcoolatras, aquelas vielas que comportavam idas e vindas em percurso quase automático, também despertavam um universo de locações próprias, de não-lugares ou de lugares sonhados, que bem poderia ser cristalizado como narrativa.

Para deter o aparentemente efêmero, o repórter concretizou no território a potência comunitária. Suas reportagens parecem ter força não por reencenações de impacto ou de dramaticidade acerca das aventuras de cada história, mas por captar no trivial os instantes que solidificam o convívio e a vivência. Às lentes acostumadas com o apelo ao clímax, os relatos sobre o *bando* divergem pelo destaque a passagens comuns. Um sujeito que diz ao outro que as coisas não andam bem, enquanto tomam café; um outro que conta como as coisas poderiam ser, enquanto divaga pelas ruas; um que especula sobre os problemas de sua infância, enquanto vê o mar; ou uma que descreve suas pinturas e amizades, enquanto alimenta os pombos; e assim tantos outros instantes muitas vezes vividos como imediatos, e internalizados, que no texto aparecem suspensos, pormenorizados. Como se pudéssemos ampliar as ações mais simples que nos movimentam, para reconhecer o que

implicam as saudações de bom dia, o que desenrola uma ‘conversa fiada’, o que se coloca à mesa para além de um pão com manteiga e um pingado. E nesses registros mais detidos, perceber como a intimidade entre os personagens se vai construindo nos conformes desses deslocamentos e trocas cotidianos.

Há um elemento interessante para visualizarmos o estar-juntos que se adensa, e que acaba até aparecendo como marca recorrente nas interações do grupo: o maço de cigarro. Desde a primeira visita de Rovira ao Centro, o tabaco centraliza, com um cinzeiro, a mesa na qual os narrados se põem ao redor para, entre bitucas e fumaça, dividirem o que lhes toca, numa ritualidade estendida a qualquer um dos lugares por eles ocupados. O jornalista, inclusive, percebendo o gosto, passa a aportar alguns consigo e a inscrever, na narrativa, as conversas dos personagens no compasso do liberar e aspirar nicotina, menos para dizer dos vícios e mais para acentuar as recorrências que então lhes aproximavam. O cigarro fixava, aí, o intervalo de silêncio entre uma e outra fala, a injeção de ânimo para começar um novo assunto, o banal que perdurava circulando entre eles.

Nos sentamos al aire libre en las terrazas de la plaza del Mar,
en uno de esos bares que sirven de todo y todo es barato.
Pedimos cruasanes, madalenas, palmeras y cafés con leche.
Sacamos los cigarrillos
(ROVIRA, 2016, p. 188).

Benavente encendió un cigarrillo de los míos y aspiró con deleite.
Se lo ofreció a Juan Carlos y luego encendió otro y otro,
que fueron pasando al resto del grupo. Era evidente que no tenían ninguna prisa
(ROVIRA, 2016, p. 27).

Vittorio se paró para encender un cigarrillo.
Todos los aprovecharon para hacer lo propio, aunque nadie dijo una solo palabra,
tal era el ambiente de expectación que se había impuesto.
Vittorio aspiró teatralmente dos o tres caladas y continuó
(ROVIRA, 2016, p. 35).

Uma vez mais, Maffesoli nos aclara sobre o *fundo das aparências* (1996, p.85): os gestos anódinos “tem como especificidade, de um lado, pôr em comum os afetos, do outro, celebrar a comunalização. São um modo de dizer o prazer de viver juntos, [...] como ossaturas a partir do que se constrói, se fortalece e se dissemina o corpo social”. A vida em comum do *bando* com o repórter se foi edificando, assim, para além dos tradicionais encontros de quarta-feira, na toada dos momentos compartilhados no bairro, à mesa para um café e algumas pitadas de tabaco, à espreita do acaso rotineiro suscitado

pelo próprio ir-e-vir do caminhar. No terreno por vezes movediço de uma tal experiência, em que o jornalista se insere para observar e inevitavelmente se torna parte do que conta, a mediação de Rovira foi abarcando essa cotidianidade do coletivo nas vias abertas pelas situações que nos são mais correntes, por justamente reconhecer que a vinculação chega como confluência natural aos que se dispõem à relação.

E como a prática da cidade é, no sentido elegido por Certeau (1996, p. 45), poetizada pelos indivíduos que a “re-fabricam para o seu uso próprio”, conforme as demandas de suas trajetórias, o cotidiano é dimensão que se apresenta na obra do catalão também como produção simbólica singularizada na ordem dos dias, para desvelo dos próprios protagonistas sociais. Diante do irrefreável fardo do tempo, de um envelhecimento que se coloca como paradoxal desgaste e cumplicidade a todos os narrados, o subsídio fabulativo é o recurso que se sobressai nas apropriações realizadas, como espécie de contrabalanço ou resistência, para usar uma expressão cara a esta pesquisa. Esse toque do imaginativo que vai perpassando os relatos dos personagens sobre si mesmos é uma sorte de poder de reação, nas palavras de Esquirol (2009, p. 46, tradução), “uma rebeldia frente à morte e à extinção [...] contra o dissolvente e destrutivo devir”. A memória de onde emana essa função fantástica, afinal, é o desejo de esperança que resta, ou a humanidade de cada um que escapa em seus esforços por ressignificar o vivido.

Onde é que está a potência se não nesse horizonte de inventividade que, em justa medida, não nos deixa desistir? Aos passos erráticos e solitários de Vittorio, Ramon e Benavente, e das senhoras Josefa, Ana Luisa e Dolores, do clube de leitura que se reúne no mesmo Centro de Serviços Sociais do *El Gotic*, e que a certa altura passaram a compor a narrativa de Rovira, as lembranças em ilusão e nostalgia são uma forma de seguir compensando as perdas. “Sentimos melancolía de la infancia – nuestra casa de alma – o del amigo que se fue, o del país (y del tiempo dejado atrás) ... Compruébase con facilidad, por ejemplo, que nuestros recuerdos los ‘arreglamos’ estéticamente” (ESQUIROL, 2009, p. 45). Não se quer com isso dizer que as histórias em questão falseiam a realidade, ou que seus personagens distorcem os fatos como lhes convém. Trata-se mais, antes, de identificar no retorno ao passado, pela dinâmica da oralidade, a chance de reordenar o caos e perceber encantos possíveis, outrora desconhecidos.

Essa acepção converge com o jornalismo de Rovira ao considerarmos os contextos das vidas reportadas. São sujeitos que carregam experiências diversas, de imigração, rupturas familiares, tentativas frustradas de mudança e sentimento de abandono, e acabam

se apegando ao ‘viver imaginando’ para encontrar outros caminhos que poderiam ter sido percorridos.

Quando Ramón sobe no telhado da pensão em que mora, em um quarto que só lhe reforça uma auto-percepção de derrotado, o faz para observar o entardecer da praça *La Mercè* e fantasiar como sua vida poderia ser se vivesse mais próximo da natureza, e como ele gostaria de ter pulso para pintar tantos cenários, incluindo a da própria cúpula da igreja da padroeira de Barcelona. Quando Vittorio se senta em um banco à beira da praia e maravilha-se com a brisa e as pessoas circulando, o faz para ponderar se, mesmo lutando como mercenário de guerra, teve dignidade em seus feitos, se sua história em algum aspecto valeu a pena. Quando Juan Benavente insiste, em todos os encontros, em falar de seus anos como legionário em Ceuta e Melila, o faz para retomar o apego à coragem e ao companheirismo que um dia já experimentou.

De Vittorio casi lo sabíamos todo, incluso más de lo que en realidad había vivido, pues en las historias que contaba con su oratoria florida había casi tanta fantasía como realidad.

De hecho, cuando relataba sus aventuras y desventuras podía decirse que el deseo de lo que le hubiera gustado ser podía llegar a convencerle de que los errores cometidos en el pasado serían enmendados en el futuro.

A partir incluso del mismo momento en que lo estaba contando
(ROVIRA, 2016, p. 14).

A veces ocurría que sus historias se desbocaban hasta perderse por los cerros de las ilusiones imaginadas. Otras veces, las más, Vittorio y sus amigos se relamían en la autocompasión, esta amalgama de detritus y creencias capaz de activar la belleza del lado oscuro del ser humano, que es el goce supremo de las culturas monoteístas
(ROVIRA, 2016, p. 53).

Não é por acaso, assim, que Rovira elege reunir as reportagens publicadas sobre o grupo no *La Vanguardia* em livro intitulado *Solo pido un poco de belleza*. A expressão compreende o cotidiano desses anônimos do *El Gotic* em misto de fabulação, resistência e nostalgia, sem se perder no discurso profissionalista que, de cara, talvez interromperia as narrativas por falta de comprovação factual. Ou pelo frágil argumento, que alude ao pensamento platônico, de que ou se está do lado da verdade ou se está do lado da poesia. Como se a beleza, tal qual inscreve John Maxwell Coetzee, reverberado no texto de Rovira, não consistisse também ela em uma verdade. Como se o escape imaginativo não pudesse ser visto com um dado potente, que muito revela sobre a saga, individual e coletiva, que se conta, e sobre as buscas por enxergar, a vida e a si mesmo, em ótica mais

sensível. Daí que seus protagonistas sejam assumidos, também, como *bando de poetas* – pela entrega que, dia a dia, dedicam à teia de sentidos que perfazem para tornar o real suportável.

O tempo interior e o tempo do mundo se mesclam, então, como base desse enredo intersubjetivo, apreensível às *carreteras secundárias* e seu interesse à semântica das pequenas coisas. A narrativa de Josefa, uma senhora andaluza que vivia cerca da praça *Traginers* e também se reunia, uma vez por semana, com as amigas no Centro do *El Gotic*, pode ser bem ilustrativa do que estou a pontuar aqui. Rovira a encontrou pela primeira vez após um desses encontros às quartas-feiras, no elevador do edifício, levando no rosto um largo sorriso pelo que viria a se apresentar como um dia de comemoração:

-Mi madre. Es su cumpleaños.

- Felicítela de mi parte.

- ¡Pero qué dice usted! ¡Mi madre murió hace veinticuatro años!
(ROVIRA, 2016, p.85).

É que Josefa, *muy filosófica*, criou o seu próprio jeito de lidar com as lacunas da vida, e da morte. Ao dia do aniversário de cada um de seus familiares, mesmo daqueles que ela não pôde conhecer ou que já haviam falecido, ela organizava uma comemoração muito íntima, seguindo sempre o mesmo ritual: comprava um bolinho, buscava se sentar em um lugar bonito do bairro, fechava os olhos e pensava no aniversariante do dia.

- Cuando siento su presencia a mi lado nos comemos el pastelito.

Hoy pensaré en mamá. No importa que ella no esté. La ausencia física es irreal...

Es el pensamiento el que hace que las cosas sean lo que son. O lo que no son.

Porque aunque las cosas existan, si no las piensas, no hay nada

(ROVIRA, 2016, p. 86).

Josefa, como os outros protagonistas do relato, e muito provavelmente como todos nós, é daquelas que escolhe viver em transição, do abismo material a visualidades possíveis. Encontra amparo nessas celebrações que realiza em família, ainda que apenas vivenciadas dentro de si, e também nos versos e pinturas de paisagens, que a transportam para lugares já visitados e outros que só acessa em figuração. As poesias do catalão Joan Maragall, por exemplo, que muito lhe agradam, recuperam um lirismo sobre a natureza que a conduz de volta para sua terra:

-No recuerdo toda la poesía, pero sí algunos versos... ¿quiere que se lo recite?

“Si vas por los alrededores de Olot, llano arriba, hallarás un lugar verde y profundo, como nunca en el mundo hayas visto: un verde como de agua adentro, profundo y claro;

el verde de la Fageda d'en Jordà”
 ... qué bonito... ¿le gusta?... un día quisiera volver allí, de visita...
 (ROVIRA, 2016, p. 97).

A Dolores também lhe toca viver em trânsito com os livros. Do grupo das senhoras que se reunia com Josefa, ela se permite reinventar, com os romances, sua própria história sem sentir a ameaça da vida que deixou para trás, quando tomou o trem de um povoado de La Rioja, ainda menina, a princípio dos anos 1950, fugida do abandono da mãe. Nos personagens das obras que empresta das bibliotecas, ela projeta a chance dos recomeços que por quase quarenta anos buscou para si, em Tudela, em Bilbao, e mais recentemente em Barcelona. “- Les doy conversación para que no viva adormecida. Es como con las personas, cuando te interesas por sus vidas, les hace el favor de tenerlos en consideración” (ROVIRA, 2016, p. 215). Ademais das amigas, são eles os companheiros com quem partilha a esperança de enfim seguir adiante sem o fardo das dores passadas.

- A Barcelona llegué con una sola maleta y un bolso de mano.
 Quería empezar una nueva vida sin que nadie me conociera.
 Subí al tren en el día de mi cumpleaños.
 Tenía 66 años y no miré hacia atrás
 (ROVIRA, 2016, p. 223).

Nos dias de Ana Luísa, professora de inglês e música aposentada, vinda de Buenos Aires ainda garota, a solidão é aplacada junto ao piano, que apesar de ter tido parte da maquinaria corroída por ratos nos meses anteriores, permanecia como seu consolo ao lado da janela de seu apartamento na praça del Pi. Às vésperas do Natal daquele 2004, quando recebeu a visita de Rovira, já era possível ver na cozinha as comidas em preparo para a ceia, ainda que ninguém, além de Beethoven, lhe fosse fazer companhia no jantar.

- Brindaré sola. Me gusta mucho brindar. Brindar por lo que he vivido. Por mis recuerdos. [...]
 Entonces se dirigió hasta el piano, abrió la tapa del teclado, ajustó la banqueta, cerró los ojos.
 - ¿Le gusta Granados? – preguntó - ¿Albéniz? – Tecleó algunas notas.
 – Déjese, déjese, escuche esto, Beethoven...
 ...ay, Beethoven, siempre Beethoven
 (ROVIRA, 2016, p. 163).

Memória e imaginação vão, assim, se estabelecendo como os dispositivos orientadores dessa cotidianidade em feição de resistência presente na autoria de Rovira. Ora como refúgio, ora como ponto de viragem, portam esse jogo de significações pelos

diminutos que atravessam as rotinas, e que nos aproximam dos usos que cada indivíduo confere ao que tem. Por vezes, inclusive, essas apropriações singulares se percebem em uma mesma sintonia, numa chave de contraposição mais evidente às estruturações sociais. O desenrolar do convívio com o grupo deu também mostras, ao repórter, de um posicionamento irônico e crítico dos protagonistas em relação às (in)ações políticas sobre as condições dos que vivem à margem.

Em termos mais amplos, não no que se refere ao trabalho desempenhado nas micro-instâncias de poder. Aí, há um reconhecimento marcado, da mediação de Rovira e de suas fontes, em torno de figuras comprometidas com algum tipo de mudança, como é o caso da assistente social Judith, que não tem sua história pessoal detalhada na narrativa, mas inscreve seu lugar em alguns encontros, acompanhando os personagens em entrevistas de emprego, internações clínicas e hospitalares, e aconselhamentos gerais. Foi ela quem cuidou, por exemplo, de encaminhar Ramon a um tratamento de desintoxicação, quando esse indicava que já não tinha mais vontade de viver; de permanecer com Benavente no Hospital del Mar, depois de seu segundo derrame cerebral por conta do alcoolismo; e também com Abdellah, integrante mais recente do grupo, que havia sido apunhalado sete vezes em uma briga doméstica.

Mas quando o assunto envolve hierarquias administrativas mais altas, uma certa acepção de resistência social se apreende das vivências do *bando de poetas*. Com uma dose, até, de teatralidade – na linha da expressividade representacional da qual fala Erving Goffman (1975). Vittorio tem, mesmo, um quê artístico. Grisalho de olhos claros, italiano e guerrilheiro, o apreciador de Giacomo Leopardi se sobressaía ao assumir sempre a primeira palavra nas reuniões do grupo e revisitar, com aquele toque de fabulação possível, seus tempos em Johanesburgo, Amsterdã e Bruxelas. Quando acompanhou Ramon, juntamente com Rovira e Judith, à uma entrevista de emprego em uma oficina ocupacional no *paseo Maragall*, num dos raros momentos em que circulavam afora do *El Gotic*, suas encenações, um pouco mais ácidas do que as usuais, disseram não só dos traços de sua personalidade, mas do desconforto do mercenário frente às ponderações do responsável Sergi, e do que representa o discurso assistencialista.

– Primero os explico lo que damos. Luego lo que pedimos a cambio – explicó Sergi. Lo hago de esta manera para que no haya ninguna duda ni malentendidos. Ramon asintió con la cabeza.

Vittorio se movió incómodo en la silla, como si se preparara para el combate.

El brillo de sus ojos y la contracción de la boca en una pequeña mueca denotaban el tipo de opinión que le merecía aquel tal Sergi, mitad cura, mitad niño del coro, como nos diría al salir.

- Si quieres comer una fruta madura, deberás esperar a que caiga del árbol – concluyó, mirando a Ramon y Vittorio directamente a los ojos. El mercenario aguantó la mirada.
- Perseverancia, paciencia, hacer las cosas bien hechas, con ilusión – continuó Sergi.
 - Hacerlas al máximo, según la capacidad de cada uno.
- *Ora et labora* – dijo Vittorio sin poderse reprimir. Sergi se le quedó mirando.
- Las cosas que uno hace deben tener un sentido. - ¿Sabe usted? – se envalentonó el italiano
- Yo fui guerrillero. Un trabajo duro. Aprendí a aplicarme este método a mí mismo.
- Ora e labora*. Concentración. Conocimiento. Acción.
- Caray – susurró Sergi, que parecía tratar de recuperar el hilo de su propio discurso.
- *Ora et labora*. ¡Y dos botellas de whisky! Dos botellas al día, sí señor. Eso es lo que yo bebía cuando era guerrillero – dijo Vittorio, guiñando un ojo.
- Dicho lo cual, el mercenario se apoyó tranquilamente en el respaldo de la silla y con un gesto condescendiente animó a Sergi para que continuara con su cháchara (ROVIRA,2016, p. 80-82).

A um tal tipo de atuação não se está atribuindo uma postura de cinismo ou falsidade por parte de Vittorio. Maffesoli (1998, p.183) não nos deixa esquecer de que os fenômenos que pontuam a vida diária estão permeados por essa teatralidade, nada mais que “a paixão em ação nas relações sociais”. Suas representações diante dos outros, neste sentido, integram essa expectativa de ressignificação em plano mais íntimo, como venho frisando, e de um desacordo com situações e condições em esfera mais macro, naquilo que Certeau (1994) designou de táticas sutis – ou modos de proceder da criatividade cotidiana para jogar com mecanismos de disciplina. Mais vale compreender manifestações como essa, por isso, enquanto manobra dos personagens para lidarem com os códigos impostos.

Outra passagem também aclara esse sentido um tanto mais subversivo da cotidianidade que se está a agora tratar aqui. Alude às reações do *bando*, mais especificamente de Vittorio e seu colega de quarto Nordin, que havia começado a frequentar os encontros do Centro, à participação de Pilar Manjón, presidente da Associação *11M-Afectados del Terrorismo*, no Congresso dos Deputados. Manjón discursou, com transmissão ao vivo pela televisão, em defesa das vítimas dos atentados de 11 de março de 2004 na estação Atocha de Madrid, o pior ataque terrorista já ocorrido na Espanha, com 192 mortos. E os amigos, que assistiram àquela intervenção durante o café da manhã na pizzeria da rua *Ample*, chegaram na reunião de quarta-feira tomados pela euforia com as críticas lançadas à manipulação política do caso.

- ¿De qué se ríen, señorías? – gritó a modo de saludo Vittorio.
- ¿De qué coño se están riendo, cabronazos? – subió la voz el mercenario, gesticulando teatralmente con los brazos.

El marroquí Nordin estaba tan emocionado que apenas le salían las palabras – Ha sido increíble, increíble ... - repetía una y otra vez.

Vittorio, todavía de pie, se dirigió entonces a la concurrencia como si fuera un actor recitando en un teatro abarrotado de público:
 - Aquí me tienen, sus señorías, en la casa donde reside la soberanía del pueblo...- declamó con un tono impostado de comediante - ...yo soy la voz de los ausentes, la voz de los sin voz...de los muertos y de los heridos...mi voz, señorías, señores diputados, es una voz que habla del inmenso dolor que sufrimos...y lo hace con toda la fuerza posible para que resuene entre estas paredes...a ver si ustedes, sus señorías...se enteran de una puta vez...
 Vittorio hizo aquí una gran reverencia. Todos aplaudimos con entusiasmo.
 - ¿De qué se ríen, señorías? – continuó el mercenario -. ¿De qué coño se están riendo?
 (ROVIRA, 2016, p. 139).

Naquele 15 de dezembro de 2004, a representante, que teve o filho de 20 anos morto no trem que explodiu em *El Pozo*, emudeceu os parlamentares da Câmara que, segundo suas próprias palavras, não faziam mais do que falar de si mesmos. De fato, no ano seguinte, relatórios da Comissão apontaram que o Partido Popular, à frente do governo naquele período, deturpou as informações sobre o massacre por interesse eleitoral. A reação de Vittorio às declarações de Manjón, que veio como reapropriação por gestos, frases de efeito e sentimento de revolta, extravasava em projeção um esgotamento frente às explorações permanentes do poder, que trata o sofrimento humano como “moneda de cambio de um puto juego político” (p.140). Tomava da voz da liderança em destaque uma sorte de licença para escancarar, com a incisividade que a expressividade artística consegue alcançar, aquilo que eles próprios sentiam e exigiam:

- Fue como si hablara por todos nosotros, los invisibles, los pobres de la tierra, los parias, los desgraciados – dijo Vittorio.
 – Increíble – corroboró Nordin. – Hubo un momento en el que les dijo a los diputados que cada una de las víctimas, *cada uno de nosotros*, somos un proyecto vital, ilusiones, luchas, amores.
 ¡No somos una puta cifra, señorías! ¡También somos personas humanas!
 (ROVIRA, 2016, p. 142).

Nos contornos desse primeiro âmbito referencial ao Desacontecimento, o da cotidianidade, vamos, então, adentrando a narrativa de Rovira pelo território de uma processualidade jornalística que dedica às pequenas coisas a sustentação de seu fazer. Nessa dimensão, a busca interpretativa quer dar conta de identificar os nexos de sentido que abrigam as histórias contadas, em ordem de inscrever uma espécie de centralidade subterrânea das rotinas. Em outras palavras, quais significados nos ajudam a compreender como o dia a dia dos personagens em questão são construídos? Sendo a reportagem do

bando dos poetas atravessada por um convívio de tempo largo entre os partícipes da relação, essa semântica foi estendida, também, à própria rotina mobilizada por repórter-fontes. As localidades frequentadas, as refeições partilhadas e o cigarro rotacionado nos encontros nos sinalizaram para as práticas reiteradas que eles foram assumindo como grupo.

No que diz respeito às vidas que estão sendo reportadas, consideramos como eixo orientador dos dias, na configuração de uma resistência íntima, o escape imaginativo, ou o elemento fabulatório, que faz o trânsito entre as memórias de um ‘eu’ que foi e as expectativas de um ‘eu’ que gostaria de ser. Esse toque muito presente como ritmo do compasso de cada um foi abordado, ainda que não completamente, pela apreensão de símbolos e usos que fazem do que está ao redor: o bairro em si mesmo e o que suas cenas evocam, a pintura, a guerrilha, os livros, o piano, o bolo e as celebrações de aniversário, que oferecem amparo e repetições em significação diante das intempéries de cada contexto. Ademais, há uma inventividade que estabelece o sentido da resistência como viragem ante às estruturas políticas e sociais, as astúcias sutis que se combinam como tática do homem ordinário.

E é sobre essa dimensão que passaremos a tratar adiante, no estudo interpretativo do Desacontecimento.

3.1.2 Personagens rotos à procura de sentido

Quais são as fontes elegidas para a produção noticiosa? Aqui, importa se deter sobre as vozes acionadas pelo jornalismo para dar conta dos fenômenos que relata. Em plano de fatos-marcados, a lógica envolve predominantemente as figuras de poder, munidas de capital político, econômico e cultural, e a elas se atribui um papel de consulta muito mais do que de escuta. Estão ali para fornecer explicações sobre os desvios percebidos e, com isso, assegurar à informação a credibilidade de que necessita para seguir operando com legitimidade junto ao público. Encaixam-se, assim, a uma processualidade já bem conformada às funções de afirmar, declarar, negar, esclarecer – e outras tantas variações verbais usadas para conectar autoridade e discurso.

À uma prática em linha de contraposição pela intersubjetividade, no entanto, a recorrência às fontes para ora argumentar, ora contradizer dados do real soa como limitadora. A oralidade, que também se insinua em gestos e silêncios, oferece tramas mais densas de protagonismo do indivíduo para além de ser uma versão de oposição ou

situação do acontecimento narrado. Assumido desde a sua cotidianidade, ele é o criador de seus próprios sentidos, nas articulações que nunca cessam entre seus desejos, resistências e memórias. Quando consideramos analisar uma escritura tecida enquanto Desacontecimento, por isso, precisamos buscar na composição de seus personagens traços que nos situem na perspectiva de um ordinário polissêmico. Identificar como as vozes estão sendo reportadas – se para mero alcance de finalidade da pauta ou se desveladoras em si mesmas -, e como se imbricam em seu cotidiano possível.

No caso de *Solo pido un poco de belleza* (2016), vale tomar algumas notas mais gerais sobre os sujeitos em cena, antes de pormenorizar a angulação jornalística conferida às suas vidas. Entre o *bando dos poetas*, há o estigma do dependente químico, e também do estrangeiro e do velho. Pertencem eles a extratos sociais sistematicamente marginalizados e não acolhidos em suas necessidades e aportações. Escreve Kristeva, sobre os imigrantes, mas que aqui estendo com ainda maior ênfase aos personagens narrados, que “ninguém melhor conhece a paixão da solidão [...] eles definham num forte sentimento de indiferença [...] inevitavelmente sem cúmplices” (1994, p. 20). Partilham, em alguma medida, do sentimento de não pertencer a nenhum tempo e lugar, como se vivessem em suspenso, rondando o que foram, o que são e o que poderiam ser.

Em alguns extratos iniciais da obra, Rovira aborda a condição desses atores que não encontram dignidade nem mesmo na morte. A reportagem em questão acompanha o enterro de José Antonio, membro que participava ocasionalmente dos encontros do grupo às quartas-feiras, e que em maio de 2005 padeceu de complicações pelo alcoolismo, diabetes e um câncer que nunca havia tratado. Com Vittorio e Ramon, o jornalista deixa as ruas do *El Gotic* para o rito fúnebre no cemitério de Montjuïc, que não contou com mais ninguém a não ser um funcionário em traje cinza para cavar uma vala provisória cedida pela prefeitura e um caixão a cargo do tesouro público, que em dois anos se faz substituir apenas por um nome escrito em um registro administrativo.

Una enfermera muy amable me informó de que el caso de José Antonio no era nada excepcional, que al menos se producían uno o dos fallecimientos de este tipo al mes.

De este tipo, dijo exactamente la enfermera.

Fue entonces cuando nos enteramos de que existía un protocolo para ‘este tipo de gente’. El féretro, de pino sencillo, lo paga el Ayuntamiento. El nicho, pagado también, es provisional y solo se puede ocupar durante dos años. Y si se da el caso – muy poco frecuente, al parecer – de que alguien solicita flores o quiere una placa con el nombre del finado escrito, entonces esto ya se considera adorno. Y los adornos, dijo la enfermera, no pueden cargarse a la cuenta del contribuyente.

¿No le parece?

(ROVIRA, 2016, p. 15).

O tom mais crítico de Rovira volta a aparecer em passagens em que diz da atuação omissa do governo local frente à pobreza, “como si fuera temporal en vez del fenómeno estructural que marcaría las próximas décadas de la ciudad” (p. 54), e do *mobbing* imobiliário que, naqueles anos, era praticado contra os anciãos – as senhoras do clube da leitura, incluso – e qualquer inquilino de renda baixa, nos conformes da lei, “sin dejar huellas de sangre en trajes y corbatas. La ley es igual para todos, como diría más adelante el rey de España” (p.46).

- Nosotros, nosotros somos el bicho de la ciudad de la luz...- interrumpió Ramon.
- ¿La ciudad de la luz? Barcelona todavía no es París – quiso corregirle Vittorio.
- Quiero decir que todas las ciudades tienen sus luces y sus sombras, nosotros habitamos en la sombra sea cual sea la ciudad – matizó Ramon, que nunca había estado en París
- (ROVIRA, 2016, p. 49).

Mas o enfoque das *carreteras secundárias* aos sujeitos ordinários não se dá em lente reducionista, como se suas realidades fossem resultantes passivas de um sistema irrefreável. A conjuntura sociopolítica é inscrita como aspecto relevante das histórias de vida, no entanto o interesse jornalístico está muito mais em apreender, no plano das subjetividades, as (re)criações de cada um, em passado, presente e futuro. Como reconhecimento da singularidade que nos toca portar, quer versar sobre os pequenos feitos diários que nos motivam e sustentam, lembrando-se, também, de suas interações com aqueles que nos puxam atrás.

O alcoolismo, assim, desponta como um elemento, entre distintos, a perpassar a trajetória dos retratados: não é o tema central das conversas que desenrolam, é antes um denominador das experiências de conflito e desenraizamento que os conjugam, na lida rotineira com frustrações, apegos e ilusões. Em alguns personagens, a dureza dos dias parece tão larga e verticalizada que é do vínculo com o passado que se extrai forças para a formação da identidade; em outros, o presente se mostra tão ávido por rotas melhores que a vida só se pode moldar em fluxo adiante. Em todos, o que o desacontecimento perfaz é o compasso de acompanhar por onde e como os protagonistas nutrem os sentidos de suas cotidianidades, formam sua maneira de ser.

As senhoras que também se reúnem no Centro do *El Gotic* e cujas narrativas se somam a do *bando de poetas*, por exemplo. Josefa se vale da memória como sua

Teresinha e ali assumir a vida que lhe iria acompanhar por mais de 30 anos, à serviço da família de um industrial na rua *Anglí*.

-Empecé como tercera asistenta, pero acabé de primera. Una criada cinco estrellas. Aprendí a planchar con almidón, a servir una mesa de lujo... lo hacíamos todo a mano, pero al menos el suelo no era de mármol, allí teníamos parqué, un suelo de madera, y luego estaban las alfombras... las alfombras son muy bonitas, pero son complicadas porque primero hay que barrerlas y luego pasarles un cepillo... pero comer, comer se comía muy bien. Había una despensa toda llena de rstras de embutidos, morcillas, chorizos, jamones... ... ¿sabe que en aquella casa viví el nacimiento de la televisión? [...] dejaban que los criados la miráramos un rato antes de ir a dormir... [...] entonces había los famosos, bailes de las criadas en el Paralelo... a veces nos tomábamos unos churros o un suizo en la calle Petritxol... o nos acercábamos hasta el Apolo para ir al teatro...o al cine... ...ya lo ve, así era la pobre vida de las criadas, ¿qué le parece?... ganar dinerito, poco, mandar el dinero al pueblo, salir a pasear, algún novio... ahorrar algo para poder visitar a mamá cada dos años cuando me daban vacaciones... (ROVIRA, 2016, p.95-97).

Há uma riqueza de detalhes, pelas miudezas da rotina, que nos acercam dos vividos da personagem e nos apresentam, como que em reencenação do passado, o mapa afetivo de suas experiências. Por entre os sofrimentos de uma gestação ainda na adolescência, em decorrência de violação sexual, do falecimento do filho recém-nascido, e das condições precárias de vida que perduram desde os tempos de governanta, o percurso das memórias de Josefa nos vão indicando suas permanências em alguns momentos de escape: o valor das refeições e dos passeios, de algumas viagens de verão para rever a família ou acompanhar os patrões. Lembrar, afinal, pontua Ecléa Bosi (2001, p. 20), “não é re-viver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição”.

Na trilha dos sentidos que conectam o que foi e o porvir, Josefa também vai situando o seu hoje: os livros que recentemente aprendeu a ler e compartilha com as amigas do Centro, as aulas de cerâmica e de pintura, um cafezinho vez ou outra na praça e, ah, as roupas íntimas e o perfume:

- Los vestidos, las chaquetas, este chal que usted me ve puesto, la falda ancha que ya me ha dicho que le gusta mucho, con estos colores... pues todo esto lo voy a buscar a un local en el barrio de Santa Caterina donde lo regalan. [...] Pero la ropa interior, no. La ropa interior prefiero comprarla... A mí me gusta ducharme todos los días y luego ponerme mi ropa interior bien limpia... una tiene sus cosas...este es mi pequeño lujo, la ropa interior... y unas gotas de colonia.

Tiene que ser colonia 1916, no sé si la conoce usted...
a veces, una de las amigas me regala un bote, pero normalmente la compro yo...
(ROVIRA, 2016, p. 104).

Esses itens, mais que sensação estética ou de utilidade, enfatiza Bosi (2001, p. 25), “nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade”, como se tivessem uma espécie de habilidade de “falar à nossa alma”. O que nos leva a ter predileção por uns, e não outros, é de uma ordem que extrapola nossas tentativas de explicação, mas o ponto é que tais objetos carregam muito de nossas afeições e, assim sendo, nos simbolizam para os pormenores que importam. Na narrativa do desacontecimento são, por isso, elementos-chave para a vinculação dos protagonistas ordinários à cotidianidade.

Na história de Ana Luísa, também eles norteiam nossa compreensão da personagem. A senhora de 93 anos, que resiste intimamente pela musicalidade de Beethoven ao piano, agarra-se às recordações em forma de acessórios que se espalham pela casa: a toalha de mesa bordada à mão, as xícaras e o bule de porcelana, as fotos de família emolduradas pela parede – peças da mãe Maria, com quem dividiu o mesmo lar até o seu falecimento em 1980, e que seguem envelhecendo com ela e lhe fornecendo uma sensação de continuidade. A professora aposentada, que nunca se casou, embora tenha se enamorado por um brigadista alemão chamado Alper, que precisou deixar Barcelona clandestinamente após a Guerra Civil espanhola, dispõe o curso de sua história pelas lembranças com os pais e suas impressões de menina:

Ana Luisa guarda un recuerdo muy vivo de los últimos días de su padre: Fortunato reposa enfermo tumbado en la cama matrimonial de una amplia habitación que da a un jardín soleado. En el pasillo de la casa, tiene una jaula con dos palomas. Le dice a la niña que las deje libres. La niña abre la jaula y las dos palomas vuelan por el pasillo, entran en la habitación, se posan a los pies de la cama. Papá alarga la mano y juega con ellas. Una se llama *Picarona*, la otra, *Tenorio*. – *Picarona* era blanquita, menuda, con pequeñas manchas negras – recuerda Ana Luisa. *Tenorio* era tornasolado, de colores brillantes, orgulloso. Cuando papá murió, a las palomas nos las llevamos en el barco. Fue como si nos acompañara el espíritu de papá. Cruzaron el mar Atlántico a bordo del Infanta Isabel [...] Todos los días, la niña y su mamá salían a cubierta con la jaula de las palomas y las dejaban volar libremente. A veces los pájaros se posaban en el palo mayor o volaban hasta desaparecer de la vista. Siempre regresaban a su jaula
(ROVIRA, 2016, p. 163-164).

No profundo das aparências, as minúcias revelam-se como essas metáforas em trânsito, as quais os indivíduos se agarram para conferir um tipo de ordem ao caos da existência. Ana Luisa frequentemente se esquece dos compromissos que agenda para a semana, dos lugares em que guarda seus pertences, e até das palavras que, por falta de conversação, se vão perdendo de seu vocabulário, mas do fio de seus pensamentos não se descolam as imagens afetuosas dos animais que teve, das flores que coloriam os seus jardins e das peças de teatro que assistia em família. *La memoria es tan hermosamente selectiva* (p. 165). Da biografia que recupera por relato, não faz falta se ater a papeis, lançar mão de pastas ou documentos para comprovar por onde esteve e a fim de quê. O protagonismo social que registra Rovira se produz precisamente nesse misto de querências e permanências que cada subjetividade aciona no presenteísmo próprio de sua oralidade.

É no *como* os sujeitos se apropriam de suas vidas, nas coisas que elegem ou não assinalar, que o jornalista extrai o substrato para tecer os personagens: se deixa conduzir pela maneira mesmo que eles orientam suas tramas. Na narrativa sobre Dolores, a senhora que há vinte anos busca um recomeço em Barcelona, essa abertura jornalística dada ao fluir das histórias se deixa entrever pelas incursões complexas, por vezes contraditórias, que ela realiza ao contar de si. Seu desejo de viver uma nova etapa na capital catalã, como forma de superar os desgostos do passado, não se dissocia do peso que ainda tem a realidade que deixou para trás. Ela quer dizer do agora, enfatiza seus sentidos cotidianos pelos livros e pelas reuniões com as amigas do Centro, mas não consegue desvencilhar-se da força das lembranças da infância na constituição do que é. E assim faz de sua identidade uma encruzilhada de tempos.

Existe una escena de la infancia que Dolores desearía conjurar.
Adormecerla en un rincón nebuloso de la memoria. Pero la escena regresa una y otra vez.
Es como si fuera la materia prima que moldea el relato de su vida. Sus dos vidas, antes de su
nueva vida actual.

Avanza por un camino de tierra. Es el camino que lleva a la casa donde nació.

Camina sola, arrastrando una pequeña maleta de cartón.

Al llegar frente a la casa ve a mamá que está cosiendo sentada en una silla, junto al portal.

- ¿Adónde vas? – pregunta la mujer dirigiéndose a su hija, sin levantar la vista, sin dejar de coser en ningún momento.

- ¿Dónde voy a ir, mamá? ¡Voy a casa! – contesta la niña, desorientada, a punto de llorar.

- ¡Adonde te has criado, allí te regresas! – grita la madre fulminándola con la mirada, la voz
seca como una bofetada. [...]

Después de esta visita, en el recuerdo de Dolores, existe un agujero negro.

No es el único agujero negro de su vida. La oscuridad que a menudo la enmudece y la paraliza ha sido a lo largo de los años su principal defensa (ROVIRA, 2016, p. 212-213).

Irmã de uma família campesina de seis filhos biológicos e quatro adotados, Dolores se criou com as tias em Bilbao. O pai trabalhava como capataz em uma fazenda de gado, a mãe se dividia entre a costura e os cuidados da casa, de modo que foram suas duas tias, solteiras, liberais para a época e endinheiradas, que sustentaram a menina até o início da adolescência. Foram seus anos de contos de fada, conforme relata mais adiante, quando seus afazeres se revezavam em ir à escola, brincar com outras crianças e abrir os presentes que as tias traziam das viagens que faziam ao estrangeiro. Mas num desses passeios, de Marraqueche a Melilha, um acidente de carro acabou tirando a vida das duas mulheres, e marcando de preto o primeiro buraco de sua memória. Foi então que Dolores precisou retornar ao povoado em que nasceu, e assolada pelo despejo da mãe, não teve outra alternativa quer dar entrada no convento de monjas carmelitas de Tudela, encaminhada pela Guarda Civil, onde permaneceu até os dezoito anos de idade. Ali aprendeu a cozinhar e a bordar, mas a solidão lhe enclausurou em ressentimentos – nunca recebeu visitas de nenhum familiar, e passava os feriados e datas festivas sem companhia.

A lo mejor, este recogerse hacia dentro y cerrar el caparazón es lo que la ha salvado, explica (p. 213). Seu ciclo seguinte, que se estende até hoje, carrega os embates das feridas do passado com a ansiedade por novas experiências. Dolores se casou e teve uma filha, mas eles morreram de doença cardíaca, com um intervalo de vinte dias – a menina, ainda adolescente -, e as rupturas com o tempo de outrora permanecem como seu propósito a ser dia-a-dia realizado.

A busca pelo ponto de viragem também conjuga os enredos da cuidadora Alina e do casal de idosos M. e J. (que preferiram manter seus nomes em anonimato). Os três compartilham o sofrimento do exílio, cada qual a seu modo, e levam em suas trajetórias reminiscências que custam a cicatrizar. Rovira os conheceu através dos serviços sociais da *Ciutat Vella*, quando cruzou com Alina no corredor do Centro após uma das reuniões de Vittorio e seus amigos. Poucos dias depois, em outubro de 2005, o repórter foi, a seu convite, visitar M. e J. no pequeno povoado de Montsià, onde a jovem de 33 anos trabalhava prestando-lhes assistência. Para Alina, que veio em fuga da Romênia atormentada pela pobreza e por uma vida de maus-tratos, o caminho se ressignifica em fazer da dor amparo para os que se encontram sós. Nascida nas proximidades de Timisoara, naquele tempo em que Nicolae Ceaucescu liderava sua ditadura, Alina morava

com a avó e a mãe, em um casebre rural de onde o sustento provinha de algumas galinhas, patos e um porco. Depois do abandono do pai, quando tinha oito anos, passou a viver com o novo marido da mãe e o enteado, molestada por ambos sem a reprovação de sua família, que temia perder o abrigo.

Casou-se aos 17 anos, *salida del fuego para caer en las brasas* (p.185), com um homem que lhe agredia e gastava seu salário em bebidas, e ao sentir que não teria alternativas em sua terra natal, decidiu construir um novo começo para si e para os dois filhos na Espanha. Ainda pequenos, os meninos vivem com a avó pelo dinheiro que Alina envia todo o mês para a Romênia, até que consiga se legalizar no novo país e trazê-los permanentemente. E é o casal de idosos que lhe tem permitido esse sonho, também em feição de um reparo simbólico de sua intimidade.

Alina ha abierto las contraventanas del balcón para dejar
que el sol de mediodía inunde la habitación.
J. pesa solo 35 kilos y ese peso no significa ninguna dificultad
para los recios brazos de Alina. El problema está en las heridas que la presión y el roce
de los huesos enfermos producen contra su piel al más mínimo movimiento.
Alina coge una toalla que humedece con agua y jabón. Descubre el manto de las sábanas
que protegen el cuerpo de la anciana y, sin apenas frotar, la limpia de arriba abajo.
Los pies, las piernas, los brazos, el cuello, la cara.
Las pupilas de la mujer siguen atentas los movimientos de la cuidadora.
Después de pasar la toalla húmeda, Alina seca cuidadosamente el cuerpo recién lavado
y lo hidrata con cremas que unta con especial atención en manos y pies,
donde los huesos se retuercen atrapando los pliegues de la piel
(ROVIRA, 2016, p. 177).

J. nasceu na Espanha, mas viveu desde garota em território francês, exilada com os pais pelo contexto da guerra civil, que também havia expatriado M. como preso recrutado nos campos de concentração das praias do sul da França. Quem assume as recordações desse período é o ancião, acompanhado pelo olhar da esposa que, em condição enferma, quase não consegue se comunicar. O passado, no entanto, em seu caso, é como seu marco de passagem e reapropriação de uma vida de exploração para uma vida em liberdade. Conta dos trabalhos forçados na região de Orléans, quando da ocupação alemã durante o regime colaboracionista de Vichy, entre 1941 e 1943, mas se esmera nos detalhes para tratar do momento em que empreendeu sua mudança:

En esta mañana toca recoger la cosecha. M. viaja en la cabina de un camión.
El patrón conduce. A su lado se sienta un compañero anarquista, también preso.
M. fija la vista en el espejo retrovisor. Un rostro le observa fijamente. Duda.

Echa un vistazo al hombre que tiene al lado. En nada se parece al rostro que refleja el espejo.
 Entonces hace un gesto para tocarse la cara y descubre aquel mismo gesto en el espejo.
 Su propia imagen. La imagen de un extraño al que no reconoce.
 Un anciano con el rostro desfigurado, las mandíbulas hundidas, los labios hinchados, la piel
 cubierta de costras y heridas: él.
 – Fue al reconocermé en aquel desconocido del espejo cuando tuve conciencia de la magnitud
 de la tragedia que nos tocó vivir. De la derrota. De todo lo que había dejado atrás.
 De que la vida nunca volvería a ser como antes. Y supe entonces que todavía nos quedaba un
 largo sufrimiento. Decidí que había llegado el momento de fugarme, para volver al combate.
 Al cabo de unas semanas, conseguí unirme a la Resistencia
 (ROVIRA, 2016, p. 181).

A composição dos personagens nos textos de Rovira nos apresenta, assim, aqueles aspectos que aportam uma sorte de valor às vidas retratadas. Importa perceber, aqui, as dinâmicas de continuidades e rupturas, que não deixam de ser mecanismos inventivos, com os quais cada subjetividade joga para seguir o curso dos dias. Nas histórias retomadas anteriormente, como procurei sublinhar, a toada das memórias se lança com uma tal presença nos relatos colhidos que se converte na via mais favorável para nos aproximar de uma compreensão dos protagonistas em cena. As marcas que se conservam de seus passados, ora como apego de beleza e resistência, ora como empenho de superação e resiliência, configuram aquela espécie de força motriz que não permite que a vitalidade se esvaia.

Mas há, também, que se considerar a identidade que se elabora como possibilidade futura, imaginativa, na qual o tempo de outrora, evidentemente, estabelece seu lugar como precursor de novos movimentos, mas já não concentra o papel de ancorar os sentidos. Em outras palavras, uma individualidade que se mostra mais por um ‘como gostaria de ser’, do que por um ‘como foi’. O *bando dos poetas*, desde o fabulativo que atravessa sua cotidianidade, inscreve-se em complexidade aqui. Vittorio, já vimos, faz da teatralidade seu recurso para lidar com as intempéries da vida. Gosta de assumir a fala nos encontros semanais do grupo e, quando se põe a contar suas (des)aventuras como mercenário de guerra, não entra em jogo questionar a fiabilidade dos fatos ou seus toques de re-fabrico. A convivência do jornalista com o personagem é que vai nos indicando que mais vale conhece-lo pelo modo que ele escolhe se mostrar do que descreditá-lo por falta de rigor ou sistemática.

Do italiano, sabemos que chegou a Barcelona por trem, vindo de Bruxelas, com um par de malas e alguns traços descritivos que nos sinalizam para o simbólico mais além da superfície: um traje acabado de comprar, um isqueiro Zippo e um contrato de

cozinheiro na pizzeria Lloret de Mar, na costa catalã. Roubado na noite de sua chegada, restou a Vittorio instalar-se em uma pensão na rua Sant Pere Més Baix, ele e mais dezenas de garrafas de vinho tinto, por três dias até ser encontrado inconsciente e encaminhado ao hospital, no episódio que por ele seria chamado de *La Gran Borrachera Final*. Uma vez recuperado, já não tinha mais com ele o tradicional Zippo, e nem o trabalho de pizzaiolo, mas o cuidado com a aparência lhe sustentava junto aos pitos que continuaram frequentes e a paixão pela cozinha.

Ojos vivaces del color azul marino, sonrisa pícara y meliflua (p.24), como a un *seductor*, Vittorio tinha sempre os cabelos grisalhos penteados e as camisas limpas e passadas, mesmo nos dias que lhe pareciam mais sombrios. *El público era como el oxígeno que respiraba [...] fuera nuestra particular corte de los milagros de ex alcohólicos o un simple desconocido sentado en la barra de un bar* (p. 52), de modo que estava sempre preparado para dar voltas pelas suas sagas na África ou na vida que lhe tocaria ter. Nesse trânsito, duas mulheres representam como que a ponte para essa passagem:

- La conocí en Johannesburgo, Yo ganaba un montón de pasta gracias a los diamantes.
 Había comprado un restaurante en el centro de la ciudad. Servía comida italiana.
 La mejor pizza de toda Sudáfrica.
 Se llamaba Josephine. El nombre venía de su abuela, que era francesa. Empezamos una
 relación. Nos veíamos fuera del restaurante. En secreto. Con cuidado. Con respeto.
 ¡Era la mujer de un diplomático! Al cabo de unos meses, quedó embarazada.
 Tuvimos una niña. Geraldine.
 Su marido aceptó la situación y quiso hacerse cargo de la pequeña como si fuera el padre.
 Los ingleses no son como los italianos. En Italia te matan.
 Josephine y yo continuamos con nuestra relación durante dos años. Hasta que me pillaron con el
 dinero y me metieron en la cárcel.
 Fueron Josephine y su marido los que consiguieron mi libertad. Pactaron con la policía que yo
 saliera del país a cambio de que no volviera nunca más
 (ROVIRA, 2016, p. 41-42).

Amsterdã foi o seu destino, e logo Bruxelas, antes de se estabelecer de vez na capital catalã. Desde a prisão pelo tráfico de diamantes, iniciado naqueles anos de Guerra Fria em que atuava como mercenário no continente, financiado pela luta internacional contra o comunismo, Vittorio não mais conseguiu ter um relacionamento assíduo com Josephine e Geraldine, como gostaria. De vez em quando, a filha lhe telefona desde Londres, onde vive atualmente, e lhe faz uma visita. E aquela ponta de beleza tão desejada

pelo italiano, que tem também sua dose de melancolia, toma posto como o motor que faz a vida (des)acontecer:

- Le pido a mi amigo, un buen amigo, de los que nunca hace más preguntas de las necesarias, que me deje un traje. Un traje con pajarita. También le pido algo de dinero prestado. Cojo un taxi y voy a buscar a mi hija al aeropuerto. La llevo hasta un restaurante de Castelldefels. Comemos. Hablamos. Pago la comida. La devuelvo al aeropuerto. [...]
Yo solo soy un perdedor. No quiero entrometerme en su vida. No saben en qué me he convertido, aunque algo deben de intuir
(ROVIRA, 2016, p. 43).

Há uma espécie de busca pela redenção nas ressignificações cotidianas de Vittorio. Nas criações de cozinha – a composição de pratos, os pescados, as pizzas com jamón e aspargos; nas ligações e encontros com a filha; e mesmo nas relações que vai assumindo com o *bando*, ele projeta uma chance de se redimir pelos erros cometidos no passado, como se pudesse transpor com ilusões uma realidade que por vias concretas é inalterável. Uma passagem da obra, em especial, nos aclara para essa leitura: a que versa sobre Eulogía, a senhora que lhe aluga um quarto na rua Sots-tinent Navarro, na baixada da praça Sant Jaume. Galega de Pontevedra, nascida em 1920, ela deixou sua aldeia aos 32 anos para buscar fortuna na América, mas acabou permanecendo em Barcelona sob a recomendação de um tio marinheiro, que a advertiu para os riscos de uma embarcação onde só viajariam três mulheres e mil homens.

Teve dois filhos e enviuvou, a pensão que recebe do governo quase não dá para as necessidades do mês, pelo que sofre ameaças de despejo frequentes, e vive sozinha, com a família no estrangeiro e uma vontade de regressar à terra natal - que acabou nunca se realizando. Seu temperamento difícil, exaltado, foi assumido por Vittorio como um meio de se regenerar, de fazer frente às *muchas deudas* que tem que pagar. Sua rotina se entremeia, assim, às necessidades da Señora: faz suas compras e serviços de banco, cuida da faxina da casa e das refeições; no verão lhe prepara duchas por uma mangueira conectada à torneira da pia, no inverno esquenta água na bacia para limpá-la com panos molhados; passa creme em suas pernas para suavizar a fadiga e o desgaste das articulações.

- No porque ella me ayudara. ¡Al contrario! ¡Vaya una personalidad!
¡Vaya un carácter tan tremendo! Fue porque me dio un motivo para sentirme útil.
Y aquella dedicación hizo que me olvidara de mí mismo.

Un hombre muerto. Un asesino. Un borracho. Uno que lo ha dilapidado todo y tiene que mendigar un traje prestado para ir a ver a su hija. [...]
 Una vez leí a un poeta. Sería italiano, quizá ruso.
 Decía que siempre le estamos pidiendo a la vida que nos dé algo.
 Pero que es la vida la que espera de nosotros
 (ROVIRA, 2016, p. 61).

Essa sorte de tábua de salvação, almejada quase que como refúgio, é aspecto-chave também na narrativa de Ramón. O caçula de oito irmãos, todos nascidos no Tanger, ainda hoje se sustenta na simplicidade natural de sua infância. Em 1959, a família mudou-se para Barcelona após a morte do pai, e ele foi o único que permaneceu com a mãe até ser preciso ingressá-la em um asilo. Desde então, o retorno imaginativo àqueles dias felizes, em que se sentava em um banquinho junto à porta da casa e assistia as vacas e cabras pastarem, é sua fonte de calma e o meio que encontra de permanecer ligado à mãe, sua melhor amiga. Ramon nunca se casou, teve algumas namoradas, mas eram os homens que verdadeiramente o atraíam – *quizá por eso empecé a beber. Para envalentonarme* (p.79).

Nos encontros do *bando*, no Centro de Serviços Sociais ou nos bares em que partilhavam um café, o marroquino contava pouco de seu passado ou de sua vida pessoal. Quando percebia Vittorio confabulando sobre os lugares que gostaria de visitar ou as explorações que ainda poderia fazer, aí também se sentia confortável para lançar suas próprias ilusões – aquelas que nos ajudam a compreender os sentidos por ele tecidos para os seus dias:

- ¿Sabéis lo que me gustaría? Vivir en el campo.
 Con un perro. Una cabaña de madera, eso me encantaría, dijo con los ojos iluminados.
 Una cabaña sencilla. Y el amor de un animal. Un animal de tamaño medio.
 Quizá cultivar un huerto. Plantar tomates. Patatas. Lechugas. Zanahorias
 (ROVIRA, 2016, p. 56-57).

– Siempre quise ir a Mallorca en barca,
 navegando contra el viento rodeado de delfines
 (ROVIRA, 2016, p. 70).

– El viernes pasado, los del centro social organizaron una excursión.
 Nos dieron un bocadillo de jamón y queso para cada uno. Fuimos hasta Tarragona en autocar.
 Y os digo que solo de ver el campo a través de la ventana me dio un no sé qué.
 Unas ansias, unas ganas de libertad. Un hambre de comer carne.
 ¡Carne a la brasa al aire libre! ¡Costillas, butifarras! ¡Calçots! (ROVIRA, 2016, p. 78).

Sentindo-se amargurado pela realidade em que se meteu, dependente do auxílio social de 326,36 euros para viver, de um vale semanal para utilizar as duchas públicas, de fichas para almoçar em refeitórios caritativos e de um quarto em um albergue que lhe aterrorizava, Ramon tinha também na pintura sua forma de habitar outros mundos. Durante o período de convívio com Rovira, esteve internado por algumas semanas no Hospital Sant Pau, para um tratamento de desintoxicação, e eram os quadros de Van Gogh que lhe animavam a pensar em outros assuntos que não eutanásia, doação de órgãos e sua vida de *gilipollas* que ele gostaria que não fosse *muy larga*. Tinha uma predileção pelo “Quarto em Arles”, e passou a tentar reproduzi-lo logo após, a convite do repórter, por uma foto que conseguiu na biblioteca Andreu Nin. Em ritmo lento, os contornos que esboçava na tela em carvão eram como seu recordativo da travessia gradual que também ele percorria.

A Vittorio e Ramon, os personagens mais presentes nos encontros reportados em *Solo pido*, geralmente se associava a companhia de Juan Benavente, andaluz de Granada, cuja parte da infância foi vivenciada na França, quando o pai trabalhava na fábrica automobilística da Citroën. Um tanto calvo, magro e com óculos sem moldura, o que se destaca na aparência de Benavente são as tatuagens que se estendem por seus braços, inscrições em pele daquilo que lhe significa. Cada sujeito manifesta a seu próprio modo seus apegos com o que lhe importa. Dos anos em que esteve emigrado, ele diz pouco, mas tomam forma com o estandarte da Legião Espanhola que ele carrega no braço esquerdo, - *testigo imborrable de un español que ha luchado por su país* (p.114) e do sentimento de não pertencimento que por muito com ele permaneceu: - *allí era un ‘petit espagnol’*. *Me decían ‘tú eres español, tú no eres francés’*. *Me humillaban* (p.116). Aos 18 anos, quando se juntou à força militar para combater nos territórios espanhóis da África, em meio às guerras independentistas, o fez para reafirmar *!si soy español! – claro que también influyeron las 11.000 pesetas que pagaban* (p.117).

O ex-legionário tinha esse tom mais explosivo, frequentemente falava em exclamações, sobretudo quando remontava às histórias de bravura dos que lutaram contra os *moros*. Em qualquer conversa encontrava uma brecha para fazer ver seu patriotismo e a coragem de outrora, que agora a duras penas se empenhava para preservar, frente a um desgaste físico que lhe parecia inevitável pelo alcoolismo. Quando retornou a Barcelona, passou a trabalhar como motorista de caminhão, outra de suas paixões, que deve ao pai, homenageado em tatuagem logo abaixo a do emblema da Legião, pelas iniciais J. M. e a data de seu nascimento, 22/04/55, em um coração com flechas. Foi quando também se

casou, em Sant Josep de la Muntanya, e teve dois filhos, mas aí então o vício já havia lhe consumido:

– Yo me entregué a la bebida.

El alcohol forma parte de su educación sentimental, explica. Es como una segunda naturaleza. Era lo que se hacía a los 13 años en el barrio. Si bebías eras un macho. Si no bebías eras una niña. Benavente quería ser un hombre. Un día descubrió que sin el alcohol ya no funcionaba. Fue a vivir, explicó, delante del mar, en el barrio de la Barceloneta. Aprovechando que estaban arreglando el teleférico de Montjuic, cada noche saltaba la valla de protección de las obras y allí, delante de los astilleros del Moll Nou, instalaba sus cartones. La soledad, sin embargo, no fue para él un problema. Al contrario. Incluso conoció a unos marroquíes con los que trabó cierta amistad muy a pesar suyo, pues, dijo, él, un legionario español, nunca hubiese podido imaginar que un día compartiría lecho con los moros; ni que los moros podían ser unas personas tan agradables y solidarias. – A veces, pasábamos la noche charlando. Del desierto, de las mujeres. ¡Quién lo iba a decir! (ROVIRA, 2016, p. 118-119).

E daí que em seu braço direito estão duas últimas tatuagens, emblemáticas desses anos em que *el mundo se le viniera abajo* (p.120), e como que um arremate dessa segunda pele que nos ajuda a compreender os sentidos que perfazem a vida de Benavente: *‘Pienso, luego existo’*, *‘Vive y deja vivir’* – *Razocinio y libertad, ¿qué te parece?* (p.115).

Na narrativa de Rovira, o protagonismo social vai se expondo, assim, pelos valores subjetivos que se conjugam na trama ordinária. À sua prática jornalística, interessa o plano inventivo articulado pelos personagens no compasso dos dias, a partir do relato daquelas pequenas experiências que lhes servem de amparo, nas quais eles depositam seus afetos – ainda que esses não provoquem impactos estruturais, e muito menos influenciem nas agendas hegemônicas. *Carreteras secundárias* trata mais, portanto, da tessitura das singularidades que, uma vez projetadas na esfera do comum, manifestam os elementos sensíveis da própria condição humana. O apego, nas vidas contadas, que se dá ora ao passado, ora ao fabulativo, ora a objetos, a pessoas ou situações, nos sinalizam, ao fundo, que o presente é sempre movimento, e que nunca é suficiente em si: algo constantemente nos impele, e precisa nos impelir, para mantermos ativa a vitalidade que nos cabe.

É como uma predileção noticiosa à nossa força criativa, que reconhece que uma trajetória abriga um híbrido de ciclos, aqueles que começam, que terminam e que, na maior parte das vezes, seguem coexistindo. A história do Canário pode ajudar a ilustrar o que estou a enfatizar aqui. Seu nome, na verdade, é Juan Bautista Fernández Faura, e ele

dispõe de um espaço particular na obra de Rovira, ainda que não pertença ao *bando de los poetas* e nem frequente o Centro de Serviços Sociais, como as senhoras do clube da leitura. O jornalista o encontrou pela primeira vez em dezembro de 2004, na escadaria do edifício número 9 da rua Riudarenes, quando fazia uma visita a Abdellah³⁰, que acabara de sair do hospital naqueles dias. Da conversa de passagem, voltaram a se ver outras tantas vezes – não era difícil reconhecer seu sorriso largo, o bigode grisalho e a cachorra vira-lata Petra, em andanças por ali. Há 18 anos, inclusive, é ela a única companhia do cartagenero, chamado Canario por sua criação nas ilhas que margeiam a costa do Marrocos.

Petra é como o sustentáculo da sua vida. É quem caminha com ele nas buscas diárias pelos periódicos da cidade – como se também fosse uma leitora ávida por notícias, e quem lhe inspirou a se aproximar do budismo, nos anos difíceis em ele que padecia com pensamentos depressivos– *me gusta el budismo por el respeto tan grande que tiene a la vida [...] todos, los gatos, los perros, los seres humanos, los párajos... todos somos igual de importantes y debemos respetarnos* (p.229). Mesmo quando se colocava a contar sobre sua infância como pastor de cabras, ou sobre seu tempo em Londres, traficando drogas e trabalhando em uma discoteca frequentada por John Lennon e Yoko Ono, sua atenção se voltava à cachorra, - *ven aqui hermosa, ven guapa* (p.330), e o assunto já se convertia nesse estar-juntos. Quando ela faleceu, já nos idos de 2006, aí a dimensão inventiva do Canario entrou em nova significação – não tão nova assim:

- La ternura, la ternura sólo la siente por los perros.
Es algo, explica, como lo que deben sentir las madres por sus hijos,
no es amor en el sentido hombre-mujer, sino como si alguien te abrazara entre sus brazos,
y sientes algo profundo en el corazón.
- ¿Sabes qué, Rovira? El Canario dejó pasar un minuto largo.
Luego, con la mirada soñadora y los ojos llenos de lágrimas, dijo:
- Cuando yo me muera quiero ir al cielo de los perros.
Veo montañas, árboles, bosques...perros que saltan alegres, jugando sin
miedo...Lo veo todo verde, la hierba que crece natural, salpicada de margaritas,
arroyos de agua dulce, lagos, ríos...conejos que corren arriba y abajo, mariposas de colores.
Ay, ay, ay.
¡Y yo, allí, abrazado a mi Petra!
¡Petra, querida, soy yo! ¡Que ya he llegado!
(ROVIRA, 2016, p.232).

³⁰ Abdellah e Nordin figuram com pouco destaque na obra *Solo pido un poco de belleza* (2016), em razão da escassa presença nas reuniões semanais do grupo, no Centro de Serviços Sociais do *El Gotic*. Pouco se sabe da história de vida de cada um – de modo que também não aprofundarei as incursões interpretativas sobre os mesmos.

No dia em que esse texto se publica no *La Vanguardia*, Rovira escreve no parágrafo inicial da matéria, os informativos abordavam os bombardeios que estavam ocorrendo na faixa de Gaza, com as ofensivas do exército israelense após ataques de foguetes do grupo Hamas, sob a complexidade dos conflitos político-culturais que até hoje atravessam a região. O castigo coletivo como crime contra a humanidade era um dos temas que poderiam ocupar aquela seção, aprofundando a discussão sobre a justiça universal. Mas foi o Canario e sua Petra, que lhe (des)aconteceram na véspera, que estamparam a página 10 do jornal, cuja notícia ao lado se anunciava com o título *Masacre en el mercado del principal barrio chií de Bagdad al estallar un coche bomba*.

3.1.3 Vivência pelos diminutos

Alcançar a dimensão dos sentidos, entremeada na cotidianidade pelo homem ordinário, não é proposta simples. A processualidade que estou a tratar aqui, agora em âmbito interpretativo, conjuga-se como movimento indissociável de um *ethos* – um ser/estar que assume a posição jornalística, e também política, de implicar-se com a realidade em que se insere e narra, de dinamizar-se às margens pelas brechas conquistadas nas instituições que atua, sob condições adversas. E há, evidentemente, um custo pessoal e profissional aos que se dedicam a essa empreitada, que envolve desde uma entrega subjetiva, de tempo e alteridade, a perdas materiais, de dinheiro e complicações na carreira. Nesse plano, o compromisso humano e social é revelado em cada uma das escolhas tomadas pelo jornalista, que se até então foram inscritas em esfera de noticiabilidade, a partir deste tópico serão pensadas no nível das condutas mobilizadas para tratar o vívido reportado.

Demarquei, teoricamente, que a matriz do desacontecimento reconfigura os tradicionais aparatos de apuração pela ordem de uma proximidade intersubjetiva, que rompe com a mentalidade positivista sujeito-objeto, ou jornalista-objetivos-fonte, para acolher a ternura, ou o reconhecer-se fraturado, como substrato de captação. Aí, as noções de ato presencial (MEDINA, 2006) e mirada atenta (ESQUIROL, 2015) fundamentaram um exercício reflexivo sobre *como* o jornalismo pode se valer de dispositivos afetivos para uma cobertura mais ligada aos diminutos do comum. Resta analisar, agora, se essa lógica de um infra-ordinário pode ser percebida também no território prático das *carreteras secundárias*.

Começo pelo repórter que se coloca em presença. Já abordei o estar-juntos como uma característica da cotidianidade que se estabelece também em decorrência do convívio entre eles. A obra, que a princípio nasce como uma reportagem, e então se desdobra em outras 23 matérias, se realiza pela visita, sem pautas prévias, de Rovira ao edifício dos Serviços Sociais do *El Gotic*, em uma quarta-feira do verão de 2004, quando o grupo se reunia pelo denominador comum do alcoolismo. E importa notar, como um primeiro aspecto interessante desse jornalismo que se coloca em campo, que os personagens que compõem o livro só ganham lugar na narrativa em virtude desse circular mesmo; quer dizer, há o trio Vittorio, Ramon e Benavente, que puxam um destaque pela participação mais assídua nos encontros, mas *Solo pido un poco de belleza* (2016) se faz, em complexidade sensível, pelo entrelaçar das suas histórias com as de Josefa, Ana Luisa, Dolores, Alina e Canario. Reportagens essas que se derivam por conversações no elevador, no corredor, na praça, na escada; cujos protagonistas (des)aconteceram não por estarem implicados em determinado feito de urgência noticiosa, mas pela vida em si mesma que se compartilha quando se está aí, disponível para tal.

Rovira não faz do trabalho jornalístico um objeto de premeditação, não fecha as relações de tempo-espço nem nos relatos dos personagens, nem em suas movimentações particulares, e é por isso que suas tramas se complementam em um horizonte comum, ainda que explorando distintas singularidades. Estar-aí, em terreno, é a engrenagem mais básica que pode deslocar a narrativa de uma mera apreensão estratificada para um registro mais polissêmico. E para além de se inscrever como abertura para o repórter conhecer novas pessoas e desenrolar outros enredos, o presencial que se abastece de um *continuum*, como no caso de *Solo pido*, se desborda em experiências mais plurais de convívio. Às quartas-feiras, pela manhã, o grupo ocupava uma das salas do Centro do *El Gotic*, mas, com o transcorrer do tempo, foram as mesas do bar *Arri* as que com mais frequência receberam os *poetas*, para o café e *croissant* que se tornaram sua rotina um pouco antes da reunião no edifício. Outras oportunidades de convívio também passaram a surgir, resultantes das próprias demandas que se apresentavam nas interações.

No início de dezembro de 2004, por exemplo, Rovira acompanhou Vittorio em uma ida ao banco, na praça Palau, para tentar solucionar os problemas que a senhora Eulogía estava tendo com sua conta, embargada, em razão de dívidas de aluguel. O convite veio quando o jornalista lhes relatava, em uma dessas conversas cotidianas, matérias sobre casos de *mobbing* imobiliário contra anciãos que havia feito, um desses na rua Portaferriça, ali próximo, onde inclusive se dirigiram para conhecer os detalhes da

história dos De Gregorio. Em frente ao prédio de número 15, Rovira recordou com Vittorio e Ramon a saga do casal, que por lá vivera 40 anos, para resistir às ameaças de despejo de um comprador interessado em construir galerias comerciais no local, que chegou a contratar pessoas com fantasias de dragão para assustar os moradores durante a noite – ‘*piso con bicho*’, *llamaban entonces a este contratiempo los especuladores* (p.48) – e que, ao final, não deixou escolha à família a não ser se mudar da casa onde havia criado os filhos e os netos.

Também Eulogía estava sofrendo com o risco de ser despejada do apartamento. Por uma mudança contratual em função da implementação do euro, em 2002, seus custos de aluguel foram elevados em quase 30%, e da pensão de 440 euros por mês lhe passaram a sobrar apenas 109, com o qual estava endividada e com a conta paralisada pelo banco. Foi então que, na toada das histórias em mão dupla, Rovira se encaminhou com o italiano para a agência da praça, naquela que foi a terceira e última tentativa do ex-mercenário de desbloquear o saldo da Señora. Uma aposentadoria mínima, conforme a lei espanhola, não pode ser embargada, e após conseguirem uma ordem judicial autorizando atividades na conta, Eulogia voltou a ter acesso ao dinheiro.

Quando Ramon precisou se internar para o seu tratamento de desintoxicação, naquelas semanas em que pensamentos sobre a morte lhe rodeavam a cabeça, o jornalista o buscou em sua alta hospitalar para uma ida até a loja de pinturas da rua Casañas, onde o marroquino comprou tubos magenta, siena e amarelo para colorir as reproduções dos quadros de Van Gogh que tanto apreciava esboçar. *Al salir de la tienda cargando entre los dos el material, pidió si le hacía el favor de acompañarle hasta la pensión. - El primer cuadro será para ti – dijo ahora mientras Vittorio disertaba sobre Van Gogh y su locura. – Muchas gracias, Ramon* (p. 77).

Nesses anos de convivência, também Benavente esteve no Hospital del Mar, por um caso muito mais grave de coma alcoólico, que lhe casou um derrame cerebral. Passou praticamente todo o outono de 2004 sob cuidados intensivos, entubado *en una cama que parecía demasiado grande para su cuerpo de pajarito herido* (p.127), e quando saiu do hospital, em uma cadeira de rodas e com perda agressiva de memória, precisou se instalar em uma casa de repouso. Enquanto esteve internado, o *bando* e Rovira lhe prestavam visitas em leito, ainda que o ex-legionário estivesse impossibilitado de falar e não fosse mais se lembrar de tais encontros.

Vittorio se acercó hasta la cabecera de la cama para buscar la mirada del enfermo.

Juan Benavente parecía encontrarse muy lejos. El mercenario rozó con sus labios la frente del
 legionario y le habló suavemente en italiano
 ‘me verás muchas veces solo y mudo/ vagar por bosque y por verdes ribas, /
 o sentado en la hierba bien contento / si para suspirar fuerza me queda.
 – Son de Leopardi – explicó el italiano.
 Nos quedamos todos un buen rato de pie, en silencio, observando al enfermo.
 Sus tatuajes sobresalían entre los esparadrapos y los tubos pegados a brazos y muñecas como si
 fueran las escamas de una segunda piel a punto de mudar.
 Pensé en si cuando levantaran al legionario de la cama
 todos aquellos tatuajes se desprenderían de su cuerpo
 para quedar grabados en las sábanas
 (ROVIRA, 2016, p. 127-128).

Vê-se que uma rede de afetos vai, então, se construindo por momentos como esse, que extrapolam as delimitações de contato previamente estabelecidas e compreendem seus atores em uma espécie de coparticipação nas ocasiões que atravessam seus dias. Um movimento de apuração que se deixa desdobrar de uma tal maneira dá abertura para as ações do tempo se imbricarem, em seu inesperado que é tanto belo quanto dramático, na vida de cada um. O repórter presenciou as manifestações de suas singularidades naquelas experiências mais rotineiras, em meio a recordações e fantasias, e nos momentos de fragilidade extrema, quando apreendia da impotência que assola os dependentes químicos em suas enfermidades. No inverno de 2005, foi Vittorio quem sucumbiu às mazelas do álcool por um câncer no fígado. Meses antes, o italiano já sabia que estava padecendo pela doença, mas preferiu esperar para contar ao grupo quando tivesse um diagnóstico mais preciso do que estava lhe acontecendo.

E numa das caminhadas do *bando* à beira-mar, nas poucas vezes em que escapavam das ruelas do *El Gotic*, apesar do encanto do ex-mercenário pela praia, ele compartilhou que apenas lhe restavam alguns meses, que talvez suportasse viver até o outono do ano seguinte. Das reações que se sucederam ao anúncio, Rovira as condensa em uma passagem direta, mas muito representativa da intimidade que se formou entre eles:

Ramon seguía paralisado, incapaz de pronunciar una sola palabra.
 - ¿Recuerdas aquel día que fuimos en metro para acudir a tu entrevista de trabajo?
 – dijo Vittorio, tratando de animarlo.
 – Lo recuerdo muy bien. Te dije que me sentía solo en el mundo.
 - ¿Y yo qué te contesté?
 – Que te tenía a ti.
 –Pues ahora yo te doy las gracias por ser mi amigo
 (ROVIRA, 2016, p.198).

E foi nas imediações da Barceloneta, uma vez mais, como escolha que também diz muito das significações de Vittorio, que repórter e protagonista tiveram seu último encontro, em um dia de verão em que o italiano, já se sentindo muito mal no hospital del Mar, lhe telefonou convidando-o para uma *charla*. Em traje de pijama azul, com sapatos que também pertenciam ao hospital e a pele já marcada por manchas e feridas, o *poeta* lhe aguardou sentado em um banco em frente ao mar, e após divagar com Rovira sobre a beleza dos banhistas que se aglomeravam por ali, quis se dirigir ao *Simon*, um bar bem ao lado, para um conhaque derradeiro. O encontro não durou muito, mas se fez daquela simbologia que acabou lhes sendo tão característica, que só pode emanar de um tipo de convívio que dedica presença: bebida, cigarro e histórias de guerra – *Hoy es fiesta! Una fiesta de despedida – dijo* (p.237). Entre um pito e outro, e a fumaça de Marlboro que lhes envolvia, conversaram sobre a África, o passado fascista da Espanha e da Itália, até que o mercenário se despediu com a piscadela e o sorriso à meia boca que o tempo tornou tão habitual.

– Gracias por venir – dijo -, ahora déjame solo. Necesito pensar.
Se sentó en el banco donde le había encontrado. [...]

El mar resplandecía en el horizonte dominando con su azul intenso de los días sin bruma
al azul claro del cielo que difuminaba la calicha.

Observé a Vittorio. ‘Estamos preparados’, recordé las palabras de Manzoni que
pronunció el mercenario el día que enterramos a José Antonio.

Cuando me disponía a marchar me pareció que giraba la vista hacia donde yo estaba.
Sentí que me guiñaba un ojo.
(ROVIRA, 2016, p. 240).

Escreve Esquirol (2018, p. 57), quando trata das afecções que nos movem, que nossa satisfação se intensifica quando é compartilhada. O estar-juntos tem como que a potência de transformar nossas necessidades em desejos – “el gaudi compartir és més gaudi – i també la tristesa”. A carga de expressividade que se vai desvelando na narrativa se faz, assim, na medida mesmo em que os partícipes experienciam um comum. Comum que vem da própria raiz do comunicar, como outrora pontuado. “La vida se sent més és quan es difon, quan es comunica, quan s’expressa” (idem). As festividades de final de ano talvez sejam as mais propícias para se perceber o vigor que reside em um partilhar. À mesa, importam pouco as diferenças entre os sujeitos, os dilemas que estão enfrentando ou mesmo todo o desgaste pelo calendário que se finda. No preparar da refeição, no dividir o mesmo alimento, é como se qualquer sentido negativo se mantivesse em

suspenso, à espera de alguns momentos de unidade. O pão, afinal, como nos diz Clarice Lispector (1998, p.91), “é amor entre estranhos”.

Vale, assim, retomar a celebração da ceia de Natal dos poetas, em 2004, como modo de enfatizar os laços pessoais que se foram gerando de um presencial *continuum* entre eles. Feriados como esse podem ser especialmente dolorosos para aqueles que vivem sozinhos. São como um recordativo inevitável das coisas que já perderam, da família que não têm mais por perto, da falta de um lar. E foram um dos temas da reunião daquela semana véspera do dia 25: Nordin comentava sobre as ruas enfeitadas da cidade, Ramon lamentava ter como única opção jantar em um refeitório social, e Rovira lhes contava da visita que havia feito naqueles dias à uma prisão da Tarragona, onde um grupo de presos muçulmanos e cristãos fazia um presépio utilizando grãos – iniciativa de uma diretora que buscava promover um clima de harmonia entre os encarcerados das mais distintas religiões.

Vittorio, entusiasmado naquele dia, propôs que eles realizassem uma ceia do grupo. Ele poderia pedir ao seu amigo, dono da pizzeria na *Ample*, que lhes cedesse o local à noite, já que o mesmo estaria fechado, e ele cozinharía algumas de suas especialidades para o jantar. Juntaram os trocos, deixando de lado o saldo negativo no banco, e conseguiram 30 euros para uma ida ao mercado. O jantar, de fato, só se concretizou porque a senhora Teresa, ao ler a reportagem que tratava dos preparativos no *La Vanguardia*, deixou um envelope com 100 euros para eles, junto a um bilhete na redação do jornal: *...estoy sobrecogida por la historia de vuestras vidas, por el esfuerzo considerable que hacéis para salir del agujero en el que entre todos os hemos metido...* (p.159). Fizeram as contas e, com Rovira, estariam em oito: Vittorio, Ramon, Nordin, Juan Carlos, que havia estado duas semanas na prisão, e a mulher Carmen, Abdellah e a companheira Luisa. – *Yo cocino, yo compro...* – oí Vittorio gritar mientras se perdía por la calle del Pi en dirección al mercado de la Boquería (p.160).

Às sete horas da noite daquele 24 de dezembro, colocaram-se juntos em volta da mesa para cearem o cardápio preparado pelo italiano, vestido em traje e chapéu de cozinheiro:

- Primer plato: sopa de pescado. Segundo plato: calamares encebollados.
- Tercer plato: pollo con patatas. Postre: helados variados, plátano y tarta al whisky.
- El único alcohol que hemos probado ha sido el de la tarta– sonrió Nordin.
- Y un copito de cava, solo para mojar los labios – dijo Ramon.
- ¡Y brindar por la amistad! – exclamó Vittorio, levantando una copa vacía.

- ¡Abstinencia absoluta! – dijo con la voz rota. [...]
 Brindamos por los ausentes. Por la Señora. Por Benavente, que seguía ingresado en una
 residencia con vistas a la montaña del Tibidabo, ahora que ya nunca más podría subir la
 montaña. Brindamos por la señora Teresa, que había pagado la comida.
 Fantaseamos un poco: quizás un viaje todos juntos, dijo Vittorio, a Johannesburg,
 a Montserrat, dijo Ramon
 (ROVIRA, 2016, p. 174-175).

Passaram a noite conversando sobre o amor, a paixão que se destrói pelo álcool e o carinho que permanece daqueles que partiram. No horizonte de um comum que se sobressai a despeito dos contratempos, Vittorio ainda compartilhou que, naquela manhã, recebera a ligação da filha, Geraldine, da Inglaterra, para desejar-lhe feliz natal. – *Le he dicho que pensaría en ellas, que siempre las tengo en mi corazón. Le he explicado que las cosas me iban algo mejor y que pasaría el día en casa de unos amigos. Aunque no ha sido en casa de unos amigos, ha sido entre amigos. Una Navidad en familia* (p.175). A arte de nutrir, bem sublinha Certeau (1996, p. 207), é a mais necessária das artes de fazer, uma das mais favoráveis fontes para os sonhos possíveis.

A apuração jornalística se enriquece, em vias de intersubjetividade, do ato presencial e da partilha que se conjuga com a mobilização dos sentidos em terreno. A isso que inscrevi como a mirada atenta do desacontecimento, em alusão aos pensamentos de Esquirol (2015) e Perec (2010), a obra de Rovira coloca em prática pelos cuidados aos diminutos. Espantar-se e interrogar o que nos cerca enquanto método, da ordem da subjetividade e da cognição, para acessar a semântica dos detalhes. Foi por tal dinâmica que o repórter pôde se aprofundar na camada de significações tecida pelos personagens. A teatralidade de Vittorio, pela escolha sempre zelosa de suas roupas, o brilho nos olhos ao começar a narrar suas histórias, e o apreço ao aspirar e exalar a fumaça do cigarro, pausando o trago para manter suas falas em suspense, é traço que porta uma gestualidade cara ao protagonista, e à própria narrativa, e que só se detem pela ordem das minúcias captadas pelo jornalista.

Carreteras secundárias é como descascar uma cebola, Bru Rovira me aclarou em entrevista. É preciso tomar tempo, silêncio e observação para apreender aspectos do real que podem com facilidade escapar frente a outros chamados mais visíveis. Os afetos de Dolores, a senhora que busca seu terceiro recomeço em Barcelona, cuja vida esteve marcada pelo abandono da mãe na infância, se vão revelando não apenas pela incursão às suas memórias, mas pelos movimentos das mãos que acompanham suas falas. O enlaçar dos dedos nos dizem daquelas passagens de sua história que mais lhe angustiam: quando

as palmas das mãos estão separadas e acomodadas em seus joelhos, há uma tranquilidade maior, e até uma certa sensação de controle, naquilo que conta. Mas alguns episódios lhe pesam mais, e manter as mãos ocupadas é o que, em certa medida, a alivia desse trânsito no tempo. Ela toca as pontas dos dedos, desliza-os sobre o punho, abre pacotes de bolacha e tabletes de chocolate - *¡Coma también usted, haga el favor! – dice, acercándose el paquete. Explica que, a pesar de la obesidad y la diabetes que padece, no puede parar de comer. Sobre todo cuando piensa en su vida* (p.217).

Também a narrativa sobre Josefa se aproxima dessas miudezas. Os encontros se iniciam e se encerram com a governanta andaluza oferecendo as duas bochechas para os beijos de cumprimento, antes de levar a cabo qualquer conversação. Gosta de compartilhar os enredos dos livros mais recentes que tem lido, para então poder seguir com seus relatos pessoais. *¿Ha leído Resurrección? ...debería leerla... un Príncipe deja preñada a una criada y la abandona a su suerte... la criada se hace mujer de estas, de la vida... la condenan a trabajos forzados en Siberia...el príncipe se siente culpable y la sigue hasta Siberia, quiere salvar a la chica, pagar su culpa... ¿qué le parece?* (p.106). Quando embarca nas trilhas de sua vida *no actualizada*, seus olhos se fecham a depender do cenário que está recordando, e de tempos em tempos, ela faz pausas para um lanchinho que sempre traz na bolsa. As tangerinas são o seu preferido, e o pano de prato que as conserva, todo bordado em linhas verde-água, com o qual limpa a boca e as mãos após comer, mostra a importância desses tipos de cuidado para a senhora que não dispensa umas gotas de colônia 1916.

Em Ana Luísa, a vida se conta, ainda, pelos cheiros. Às vésperas do Natal de 2004, seu apartamento, na praça del Pi, estava tomado pelos aromas dos legumes em preparo em sua panela de barro, para uma sopa catalã típica, *escudella y carn d'olla con pilotes*, de massa em formato caracol e uma almondega ao centro – *Cuando se tiene mi edad, una come cada vez menos – sonrió con coquetería* (p.160). Seus cabelos esbranquiçados, caprichosamente penteados em coque, também lançavam aquele cheiro suave de creme pelo banho recém-tomado. Com o broche que reluzia do lado direito de seu suéter de lã, foi ficando claro que receber visitas, para ela, era um valor caro. Vestiu-se muito bem, organizou a sala da casa e preparou uma refeição para ter o que oferecer ao convidado, e quando empreendia suas memórias, fazia questão de lhe proporcionar uma experiência mostrando retratos antigos ou itens que guardava com simbolismo da infância e de sua família.

Nos sentamos cara a cara en un par de sillones que había colocado junto a una mesita de madera. Encima de un tapete bordado a mano, reposaban dos tazas de porcelana, una tetera, una azucarera y un plato de galletas.

– Espere un momento que le quiero enseñar una cosa.

Regresa con una cajita que contiene un anillo.

– Es el anillo de mamá. Me lo pondré el día de Navidad. Siempre lo hago.

Cuenta una historia sobre el anillo y mientras la cuenta veo a una niña en la expresión de su rostro de anciana.

Una niña de ojos vivaces como si los recuerdos pervivieran en la mirada más allá del cuerpo y de la edad

(ROVIRA, 2016, p. 164).

A prática jornalística de Rovira aciona uma espécie de saber discreto, que busca se vincular aos gestos, à disposição dos entornos, à essa simplicidade do cotidiano que se faz entrever pelos comportamentos, por um ritmo de andar e de se portar, por um aroma ou objeto, pela textura dos móveis e da comida, pela sinestesia e simbologia do visual. Os espaços são importantes, conforme sublinha Perek (2001, p. 45), para reavivar nossos afetos “más fugaces, más anodinos, así como lo más esenciales”. Em um universo de dimensões inimagináveis, a oportunidade de se reportar a partir dos ambientes habituais dos personagens, suas casas por exemplo, é via de acesso privilegiada para tessituras mais detidas à calidez e aos sentidos.

O registro sobre o Canario, que se faz de outros três encontros àquele episódio na escadaria na Ruidarenes, bebe, ademais do apego do cartagenero à cachorra Petra, da relação que ele estabelece com as palavras, cujo significado se pode notar pelas paredes grafadas de seu quarto. A proximidade que se constrói entre repórter e fonte abre à Rovira um acesso a essa parte da intimidade do Canario, sem que lhe seja preciso direcionar nenhum tipo de pergunta ou assumir alguma postura invasiva. Muito mais do que um dado físico-geográfico, o local figura na narrativa como esse centro existencial, que reúne e orienta a vida do personagem como sua fonte de segurança e criação. Junto à cabeceira da cama, um mapa mundi já sinalizava um aspecto definidor da vida do Canario – *Esta es mi patria – dijo* (p.229). Ele, que morou em cinco países diferentes em sua juventude, agora fixava seu lugar pelos pôsteres, fotografias e dizeres gravados em tinta pela massa corrida.

Dejó luego que yo vagara a mi aire, leyendo en las paredes. Además de citas de autores conocidos había pequeñas palabras sueltas, como por ejemplo, ‘filiarcado’ o ‘ajo a la cazuela’.

– ‘Filiarcado’ – dijo – es el poder de los hijos sobre los padres. Algo muy actual.

‘Ajo a la cazuela’ tiene una sonoridad que me encanta. Cuando las leo me ayudan a reflexionar.
 ‘Hay tres cosas que no se enseñan más en la Universidad: saber mirar, saber escuchar, saber
 preguntar’, se leía en otra de las paredes.
 Pegado a la puerta del armario con una chincheta, colgaba una poesía de José Hierro, ‘Vida’.
 – ‘Grito ¡todo! Y el eco dice ¡nada!’ – leí uno de los versos.
 - ¡Esta poesía es fabulosa! – se entusiasmó el Canario.
 - Te hace pensar en el universo universal, te dice que no somos nada y que somos todo,
 singular y plural
 (ROVIRA, 2016, p. 230).

Em determinadas passagens, essa apuração mais meticulosa, que busca na cena viva o concreto e o simbólico das histórias contadas, mostra-se, inclusive, em feição mais pausada, como que a indicar um jornalista que tateia aos poucos seu entorno, e que cuida para imprimir nos registros as sutilezas que se vão evocando no imediato dos corpos e lugares. A reportagem sobre Alina e o casal J. e M. carrega um tal envolvimento, pelas próprias nuances do conteúdo abordado: as vidas em exílio, a fragilidade da saúde da senhora M., e os movimentos de ressignificação de Alina no o dia-a-dia com os anciãos.

Apoyado en el marco de la puerta, J. observa los gestos de la cuidadora.
 La mujer permanece de espaldas inclinada sobre la enferma.
 Un espejo colgado detrás de la cama refleja su rostro de facciones eslavas.
 La nariz bien dibujada, los pómulos marcados, los labios carnosos que se entreabren
 ligeramente susurrando palabras amorosas en una lengua que
 ni la anciana ni el hombre entienden.
 M. observa su propia figura reflejada en el espejo.
 El porte todavía erguido bajo un albornoz a cuadros, el pelo completamente blanco.
 La mirada del hombre se encuentra en el espejo con la de la cuidadora y le sonríe agradecido
 (ROVIRA, 2016, p. 178).

Há alguns recortes na obra, ainda, sobretudo a se entrecruzar com as manhãs de reuniões do grupo, em que Rovira dedica um espaço para dizer de paisagens e sujeitos externos à trama central, que, no entanto, com ela se conectam pela abordagem às cenas cotidianas e ao homem-ordinário. Quando elege inscrever na narrativa um sujeito que vivia entre papelões abaixo das escadas da agência La Caixa, na praça Antonio López, no momento em que comia restos de *bocadillo* da lata de lixo enquanto um casal se beijava à saída *del vestuto* edifício (p.34), o faz para, mais além de compor uma abertura descritiva ao texto, enfatizar que a mirada se deve despertar ao corriqueiro. Em outro trecho, o recurso de tecer algumas linhas para o que percebe à sua volta ajuda a delinear, inclusive, a compreensão sobre os protagonistas:

Un grupo de jóvenes enfundados en trajes de neopreno aprovechaban el oleaje para surfear. Encima de la arena se veían algunas parejas repartidas por toda la playa. Apretujadas junto al casco de una barca de pesca colocada boca abajo, unas ancianas tomaban el sol en bañador resguardándose del viento. Un hombre mayor vestido con un albornoz azul deshilachado con el escudo del Club Natació Barcelona se acercó a la orilla, dejó caer el albornoz en la arena y se metió en el agua.

- Eso sí que tiene valor – dijo Ramon
(ROVIRA, 2016, p. 188).

Por fim, a configuração de mecanismos de apuração mais atrelados à ordem dos sentidos e dos afetos, nessa camada que também se designa de infra-ordinário, conjuga uma dimensão ética, enquanto movimento de reconhecimento social. Ao dispor-se à proximidade junto a sujeitos comuns, e integrar-se em seus espaços de convívio, interessando-se especialmente por aquela parcela de atores que vive à margem, Rovira faz de sua narrativa um registro da vivacidade, em suas potências e fragilidades, que envolve as vidas tradicionalmente ignoradas. A mirada atenta, como destaca Esquirol (2015), constitui, ao fundo, uma dinâmica de não-indiferença, de respeito. E a escolha de reportar as *pizcas de belleza* que nos sustentam no caos corresponde a esse gesto, humano e jornalístico, de preservar a dignidade de cada um.

Um último episódio pode ser de valia para a compreensão desse exposto. O texto inicial do livro de Rovira traz, como um adiantamento narrativo do que só será detalhado ao final, a sua caminhada e de Ramon ao cemitério Montijüic, para o enterro de Vittorio. Sem dizer mais da cena em que o italiano é sepultado, o jornalista opta, na verdade, por retomar como fio condutor a data em que, quase dois anos antes, o *bando* se reuniu naquele mesmo lugar para o enterro de José Antonio, quando Rovira começava a participar das reuniões do grupo. Além desse capítulo introdutório, pouco foi abordado sobre ele: sabe-se que faleceu aos 53 anos, em decorrência de um câncer agravado pelo alcoolismo e pela diabetes, que teve um único amor em sua vida, Loli, cujo nome levava tatuado em seu braço. Poucas foram as vezes em que esteve nos encontros no Centro, e quando ali estava, permanecia em silêncio, introspectivo. Quando de seu falecimento, ninguém foi ao hospital reclamar o corpo, e seu funerário se deu seguindo o protocolo municipal para casos de *gente así*, como já mencionado no tópico anterior.

Rovira, no entanto, a partir da expressividade de Vittorio, encontra uma brecha para revestir em zelo e cuidado a morte solitária de José Antonio:

– El final desgraciado de la vida de nuestro compañero – empezó Vittorio – me recuerda aquel episodio acontecido en Milán durante una gran peste.

Una mujer se acerca hasta el carro de los *monatti*, los infectados que recogen a los cadáveres
 esparcidos por la ciudad. La mujer lleva en brazos a su hijita.
 Se trata de una madre joven, de una belleza velada que deja entrever un gran dolor a través de
 la porcelana de su piel y el pozo encendido de sus ojos que brillan como dos fuegos.
 La niña que sostiene la mujer debe de tener unos nueve años.
 Viste de blanco como si fuera una novia. Adiós, Cecilia, se despide la mujer depositando a la
 niña en el carro. Nos reuniremos esta noche y ya no nos separaremos nunca más,
 musita la madre besándola en la mejilla.
 Entonces, dirigiéndose a los *monatti*, añade con voz serena:
 Vosotros podéis volver a por mí y mi otra hija al mediodía.
 Estaremos preparadas (ROVIRA, 2016, p. 17).

3.1.4 Escuta que diz de si

Para nossas incursões sobre o referencial da dialogia, em que a analítica do desacontecimento se detém ao nível das entrevistas jornalísticas para a produção das reportagens em questão, cabe tecer alguns comentários prévios. Quando discuti, de modo teórico, a necessidade de deslocamentos de uma acepção técnica de coleta de vozes à uma postura intersubjetiva de escuta, inscrevi uma reflexão acerca da alteridade enquanto dinamismo que também diz de si mesmo. Isto é, voltar-se ao Outro em abertura compreensiva é, antes, voltar-se a si mesmo em reconhecimento do estranho que, primeiro, habita em nós. Considerar a alteridade que reside no plano de nossa intimidade alarga as lentes que acionamos para nossa relação com o mundo. Se há mistério cujo desvelo desconhecemos no âmbito de nossa própria identidade, como não assumir no Outro uma tal complexidade?

O percurso que até aqui desenrolamos, ao fundo, já foi dando mostras, entre outros aspectos, desse exercício jornalístico de um Eu para com um Tu. Para perceber no banal a construção de sentidos de pessoas comuns, o jornalista precisa experimentar, por princípio, sua própria dimensão ordinária, frágil – na acepção que recorda o singular que dispomos mesmo em nossos traços mais coletivos. Isso significa dizer, em outras palavras, que o desacontecimento, e em especial *Solo pido un poco de belleza* (2016), é obra de repórteres que, em *repliegue de sentir*, reconhecem-se enquanto sujeitos fraturados, e então comprometidos com a experiência do Outro. Não são capazes de dar conta, mesmo com as melhores intenções, dos dilemas que esse vivencia, mas sabem que é precisamente essa limitação que os impele a estar em trânsito, em dialogia, e que os ajuda a valorar os indivíduos mesmo com suas contradições e inconsistências.

Quando das reportagens sobre o *bando dos poetas*, Rovira já se imbricava com as *carreteras secundárias* nos mais diferentes cenários. Passara a década de 1990 cobrindo o pós-Guerra Fria na região dos Balcãs e em alguns países da África Subsaariana, e mesmo dedicando-se às reuniões do grupo no *El Gotic*, não deixava de fazer viagens como enviado especial ao continente, como no caso da Libéria, cujos textos compõem a obra que será analisada no capítulo seguinte. Com uma carreira profissional marcada por experiências de conflito, e também sua trajetória pessoal atravessada pelo fascismo, presenciou perdas, violências, a dor da condição humana em vinculação inevitável com suas resistências e encantos. E carrega, então, como espécie de dispositivo jornalístico, uma tal abertura vital às histórias de vida, densas em suas misérias e significações.

O diálogo assume, nesta linha, posição expoente na prática jornalística de Rovira, na medida em que se potencializa com a dinâmica entre-sujeitos mobilizada em suas narrativas. Em particular, *Solo Pido* (2016) se sustenta enquanto uma tessitura dialógica que flui em via dupla, com o repórter sendo orelha e sendo voz: inscreve-se em plano de escuta, e também de relatos de si – devido às próprias especificidades da trama que se desenrola. Ele pode até ter chegado na sala dos serviços sociais para ouvir o que os personagens tinham para contar, como de fato o fez, mas logo percebeu que seu envolvimento, ali, tomaria contornos um pouco mais concretos – *O hablamos todos o no habla nadie, advirtió Vittorio durante las presentaciones. Este era o trato. Y parecía un trato justo* (p.27). Assim que nesses registros compilados em livro, e nas matérias publicadas por primeiro no *La Vanguardia*, Rovira escreve do outro e escreve de si. “Es lo que Borges decía, ¿no? Al final, cuando explicas, te explicas a ti mismo”, me lançou quando conversamos sobre os *poetas* naquele nosso segundo encontro, em Girona.

Sua primeira participação na reunião dos ex-alcoolatras, em uma quarta-feira daqueles idos de 2004, é bem representativa desses dois pontos iniciais que estou aqui a tratar: o repórter que se reconhece em fratura para a alteridade e a dialogia que corre em dois sentidos. À mesa, dois maços de *rubio americano* e o assunto que lhes aproximava de cara: a vida na África. Vittorio e Benavente travaram algumas lutas por lá, Ramon vivera até os nove anos de idade no Tanger, e Rovira havia acabado de regressar de uma de suas idas a Monrovia. Pediram, então, que o repórter lhes contasse uma história, *una cosa más personal*, talvez até como passo de admissão às vivências do grupo.

Así que, algo confuso, decidí improvisar: Mientras vivía en Monrovia, dije entonces, todas las tardes iba caminando hasta la terraza del hotel Mamba.

En la ciudad no había agua, ni luz. Miles de refugiados vivían apretujados entre las ruinas de los edificios destruidos por los combates.

El comedor y la terraza del hotel se habían convertido en un oasis de lujo en medio de aquella desgracia. Allí era donde se reunían los espías, los traficantes de armas, los hombres de negocios, los periodistas, los funcionarios de Naciones Unidas. Reservado solo para extranjeros.

[...] – Pregunto ¿Cuántos de los que estaban tomando cerveza conmigo en el hotel Mamba mientras los nativos nos miraban a través de las rejas que nos protegían de la calle, cuántos de todos ellos estaban allí para ayudar?
(ROVIRA, 2016, p.29-30).

Dessa primeira brecha, combinatória de um jornalismo também chamado a ser parte, se vai depreendendo, em ritmo consonante, o entrelaçar do comum que integra repórter e fontes, bem como o desvelo daquelas indagativas que subsistem nas movimentações profissionais do jornalista. À sequência dessa primeira passagem, Rovira complementa sua incursão pessoal com um episódio que se passou a um amigo em missão humanitária após o genocídio em Ruanda: numa noite em que ele regressava de carro à hospedagem, atropelou uma pessoa que vagava pela rua, mas não prestou-lhe o socorro necessário. *Él, que había ido a Ruanda para ayudar a la gente, descubría de pronto que el miedo de afrontar la realidad le desquiciaba, que solo era un blanco rico sin agallas, un visitante, uno que está de paso* (p.31). A conversação que se desdobra daí ganha, então, ares de confissão, ou de partilha que, já daquele momento, mostra a atmosfera de reciprocidade que vai acompanhá-los nos meses seguintes:

Un día, les dije entonces, me gustaría escribir esta historia: la persona de buena fe, un joven blanco de buena familia, ilustrado, lleno de buenas intenciones, pero incapaz de tener el valor necesario para afrontar sus propios errores.

Sin duda, porque lo que realmente tiene interiorizado es que él merece otro destino que el de los africanos, los negros – seamos precisos con las palabras –, y que no puede ser tratado en ningún caso como si fuera uno de ellos, incluso cuando comete una torpeza...

¿Cómo podía exponerse él a visitar a los aldeanos que vivían junto al lugar del atropello?

¿Y si le metían en una de aquellas cárceles como si fuera *uno de ellos*?

Una cosa es la caridad, otra muy distinta el compromiso, concluí.

- ¿No será tu amigo algo más que un amigo? – preguntó Vittorio.

¿Acaso no tendrá esta historia algo que ver con tu propia historia?

La pregunta quedó en el aire y yo solo supe bajar la cabeza y murmurar, comiéndome las palabras, quizá tengas razón...

en cierto sentido

(ROVIRA, 2016, p.31-32).

Uma vez implicado no convívio semanal de Vittorio e seus amigos, as trocas entre eles passaram a (des)acontecer em rota contínua – o que não quer dizer que, em cada

relato, registros como o acima citado apareçam, ou que haja um predomínio das histórias de Rovira sobre as de seus reportados. Antes, sua presença nos textos se permeia pela própria cotidianidade que se vai formando com o tempo: como forma de repercutir um assunto, de iniciar uma conversa, de vincular confiança. De fato, em toda a obra, ademais das passagens, já citadas nos tópicos anteriores, em que o jornalista conta a Vittorio e Ramon das matérias que estava fazendo sobre *mobbing* imobiliário, especificamente sobre o caso dos De Gregorio, e a todo o *bando* de uma reportagem sobre o Natal inter-religioso na prisão de Tarragona, apenas uma vez mais o tom *más personal* do mediador-autor se fez notar: em seu encontro com Juan Benavente, pouco antes de o legionário padecer de um derrame cerebral.

Era uma manhã do verão de 2004, por volta das 11 horas, quando eles se juntaram em um bar da rua La Freneria, para um café, a convite do *petit espagnol*. Na ocasião, Benavente já estava tendo recaídas e, à chegada de Rovira no local, se encontrava bebendo cerveja. – *Mira, Rovira – dijo subiendo la voz-. ¡Me cago en los putos servicios sociales y la madre que los parió! – Hombre, Juan... - ¡Y me cago en ti! – soltó fuera de sí, levantándose de la silla* (p.110). Suas emoções foram se controlando ao passo que o repórter retomou algumas recordações da infância, que de alguma maneira se podiam atrelar às vivências de Benavente. Com olhar atento aos turistas que se dirigiam à Catedral, Rovira comentou do tempo em que, menino, passeava com os irmãos por aquela praça, alimentando as pombas, e como, nos dias de sorte, o pai lhes dava moedas para comprar sorvete e selos de coleção. Foi quando o legionário se sentiu confortável para compartilhar de sua meninice na França, das lembranças em que se pôde apreender as redes de significações que o levaram a ingressar nas forças armadas espanholas. E relatou seus anos trabalhando de caminhoneiro no retorno a Barcelona, enquanto Rovira lhe dizia de Manuel Vital, condutor de ônibus atuante no movimento sindical de Torre Baró, que havia participado de revoltas contra o governo franquista – *¡Él secuestró el primer autobus de la historia de la humanidad! – Es que los españoles, cuando nos ponemos...* (p.123).

Esse é um traço que se percebe muito característico das interações assumidas por Rovira. Mesmo nos contatos iniciais com os personagens, quando ainda não há intimidade para uma conversa mais fluída, sua abordagem dispensa formalismos ou elaborações estanques de perguntas e respostas. Até porque sua narrativa não pré-define encaminhamentos e nem se dinamiza pelo fim de extrair dados e informações. Como suas tessituras se perfazem da cotidianidade, a dialogia toma aspectos que, inclusive, parecem

da ordem de um banal – no estilo das conversas que temos ao entrar em um elevador, esperar em uma fila, pegar um transporte público. Essa espécie de curiosidade vital que o impele ao encontro com o Outro atribui sentido mesmo às trocas que se mostram pouco consistentes – nos termos dos conteúdos que tradicionalmente valoramos. Se às *carreteras secundárias* importa a dimensão criativa, de resistência, dos que vivem à margem, então cabe a cada protagonista orientar e aclarar o fio de sua singularidade no que porta. É na vida trivial, escreve Maffesoli (1996, p. 115), “a que se tem tendência a desprezar, que está a fundação da comunicação” – de modo que a intersubjetividade, nos textos de Rovira, emana dessa tal autenticidade de uma conversa comum.

Vejamos as interlocuções introdutórias que o repórter empreendeu com alguns dos personagens de *Solo pido* (2016). O primeiro contato com Josefa, como já mencionei, (des)aconteceu no Centro dos Serviços Sociais, quando a governanta entrou sorridente no elevador e, com a deixa de Rovira, contou-lhe que o motivo era o aniversário da mãe, falecida, e que seu ritual em dias assim era comprar um bolinho e cantar parabéns para os entes queridos. À sequência dessas saudações, o assunto engatou-se pela câmera fotográfica que o repórter carregava no pescoço, e que acabou servindo de gancho para novos encontros sobre sua *vida no actualizada*:

¿Podría usted hacerme una foto de perfil? – preguntó.

- ¿De perfil?

– Nunca he visto mi perfil, tengo curiosidad por verlo...

Hice la foto, acordamos una cita para hablar tranquilamente y quedamos en que le llevaría una copia en papel fotográfico de su perfil.

– No sabe la ilusión que me hará...- dijo mientras nos despedíamos con un beso en ambas mejillas hasta la próxima semana
(ROVIRA, 2016, p. 87-88).

Nas interações seguintes, suas lembranças sobre Andaluzia, a doença cardíaca do filho recém-nascido, os trabalhos encaminhados pela senhora Teresita, nas casas de famílias industriais de Barcelona, vinham também em decorrência daquelas conversas que popularmente conhecemos como papo furado, que bem ajudam a criar um clima favorável para o fortalecimento dos laços entre os partícipes. São aqueles dizeres espontâneos, que nos vêm por impressões sobre os mais variados assuntos, e lançamos até sem muito compromisso para quem está conosco. Josefa e Rovira conversavam sobre a vida em Marte, os mistérios da astronomia, a possível existência de seres extraterrestres, Deus, famílias numerosas...E todos eram considerados de igual importância porque

revelavam aspectos constitutivos da personalidade da protagonista, de suas reações, de seu jeito de rir ou se conter, de sua forma de enxergar o mundo. Na última vez em que se viram, o envolvimento por aqueles encontros tomou a forma de um *regalito*, que ela mesmo fez em gesto de despedida ao repórter: *una pintura al óleo. Un campo de trigo de trazo impresionista. Entre las espigas amarillas salpicadas del rojo de las amapolas, se percibe la sombra en movimiento de lo que parece una figura humana, pero también podría ser una silueta animal. – Es muy bonito... (p.103).*

Com Ana Luísa e Dolores, as outras senhoras do clube de leitura do *El Gotic*, e também com a cuidadora Alina, que recebia assistência do Centro de Serviços Sociais, a abordagem jornalística seguia esse mesmo compasso. Sem direcionamentos específicos, ou a necessidade de corresponder a previsões estabelecidas, as aproximações de Rovira se interessam em apreender da própria vida em presença a construção dos relatos. As vozes dessas mulheres não foram colhidas em virtude de alguma grande narrativa, servindo de aspas para uma matéria mais ampla sobre a velhice, por exemplo, ou então para a composição de um livro – que só se foi publicar 10 anos depois -, mas enquanto substrato em si. Quer dizer, a dialogia, na prática de Rovira, não é uma espécie de ferramenta de coleta, mas o cerne da tessitura mesmo. Junto a Ana Luísa, na visita em que lhe fez às vésperas do Natal, a conversação (des)aconteceu pelo cheiro da *escudella i carn d'olla* em preparo, no fogão, e pela aparência do piano que se estava deteriorando em razão dos ratos, de cuja ação Josefa havia comentado em uma das *charlas* com o repórter. A partir desses dois temas triviais, a professora aposentada contou das refeições que prepara, mesmo vivendo sozinha, para recordar da mãe, e de como a música foi seu sustento, também simbólico, desde a mudança de Buenos Aires.

A que jornalismo interessa dedicar uma manhã completa a escutar histórias que se aparentam tão comuns? Que se desvelam por diálogos que bem recordam àqueles desprentensiosos que empreendemos com nossos vizinhos e parentes, à primeira impressão até superficiais, inócuos?

- He visto que estaba preparando la comida.

- Mismo comendo sola, no me quejo. Antes, nos reuníamos algunas amigas. Amigas de toda la vida que se habían ido quedando sin familia. Amigas del barrio. Pero también ellas se han ido muriendo como caen las hojas de otoño...

[..]

Ana Luisa sirvió el té y acercó el plato para que cogiera unas galletas.

- Las he horneado yo misma – dijo.

[...]

- ¡Ay, estos malditos ratones! ¿Sabe por dónde se cuelan?
 Por los canelones del agua y el hilo del teléfono. ¿Pero qué puedo hacer yo?
 Mientras me queda pulso, toco
 (ROVIRA, 2016, p. 162-163).

Quando estive com o casal M. e J., e a romena Alina, a interação se desenrolou por um comentário desses corriqueiros, que geralmente fazemos, como gesto de agrado, ao chegarmos em um espaço ao qual fomos convidados a conhecer: - *es una casa muy bonita* (p.180). Daí, o banal se converteu, uma vez mais, no fio condutor da narrativa. J. começou suas incursões pelo exílio na França, durante a Guerra Civil espanhola, para contar que aqueles haviam sido os únicos anos em que não vivera naquele lar, onde, inclusive, o pai nasceu e morreu - *¡En esta habitación donde ahora estamos hablando! Y si Dios quiere, aquí moriremos* (p.180). Por essa linha, Alina também lembrou de sua casa em Timisoara, com os patos e galinhas que pertenciam ao Partido de Ceaucescu, mas então com uma sensação distinta da dos anciãos, de dela se afastar para construir um novo amparo, com outras oportunidades. Vidas paralelas, que no registro de Rovira se foram cruzando pelos afetos experienciados por cada um – lutar para voltar à casa, lutar para deixa-la, e nunca mais ter de a ela regressar.

Há um episódio que também ilustra essa dialogia da cotidianidade que estou a tratar aqui, e que vale recuperar nessa leitura mais atenta da prática das *carreteras secundárias*. Refere-se a um dos dias em que o *bando* decidiu circular para além das ruelas do *El Gotic*, a pedido de Vittorio, que após a reunião daquela semana pós-Natal quis acercar-se do mar. Ramon e Nordin acompanharam o passeio, que não foi ocasião de nenhuma grande revelação ou conversações inusitadas. De fato, se sentaram no terraço da praça do Mar para algumas madalenas, café com leite, e o cigarro de cada dia. Jogaram papo fiado sobre o turismo que movimentava a cidade mesmo na sua estação mais fria. E participaram dos causos que uma vendedora ambulante, María Fernanda, passou a lhes contar ao se aproximar com seu carrinho de refrigerante. Rovira já havia conversado com ela em outra oportunidade, e até publicado uma matéria sobre seu desejo de tornar ao Equador, sua terra natal, para reaver o sítio da família – *la vida del emigrante es muy dura* (p.189). Chamou-lhe, então, para se sentar com eles – *A mis amigos le gustaría conocer tu historia* (p.190).

- Decía el Rovira que estuviste en Italia. ¡Pus aquí tienes un italiano de carne y hueso! –
 dijo Vittorio, mirando a la ecuatoriana a los ojos.

- Ay, los italianos, ay si te contara... - se animó la ecuatoriana,

dispuesta a explicar su breve experiencia en aquel país.

[...]

- ¡*Porca miseria!* Ma *che cosa* increíble! –

soltó una larga carcajada Vittorio gesticulando con los dedos juntos, haciendo *la pigna*.

La ecuatoriana sonrió divertida

(ROVIRA, 2016, p. 192-193).

Com María Fernanda, estiveram a ouvir de seus trabalhos como babá na casa dos Barbieri, em Gênova, cuja senhora era obcecada por micróbios e infecções – fazia-lhe entrar com os braços levantados, para não tocar em nada até se lavar no banheiro, esterilizava sua bolsa, e dava mamadeira ao filho de 18 anos. Vittorio, como lhe toca ser, recuperou a expressividade que estava minguante naquela manhã, para relatar de suas vivências como mercenário de guerra. Daquelas horas em que ali estiveram, até que a ecuatoriana teve de circular para vender as latinhas que restavam em sua bolsa, dialogaram sobre os riscos e os ganhos de viver como ambulante. Uma passagem, ou melhor, um capítulo, que, à vista tradicional, pode ter ares aleatórios, mas que, sob as escolhas de Rovira, conotam uma compreensão dos sujeitos e das realidades que se narram pelo cotidiano da intersubjetividade.

As relações, uma vez inscritas nesse nível de trocas rotineiras, com um repórter disposto à escuta, passam a envolver-se de confiança, de conforto, para manifestarem àqueles aspectos mais reclusos, mais duros da vida, que evidentemente demandam mais para aparecer. Novamente, alude-se à metáfora de Rovira sobre a cebola que se vai descascando, enquanto busca pela teia de significados de cada um, ou do relato da panela de Moçambique, para enfatizar essa espécie de abertura vital do repórter, de ordem emocional e material, a viabilizar que as entrevistas tenham contornos também confessionais. A convivência com os personagens, medida menos pela cronologia e mais pelo comum instaurado, foi gerando, assim, um clima de identificação para a partilha espontânea de feridas e dilemas pessoais. A narrativa sobre Dolores pode ser emblemática neste sentido. Sua história é marcada por rupturas e desejos de recomeço, e o que ela conta vem em doses espaçadas. Rovira sente o peso dessas memórias, e por algumas vezes, nos dois encontros que tiveram, sinaliza-os nos escritos:

Le contesto que podemos continuar la conversación otro día o, si así lo prefiere, olvidarlo.

Con gesto decidido, contesta que no, que quiere continuar hasta el final (p.217).

Mientras la escucho, desearía que la mujer arrancara a llorar.

Pero Dolores permanece con la mirada congelada. Con gesto mecánico engulle un par de galletas más y una chocolatina. Se lleva la taza del café hasta los labios. No sé cuánto tiempo pasa antes de que recupere la palabra (ROVIRA, 2016, p.222).

No final de seu relato, que acaba sendo um vai-e-vem pelo passado, sem sequência linear – ora contando do abandono da mãe, ora de Barcelona, ora das tias em Bilbao, em datação não muito clara -, ela então revela a tristeza que lhe corrói, *dejando que fluya libremente su llanto como si hubiera expulsado un tapón* (p.224), a de ter abandonado sua neta, pouco depois do falecimento de sua filha e de seu marido. – *No podía vivir con todo aquello, pobrecita. Mi nieta, mi pobre nieta...* (p.224).

Vittorio também teve, à parte de seu realismo fabulativo, momentos de introspecção durante os encontros com Rovira, pela própria intimidade que se foi maturando entre eles. Ademais da passagem em que expõe os sacrifícios de sua relação com Eulógia, a que se sujeita pelas dívidas que tem a pagar com seu passado; há, naquela última saída que fazem na Barceloneta, quando o italiano já estava internado com câncer, uma conversa que porta muito da redenção buscada pelo mercenário – inclusive através do imaginativo. Mas, isso, claro, antecedido pela interação casual que se tornou característica entre eles, com Rovira lançando broma e Vittorio lhe pedindo causos: - *¿Ya te dejan salir del hospital con este pijama que te sobra por todos lados? [...] - Qué tal el Chad? Ninguna historia que contar?. Conté algunas anécdotas ocurridas durante el viaje* (p.200).

É nessa ocasião que o italiano faz menção ao pai pela primeira vez, um homem que, conforme conta, foi homenageado por Mussolini pelos serviços prestados na guerra colonial dos anos 1940, quando a Itália tentou criar um império colonial na Líbia. Retomando uma história que ouviu de um índio em Johannesburgo, sobre o destino trágico de uma família pela cadeia de pecados cometidos pelos antepassados, o mercenário tentava encontrar respostas para os erros que cometeu - no acerto de contas que, inevitavelmente, todos nós faremos com a própria vida.

– Además de ser un fascista, mi padre fue un hombre violento, un maltratador. Tenía la mano muy suelta.

Preguntó a continuación si creía que existía una herencia genética de la maldad. Una especie de culpa que empieza en un miembro corrompido de la genealogía familiar, y va saltando de padres a hijos como una surte de destino fatal.

Estuvimos entonces un largo rato en silencio, hasta que Vittorio regresó al tema.

- Tengo la convicción – dijo – de que mi vida ha sido la continuación de los

pecados del fascista de mi padre. Él me inculcó el estigma de la violencia. También yo me hice mercenario, maltraté a mujeres que había amado, no supe amar a mujeres que me amaban, maté...hasta que un día me rompieron el culo en una cárcel. Entonces percibí claramente la bestia que llevaba dentro.
 - Tendré que perdonarme. A veces se me va la olla tratando de encontrar el sentido que ha tenido mi existencia
 (ROVIRA, 2016, p. 202).

Há que se ponderar, ainda, que é parte do movimento dialógico de voltar-se para o Outro conviver também com os desencontros. A reciprocidade que se almeja na relação não é como um dado certo, nem tampouco descarta a possibilidade de divergências na construção do processo. Ao contrário, a experiência da alteridade implica, até enquanto abertura compreensiva, a aceitação das situações que escapam. E considerando as especificidades da cobertura em questão, as assimetrias acabaram atravessando as rotinas de envolvimento do grupo, pelo próprio fator tempo e seu duplo sentido: ao passo que estreitava a proximidade, revelava as contradições e fragilidades de cada partícipe. Em algumas semanas, as reuniões fluíam com conversas e memórias; em outras, a atmosfera maior era de silêncio, desânimo pelas realidades vivenciadas pelos personagens – doenças, internações, falta de dinheiro, solidão. Por vezes, mesmo conflitos despontavam entre eles, em decorrência de desentendimentos e irritações, e precisavam de alguma maneira ser manejados na narrativa.

Vittorio e Benavente, por exemplo, protagonizaram alguns choques pontuais, quando o legionário afrontava o italiano por sua submissão ao temperamento da senhora Eulogía, ou quando Vittorio lhe provocava dizendo que os combates da Legião Espanhola não eram intensos como os que ele havia enfrentado na África – *Aquello comparado con una guerra de verdad, fue un juego de niños* (p.113). Dessas ocasiões, não decorriam confrontos exaltados, mas uma espécie de necessidade de se justificarem à Rovira – encontravam um jeito de lhe explicar o que faziam e por que faziam, ao que o jornalista lhes respondia, com um gesto de mão, como que para tirar a importância do assunto, *no soy nadie para juzgarlo* (p.60). Em um dos encontros com Benavente, que recuperei anteriormente, o repórter teve de lidar com os ânimos aflorados do legionário pela recaída ao álcool:

- Mucho hablar, mucho rollo, pero también tú eres un pedazo de capullo como los demás.
 Y no tienes cojones para denunciar toda esta mierda.
 Dicho lo cual, se sentó de nuevo. Habíamos quedado en que nuestras citas serían sin alcohol.
 Cervezas y bocadillo, pero la cerveza sin alcohol. Le hice notar que no cumplía lo pactado.

- Fue una mala idea porque aquella mañana Benavente andaba envalentonado.
- ¡Como legionario que soy, prefiero robar antes que entregarme! – gritó, dando un manotazo encima de la mesa. Dejamos pasar un buen rato en silencio, la vista perdida en la calle (ROVIRA, 2016, p. 109-110).

Quando, poucas semanas depois disso, Benavente sofreu um derrame cerebral, e o *bando* foi ao hospital prestar-lhe uma visita, outra passagem que se imbrica com as complexidades do (des)encontro dialógico teve vez, então com a filha do legionário, Rosa, que ninguém até aquele momento conhecia. Ela estava em uma cadeira junto à cama do pai desde a noite anterior, e presenciou o momento em que Vittorio lhes recitou aqueles versos de Leopardi, sobre as forças que nos ajudam a resistir mesmo em meio à solidão. Interessada em saber mais do que passava com Benavente, convidou Rovira para um café, ali próximo ao Paseo Marítim. Fumava sem parar enquanto ele lhe contava as histórias que o legionário partilhara, e mal tocava na tortilha de batata que estava em seu prato, apenas para dar de comer às pombas que rodeavam a mesa, com o olhar em divagação. Passou a se sentir contrariada conforme os relatos avançavam – *en vez de escribir su vida debería escribir la nuestra* (p.129), e o repórter também deixou entrever seus embaraços na conversa à sequência, ao tentar amenizar a complicada situação:

- ¿Cómo lo has visto?
- ¡Muy mal! ¡Hecho polvo! ¡Se ha convertido en un vegetal!
- Perdona, era una pregunta estúpida – dije avergonzado.
- ¿Querías saber qué impresión me produce verlo? – preguntó mirándome de nuevo.
- Habló de Marruecos. Del centro de menores. De la separación de sus padres.
- ¿Sabes? Cuando os he visto entrar, he pensado, ¡caramba, así que el desgraciado de mi padre tenía hasta amigos! Luego, cuando este hombre tan coqueto, con sus modales elegantes, se ha inclinado sobre la cama y le ha dado un beso en la frente antes de recitar aquel poema...Y, luego, tú ¡Un periodista!
- Mi padre, un desgraciado, ¡resulta que tiene incluso su propio biógrafo!
- Es para volverse loca...
- Tu padre siempre me pareció una persona frágil, un tipo que quería mejorar las cosas, pero siempre las acababa cagando.
- Pues lo que te decía: al veros a todos vosotros, casi me da envidia. ¿Qué cosa más rara, no? Vete a saber si a lo mejor mi padre tendría algo que yo nunca conocí.
- Algo que me perdi. Algo bonito
- (ROVIRA, 2016, p.132-133).

O registro de cenas como essa se mostra, ademais, enquanto incursão narrativa que bem projeta em nuances os personagens reportados, e a própria obra em questão. Leva a ponderar sobre o lado dos familiares, que também sofrem as consequências do alcoolismo, em face das ausências e recordações difíceis que carregam dessa relação. E

sobre um jornalismo que também se percebe fraturado, tateando territórios delicados, movediços, em meio a dilemas de responsabilidade e limitações profissionais. A dialogia é potente, afinal, em desvelar essa polissemia: na lida com a memória e com as expectativas, com o trivial, com os sentidos íntimos e coletivos, com as próprias incompreensões do real, tece uma intersubjetividade que será sempre profunda e enigmática em suas configurações, uma vez que se abastece do espontâneo de cada indivíduo. A interação social criadora decorre, afinal, desse ato de reconhecimento da singularidade do uno, como uma espécie de magia que (des)acontece pelo vincular em comum – comunicação.

3.1.5 Reencenação do sensível

Aqui, a analítica do desacontecimento ganha um contorno mais difícil de demarcar. Enquanto o estudo sobre o atravessamento dos valores da cotidianidade, do homem ordinário, da proximidade e da dialogia no livro elegido dispõe de alguns parâmetros referenciais, a leitura da narrativa é mais aberta, já que consonante à própria estilística do mediador-autor. Não há como estabelecer indicativos prévios: os registros tomam forma, as mais diversas, de um entrelaçar sentidos em coerência com as experiências vivenciadas, a depender das próprias descobertas apreendidas por cada repórter em seu trabalho de campo. A reportagem acaba despontando, com maior evidência, enquanto gênero por excelência para acomodar essas possibilidades múltiplas, até por portar uma processualidade jornalística mais densa em suas linhas de ação. De fato, os textos de Rovira aparecem sob essa disposição nas publicações do *La Vanguardia*, mas não seria coerente com o exposto até agora limitar em formatação estanque a estética redacional do desacontecimento.

A abertura a essa liberdade autoral não nos exime, no entanto, do desafio de identificar algumas características preponderantes da escrita de Rovira, como uma espécie de conjunção aparente de sua prática jornalística. Todo o apontado até aqui só se apreende, na verdade, por essas mesmas inscrições narrativas que o repórter elege fixar, revelando, pelos arranjos textuais formulados, aspectos da convivência do bando, dos seus movimentos de apuração e entrevista, da personalidade das figuras retratadas. E ainda que o livro seja um suporte mais favorável para uma assinatura criativa, vale recordar que *Solo pido* (2016) resulta, praticamente na íntegra, de uma compilação do conteúdo veiculado no periódico espanhol entre 2004 e 2006, com alguns pequenos

acréscimos no primeiro e no último capítulo, o que nos dá mostras do toque de autoria que se imprimia no informativo dos Godó naquele período.

As matérias ocupavam uma página do jornal, em quatro colunas, ao passo que no livro se apresentam em três folhas, no geral, e sem fotos. Sua sequência segue a ordem cronológica dos eventos, mas nenhum texto de Rovira se abre por *lead* sumário ou faz referência específica às datações. Por vezes fala pelas estações do ano, ou da proximidade das festividades de feriados. A menção que fiz, em outros tópicos, aos meses em que determinadas ocasiões se sucederam deriva de minha checagem às publicações do jornal. Dentro do aporte narrativo do autor, o que se constata, nesses termos, é uma preferência por alargar esse eixo temporal. Os locais são constantemente referenciados, até como método apurativo, mas a edição de seus textos no livro abre mão dessas fixações de tom mais informativo.

Ainda em abordagem mais macro, cabe salientar uma recorrência à redação de períodos curtos. O jornalista se vale de uma escrita direta, por vezes em ritmo que parece marcadamente pausado, para conferir um destaque mais detido a cada aspecto por ele (a)notado. Nos trechos reproduzidos ao longo deste capítulo, o alinhamento mesmo que fizemos dos parágrafos à direita é favorecido por esse recurso estilístico. Os pontos finais que se repetem como que enfatizam a carga de sentidos dos detalhes apreendidos, nessa sorte de predileção jornalística pelos diminutos. Quando reporta Ramon, em seus devaneios por uma vida no campo, as interrupções que elege fazer entre um figurativo e outro de suas falas nos conduzem pela imaginação do personagem, nos acomodam no valor e na sensação de cada um de seus desejos – *Una cabana sencilla. Un animal de tamaño medio. Plantar tomates. Patatas* (p.57); *¡Carne a la brasa al aire libre! ¡Costillas, butifarras!* (p.78). Mesmo nos episódios em que o repórter assume o fio do discurso, ele relata o que se passa em tom de paragem, compreendendo cada cena em um intervalo único, para que também seus leitores dediquem fôlego a apreciar a narrativa que ali toma forma – não o registro de acontecimentos, mas de experiências de convívio, de significações:

Me habían pedido que les hiciera un pase de fotos. Y esto es lo que hice al empezar la reunión.

Pensé que les gustarían unas imágenes que había tomado en un viaje a Angola.

Estuvimos comentando la foto, el destino trágico de los refugiados. Pero pronto regresamos al tema que nos tenía a todos expectantes. La vida africana de Vittorio.

El antiguo mercenario parecía aquella mañana muy relajado
(ROVIRA, 2016, p. 39).

El primero en llegar fue el mercenario. Parecía contento, casi eufórico.
 Estaba claro que aquellas reuniones le ayudaban a mantenerse a flote.
 El protagonismo que le otorgaban sus compañeros de penalidades
 era de una ayuda inestimable
 (ROVIRA, 2016, p. 51).

Vittorio quiso acompañarme hasta la puerta. Salimos a la calle Ample.
 El mercenario me agarró del brazo y me miró a los ojos. Estaba emocionado. [...]
 Nos dimos un fuerte abrazo. Vittorio bajó la persiana a su espalda y yo me alejé por la calle
 (ROVIRA, 2016, p.176).

Caminamos en silencio en dirección al paseo Juan de Borbón. El día era frío pero luminoso.
 Nos sentamos al aire libre en las terrazas de la plaza del Mar.
 Pedimos cruasanes. Sacamos los cigarrillos
 (ROVIRA, 2016, p.186).

Em termos de descrição, poucos são os trechos, a exemplo da reportagem sobre Alina ou Ana Luisa, em que Rovira lança pulso a apresentar, em sequência de parágrafos, o que observa ao entorno. Nessas ocasiões, o jornalista parece optar por uma tal estratégia pela contribuição do escopo descritivo à compreensão da história de vida que se conta. Que a trajetória de sofrimento da jovem romena se ressignifique por seu trabalho de assistência ao casal J. e M. apreende-se não por enunciados explícitos, atravessados de tinta opinativa do mediador-autor, mas por frames que dão vista a essa esfera de cuidados estabelecida no dia a dia - *Alina coge con una mano un vaso de agua de la mesilla de noche y lo acerca hasta los labios de la anciana. Con la otra mano la ayuda a incorporar la cabeza, lo justo para que pueda tragar el agua junto a un par de pastillas [...]* (p.178). Também no texto sobre Ana Luisa, a descrição acerca do mobiliário de seu apartamento é que nos aproxima do plano simbólico de sua vida. Os objetos listados, como já mencionado em tópico anterior, ganham contornos biográficos com essa escritura mais densa, na medida em que inscreve suas recordações pela disposição dos retratos, acessórios e cristais da casa – *Encima del piano había un par de lámparas antiguas en forma de candelabro, así como numerosas fotos de familia enmarcadas, distribuidas sobre un tapete bordado también a mano [...]* (p.161).

De modo mais característico, no entanto, esses traços de apuração se mostram pelo compasso da dialogia que se vai desenrolando entre os personagens. Isso porque a abordagem descritiva de Rovira não se dinamiza pelos conformes de uma finalidade estética, para dar vazão a pretensões literárias, mas enquanto caminho de desvelo e composição dos protagonistas retratados. Importa que os sujeitos mesmos sinalizem de si, por aquilo que acionam ou não no diálogo, e não que o repórter priorize a cena em

adjetivos e qualificações. Sua autoria se tinge em complementos, de sinestesia, de observação, às interações com os entrevistados. Assim o foi na narrativa de Dolores, cuja vida de embates com o passado o repórter fez compreender pela mistura cronológica que a senhora mesmo empreendia em seus relatos, e por suas pausas para um chocolate, em meio às recordações mais difíceis, sem a necessidade de fixar intromissões narrativas para esmiuçar aos leitores os dilemas da personagem. Também no caso de Benavente, seu ânimo exaltado, seu apego aos anos de serviço à Legião, não se aportavam de interferências de autoria, mas do registro de suas exclamações nas conversações, e de sua insistência em retomar episódios daqueles anos de combate – em plano de discurso direto, como dialogia espontânea, sutil.

– Por España, me fui para el Sahara, con un par de cojones y otros cuatro chavales del barrio.

Si te cuento uno, te mueres de la risa.

– Te estoy escuchando.

– Allí, en Marruecos, teníamos unos camiones magníficos, los Reo, que podían incluso circular por dentro del agua. Así que yo también era conductor. ¡Conductor del Gran Ejército Español! Pues un día que nos mandaron de maniobras a Almería hicimos un agujero en la parte baja del camión y la llenamos de hachís. Fue un negocio redondo.

– Al regresar de la Legión, estaba acompañado de una joven marroquí.

– ¡Qué mujer tan guapa! ¿Quieres saber una anécdota que nos pasó?

- Te estoy escuchando

(ROVIRA, 2016, p. 116).

Ademais de se estabelecer como estratégia de desenvolvimento das figuras reportadas, o travessão integra-se, no texto, como artifício para a fluidez da obra. Por frases compactas, em blocos de fala, as 240 páginas de *Solo Pido* se dispõem tal qual oratura, como se estivéssemos a escutar histórias por uma orquestra de vozes. Quando não incursiona por essas trocas de oralidade, Rovira assume uma espécie de trânsito narrativo com seus personagens, em que presentifica suas rememorações por dois caminhos possíveis: o relato, em tom até testemunhal, do passado do protagonista na primeira pessoa do singular, marcado graficamente com espaçamento duplo e início em três pontos; e o relato, em tom de observação, por um narrador que se coloca junto ao fluxo de consciência do protagonista, a vivenciar em detalhes suas lembranças. Na primeira via, exemplifica-se a construção textual acionada pelo repórter para dar conta da *vida no actualizada* de Josefa, após as interações iniciais sobre os aniversários de seus entes queridos e o pedido de uma foto de perfil:

... yo vivía en mi tierra natal, mi Andalucía, donde después de la guerra los campesinos éramos muy pobres... a las niñas, cuando había cosecha nos ponían a trabajar...nunca tuve estudios... [...] siendo todavía una chiquilla, me quedé embarazada. Un hombre me forzó, *un pepinillo en remojo*... [...] llegué pues a Barcelona en 1954, por la estación de Francia... entonces yo tenía el pelo muy largo, negro, rizado, como el de Lola Flores, un pelo muy hermoso que me llegaba hasta la cintura... [...] –¿Qué le parece?... – dijo Josefa, levantándose de la silla. –¿Ya estamos?
(ROVIRA, 2016, p. 89-90).

Na outra opção narrativa, o jornalista reencena as histórias contadas pelos entrevistados, como se acompanhasse, com eles, o exercício subjetivo de recuperar os fatos apresentados dentre o vasto estoque de memórias e seleções possíveis. Nessa configuração, há uma riqueza de detalhes que nos permite considerar que sua fonte vem da própria experiência próxima de convívio, isto é, que Rovira aciona esse tipo de abordagem quando da relação em questão vigora nuances específicas, para inclusive lhe dar respaldo para uma tal movimentação estilística. O conteúdo que expõe por esse recurso, assim, colhe de um real vivido, apurado em diferentes encontros, às vezes não apenas com o personagem, mas também com pessoas de seu entorno – como é o caso do relato abaixo sobre a chegada de Vittorio a Barcelona, uma combinatória textual que resulta da personalidade mais minuciosa do italiano, das interações mais assíduas que tinha com o jornalista e da própria conversa de Rovira com enfermeiras e a assistente social Judith, para apurar mais sobre a *borrachera final* do mercenário:

Vittorio deja las dos maletas en el suelo y se planta en medio del vestíbulo como si oteara el horizonte. Hurga en los bolsillos de la chaqueta hasta que encuentra el viejo Zippo del que nunca se separa. Con un solo movimiento de la mano abre la tapa del encendedor, alumbra la mecha haciendo chispear la piedra contra la rueda que presiona con el pulgar, enciende el cigarrillo aspirando con deleite y cierra los ojos para saborear mejor el chute de tabaco. Quizá se ha quedado colgado demasiado tiempo en sus pensamientos, porque cuando regresa a la realidad ya es incapaz de retener a los dos ladrones que se alejan arrastrando sus maletas. [...]
Lo que el antiguo mercenario deseó aquellos días fue irse para siempre de este mundo. Terminar de una vez. [...] Cuando por fin despertó, el italiano empezó a llorar como un niño. Lloró durante horas, sin poder parar [...]
(ROVIRA, 2016, p.23-24).

Do uso de primeira pessoa nos registros, algumas percepções merecem nota. Já pude assinalar, no plano da dialogia, ocasiões em que o repórter catalão diz de si, porta histórias pessoais e profissionais nas reuniões com o *bando*, como parte, inclusive, do

combinado firmado a princípio entre eles – ser orelha, e também ser voz. Suas impressões aparecem, além disso, para enfatizar a expressividade das figuras que narra, em tom comedido, como habitual em sua escritura - *los ojos de Vittorio me parecieron una pintura vieja. Azul mar desteñado. Su mirada, entre irónica y cansada, conseguía irradiar una gran intensidad (p.25)* -, e para enlaçar incursões no tempo e no espaço. No primeiro capítulo, como já apontado, Rovira entretece os velórios de José Antonio e Vittorio, distanciados em quase dois anos, por um gancho narrativo a partir do protocolo da prefeitura, executado nas duas ocasiões, para o enterro de *gente de este tipo*.

El nicho 2342 que ahora nos ofrecía provisionalmente el Ayuntamiento de la ciudad se encontraba en la parte alta y disponía de unas hermosas vistas sobre el mar. [...]

Se repetía el mismo ritual que descubrimos con la muerte de José Antonio: en Barcelona, si mueres siendo una rata de la ciudad, uno de los que nada tiene ni nadie reclama, el Ayuntamiento te ofrece un nicho provisional y un féretro a cargo del erario público [...]
(ROVIRA, 2016, p. 14).

A reportagem sobre o Canario também se puxa por essa ligação entre-enredos, promovida pelas experiências do jornalista. O mediador-autor retoma suas histórias de vida pelo último encontro com ele vivenciado, de modo espontâneo, no bar Can-Flay. Em certo sentido, esse é também um recurso para inscrever as relações da obra em âmbito de cotidianidade, que transcorre para além de interações demarcadas por fins específicos: circulando por lugares comuns, repórter e personagens continuam a se ver e conversar, e mesmo os contatos mais rápidos e modestos portam sentidos para abastecer a narrativa. Com Canario, o (des)acontecer veio na viela do Correu Vell, tempos após àquele primeiro diálogo na escadaria de seu prédio. Foi como o repórter ficou sabendo do falecimento da cachorra Petra, e por onde passou a esmiuçar o convívio passado com o cartagenero:

Al cruzar la plaza Traginers, un grito me retuvo. – Rovira!

Era el Canario. Estaba hecho polvo.

–No sabes lo que me está pasando – dijo – Ay, qué tristeza la mía – añadió a punto de llorar.

Al Canario le conocí el día que Abdellah fue apuñalado por Luisa, su amante, y yo decidí ir a echar un vistazo al piso del edificio donde vivía el marroquí.

Mientras subía las escaleras, el Canario bajaba.

Regresé al día siguiente. Y el otro. Y el otro. El Canario merece él solo un libro entero.

Quizás en otra ocasión...

Allí estábamos meses después sentados en el bar Can-Flay

(ROVIRA, 2016, p. 225).

Sua posição em termos narrativos se vislumbra, assim, sob uma consonância entre as etapas da processualidade jornalística, pela própria interdependência que dinamiza o agir profissional. Sua escrita não se dissocia dos sentidos buscados pelas *carreteras secundárias* em plano de protagonismo noticioso, apuração e dialogia. Toma a forma, a partir de estratégias que confluem do concreto vivenciado, de registros sutis, que querem, também pela escolha das palavras, pela composição do estilo, conferir reconhecimento social e valor intersubjetivo às vidas que está a reportar – dignas de um cuidado também estético, não para protagonismo de um sujeito-escritor, mas para manifestação das singularidades que residem mesmo nos aspectos mais triviais do real ordinário. Cada passagem e dispositivo jornalístico enfatizado aqui, então, se conjuga por um *ethos* que, a partir das *grietas* conquistadas no ofício, predileciona o plano sensível dos diminutos que significam o comum.

3.2 Desacontecimento em análise na narrativa de *Áfricas*

Como o *reporterismo* de Rovira nos inscreve também em mirada à cobertura internacional, especialmente à realidade de alguns países da África subsaariana no pós-Guerra Fria, me parece válido dedicar algumas páginas a aprender mais do contexto e do trabalho jornalístico na região a partir de mediações empíricas possíveis – nesse caso, a própria experiência de jornalistas espanhóis que, no decurso dos últimos trinta anos, atuaram como correspondentes e enviados especiais no continente. Enquanto vias que estão sendo abertas sentido ao *corpus* desta pesquisa, empreendo, então, um movimento de dialogia junto a nove profissionais das comunidades da Catalunha e de Madrid que vivem como rotina o desafio de noticiar Áfricas, sob a complexidade da relação com a Europa, para delinear com um pouco mais do exercício da escuta o pano de fundo às interpretações seguintes.

Aqui, não estarei tratando de modo detido e pormenorizado das travessias de cada um dos repórteres entrevistados, porque isso nos poderia desviar do propósito do projeto, mas lançando mão de recursos investigativos outros, ou alargando nossos sentidos, para discorrer sobre um assunto do qual, reconheço, sei muito pouco. Pensar a cobertura de conflitos que atravessa as *carreteras secundarias* de Rovira, ou, em perspectiva dilatada, a própria relação jornalística com o Outro – que então se reveste de dimensão intercultural -, nos pede uma ampliação dos convencionais aparatos de leitura pela confluência com as percepções dos que transitam *in loco*, até para convergir com os ensejos da narrativa que estamos demarcando.

Cabe visualizar esta iniciativa, portanto, como um entrelaçar de autorias que, dentro do recorte que fazemos, nos contam por linhas mais práticas das falhas e potências, desde seus lugares de fala, no tratamento midiático do continente. Evidentemente, essa mirada contextual não pretende esgotar a reflexão sobre as realidades dos povos africanos, nem tampouco generalizar uma abordagem a seus 54 países ou abarcar suas múltiplas especificidades. Antes, mais bem trata de uma exposição que, na conjugação das entrevistas com a bibliografia sobre o tema, evidencia alguns pontos para debate que contribuem ao nosso repertório em formação.

Seguimos...

“Somos muy ignorantes sobre lo que pasa en este lado del mundo y, además, nos parece que es algo o que es una realidad muy ajena, por una extraña razón... Bueno, así se ha construido el discurso, ¿no?”.

É Gemma Parellada³¹, repórter catalã que desde 2006 vive e escreve sobre as regiões ao sul do deserto do Saara, quem nos coloca diante da indiferença que preside nossa relação com Áfricas. Atualmente residindo na Costa do Marfim, Parellada trabalha como correspondente *freelancer* para *El País*, *Catalunya Radio*, *CNN* espanhol e *RFI* espanhol, por ímpeto de se vincular ao que lhe interessa reportar, mesmo que em ausência das estabilidades contratuais. As inquietações de sua fala aparecem nas conversações que também realizo com outros profissionais devotados ao continente, enviados em momentos distintos de nossa recente história para essa faixa negligenciada da atenção pública. Sua experiência de convívio junto a comunidades de mais de vinte dos países africanos nos assinala a percepção de que temos um conhecimento limitado ou simplista dessa geografia humana que é o nosso princípio. E de que há uma responsabilidade dos jornalistas e dos meios de comunicação na configuração dessa lacuna, que por vezes adquire dimensões profundas e gera implicações diretas na vida dos envolvidos.

Discutimos desde a Espanha porque, ademais de nosso foco investigativo situar-se nas dinâmicas de um repórter catalão, o país está separado da África por apenas 14,4 quilômetros de oceano, sob o estreito de Gibraltar, e porque, em 2018, a Espanha se converteu no primeiro destino para os imigrantes africanos³², depois que o governo da Itália lhes fechou as fronteiras. Ainda assim, os profissionais entrevistados comentam que o interesse midiático pelo que se passa nessas localidades é restrito, o que se pode verificar pela escassa presença de veículos espanhóis no território: a única redação fixa que há, conforme nos relata Parellada, é da agência de notícias *EFE*, instalada em Nairobi. A cobertura das realidades africanas pelas lentes espanholas é, deste modo, majoritariamente realizada por *freelancers* ou repórteres enviados ocasionalmente por seus diários, tal qual nos conta Nerea Gonzáles³³, correspondente da *EFE* desde 2017,

³¹ Entrevista realizada pela pesquisadora em 04 de novembro de 2019.

³² Segundo dados do *Flow Monitoring*, a Espanha registrou 65.356 chegadas de imigrantes em suas mediações no ano de 2018. As principais causas de migração não-voluntária na África, de acordo com esse relatório do Ministério de Assuntos Exteriores, União Europeia e Cooperação do Governo espanhol (2018), foram a pobreza, a mudança climática, a falta de paz e segurança, e o desemprego, especialmente entre os jovens e as mulheres, sendo que, em termos de deslocamento regular, a lista dos três primeiros países de origem está formada por Egito, Marrocos e Somália.

³³ Entrevista realizada pela pesquisadora em 27 de setembro de 2019.

que nos assinala que os filtros noticiosos na região operam em função “de las cosas que explotan” ou “de lo que ocurre de llamativo” em termos de geopolítica.

Esse investimento insuficiente dos meios para pautar de modo mais permanente Áfricas se busca justificar, de acordo com os repórteres consultados, pela problemática dos recursos: “poco tiempo y poco dinero, los medios no demandan profundidad sino inmediatez, con lo cual se ha llegado a un nivel intolerable de información-espectáculo”, explica Félix Flores³⁴, que escreve na seção de Internacional do *La Vanguardia* e já cobriu conflitos no Sudão e em Moçambique, pelos idos dos anos 1990 e 2000. “Yo veo esas justificaciones de los medios como excusas”, problematiza Alberto Rojas, jornalista do madrilenho *El Mundo* desde 2002, que recentemente lançou o livro-reportagem *África: la vida desnuda* (2018). “Incluso con pocos recursos se puede hacer información de calidad, puedes hacer viajes más baratos, o corresponsalías más baratas, y que la información se resienta menos. Yo creo que esa es una cuestión de intención”, argumenta³⁵ ao telefone, enquanto me relata os desafios do jornalismo internacional.

Nesses rastros, a informação que tradicionalmente se apresenta nas páginas da imprensa constitui uma mirada que concentra, na opinião de Agus Morales, diretor da *Revista 5W*³⁶, um catastrofismo: “hablar de África es hablar, por definición, de guerras, de violencia. La industria mediática tiende, por inercia, a perpetuar clichés, el cliché de la pornografía de la pobreza, el cliché de África que sufre... los medios quieren el impacto directo, entonces ponen atención solo en esos lugares”, enfatiza o jornalista catalão, que depois de ter trabalhado como correspondente para a Agência *EFE* na Índia e no Paquistão, atuou no continente africano junto à Organização Médicos sem Fronteiras, de 2012 a 2015.

A percepção prática de Alfonso Armada, enviado pelo *El País* à Ruanda, Somália, Libéria, Serra Leoa, Congo e Angola na década de 1990, também converge nesta direção: “África se ha convertido en una especie de gran contenedor de perjuicios, de imaginación, hablamos del continente como una tierra condenada, sin esperanza...Son frases periodísticas de impacto, pero que no reflejan la realidad”³⁷.

O tom frequentemente reducionista, que diz dos países africanos em termos de guerras infundáveis e rivalidade tribais, quando poderia “tomar de pulso a las cuestiones

³⁴ Entrevista realizada pela pesquisadora em 19 de setembro de 2019.

³⁵ Entrevista realizada pela pesquisadora em 21 de setembro de 2019.

³⁶ Mais detalhes sobre a proposta editorial da Revista 5W em sua *home* digital <https://www.revista5w.com/que-es-5w> e no tópico de incursões dialogais desta pesquisa.

³⁷ Entrevista realizada pela pesquisadora em 27 de setembro de 2019.

sociales de un continente vivo que tiene muchas otras manifestaciones culturales y estéticas” (MORALES, 2019, informação verbal³⁸), nos revela a falta de densidade das abordagens noticiosas, especialmente em perspectiva internacional. “Es uno de los grandes males del periodismo”, aponta Armada, que atualmente preside o *Reporteros sin Fronteras*, “hacer esquematizaciones, buscar los elementos más característicos, los estereotipos, para contar una realidad compleja, con problemáticas muy distintas, de forma resumida”.

Retomando os diálogos com Gemma Parellada, a simplificação é também sua crítica à cobertura realizada pela imprensa espanhola:

Se habla de África de una manera muy infantil, diría yo. Desde hace mucho tiempo cubren solo los extremos, o hay héroes o hay villanos. Es como si no hubiera matices entre ellos, como si no hubiera toda la realidad como es en cualquier otro sitio del mundo. Es muy absurdo pensar. Y no es que yo no sea partidaria de cubrir los conflictos, porque son parte de la historia de la humanidad, pero, una: no se puede enfocar solo desde el punto de vista de las víctimas, como que para explorarlas, o aislarlas, sino que tiene que contar todas las manos que están involucradas, y hacerlo porque, prácticamente, todos los conflictos que están sucediendo en África son internacionales, no son africanos. Por otro lado, hay que añadir cuando se habla de la información africana todo el resto de la vida. Y no es que la gente no la entienda, es que la gente tiene una imagen deformada de África porque no se cuenta ni 85% de lo que se está pasando aquí. No se tratan pues de temas económicos, científicos, bueno, hay un mundo como lo que existe en cualquier otro sitio, en cualquier otra región (PARELLADA, 2019, informação verbal).

Se os discursos políticos e informativos “nos venden que África no interesa porque somos muy diferentes, porque los problemas de su gente son muy distintos a los nuestros, o porque tenemos poco que ver y nos afecta poco lo que suceda allá, aunque el mundo sea más global que nunca” – como coloca Alba Amarós³⁹, correspondente desde 2016 para o diário madrileno *ABC* -, o movimento jornalístico deve ser por construir conjunções, tal como também afirma Parellada: “hacer conexiones, que nos comprendamos, que nos conozcamos un poco más [...] pues estamos muy relacionados, de muchas formas”. Trata-se, em um sentido mais profundo, de demarcar uma atuação profissional que resista e combata essa distância mental, a qual nos impele em lógica de indiferença aos países africanos e aos compromissos que partilhamos enquanto coletividade humana.

³⁸ Entrevista realizada pela pesquisadora em 30 de setembro de 2019.

³⁹ Entrevista realizada pela pesquisadora em 26 de setembro de 2019.

Esse caráter de insensibilidade que geralmente conduz, ou estagna, nosso modo de ser com as realidades africanas é atravessado de modo fundamental, segundo o economista e cientista social Luís de Sebastián, por questões de ordem político-culturais históricas, que nos lançam “a los desaguisados que los europeos llevaron a cabo en África desde mediados del siglo XV hasta el presente” (2007, p.17). Na segunda edição da obra *Cuadernos Africanos*, que reúne os escritos de Alfonso Armada sobre os seus anos de *reporterismo* dedicado ao continente, o jornalista faz um prólogo sobre os 25 anos transcorridos desde o genocídio dos *tutsi* em Ruanda. Empreende uma crítica à Europa que segue fazendo ouvidos surdos às violações de direitos humanos e ao autoritarismo, e que espera que façam o mesmo em relação à sua própria casa, questionando a posição do dito primeiro mundo acerca dos imigrantes que lhe chamam à porta.

Hay un desdén occidental hacia un continente impenetrable del que sólo llegan noticias dolorosas y extremadas, porque Occidente se olvida de todo el daño cometido allí, de tanta muerte, que, por supuesto, no explica todas las crueldades ni horrores de hoy, pero que ha fundado un espanto de los peores entre los africanos (ARMADA, 2019, p. 42).

Resistimos a assumir o protagonismo de Áfricas em nossas vidas, apesar de depender do petróleo que vem da Nigéria, do algodão que vem da República Democrática do Congo, das minas de urânio do Níger, porque olhar para esse território, aponta Parellada, “es vernos a nosotros mismos, a todo lo que realmente somos, y a como nos estamos comportando, como nos hemos comportado historicamente como naciones, como países, y qué relación tenemos con ellos”. Essa, na acepção de Joan Cañete Bayle, subdiretor do *El Periódico de Catalunya*, é ainda marcada pelos interesses de poder e abusos que configuraram a estrutura colonial europeia de séculos passados – um “ombliguismo eurocêntrico”, em suas palavras, “que es nefasto para informar”.

Vê-se como a África pode ser, em si mesma, concebida como *carretera secundaria*, na medida em que seu histórico político-social, bem como a vida de seus povos, conforme comentado pelos jornalistas espanhóis aqui entrevistados, não dispõem de visibilidade e tratamento noticioso complexo de que demandam pela imprensa. A proposta investigativa de se tomar a narrativa de Rovira como escopo de análise à noção de Desacontecimento, por isso, também em suas coberturas realizadas em zonas de conflito, nos é cara por inscrever a mediação autoral como *ethos* jornalístico possível, e necessário, em face aos desafios interculturais contemporâneos.

Cabe assinalar, ainda, e antes de avançarmos na interpretativa do *corpus* em questão, que há aproximações interessantes, e pertinentes, entre o *reporterismo* de Rovira em realidades de conflito e a perspectiva do Jornalismo para a Paz.

Quando Johan Galtung (1996, p. 10, tradução nossa) começou a trabalhar com os Estudos para a Paz, nos anos 1960, no âmbito epistemológico das Ciências Sociais Aplicadas, baseou suas reflexões “na convicção de que o mundo é mutável, maleável, pelo menos até certo ponto”. Inscreveu, assim, arestas empíricas, críticas e construtivistas como as bordas de um triângulo que conecta dados, teorias e valores e que, deste modo, fixa o campo como uma disciplina *sui generis*, cuja dinâmica, por essência, é construtivista, mas dependente de inspirações reflexivas e de exames colhidos pela experiência. Suas investigações, fundamentalmente interdisciplinares e normativas, empreenderam um giro nas análises polemológicas de então, ao defender como busca “o reconhecimento das múltiplas competências humanas para transformar os conflitos, desaprender as guerras e todo tipo de violências, afrontar as relações internacionais e superar o desenvolvimento” (GUZMÁN, 2001, p. 112, tradução nossa).

Trataram, para além das noções de violência direta e de paz negativa, da categoria de violência estrutural “como um poder desigual e, conseqüentemente, como oportunidades de vidas distintas” (GALTUNG, 1969, p. 37, tradução nossa), e de uma ampliação do princípio da paz enquanto justiça social – “distribuição igualitária de poder e recursos” (p.64) -, e não simplesmente como controle e diminuição da violência pessoal e aberta. Nos anos 1990, com a queda do muro de Berlim e o final da Guerra Fria, os estudos de Galtung aportaram a essas problematizações o conceito de violência simbólica, a legitimar os outros dois tipos de violência, “através da cultura sedimentada no subconsciente coletivo, nos pressupostos que definem, para uma dada civilização, o que é normal e natural [...] na religião e na ideologia, na linguagem e na arte, na ciência e no direito, na mídia e na educação” (GALTUNG, 1996, p. 08, tradução nossa).

É quando o campo se robustece ao ampliar suas interfaces e constatar que a alternativa aos conflitos é dinâmica muito mais exigente que ações pontuais, porque aponta para a necessidade de se construir novas maneiras de cultivar as relações humanas. Inclusive no âmbito da comunicação. O problema de fundo deixa de ser, conforme explica Vicent Guzmán (2001, p. 68, tradução nossa), se a natureza do homem é violenta ou não, ou se a guerra é inevitável: “a questão se centra na *esfera da responsabilidade*, que temos como construtores de determinadas relações sociais e não outras. Sempre podemos pedir contas do porquê fazemos as coisas como fazemos”.

Aí está um ponto de conexão importante entre os Estudos para a Paz e a prática noticiosa, precisamente na proposta de reconstrução das competências humanas orientadas à paz, também desde as ações e incursões jornalísticas.

Frente a la objetividad, intersubjetividad e interpelación mutua; sustituir la perspectiva del observador distante que adquiere conocimiento, por la del participante en procesos de reconstrucción de maneras de vivir en paz; el conocimiento deja de ser una relación entre sujeto y objeto para convertirse en una relación entre sujetos, entre personas que pueden decir la suya, tienen derecho a la interlocución (GUZMÁN, 2001, p. 114).

Tais ponderações instigam desdobramentos na esfera da informação. Reforçam o sentido de compromisso que se estabelece desde o discurso, bem como a necessidade de se incorporar a solidariedade, enquanto laço que expressa responsabilidade, no plano prático do exercício *reportero*. A preocupação por fomentar uma cultura de paz, afinal, deve atravessar, até enquanto ponto de partida, os valores e técnicas assumidos pelos profissionais da mídia. Nossa responsabilidade e nossa capacidade de comprometimento, como nos indicou Giró, é condição mesma para uma atuação que rompa com as tradicionais abordagens, simplistas e violentas, dos meios e alcance uma mirada de paz – atenta às dimensões estruturais e culturais que atravessam o real e preocupada com a dignidade das pessoas e a justiça social.

Desacontecimento e Jornalismo para a Paz podem partilhar, desta maneira, horizontes comuns no cerne de suas intenções e linhas de ação, sobretudo considerando-se o desafio de reportar conflitos e crises humanitárias na contemporaneidade. Para o estudo da narrativa de Rovira sobre *Áfricas*, a que me dedico adiante, aciono os eixos referenciais da proposição nesta tese alicerçada, mas mantenho registrado, em convergência com o método da compreensão que nos orienta, que tal leitura também carrega, por imbricações plurais, as contribuições da Comunicação para uma Cultura de Paz – vertente teórica que acompanhou minha estância de pesquisa na Universitat Autònoma de Barcelona e cujos ecos se preservam neste projeto.

3.2.1 Comum em partilha e resistência possível

À analítica das tessituras que elegemos como *corpus* desta investigação, cabe o desafio de compreender as manifestações do Desacontecimento enquanto processualidade produtiva, considerando os valores que o constituem e a própria

singularidade da trama reportada. Embora com nuances dialógicas à narrativa do *bando dos poetas*, os registros de Bru Rovira sobre o continente africano maturam uma semântica própria, até pelas condições em que estão inscritos, e é parte de nossos trabalhos destaca-la aqui.

Começando pela saga do comum, que diz da cotidianidade do jornalista com os sujeitos reportados, e da individualidade que se apreende das vidas em relato: vale ponderar, de início, que o espaço-tempo que atravessa a obra, e que é um elemento caro ao ritmo dos dias, que muito nos ajudou a situar, no tópico anterior, as dinâmicas de Rovira, Vittorio e seus amigos, em *Áfricas* se modula em compasso distinto, porque a logística mesmo de um enviado especial suscita uma temporalidade outra. Assim, não temos uma narrativa que se perfaz em experiência rotineira larga, por um *continuum* do repórter com as fontes envolvidas, mas vivências que se assumem em ambiência pontual - nem por isso simplistas, ou insuficientes. Junto a comunidades e vilarejos de quatro países africanos, por viagens com duração de, no máximo, dez dias, os contornos do cotidiano se delinearam em forma compactada, porém adensada pela intensidade do contexto experimentado ali: campos de refugiados, orfanatos, autopistas e igrejas, o local abalado por conflitos – em um comum tentativo que persegue ressignificar o caos em cosmo, mas nem sempre o consegue.

Aos registros que dizem da convivência entre os partícipes da relação, Rovira costuma associar, como espécie de abertura narrativa característica a relatos de viagem, algumas passagens que nos aproximam da rotina que ele mesmo ia construindo, em faceta mais pessoal, nos entremeios de seus trabalhos em campo. As noites nos terraços do hotel Mamba, área diplomática central de Monrovia, ou nos acampamentos das Nações Unidas em Rumbek, por exemplo, onde se colocava após as incursões de cada dia para processar, às vezes em silêncio, às vezes em dialogia, a bagagem colhida anteriormente; ou, ainda, as estadas em alojamentos de organizações humanitárias, como em Mogadíscio e Kigali, que mais do que descritiva de transição, sinalizavam para a composição da vida que ali se desenrolava:

Al llegar la noche, los expatriados nos sentábamos frente a la cantina y pedíamos una ronda tras otra de cerveza. A veces el alcohol nos atontaba lo justo para poder disfrutar de la compañía sin la necesidad de hablar. De vez en cuando, un pequeño comentario, una reflexión en voz alta y ninguna respuesta.

Quizá sea éste el estado ideal: la complicidad como un sentimiento que no necesita ser confirmado por el lenguaje de las palabras
(Sudão do Sul/2002; ROVIRA, 2006, p. 49).

Paso esta noche en casa de unos trabajadores humanitarios. La música de la guitarra de Paco de Lucía resuena en la mansión vallada del centro de Kigali. Hace calor. La brisa, que entra en pequeñas olas a través de la ventana, se mueve como una sombra en la oscuridad. Uno de los cooperantes no puede dormir. Hace días que no consigue conciliar el sueño.
Abrimos una botella de vino y hablamos
(Ruanda/1995; ROVIRA, 2006, p. 264).

Estaba en la terraza tomando una cerveza con Matthew, de la agencia Reuters, cuando un pelotón de soldados desembarcó frente al hotel y tomó posiciones defensivas rodeado de niños de la calle, que dejaron de jugar al fútbol para presenciar el espectáculo [...]. Los yanquis habían ido a hacerse la foto cuando ya nadie los necesitaba ni ellos necesitaban a Liberia. La posguerra fría no adquiere compromisos.
(Liberia/2004; ROVIRA, 2006, p. 157).

Em plano mais detido, a reportagem que se tece no Sudão do Sul é representativa da mediação de Rovira nas vias de uma cotidianidade do estar-juntos: o repórter empreende, com a banda de refugiados congolenses *Atomic Music*, uma turnê musical por Rumbek, como parte de um plano de vacinação contra a poliomielite da Organização Mundial da Saúde, em abril de 2002. Partilha, com Sango, Aidah, Papi Ngoy e o motorista Mohamed, o dia-a-dia de quem vive da música quando, e onde, *la vida no vale un carajo* (p.19). A narrativa valoriza os pequenos momentos que se sucedem entre eles, para além de um enfoque aos concertos que o grupo realiza pela cidade – que seriam tomados como acontecimento de uma tal pauta, à noticiabilidade tradicional.

Pelas *carreteras secundarias*, no entanto, o interesse está precisamente no caminho: as paradas que fazem no trajeto, em decorrência de problemas mecânicos do carro, o cigarro e a cerveja quente que embalam suas conversas sob a sombra das mangueiras, as paisagens que contemplam enquanto descansam da viagem:

Mohamed y los otros dos chóferes suelen desmontar completamente el motor todos los días; lo montan y desmontan una y otra vez y cuando eso ocurre, el resto del grupo busca una buena sombra donde resguardarse y esperar pacientemente mientras conversan, fuman y beben cerveza
(Sudão do Sul/2002; ROVIRA, 2006, p. 22).

Yo busco en mis pertenencias un nuevo paquete de Samson. [...]
Aidah yace tendida en el portaequipaje sobre su lecho de maletas e instrumentos.
Sango comparte su filosofía: - El dinero, amigo mío, se esfuma tal como llega, ¡jaz!, ¡visto y no visto! Lo importante, hermano, son las personas, los amigos. Esto es Atomic Music
(Sudão do Sul/2002; ROVIRA, 2006, p. 30).

La música y el traqueteo del coche nos sumen en un estado de melancolía que me lleva a admirar el paisaje a través del cristal abierto, a disfrutar del viento en la cara. Después del calor

sofocante del día, el aire abrasador se convierte en una caricia fresca que aguza todos los sentidos; ya puedes abrir los ojos sin ningún esfuerzo y respirar a fondo sin que el aire y el polvo sequen tu garganta e pulmones. El pensamiento, ralentizado por el sopor y la concentración a la que te obliga el día, fluye ahora relajado y locuaz (Sudão do Sul/2002; ROVIRA, 2006, p. 59).

Há um vai-e-vem que se marca na tessitura pela rotina de perfazerem, juntos, as rotas do alto do Nilo, naquilo que eles se acostumaram a chamar de pistas *Level Three*: estradas de terra com barrancos que só se atravessam por um carro puxando o outro em cordas, e horas e horas, diárias, de um motorista improvisando arremates para a turnê conseguir avançar – abre o capô, dá partida, sai do carro a esperar ajuda, busca alternativas em meio à pista, faz pausa com a banda à beira-mato, tenta uma vez mais; e repete... Repete o processo até que a noite caia e eles, sem êxito nos reparos, tenham que dormir por ali mesmo, ou até que, seguindo viagem, esbarrem em outro obstáculo, a dar sequência ao mesmo ciclo.

O ritmo dos dias compartilhado pelo grupo, assim, com o repórter nele, manifesta-se no compasso mesmo do ritmo do carro em travessia, que oferece essa sorte de vinculação, ou comunicativo, aos personagens em vivenciarem os mesmos cenários e criarem seu próprio mecanismo de resistir às adversidades. Enquanto rito de comunalização, deste modo, essas formas aparentemente inócuas de ‘passar o tempo’, o beber e fumar, o contar piada e cantarolar, entre shows, despontam, também à narrativa, como chaves ordenadoras de sentido – o sustento desse sensível que os atrela.

E mesmo quando tal camada do comum não se alarga por dias a fio, como no caso da turnê em Rumbek, há uma centralidade do clima anódino entre repórter e fontes que vale ser considerada. Nas incursões de Rovira por Somália, por exemplo, que combina passagens do repórter pela região de Mogadíscio em 1992, 1993 e 1997, a abertura do relato já nos leva a entrever a cotidianidade que construiu na vila colonial da capital. A descrição diz de seu convívio junto ao garoto Manu e sua mãe, em um campo de refugiados onde as famílias somalis, a despeito de um contexto nacional desolador, buscam a continuidade possível:

Una madre que grita a su hijo, un cachete que paraliza durante unos segundos las voces animadas de los juegos infantiles, el gemido de un bebé que debería estar durmiendo, la risa tonta de un grupo de mujeres que cotillea [...] La brisa marina del atardecer arrastraba la calina al horizonte para consumirla al sol del ocaso en un incendio de colores – rojo, esmeralda, naranja, violeta – que, tras la primera oscuridad, daban paso a un cielo estrellado y luminoso

(Somália/1997; ROVIRA, 2006, p. 70).

Sua escritura faz questão de pontuar os desacontecimentos dos passos dos dias: o sol que, sem surpresas, nasce e se põe, mas joga com as cores aos dispostos a se admirar; as mães e os filhos que, independente do endereço, tocam seus afazeres por ruídos e silêncios, mas ressoam em cuidado aos dispostos a escutar; a vida, por fim, mas por primeiro aos que a tomam pelas margens, que se revela nessa trama de um banal reiterado. Com Manolito, durante o tempo em que ali esteve para suas matérias sobre a realidade do país no pós-Guerra Fria, Rovira partilhou do hábito de se sentar em uma esteira de cânhamo, à frente da porta de entrada de sua casa, para tomar chá ao entardecer. O toque dos diminutos é que nos situa para o valor do estar-juntos que flui desses momentos – como uma possibilidade de remanso a um exterior do qual não se tem controle:

La madre de Manu suele preparar el té muy dulce, con abundante leche de camello, que sirve hirviendo. Si uno no quiere quemarse el paladar, debe beber el té somalí lentamente, a sorbitos: esto es lo que hacemos mientras los escoltas toman asiento en las piedras, un poco alejados de nosotros, siempre atentos, con las armas apoyadas contra la pared, y los niños corretean y juegan alrededor. Su juego preferido es pelearse y hacer puntería con una honda, utilizando como proyectil heces de camello bien prensadas
(Somália/1997; ROVIRA, 2006, p. 72).

Diante dos entraves que permeiam uma cobertura de conflitos, pelas limitações de tempo e de recurso, pela dureza das experiências e relatos, pelo próprio choque cultural entre os atores sociais, o rito da refeição se mostra como essa opção favorável à um balanço, na atmosfera harmoniosa que consegue criar entre desconhecidos. Seja para um café ou outra bebida, para um prato completo ou de aperitivos, a abordagem comunicativa de Rovira com recorrência se vale desse tipo de convite. Em Monrovia por abril de 2004, na reportagem que conta sobre a Libéria, o alimento figura uma vez mais como esse elementar para o cruzamento das histórias: no convívio junto à mesa, o comum vai se instalando entre repórter e os personagens Morris, Sako e Varney, sob o contexto de uma dinâmica jornalística muito dada às sutilezas do trivial.

Soldados da Unidade Anti-terrorista (ATU), criada pelo ex-presidente Charles Taylor, os jovens levam catorze anos servindo ao mesmo exército que matou suas famílias, quando ainda eram crianças, na queda do então ditador liberiano Samuel Doe. Não conhecem outra vida senão a guerra, e a escolha narrativa de Rovira de se aproximar dessas experiências, ou do que simplistamente denominamos de “o outro lado”, está a par

de um movimento afeto à convivência – ou se realiza em virtude mesmo de um cotidiano partilhado. O jornalista passa algumas tardes com o trio, em um bar que eles costumam frequentar na avenida da embaixada dos Estados Unidos, e lhes acompanha no amendoim e nas cervejas, conforme a rotina que assumem no momento em que o país busca uma pacificação. É pelo corriqueiro que Rovira vai adentrando seus relatos:

Pido unas cuantas cervezas y más cacahuetes.
La camarera, una chicha joven que debe de estar en los últimos días de su embarazo, se levanta
con dificultad y se mete detrás de una cortina donde tiene la nevera.
El runrún monótono del generador que la alimenta hace temblar las paredes de chapa de madera.
[...] Hablamos de los combates. De las drogas que toman los soldados para hacer lo que hacen,
para soportar lo que han hecho. Hablamos del pillaje como la única forma de vida que conocen
(Libéria/2004; ROVIRA, 2006, p. 147).

Faz parte da dinâmica do desacontecimento acionar uma sorte de aproximação aos fatos e aos sujeitos por essas camadas mais ordinárias, no movimento de um repórter que acompanha as predileções de seus narrados, que se deixa conduzir pela teia de sentidos do que está a registrar. Nos textos sobre Ruanda, em meio ao abismo complexo de reportar um genocídio, Rovira também se vale da convivência local para (se) situar em contexto. Junto ao tutsi Charles, *mi guía y mi amigo* (p. 193), o jornalista percorre vilarejos, comunidades rurais, igrejas e orfanatos de Nyamata, entremeando suas percepções a essa rotina partilhada. Descreve, por impressão pontuada, elementos que nos ajudam a compreender o arranjo de seus dias por ali: as paisagens que observa enquanto estão em trânsito, as crianças que vê brincando de bola no campo, o silêncio que atravessa os momentos em que o colega se coloca a orar, e seu ímpeto de conversar mesmo nas situações mais delicadas.

Dentro del coche suena la música monótona de una casete
que hemos comprado en el mercado de Kigali. Hemos salido a primera hora de la mañana
y nos dirigimos a Nyamata por una pista de tierra a través del valle del río Nyabarongo.
Charles tiene razón. Quizá no exista en el mundo un paisaje como el de la región africana de los
Grandes Lagos. Los volcanes de las montañas [...] Los ríos inmensos [...] Los campos
perfectamente cultivados [...] El clima generoso [...] El cielo nocturno estrellado y nítido. El
cielo diurno siempre en movimiento, tan envolvente que parece que vivas dentro de las nubes
(Ruanda/1995; ROVIRA, 2006, p. 195).

Caminamos por la plaza principal de Nyamata y rodeamos la iglesia,
seguidos de unos niños que nos acompañan hasta un pequeño parterre ajardinado con dos
tumbas antiguas. Charles quiere rezar un rato. Yo me siento en uno de los bancos mientras él se
arrodilla frente a la virgen de yeso blanco. Puedo escuchar el llanto entrecortado de Charles,

aunque cuando volvemos a encontrarnos no queda rastro de una sola lágrima en sus ojos
(Ruanda/1995; ROVIRA, 2006, p. 198).

A essa costura que enfoca a cotidianidade desde o comum instaurado entre os sujeitos em relação, soma-se o protagonismo conferido aos movimentos de resistência das vidas em relato. Importa notar, aqui, que esses gestos que são caros ao desacontecimento apreender, a nível íntimo e social, ajudam-nos a evidenciar a própria concretude propositiva das *carreteras secundárias* para o plano da narrativa. São passagens que nos dizem dos sentidos que os indivíduos constroem em realidades adversas, delicadas, ora por angulagens gerais, ora por abordagens mais detidas de Rovira ao conteúdo noticiado. Algumas delas, inclusive, tomam delineamento de tom crítico e problematizador à cobertura midiática, em forma que parece de divagação do repórter frente às suas experiências locais, mas que versam, em última instância, ao motor mesmo de seu agir jornalístico.

Quando de sua primeira incursão a Mogadíscio, em 1992, na travessia de regresso desde um campo de refugiados de Liboi, há um trecho que nos parece bem representativo dessas reflexões aparentemente generalistas que Rovira realiza, e que revelam muito do seu olhar à vida - em lógica de expansão pelos diminutos. Em rota introspectiva, uma espécie de analogia entre o que ele vê da janela do avião e o que acredita ser o ofício *reportero* situa-nos para a busca noticiosa que lhe vai acompanhar por toda obra:

Todavía en el avión, a medida que éste pierde altura, es posible fijarse en el humo que sale
de la chimenea de una casa. Vista desde arriba, sólo es una casa.
Pero si sigues la columna de humo que lleva hasta el interior de la casa, a lo mejor encuentras
una habitación donde una olla se está calentando encima del fuego.
Junto a la chimenea hay una mesa puesta. Dos sillas. Un hombre y una mujer sentados.
El hombre come en silencio. La mujer tiene los ojos rojos porque ha estado llorando.
Su madre murió hace unos días y ella todavía no se ha repuesto.
En el dedo anular lleva un anillo de oro que acaricia mecánicamente. Es el anillo de su madre.
La mujer acaricia el anillo y llora. Se siente sola.
Su esposo no puede consolarla porque es incapaz de entender su pena.
Una grieta se ha abierto entre ellos
(Somália/1992; ROVIRA, 2006, p. 86).

O exercício imaginativo que articula ilustra, assim, a carga sensível de quem elege conhecer o real pela aproximação: importa considerar os detalhes, em objetos, gestos, falas que contam dos simbolismos que amparam a existência. O anel que a mil metros de altura não se percebe e nada traduz, aos que se põem à porta ou à mesa convida ao

universo biográfico dos personagens em questão. É o anel que nos arrasta para o labirinto dessas vidas, e a ordenação de seu cotidiano – em abalo – se escala em contexto pela condição humana que nós todos partilhamos. Percepções em contornos de ontologia, que não se descolam do local reportado, mas projetam aquelas dimensões vívidas que nos movem a todos, desde nossas ressignificações ordinárias:

Frente a la entrada, una olla humea sobre un fuego de leña. Un grupo de mujeres trata de sacar agua de un pozo mientras los niños revolotean como moscas a su alrededor. Es un momento feliz y alegre en el que la gente suele sentarse frente a la casa para conversar con la familia y los amigos. La hora bruja se convierte, en estas latitudes donde la naturaleza todavía dicta sus leyes y uno se recoge y se levanta con ella, en el único momento en el que los hombres parecen dominarla, hora de la risa y la conversación, un paréntesis para la confianza y, también, para el sentimiento de poder, antes de la oscuridad y la llegada de las criaturas de la noche, cuando el reino animal y vegetal vuelve a reinar sobre el universo (Sudão do Sul/2002; ROVIRA, 2006, p. 59).

Vê-se como nessas aportações narrativas de convívio, tecidas em lance de registro atento à vida que se desenrola pelas miudezas, também as especificidades da organização social e cultural das comunidades despontam à pauta, e alinhavam no processo de produção de sentidos aquilo que diz de si e que diz do Outro, em um comum que é ademais diferença, tal qual ensina a alteridade. Se há um caráter de universalidade nos movimentos rotineiros do homem em suas intempéries, as apropriações que fazem do mundo da vida singularizam o tempo-espço que o envolvem: o que valoram, a quem recorrem, como se relacionam, são elementos que compõem a trama descritiva dos personagens e das cenas, mas que sobretudo nos dão a conhecer os sentidos norteadores de cotidianos que nos parecem distantes:

En el cattle camp, los hombres y las mujeres suelen pasar los días separados. Las mujeres en las chozas circulares de barro y adobe, rodeadas de los cacharros de la cocina, el fuego y los niños. Los hombres junto a los animales. La vaca es para los dinkas, los nuba y los nuer, el centro de su existencia. Cómo cuidan de sus animales a los que acarician y limpian con esmero mientras les hablan cariñosamente, dirigiéndose a cada una de las reses por su nombre. La vaca es tan importante para ellos que suelen bautizar a los hijos con los nombres de sus ejemplares preferidos o, simplemente, con un nombre que haga referencia al animal (Sudão do Sul/2002; ROVIRA, 2006, p. 60).

Ainda que a narrativa não se desvie de abordar as quebras causadas pelos conflitos, e que atravessam o processo de compreensão mesmo das realidades locais, é a

cotidianidade que centraliza o interesse noticioso do desacontecimento, e que assim orienta os relatos de *Áfricas* para a vida em si mesma, naquilo que foi e naquilo que pode ser. Diante das crises diversas que assolam as regiões reportadas, o trabalho jornalístico de Rovira se marca por passagens de ênfase às pequenas coisas que nos ajudam a seguir, os hábitos e itens domésticos que nos fornecem sensação de segurança e abrigo, e que mais do que ruptura, versam sobre nossa busca pela continuidade: em Mogadíscio, os ritos de casa e trabalho que perduram a despeito da Guerra Civil pela derrocada do então ditador Siad Barre, em 1991; em Ruanda, o apego à normalidade possível dos dias em face às tormentas do genocídio de 1994.

Veo a los niños sentados a la mesa recién puesta para la cena, el pelo peinado, todavía mojado después de la ducha. Percibo el olor a jabón. Después de la cena, algunas familias se sentaban en el sofá para mirar la televisión mientras esperaban la hora de ir a la cama. Quizá los adolescentes fueron los últimos en acostarse porque tenían que terminar los deberes escolares. El pijama debajo de la almohada, una vitrina con un espejo, un cajón con las fotos de los mejores momentos de sus vidas (Somália/1992; ROVIRA, 2006, p. 79).

La vida de los ruandeses, como la naturaleza que les rodeaba, afloraba con la misma luminosidad de los cultivos y la vegetación que unos meses antesapestaba a muerte. Las familias avanzaban con sus mejores ropas, vestidos de colores chillones, telas de todo tipo remendadas a mano, camisetas de fútbol europeo con nombres conocidos escritos en la espalda. Me fijé en una mujer que caminaba descalza con unos enormes zapatos rojos que sostenía por encima de la cabeza. Era evidente que aquellos zapatos de un número superior al tamaño de su pie no le servían para caminar sino para estar guapa una vez llegara a la iglesia. ¡Y no era cuestión de utilizarlos durante el camino donde se le podían ensuciar! (Ruanda/1995; ROVIRA, 2006, p. 232).

Do comum construído junto às fontes e da dimensão ordinária buscada junto às vidas em relato, a transversalidade do cotidiano aponta para a sustentação das narrativas de Rovira pela ordem dos diminutos. Nas vivências que se partilham, ainda que em temporalidade limitada, e nos sentidos que se revelam como orientadores dos dias, os textos de *Áfricas* conjugam as incursões do repórter pelas camadas pouco aparentes de localidades em conflito, que se mostram à superfície por marcas de sua subjetividade, em tom de introspecção sobre o entorno e seu próprio fazer, e de sua autoria jornalística, como interesse aos movimentos rotineiros do que se está a reportar.

Enquanto espaço-tempo de ressignificações, o dia-a-dia configura resistências, nem sempre articuladas ou deliberadas, frente às imposições que nos escapam, não apenas em termos políticos ou sociais, mas por primeiro em relação aos nossos universos

que sostenía por encima de la cabeza. Era evidente que aquellos zapatos de un número superior al tamaño de su pie no le servían para caminar sino para estar guapa una vez llegara a la iglesia. ¡Y no era cuestión de utilizarlos durante el camino donde se le podían ensuciar! (Ruanda/1995; ROVIRA, 2006, p. 232).

Do comum construído junto às fontes e da dimensão ordinária buscada junto às vidas em relato, a transversalidade do cotidiano aponta para a sustentação das narrativas de Rovira pela ordem dos diminutos. Nas vivências que se partilham, ainda que em temporalidade limitada, e nos sentidos que se revelam como orientadores dos dias, os textos de *Áfricas* conjugam as incursões do repórter pelas camadas pouco aparentes de localidades em conflito, que se mostram à superfície por marcas de sua subjetividade, em tom de introspecção sobre o entorno e seu próprio fazer, e de sua autoria jornalística, como interesse aos movimentos rotineiros do que se está a reportar.

Enquanto espaço-tempo de ressignificações, o dia-a-dia configura resistências, nem sempre articuladas ou deliberadas, frente às imposições que nos escapam, não apenas em termos políticos ou sociais, mas por primeiro em relação aos nossos universos particulares. Em ambiência de conflitos, a lógica se complexifica, porque essas esferas, que de fato nunca foram muito bem demarcadas, extrapolam suas fronteiras e invadem uma à outra; mas a dinâmica do resistir pelo que se está próximo permanece: cada qual se vincula a reminiscências afetivas, a contornos, mesmo quando muito precários, de lar e interações fraternas, de serviços e ações comunitárias, e o registro do Desacontecimento colhe de tal território o cerne para sua abordagem. Adentra a vida local por seus aspectos secundários, que de imediato parecem não se relacionar com as problemáticas que perturbam os países relatados, mas que lançam, por dinâmica outra à causalidade, a compreensiva sobre as condições de ser e estar, sob plano comum/comunicativo, em realidades adversas.

Há confronto, há exploração, há violência e há dor nos contextos reportados, mas o referencial da cotidianidade imbrica na tessitura jornalística o olhar à vida por esses elementos que a fazem desacontecer – se repetir, manter, preservar. Seguir.

3.2.2 Protagonismo social em saída

Quando digo que a noção de desacontecimento corresponde, pela via do cotidiano, a um movimento de continuidade, não implico com isso uma assertiva que estabeleça a

vida como isenta de contradições. Como se fosse possível assegurá-la em percurso linear, ou como se a existência não fosse, em si mesma, atravessada por abismos. E quem o dirá em cenários de guerra. Antes, e ao contrário, o desacontecimento que percebe o sujeito nessa espécie de fluxo adiante o faz justamente por reconhecer que a intempérie é constitutiva do humano, chega-lhe em diferentes formas e situações, e parte da poética do ser é afrontá-la, com os recursos que se tem ao dispor. A vida que desacontece, neste sentido, não é a vida que atropela os outros, os afetos, as materialidades, muito menos a vida que se encaminha como se esse real nem a envolvesse – mas é a vida que conflui, com ele e apesar dele. O jornalismo atento a uma tal percepção valoriza o indivíduo não como herói que tudo vence, nem como vítima das circunstâncias, mas como figura em resistência, em ordem de virações possíveis. Em saída. Na lida com o mundo, desde o seu dia-a-dia, o homem ordinário está inscrito em percurso tentativo. Inconcluso. Nem sempre suficiente.

Por essa lente, as histórias se carregam em fissura. Não esgotam os personagens e nem suas realidades, não os representam estanques, e sim em trânsitos permanentes. Abertos, a criar e recriar significados, a desarranjar as (suas) estruturas. O desafio, a nível prático e narrativo, é alcançar essas camadas de simbolismo – algumas se revelam com mais vazão que outras, e em meio a conflitos, podem se enfraquecer com mais rapidez também. Na obra de Rovira sobre o continente africano, o protagonismo social se assume por personagens diversos: crianças, pais e mães, professores, músicos, refugiados, missionários, trabalhadores humanitários, soldados – vozes que, ao contar de si e de suas rotas tentativas, contam também da vida que se colapsa com a guerra.

O convívio com o estrangeiro toma as páginas das reportagens em viagem de Rovira, mas não são exclusividade de suas voltas internacionais. A narrativa sobre o *bando dos poetas*, como antes indicado, também dispôs o jornalista em relação com esse que é o símbolo mesmo do Outro, o que nos leva a evidenciar que a presença do tradicionalmente assumido como estranho é marca recorrente de seus escritos. Talvez porque um tal encontro, conforme Kristeva (1994, p. 21, grifos da autora), nos lance a possibilidade de ser, de forma mais visível e até paradoxal, “*um outro* – não simplesmente no sentido humanista, de nossa aptidão em aceitar o outro, mas de *estar em seu lugar*, o que equivale a pensar sobre si e a se fazer outro para si mesmo”. Pelo envolvimento com esses sentidos fronteiriços, acrescenta a autora, é que se manifesta a maneira secreta que temos de encarar o mundo.

As predileções jornalísticas das *carreteras secundárias*, então, não podem ser consideradas em despropósito. Se ao desacontecimento toca noticiar o cotidiano do homem ordinário, nas coberturas de Bru Rovira é importante destacar uma mobilização característica ao homem ordinário estrangeiro. Que vive sem “cacife suficiente ou ‘peso social’, volúvel, cheio de desembaraço, cuja palavra não tem passado e não terá poder sobre o futuro” (KRISTEVA, 1994, p. 28), e cuja escuta somente poderia ter daqueles que se sentem estrangeiros de si mesmos. Bem vale observar o movimento de Rovira às fontes reportadas, assim, como uma dinâmica que se volta à própria condição humana - sua e dos demais. Que elege se posicionar próximo aos rostos que queimam, entre fuga e origem, para citar outra expressão de Kristeva (p.12), e que assim revela do intercâmbio permanente de alteridade que nos constitui.

Os textos sobre o *Atomic Music*, grupo em turnê artística pelo Sudão Sul para a campanha de vacinação contra a poliomielite, constrói-se por esses aspectos de vidas que estão em trânsito. À parte das viagens que realizam para as apresentações musicais, sobre as quais enfocamos para tratar do cotidiano como estar-junto, a ideia de trânsito que destaco aqui é de ordem mais íntima, pelas motivações que acompanham os sujeitos reportados a viverem como músicos – na maior parte das vezes sem retorno financeiro, sem instalações de acolhida e distantes da família.

Congolês de Kinshasa e neto de um chefe tribal que lutou contra o exército colonial do rei belga Leopoldo II, o vocalista Sango Lohenzola decidiu que sua resistência se daria pela busca da liberdade. As tropas de Laurent-Desiré Kabila já estavam na capital e os combatentes nas ruas quando *El Emperador* de *Atomic Music* partiu em refúgio para Uganda. A mulher e os filhos ficaram, pelo que ele precisava perseguir a premonição que teve e que, acredita, lhe vem como herança das profecias do avô. Atravessou Kisangani, pela rota de Bunia, mas acabou detido na fronteira de Uganda acusado de ser um hutu ruandês. Por três meses, permaneceu na prisão que lhe abriria a chance para um recomeço. Ali conheceu a Papi Ngoy e depois de soltos, embalados por cerveja e nostalgia, formaram a banda que hoje lhes orienta.

- ¿Has visto el águila que llevo tatuada en la espalda? – pregunta Sango.
 El hombre que lleva un águila tatuada – explica - tiene derecho a viajar por todo el mundo.
 Es un hombre libre.
 Sango aspira profundamente el canuto y retiene el humo durante un buen rato
 antes de soltarlo con una larga exhalación.
 El águila tatuada, dice, también es un mensaje para sus amigos congoleños:

un día volveré, mes amis, y entonces mi nombre quedará para siempre grabado entre los grandes
de la música del Congo.
¡Sango el Emperador!
(Sudão do Sul/2002; ROVIRA, 2006, p. 20).

No palco é onde sente que há valor no que é e no que faz. Mesmo quando se trata de uma lona no chão de terra, sem condições estruturais para a montagem dos equipamentos ou sem um quarto e refeição nas hospedagens. É a recepção das pessoas que lhe move: o interesse pelas músicas, a participação nos shows, a procura daqueles que querem estar ao seu lado. Todo o seu visual converge para esses sentidos: Sango tem um moicano loiro em homenagem à sua origem kasu, gosta de usar roupas coloridas e exibir as outras inscrições que leva pelo corpo - um raio com uma caveira no antebraço, à mostra da simbologia que costuma ilustrar os postes de eletricidade de alta tensão, e uma cifra, escrita em números, de 6.500. Dentro da flecha, o nome da mãe, Louise Adollo.

- Máxima tensión, el nacimiento del Gran Emperador Universal del Imperio de la Música:
hubo una gran explosión, ¡bang! Mi madre hizo ¡bang!, ¡pafff!
Y allí estaba yo como un big bang sale de las entrañas de Dollo,
¡seis mil quinientos voltios!
¡el nacimiento sideral de una estrella de la música congoleña, mes amies!
(Sudão do Sul/2002; ROVIRA, 2006, p. 63).

As particularidades enfatizadas por Rovira na oratura de Sango nos alargam a compreensão para os traços que são caros ao personagem: o tom exclamativo das falas, as figuras de linguagem em sonoridade do discurso, a mistura do inglês e do francês a performá-lo um tanto quanto cosmopolita, despojado – componentes de um perfil que se sabe e se quer observado, pela liberdade de ir que é também liberdade de ser.

Em Papi Ngoy, baterista do grupo, o trânsito possível na realidade de conflitos se mostra pelo humor. Ugandês de Kinshasa, Papi se formou músico nas orquestras do bairro de Yolo, *aprendió a bailar la rumba congoleña antes de aprender a caminar* (ROVIRA, 2006, p. 31) e não sabe ser outra coisa que artista de rua. Com a queda do regime de Mobutu, decidiu que só teria oportunidades fora do país, e começou, também ele, sua rota para atravessar a fronteira. Ali, viu um dos episódios mais sujos e encobertos das guerras dos Grandes Lagos, com o confronto entre os exércitos ruandeses e ugandeses, o assassinato de milhões de civis pelas tropas de Kabila e as tentativas de fuga desde o interior do país. Dos perigos e dificuldades que sofreu durante esses meses, o baterista trata a seu próprio modo:

-¿Cómo iban a matar a un artista, a un hombre que les hace soñar?
 – dice Papi con una mueca, utilizando su voz de comediante
 para desviar la conversación y arrancar la sonrisa de las chicas
 (Sudão do Sul/2002; ROVIRA, 2006, p. 62).

Na chegada do *Atomic Music* a Rumbek, na manhã anterior à apresentação da turnê, foi Papi quem cuidou de popularizar o grupo aos moradores da cidade e descolar-lhes o almoço, com suas performances pelas ruas. Se em Sango os sentidos se ressignificam por suas estéticas no corpo e no palco; em Papi, as reinvenções se extraem do carisma de seus improvisos:

El batería empieza a dar volteretas frente a los pequeños comercios de la calle principal.
 Pronto la calle se llena de gente que ríe y le anima.
 Papi hace algunos saltos acrobáticos más y se planta con los brazos abiertos
 en el centro de la calzada: - ¿Dónde se come? – grita con voz de comediante.
 Todo el mundo estalla en una carcajada. Los niños empiezan a bailar y a dar volteretas imitando
 a Papi, que pega un salto mortal y se arrodilla a mis pies, para suplicar juntando las manos
 (Sudão do Sul/2002; ROVIRA, 2006, p. 30).

Nas viagens à Somália, em 1993 e 1997, o trabalho jornalístico de Rovira toma forma junto ao campo de refugiados e ao orfanato de Mogadíscio, sua capital. Com Manolito e a mãe, na casa de bambu da vila colonial, o repórter compartilha seus momentos de aproximação à realidade do país após a queda do ditador Siad Barre, agravada pela interferência dos Estados Unidos na operação UNOSOM, da ONU. São famílias que vivem entre as dunas, com o respaldo da organização Médicos sem Fronteiras, enquanto as ruas se vão tomando pelos Senhores de Guerras que assumem o lugar do Estado, em uma espécie de feudalismo *Mad Max* na região.

À oeste do campo, um orfanato se estabeleceu há poucos meses nas ruínas de uma escola desativada em meio aos conflitos, e Lul Mohamud é quem tem tocado a missão de acolher as mais de cem crianças que perderam seus pais em combate. Por doze anos, Lul viveu pelo mundo. Herdeira de uma rica família somali, mudou-se para os Estados Unidos antes da guerra civil e ali se casou com um norte-americano. Morou em Londres, Paris, Milão, e quando retornou a Mogadíscio para visitar a mãe doente, em novembro de 1992, *la ciudad que encontró le partió el alma* (p.99). Os cacos de quem não passa impune pela dor do outro ela recombina com o cuidado às vidas que ainda não estão perdidas:

Quando Lul llegó, sus niños daban pena. Hambrientos, sucios, enfermos.
 Fue recogiénolos de entre los escombros donde se refugiaban durante la noche

y por las calles de la ciudad donde mendigaban de día.
 Primero les daba sólo comida y cama. Ahora ha empezado a impartir clases.
 Las niñas van muy bien peinadas y todos ellos llevan hermosos vestidos
 que han llegado en cajas de cartón de la ayuda humanitaria.
 El edificio sigue sin ventanas ni puertas, no hay luz, no hay mobiliario.
 Pero Lul está contenta porque los suelos están limpios y los estadounidenses han dado una capa
 de pintura a las paredes donde han dibujado algunos muñecos de Disney
 (Somália/1993; ROVIRA, 2006, p. 108).

Seu percurso tentativo, desde aí, se dá agora no cotidiano vivido junto aos órfãos de Mogadíscio, sem marido e distante da realidade que por anos teve no dito primeiro mundo. - *¿Cómo se puede llevar una vida americana sabiendo que esto existe? – dice después de un largo silencio* (p.109). À margem da falência que irrompe dos ataques da guerra, da violência e dos destroços a que não se pode desviar, a angulação do desacontecimento busca o protagonismo da resistência em gestos que, se à visa das eclosões, parecem pequenos, em linha de proximidade se fortalecem em significação.

Uma das reportagens de Rovira sobre Ruanda, de 1995, em cenário ainda muito abissal pelo genocídio dos *tutsi*, registra também uma tal faceta de abordagem. Dessa vez, as movimentações de sentido se contam desde a história de Cristina Pizzi, pediatra de origem italiana que, em missão pela África, há três anos trabalha em Nyamata, no povoado de Kanzenze. São dois os orfanatos do distrito, que abrigam por volta de quatro mil crianças, quase todas em situação de abandono pelos massacres de 1994. As feridas dos que testemunharam os golpes dessa violência sistemática não se estancam definitivamente. Para a médica, que carrega traumas de uma ordem indireta, os dias se movem a resgatar o mínimo de ilusão daqueles que se afetaram em escalas tão mais alargadas e profundas do que ela. - *¿Sabes lo difícil que resulta arrancar una palabra o una sonrisa a alguno de estos niños? Cuando lo consigues es algo que no tiene precio* (p.196).

O fôlego possível lhes tem chegado pela Arte. O que as crianças não conseguem expressar pelas vias tradicionais, e nem Cristina apreender por métodos diretos, simboliza-se por outros sinais, em travessia sem retorno dado para ninguém:

Cristina habla despacio, porque lo que cuenta son cosas que salen lentamente,
 que duele verbalizar, que rasga el alma escuchar.
 – Al principio rechazaban la comida, cualquier gesto les asustaba, no querían vivir.
 La doctora me enseña unos dibujos en los que se ven casas quemadas, perros, mujeres sin
 cabeza, machetes, sangre. Dibujar ha sido fundamental para recuperar la palabra. Pero la gran
 catarsis llegó con la representación teatral que montó.

Verbalizar, dibujar, representar.
 En agosto, los huérfanos de Nyamata empezaron a sonreír.
 En septiembre se inauguró el curso escolar
 (Ruanda/1995; ROVIRA, 2006, p. 197).

Dois anos depois dessa incursão, Rovira regressou à Ruanda, agora na fronteira com Burundi, em Mugina, por onde refugiados *hutus* passaram a fazer o fluxo de retorno ao país após a fuga pelo genocídio a Uganda. Ali, a freira Mercedes lhes alimenta em um refeitório pequeno da igreja local, na qual reside há mais de dez anos. Entre as horas dedicadas ao serviço humanitário, a irmã toma um tempo para vitalizar a si, nos entremeios que Rovira elege para narrar o que desacontece em sua vida. O chá com bolachas que ritualmente aprecia ao cair da tarde, junto à vista sobre o vale do rio Nyabarongo, e que sempre irriga com duas colheres pequenas de açúcar em uma xícara duralex. *Piernas delgadas, recogidas hacia dentro, los tobillos entrecruzados, las rodillas juntas, la falda por encima de la rodilla... todo parece tan antiguo, tan vulnerable* (p.252), mas Mercedes se refaz nos detalhes dos momentos, gosta de se pensar como as plantas que cultiva no jardim: bastam algumas gotas do céu para seguir seu ciclo.

– Ay...a veces me siento tan perdida – suspira Mercedes. Pero es lo que a veces nos dicen, debemos sembrar como si no sembráramos, trabajar como si no trabajáramos. Una brisa fresca perfuma el porche con el olor de la lluvia que ha empezado a caer en la colina de enfrente. Algunos truenos resuenan al otro lado del valle. Mercedes recupera el hilo de sus pensamientos: - ¿sabéis?, aquí no encuentras compensación humana. Sólo nos mantiene la vida espiritual.
 - ¿Una galleta? – levanta el plato Mercedes
 (Ruanda/1997; ROVIRA, 2006, p. 252).

Há na obra de Rovira, ainda, o relato daqueles que sobreviveram aos golpes de violência e tortura da guerra. Em 2002, quando viajava para Ruanda pela sexta vez, o jornalista conheceu Béatrice, durante a curta estada que fez em Yaoundé. A jovem *tutsi*, natural de Kibuye, recém completara 15 anos no mês em que começaram os massacres, e perdeu todos os familiares de sua aldeia, com exceção da mãe, com quem fugiu para Uganda e hoje vive em Bruxelas. Do pesadelo em que ainda se encontra, transcorridos quase dez anos, e que com frequência lhe desperta nas madrugadas, como se escutasse ruídos de machado, ela tenta escapar sem sucesso completo. Conta com o universo da dança para o seu sustento, e não apenas financeiro, e os romances de Boris e Jean-Philippe, *quizá porque me ayudan a sacar de las angustias de esta vida* (p.189), para as noites de neve a que lhe custa se adaptar – *me gusta la lluvia a cántaros, el ruido violento del agua*

sobre los tejados de zinc...una de las cosas que más encuentre a faltar al llegar a Belgica... (p.215).

Movimentos inconclusos, de personagens em saída por mundos possíveis, às vezes exteriores, como no caso de Beatrice, mas, sobretudo, em luta por um remanso interno, complexo de se alcançar. A escuta de Rovira percebe alguns valores caros aos sujeitos reportados, compõe os personagens por seus traços mais sutis, mas tece recorrentemente as histórias com brechas que, para além de pontas soltas, mais convergem para a impressão de que as vidas que se mostram em texto estão, também elas, se perfazendo.

No campo de refugiados de Plumkor, em Monrovia, a narrativa de Ibrahim parece se escrever com esses contornos. O garoto, de 10 anos, foi sequestrado com a irmã Nancy por rebeldes do grupo LURD, que se insurgiram contra o então presidente da Libéria Charles Taylor, em 2003. Permaneceram por quase um mês, como escravos, na casa dos soldados em Tubanburg, fazendo serviços domésticos a mando do comandante Dead Body, de 18 anos. À noite, Ibrahim dormia no chão da sala e comia o que sobrava nas panelas, enquanto a irmã era mantida no quarto pelo comandante, vítima de violação sexual. Conseguiram fugir do local, mas Nancy já estava muito ferida e acabou falecendo na rota para a aldeia, onde os irmãos foram encontrados por um vizinho da família.

Como viver em condição de trauma? Ibrahim segue seus dias na cabana de bambu e barro com os pais, Varany e Hawa, e os outros seis irmãos. Frequenta a escola do vilarejo com as crianças do campo e toma seu tempo a transitar entre esses mundos. A reportagem de Rovira não vai muito além: repousa no silêncio das palavras e no dizer dos gestos para alinhar os sentidos que não se traduzem, que não se podem compreender, que não há como alcançar:

Es la misma mirada que tenía esta mañana cuando le encontré en la escuela. Estaba sentado al final de la clase, un aula sin techo en medio del campo de refugiados, con la libreta abierta encima de la mesa. El maestro, recostado en la silla que se sostenía sobre dos patas con el respaldo inclinado contra la pared, les había escrito en la pizarra algunas sumas.

Ibrahim tenía el papel en blanco.

Le ayudé a sumar cinco más cinco. Cogí sus manos y conté los dedos en voz alta. Pero Ibrahim era incapaz de sumar. Así que le fui dictando una a una todas las sumas, contando con sus dedos y diciéndole los números que tenía que escribir.

Tampoco esta vez dijo nada.

Sólo aquella mirada vacía
(Libéria/2004; ROVIRA, 2006, p. 125).

E, por fim, desse protagonismo social em movimento tentativo, de saída e resistências possíveis, não por exploração de fraquezas ou romantização da dor e de conflitos, mas enquanto registro da lida cotidiana com intempéries diversas, a busca das *carreteras secundarias* incursiona pela realidade de jovens à serviço da nova ordem dos Senhores de Guerra. Morris, Varney e Sako, como já pontuado, são soldados que trabalham para o exército de Charles Taylor, o mesmo que lhes sequestraram ainda meninos e atacaram suas aldeias, em Monrovia. Desde os doze anos de idade, vivem como órfãos de tudo e camaradas de armas: *no tienen trabajo. No tienen estudios. No tienen familia. No tienen dónde vivir. Y sólo hay que echar un vistazo a nuestro alrededor para darse cuenta de que apenas tienen un país* (p.140). Não tiveram escolha para além de empunhar uma pistola para defender o pouco que lhes resta – a si mesmos: *o matas, o mueres. Así es la instrucción. Luego ya nada importa y la guerra es la única vida que eres capaz de llevar* (p.148).

Com a queda do então ditador Taylor, em 2003, sobreviver lhes tem sido uma armadilha das mais delicadas: assistiram a um curso de reeducação organizado pelas forças de pacificação, entregaram-lhes seus fuzis em troca de duzentos dólares, garantiram hospedagem e alimentação durante os dias que estiveram ali; mas agora voltam às margens sem expectativas sobre o que lhes espera: *-¡Me hace daño pensar en el futuro! – dice Morris. Todos asienten con la cabeza. El futuro... (p.148).*

O relato das vidas que se fraturam pela guerra, na obra de Rovira, não se configura como disputa entre heróis e vilões, e nem reduz os personagens a padrões estereotipados de ação. Enquanto composição complexa de sentidos, os atores sociais são narrados pelo *continuum* do que foram, do que são e do que poderiam ou gostariam de ser, em uma cadência que não se esgota por rotas previsíveis, porque reconhece que as trajetórias dos sujeitos são sempre embates – íntimos, simbólicos, sociais - consigo mesmo, com os outros e a com a realidade que se tem cerca.

Em meio aos conflitos, a cobertura do desacontecimento situa, assim, o jornalismo a versar sobre o homem ordinário em suas virações e incompletudes, nas ressignificações que consegue empreender e nas suas insuficiências, no vitalismo, que é também trauma e abismo, de refugiados, populações locais, sobreviventes e agentes humanitários. Por vinculações, é importante desde já frisar, que se estabelecem como ato presencial junto às falências e reconstruções do que se está a reportar.

3.2.3 Fraturas de complexidade

O movimento da proximidade é conduta valiosa ao *ethos* jornalístico que estamos a tratar aqui. Carrega, em seu escopo de práticas, o *estar afeto à*, realidades e pessoas, não como recurso a um sentimentalismo forçado para as narrativas, mas enquanto dinâmica de atravessamento, ou de implicação, do pensar, do agir e do ser, ao que se tem no entorno. Desde aí, a corporalidade do repórter se conjuga como ponto de recepção dos sentidos irradiados em relação, pela mirada atenta que é também envolvimento ético com aqueles fatos não-marcados que interessa ao desacontecimento noticiar.

A narrativa sobre o *bando dos poetas*, tomada para analítica interpretativa no estudo anterior, foi-nos importante para os apontamentos acerca de uma apuração jornalística de ordem terna, pela semântica dos diminutos das vidas retratadas, em seus objetos biográficos, gestualidades de valor, e miudezas da rotina dessa camada que se designa infra-ordinário. Experiências de convivência largas e aprofundadas, que desbordam da temporalidade que geralmente marca a produção jornalística, acabam favorecendo abordagens mais densas nos termos dessas descrições de sentido. A partilha entre os partícipes dia-a-dia, afinal, ajuda a maturar as nuances que se repetem, os comportamentos que se reinventam e o local que se configura como tal.

Mas a processualidade das *carreteras secundárias*, conforme nos contou Rovira em entrevistas e conforme o seu próprio plano narrativo dá a ver, toca as inter-relações que abrangem as vidas reportadas. Se itens ou inscrições pessoais, como por exemplo, uma vestimenta, um penteado, um acessório e tatuagens, nos sinalizam compreensões sobre sujeitos e interações consigo mesmo e com suas origens – o lar, a família, os trabalhos –, quando a realidade reportada se robustece, no caso das coberturas de conflitos, essa lógica das articulações precisa se ampliar e se fortalecer. As vidas que se contam em *Áfricas*, por isso, manifestam seus traços de singularidade pelos detalhes apreendidos dos universos de cada personagem - Sango, Ibrahim, Morris, Lul, Béatrice, apenas para ilustrar alguns –, no entanto, a vitalidade de suas histórias e cotidianos não se pode dissociar dos contextos que os movem. O que são, o que foram, o que gostariam ou buscam ser, não se aparta das raízes culturais, políticas e sociais do ambiente em que se inscrevem, e é por isso que, neste tópico, importará enfocar o eixo da complexidade como mobilizador da apuração de Rovira – e dispositivo caro ao desacontecimento.

As reportagens que compõem o livro, originalmente publicadas no *La Vanguardia*, estão todas revestidas por um dimensionamento histórico, característico das

modulações cognitivas de Rovira e das próprias demandas das coberturas internacionais. A década de 1990, que concentra a maior parte dos textos de *Áfricas*, com exceção dos sobre a Libéria (2004) e Sudão do Sul (2002), testemunhou derrocadas e levantes diversos no continente africano, pelo final da Guerra Fria e retirada, ou abandono, das tropas norte-americanas e soviéticas da região, e suas tessituras documentam as reorganizações que enfrentam seus habitantes e comunidades com essas fragmentações. Escravidão, imperialismo, explorações internacionais, crise de refugiados, circunscrevem a pauta do desacontecimento face aos desafios contemporâneos de um jornalismo para a justiça social e os direitos humanos.

Aspectos que se mostram, às vezes com mais clareza, por um repórter que se coloca em *repliegue de sentir*; em outras, por uma construção narrativa que cuida de aportar esses entrecruzamentos do local com um panorama mais amplo de intercausalidades. Começamos por retomar aquelas passagens em que o repórter se coloca quase que em fratura exposta, para dizer também de realidades em abalo. Cada um dos textos compilados em *Áfricas* traz movimentos introspectivos de Rovira acerca de sua relação com o continente – que não deixam de ser problematizações sobre a própria postura da Europa, e do Norte Global, com essa franja do mundo. Uma espécie de sentimento paradoxal, *yo me ganaba la vida contando historias de las que me encontraba a salvo* (p.12), pelo reconhecimento, em cada viagem mais inescapável, de seus privilégios ante às realidades reportadas, *el malestar producido por el hecho de pertenecer a un mundo y un cierto grupo social que vive protegido, completamente al margen, de la violencia y la pobreza* (p.12).

A duplicidade forma parte de suas experiências em cobertura de conflitos e desborda na sua escritura como marca dessas inquietações, registros do ofício, e da condição humana mesmo, que demandam responsabilidade por envolver-se:

Ahora, cuando el avión de la Cruz Roja que vuela a Nairobi se levanta hacia el cielo alejándose de lo que queda de la ciudad, el aroma de café recién hecho que perfuma la cabina, café suizo, me recuerda que existe otro mundo hacia el que regreso, el mundo al que yo pertenezco. Pero cuando cierro los ojos para tratar de dormir, bajo la piel del párpado veo a Manolito al fondo de la calle. ¿Qué será de ti, Manolito? (Somália/1997; ROVIRA, 2006, p. 73).

En todo caso, pensaba aquella noche en la terraza del Mamba, pensaba aquel mediodía en Casa Leopoldo, ¿a quién le interesa la vida de Ibrahim? En las guerras olvidadas, la víctima no tiene personalidad. Ni siquiera forma parte de un tiempo histórico y su lugar en el mundo se diluye en el mapa mudo de la desmemoria,

desdibujando una geografía sin nombres. Así que les dije a mis amigos:
nada, ha sido un viaje deprimente, cosas que ocurren muy lejos...
(Libéria/2004; ROVIRA, 2006, p. 129).

Hay una frase que he sentido estos días enrareciendo el aire que respiramos
– *Vosotros – los blancos – también tenéis la culpa.* [...] En la cárcel de Kigali, toco con la mano uno de los contenedores y siento cómo el metal hierve bajo el sol que cae a plomo. Dentro debe de ser como vivir en un horno y las condiciones de confinamiento resultan incluso peores que las de las cárceles de Guitarama, donde la situación humanitaria es catastrófica. Cuando el cerrojo se cierra a mi espalda, empiezo a caminar por la tierra roja hacia la ciudad, bajo el mismo cielo. Camino y camino sin mirar hacia atrás mareado como una sopa
(Ruanda/1995; ROVIRA, 2006, p. 207).

O tom reflexivo com que Rovira entremeia alguns trechos de suas apurações locais desdobra-se, também, em interpretativas sobre o fazer jornalístico – as aspirações que carrega, o idealismo profissional que se choca com as transformações sociais, as descobertas que empreende por suas incursões *in loco* -, como percepções de um sujeito que vai, junto aos ambientes que o envolvem, Tateando sua participação, *la expresión física de una pasión intelectual*, que, ele defende, precisa se converter em *expresión física de la vida* (p.11). O *foganazo del saber*, como diz, os livros, as fantasias, os sonhos e ideais, só tem razão de ser quando acompanhado pela vivência fora de casa, em proximidade com o que se projeta – *y esto lo digo, con todo cariño, pensando en mis colegas de profesión* (p.11).

Los reporteros podemos observar el mundo desde una altura glacial y también a nosotros se nos ofrece la posibilidad de acercarnos para mezclarnos con la realidad. Mientras miras a través de la ventanilla del avión, en tu mesilla has abierto la abundante documentación sobre el país al que te diriges. Allí están los nombres de los ríos, las estadísticas sobre población, los índices de mortalidad, el acceso al agua potable, la esperanza de vida, la renta per cápita. Incluso puedes informarte sobre los gustos de la gente. Sin embargo, casi no sabes nada. El reportero no puede creer que la información, ‘la red’, explica la vida de la gente. Para saber ‘de verdad’ hay que estar, mezclarse, sentir, aguzar los sentidos, la razón. Y el corazón
(Somália/1992; ROVIRA, 2006, p. 85).

Assim, o plano narrativo da obra se tece por essas imbricações de experiência local, revestida da mirada contextual de um repórter que se interessa pelas interconexões desde os diminutos, e que assume uma criticidade no que reporta por seus embates, também pessoais, com a realidade e sua posição no mundo. Como se aproximar das vidas

atravessadas pelos conflitos e não considerar a situação política e social que lhes implica dia a dia? Como apreender os sentidos tentativos que movem Sango, Papi Ngoy, Lul, Ibrahim, Morris, Cristina, Mercedes e os outros personagens relatados sem dimensionar os percursos históricos que conformam seu território, as (in)ações de governos diversos que lhes colocam em fronteira de abismo?

A família de Ibrahim e o trio Morris, Sako e Varney, por exemplo, à vista superficial, vítima e vilões da Segunda Guerra Civil da Libéria, os primeiros assolados por sequestro, escravidão e morte por soldados rebeldes, e os segundos como parte do exército que invade Monrovia e age à serviço da ditadura. Mas, que contexto comum lhes permeia a viver em tais condições? Desde 1989, o país assistia como barril de pólvora ao final da Guerra Fria. Fundada por um grupo de escravos liberados dos Estados Unidos em 1847, a primeira República da África se manteve em aliança com o governo norte-americano naqueles anos de confrontos nada indiretos na região. Samuel Doe, ditador do país durante duas décadas, por golpe apoiado pela Casa Branca, *que no queria perder sus privilegios en un territorio donde tenía la mayor base de espionaje y transmisiones del África subsahariana* (p.136) e fez *oídos sordos a la pantomima de las elecciones que le ‘legitimaron’ como presidente*, foi abandonado pelo *Gran Padre* tão logo os interesses mudaram.

Charles Taylor, que havia trabalhado como ministro do comércio de Doe, formou o seu próprio exército, a Frente Nacional Patriótica da Liberia (NPFL), incitando uma revanche tribal entre as etnias exploradas do país, para não só destituir, como assassinar Doe, em 1990.

Si Charles Taylor es el arquetipo de los que llegaban, Samuel Doe era un buen ejemplo de aquel periodo de la historia que quedaba atrás y que concluiría al cabo de unos meses, al hundirse definitivamente la Unión Soviética. A partir de entonces, el asesinato indiscriminado de civiles, los ejércitos de niños soldados, la guerra como un carnaval en el que los combatientes secuestran y esclavizan a las mujeres y se financian con el saqueo de las riquezas naturales, inaugurarán una nueva época en el continente (Liberia/2004; ROVIRA, 2006, p. 135).

Não há como dissociar o cotidiano dos sujeitos retratados da lógica das novas guerras que tomaram suas realidades a partir de então. O resgate histórico de Rovira, situado no trânsito de um mundo polarizado ideologicamente, ajuda a compreender que os jovens que empunham armas ao exército que lhes destruiu o lar, e que as crianças exploradas até à morte por milícias, pertencem a um mesmo contexto de falência do

Estado e de todos os aparatos que poderiam, minimamente, fornecer-lhes alternativas que não o crime ou o refúgio. A luta armada que esgarça o tecido social se insere, desde aí, em quadro complexo que envolve civis e governos locais e internacionais, com raízes no tráfico escravista do século XVI, por um círculo perverso cujo poder não mais deriva de uma fonte central, mas se entranha em células que disputam o controle dos recursos tendo como instrumento básico, e não mais consequência, o próprio sofrimento da população.

La paradoja - ¿deberíamos llamarla así? – es que al principio de la cadena que distribuye las armas no están los grupos mafiosos o gobernantes dictatoriales, sino los países que aseguran velar por la seguridad y la paz en el mundo. El hecho de que los combatientes puedan abastecerse en el mercado internacional perpetúa estos conflictos y promueve una suerte de poder corrupto donde el guerrero se erige en amo y señor, al tiempo que los ciudadanos se convierten en sus rehenes, la sociedad civil se desmorona, cierran las escuelas, se hunde el sistema sanitario, las aldeas son abandonadas, y nacen inmensos campos de refugiados, espacios que se eternizan como nuevas metrópolis parásitas de la ayuda internacional (Libéria/2004; ROVIRA, 2006, p. 155).

Essa interatuação delicada, e perigosa, do negócio legal de armas ligeiras, com os senhores de guerra e os órgãos e companhias estrangeiras circunscreve, também, as narrativas de Rovira sobre a Somália em 1993 e 1997, período de tentativa de reconstrução do país pós-Guerra Civil e pós-interferência calamitosa da operação “Restaurar a esperança”, do Conselho de Segurança das Nações Unidas. O retorno permanente de Lul Mohamud a Mogadíscio e sua empreitada em um orfanato para abrigar as crianças desamparadas posicionam-se nessa colcha densa de desordem e embates que acomete a todos na região.

A queda do regime de Siad Barre, em 1991, que desponta como o traço irruptivo dos conflitos, passa, nos textos de Rovira, pela esteira das disputas imperialistas por Ogaden, entregue à Etiópia por decisão britânica, a quebra da aliança com o socialismo, nos anos da Guerra Fria, quando *estadounidenses y soviéticos se echaran una mano para abandonar a toda prisa el país a cuyo incendio tanto habían contribuído* (p.97), e a emergência de clãs abastecidos, sem controle, com armamentos do Norte Global. Uma sociedade nômade, estruturada até a década de 1960 em quase um milhão de linhagens de tribos, que em poucos anos se viu tomada por modelos de governança externos, e a pronta apropriação do frágil Estado pelos senhores de guerra. À desintegração desse cenário, agrava-se os impactos da intervenção da UNOSOM, em 1992, cujos interesses escusos pelo petróleo de Puntland se misturaram com a tortura de civis, a espetacularização de imagens das vítimas e crimes ecológicos, que transformaram o país

em um grande depósito de lixo industrial, hospitalar e nuclear – um lobby de empresas italianas com o governo somali para despejar os resíduos na frota pesqueira de Shifco, em troca de armas.

Como poderia Lul Mohamud viver alheia a tudo isso? Se as próprias cargas de alimentos e remédios enviados por organizações humanitárias eram atacadas, e o principal pilar do trabalho humanitário – atuar desarmado – não havia como se cumprir na capital? Somente a Cruz Vermelha fornecia suprimentos a 700 mil pessoas alojadas nos acampamentos onde um quinto da população morria todos os dias. A seção belga dos Médicos sem Fronteiras era a única que ainda se mantinha na região. A história de Lul se fez, assim, também como testemunho de uma resistência que se constrói ante a um cenário colapsado.

Una tanqueta del ejército italiano se cruza en nuestro camino y obliga a la escolta a enseñar las armas y desmontar los cargadores. Cuando los italianos desaparecen, los guardias vuelven a montar las armas como si nada hubiera pasado. Pienso en silencio en la escena que acabamos de vivir. ¿A qué estamos jugando? [...]

Violencia justa. Violencia como venganza. Violencia como defensa. Violencia por lo que me han hecho. Violencia por lo que yo he hecho. Violencia para sobrevivir. Cada vez es mayor la convulsión provocada por este ciclo infernal, cada vez resulta más difícil poner límite al principio que lo alimenta. El poder ha cambiado de manos y la sustitución del guerrero por el civil sólo será posible cuando el guerrero sea rechazado por una sociedad más fuerte que su fusil.

Mientras tanto, tendremos que contar por generaciones humanas el precio de la guerra (Somália/1993; ROVIRA, 2006, p. 106).

A turnê do *Atomic Music* no Sudão do Sul, em 2002, tampouco se pode relatar em desconexão com o contexto local daquele período, de tentativa de reestruturação política do Novo Sudão após os confrontos com o governo de Cartum, do Sudão – de quem só conseguiu independência definitiva em 2011. As apresentações musicais da banda de Sango e Papi Ngoy se realizaram junto à campanha de vacinação contra a poliomielite da Organização Mundial da Saúde, e o próprio grupo se formou enquanto encontro de refugiados das guerras dos Grandes Lagos. Os esforços se concentram em reinstalar as escolas, habilitar os hospitais com cooperação de médicos franceses, e conciliar líderes tribais, militares, representantes religiosos e autoridades locais nas reconfigurações necessárias ao país, com o qual as incursões de Rovira registram também a complexidade do território, essencialmente rural, que até hoje se tensiona por explorações petrolíferas e de marfim.

Como era de esperar, esta riqueza, en vez de servir para apaciguar los ánimos y la miseria, en vez de servir para mejorar la vida de la gente, ha servido para aumentar la destrucción y el dolor, de manera que el interés nada altruista de los países ricos por unos territorios que antes estaban abandonados está siendo más letal que el veneno de los mosquitos que infestan la región
(Sudão do Sul/2002; ROVIRA, 2006, p. 35).

Vê-se como a investida narrativa do repórter a abordagens sobre as interferências estrangeiras no continente africano, por retrospecto histórico, é traço recorrente de suas coberturas. Os relatos se contam por deslocamentos temporais que resgatam, para a compreensão dos conflitos contemporâneos, a recorrência de explorações desde as invasões coloniais e a repartição dos países pela Conferência de Berlim (1885), alcançando os mandos e desmandos da Guerra Fria que, somente na década de 1970, respingou em mais de quarenta golpes de Estado na África. Há, neste sentido, um trabalho de apuração de Rovira, conforme o seu próprio lugar de fala, que se estabelece por um exercício interpretativo de buscar nexos entre fenômenos e sujeitos, de fundamentar em repertório analítico os fatos que está a reportar.

Não se quer dizer, com isso, que os textos assumem feição de opinião, ou que se descaracterizam enquanto registro noticioso que colhe da experiência-vivência os elementos do real. A mirada de Rovira se desenrola pelas *carreteras secundarias*, desde o protagonismo que confere às tessituras do comum em suas trajetórias tentativas, mas se interessa, também, em alargar a centralidade narrativa ao entorno contextual das vidas destacadas. A relação, aí, não se conta via esquemas explicativos, que simplesmente culpabilizam ou vitimizam atores e instituições sociais, em jogo de causa e efeito, nem tampouco por enunciações declaratórias ou que problematizam em função apenas do pensar. Antes, mostra-se por uma combinatória sutil, em toque autoral, de notas subjetivas do repórter, vozes locais e uma extensa atividade de pesquisa, em fontes diversificadas, para o encaminhamento da pauta em questão.

Os materiais frios e indiretos, de livros a estudos localizados, evidentemente formam parte da empreitada investigativa de Rovira, nos contornos da complexidade. É pelo *estar-aí*, no entanto, que sua narrativa se robustece, não só em carga descritiva, ou de histórias de vida, mas também de senso e sensibilidade sobre os ciclos históricos, as conduções políticas e os rearranjos culturais do mundo e dos povos que nele habitam. O jornalista circula por campos de refugiados, aldeias, praças, escolas, hospitais, orfanatos, igrejas, prisões, alojamento de trabalhadores humanitários para, em observação, escuta e

conversa, levantar elementos de percepção local e estendida. As reportagens sobre Ruanda talvez sejam as mais emblemáticas dos apontamentos que estou a lançar aqui.

Até a data de publicação do livro *Áfricas*, Rovira produziu registros sobre o país das mil colinas em 1994, 1995, 1996, 1997, 1998 e 2000, veiculados em impresso de uma a duas páginas do *La Vanguardia*, em um momento de consternação pública pelo genocídio de quase 800 mil *tutsis*, em pouco mais de três meses, na região. São poucos os dados numéricos, entretanto, que despontam em sua narrativa, apesar do impacto das cifras convergir com as cartilhas da imprensa. Por aspectos mais simbólicos, e como que a passos lentos de quem se reconhece limitado a avançar diretamente, Rovira adentra a um dos maiores acontecimentos daquela década pelo olhar de uma garota que encontrou ao entrar em uma igreja de Nyamata, o primeiro lugar que esteve ao chegar no país, cujos pais haviam sido assassinados, e apenas a irmã mais nova havia se salvado – *me miró sin verme, ojos opacos, ojos oscuros sin una sola lágrima que les diera vida [...] la mirada más llena de dolor que jamás haya visto, una mirada que viene del otro lado. La mirada de los que no se reconocen* (p.171).

Agotado, triste y desconcertado, quise sentarme un rato en uno de los bancos del enorme templo. Cerré los ojos y pensé en la gente que allí había sido asesinada, el polvo, el olor acre y dulzón de la muerte. Me habría gustado encontrar alguna plegaria que me ayudara a dialogar con aquel sinsentido, pero fui incapaz de articular una sola palabra y sólo a medida que mis lágrimas asomaban irreprimibles sentí como me embargaba la música religiosa de mi infancia y sonaba en mi interior la melodía de un coral de Johann Sebastian Bach.

Yo, que había roto desde hacía tiempo y para siempre con la religión, descubría ahora cómo más allá de la conciencia hay algo de nuestra formación, de nuestra cultura, que permanece para siempre en los pliegues íntimos de la memoria emocional y cuando aflora nos arrastra hacia lo más profundo, el barro primigenio del que estamos hechos (Ruanda/1994; ROVIRA, 2006, p. 169).

Rovira esteve, logo após, em Kibungo, onde comissionados dos Direitos Humanos da ONU contabilizavam, para o Tribunal Penal Internacional, os corpos vitimados sistematicamente naquele massacre, a mando do Estado, e a partir daí passou a desenrolar a formação dos conflitos pela construção histórica, e crítica, que caracteriza o seu percurso apurativo em matérias sobre guerras. A divisão étnica entre *hutus* e *tutsis* imposta no período colonial, sob domínio belga, para educar e preparar a minoria *tutsi* ao poder, *esclavizando a los hutus y cavando un abismo entre las dos etnias, donde antes sólo había una división natural* (p.233); a independência de Ruanda com liderança *hutu*,

enciendendo la pólvora de una venganza antigua que no pueden parar ni la Iglesia ni el poder colonial en retirada (p.237); a própria formação da Frente Patriótica Ruandesa (RPF), um grupo de exilados *tutsis* que atacou o país em 1990 e fomentou o radicalismo *hutu* nos anos seguintes; e o culme com o atentado ao avião presidencial de Habyarimana, em 06 de abril de 1994, que poucos meses antes havia se comprometido a dirigir um processo de paz na região junto ao FPR.

O ciclo do medo que está na base do genocídio de Ruanda, *el miedo del tutsi a ser exterminado, el miedo del hutu a ser explotado, siempre el miedo* (p.236), e que se estabelece com um eixo compreensivo dos conflitos, pela angulagem de Rovira, mostra-se, assim, por suas incursões de análise e vivência local junto aos implicados. Com Charles, filho de refugiado *tutsi* de 1959, nascido em Burundi, aprendeu da subsistência dos nilóticos pelo rio Nyabarongo e da cultura rural de café e galinha que persiste por ali apesar da geografia errática. Com a noviça Bertilde, aprendeu da criação ruandesa fechada, que educa à prudência, ou o que chamam de *el 'sistema africano' - quien habla demasiado, se delata; quien obra lentamente, caza el pájaro* (p.252). Com J., *hutu* de Kabgay, que abrigou clandestinamente trinta *tutsis* em sua casa durante os meses dos massacres, aprendeu da relação étnica e vicinal que extrapola a concepção de rivalidade tribal. Com Stanislas Ubraniata, pároco de Ruhango que sobreviveu aos ataques dos *interahmwe*, aprendeu da resistência perpetrada pela Igreja Católica aos ataques de 1994 – *un domingo, preparé una homilía sobre la reconciliación (...) mientras hablaba, un hombre se levantó. Lo reconocí en el acto porque era uno de los que formaban el grupo que asaltó la parroquia el 13 de mayo. Se levantó con la cabeza baja, y dijo en medio de un silencio sepulcral: 'perdonadme'...* (p.223). Com Esnaola, padre de Gihara que se exilou durante o genocídio e retornou à comunidade no verão posterior, aprendeu dos erros históricos que essa mesma Igreja cometeu ora em conivência com a administração colonial belga, ora com a revolta *hutu* – *la jerarquia se dejó seducir por el poder, se alejó del Pueblo para instalar-se en la corrupción, los privilegios y la complicidad política con la dictadura. ¿No es lo que siempre ocurre también en la política?* (p.234).

O repórter percorre, por fim, a prisão de Kigali, que encerra mais de 6.300 pessoas, entre as quais mulheres e crianças, para investigar, também em tom de denúncia de direitos humanos, a realidade dos acusados de participação no genocídio, cuja alimentação depende da visita da família, *si es que la tienen* (p.206), e o processo de julgamento esbarra na precariedade de infraestrutura dos órgãos locais – *ni siquiera tienen papel para hacer las fichas* (p.208). O movimento de aproximação a essas vidas que

parecem “indignas de serem vividas”, o *homo sacer*, de que fala Agamben (2007, p. 149), “extrema metamorfose da vida matável e insacrificável, sobre a qual se baseia o poder soberano”, reitera as mediações assumidas pelo desacontecimento em seu compromisso jornalístico de narrar os atores sociais hegemonicamente marginalizados pelo interesse público e midiático. Não há, aqui, inclinação sensacionalista ou condenatória de Rovira em relação à brutalidade dos crimes cometidos e à punição dos encarcerados, naquele momento em suspeição, mas o posicionamento, que não deixa de ser político, de se colocar em presença da complexidade do humano – em dor, miséria, ambiguidades e sombras do ser.

O referencial da proximidade em cobertura de conflitos nos lança, então, para o desafio de perceber, face a rupturas intensas, os aspectos do real e da vida dos sujeitos que desvelam nuances outras, desde o desacontecer, sobre o mundo que nos toca estar. Por abordagens relacionais e polifônicas, que empreendem a integração de micronarrativas com seus contextos, em delineamento histórico e crítico, e de vozes plurais, em escuta que aprende do testemunho e do envolvimento local, *Áfricas* expressa como as *carreteras secundárias* nos podem alcançar os substratos políticos, sociais e intersubjetivos da geografia humana.

3.2.4 Movimento ao testemunho

Nosso novo milênio, escreve Márcio Seligmann-Silva (2005, p.09), inicia-se atravessado por um “pleno momento de guerra contra as diferenças, [que] implica querer aniquilar ‘o outro’”. Movimentos de autoafirmação fundamentalista se disseminam, inclusive como escalada ‘antiterrorista’, e inscrevem a relação com a *outridade* como uma das demandas mais urgentes, mesmo em termos políticos, de nosso tempo histórico. Vivemos a era de uma sociedade pós-, acrescenta o autor, grandes guerras mundiais, conflitos de descolonização e massacres étnicos, o que não deve nos confundir com a ideia de superação, mas com o significado de “habitar essas catástrofes” (p. 63). Mais ainda, e talvez sobretudo: de um homem que se reconhece ente em eterna construção, “que é ele mesmo uma constelação de diferenças e só existe no diálogo/atrito e *nesta diferença*” (p.14, grifos do autor).

Discuti, nesta tese, por diferentes autores e perspectivas, o fenômeno da alteridade como dinâmica que diz do si-mesmo como Outro, fraturado pelo *entre*, projetado ao comum, identificado como estrangeiro – humano mais humano a medida que acolhe em

ser-com a experiência de sua incompletude. E que ao jornalismo do desacontecimento uma tal acepção é não apenas dispositivo técnico de um código de produção, mas cerne ético, ou sustentação do *ethos*, que desencadeia os seus modos de fazer. Com isso quero dizer que o Outro é substancial à narrativa não porque protagoniza relatos com histórias de vida e aportações para a compreensão dos fatos, mas porque, de modo mais profundo, choca o Eu com si-mesmo, com o Isso e com o Tu, e assim o fazendo, transporta o texto jornalístico a registros sobre a condição humana. Que trata do Tu pelo Eu e do Eu pelo Tu, mas mais ainda: do Nós que afloramos dessas dialogias possíveis.

De tal maneira que em qualquer reportagem desse escopo reside também a figura de um repórter disposto a vivenciar as luzes e penumbras da alteridade, em interlocução íntima e interpessoal. O livro de viagens de Rovira ao continente africano se mostra, neste sentido, significativo ao nosso estudo porque justamente nos reporta o que nos parece estranho em horizonte *no tan lejos* assim. A guerra, a catástrofe, as vítimas, os combatentes, as comunidades que, por abertura sensível, assumem timbre, tom, volume e silêncio, com rosto em contornos marcados, territórios visíveis e experiências em significação.

Se ao desacontecimento importa mirar a vida desde seus diminutos tentativos, de suas trajetórias inconclusas, diante de uma realidade que se estilhaça, a dialógica tão veementemente defendida nessas páginas se potencializa em premissa e responsabilidade. Seus atores sociais vivem em situação de abismo não apenas pela falência dos aparatos estatais e de suas estruturas de proximidade, mas também, e em nível mais delicado, pela situação de ruptura de sua psique e subjetividades. O trauma, conforme cita Seligmann-Silva (2005, p. 65), “é o total desamparo do indivíduo, tanto em excitação pulsional interna, como de uma vivência externa”. Os sobreviventes do choque, por isso, enfrentam uma impossibilidade de tradução total de suas experiências, em termos de pensamento, de memória e de linguagem.

Na obra de Rovira, todos os personagens retratados, em alguma medida, encontram-se em condição traumática: enquanto crianças, pais de família, trabalhadores, educadores, soldados, religiosos, refugiados, prisioneiros, agentes humanitários, são sujeitos que vivenciaram, e vivenciam, a morte, o sofrimento, a exploração como tragédia recorrente, como faceta predominante do existir, como abandono inevitável do sentir. E também o jornalista, em modulação distinta, encara uma relação com a dor que até então não se lhe chegava, que não pertencia ao seu mundo privilegiado, e para a qual tem poucas mediações. As reportagens em questão não pretendem uma reconstituição descritiva dos

atos, com o que o valor do testemunho se concentra no que cada indivíduo pode expressar e na maneira como suas experiências se atrelam ao cenário cultural e humano mais amplo. Os personagens dizem daquilo que pensam e sentem, conforme suas apropriações e reelaborações em torno daquilo que vivem, e é a escuta e o silêncio as atitudes que mais articulam a ordem da relação.

Se em *Solo pido un poco de belleza* (2016) a dialogia configura-se com Rovira sendo orelha e sendo voz, isto é, com o contar de si associando-se à partilha do *bando dos poetas*, em *Áfricas* (2006) percebe-se mais um repórter em recepção, que, vez ou outra, vai se deixar aparecer, até como incursão narrativa a seus próprios pensamentos, mas que prioritariamente estará em contato para acolher – uma vez que muitas das situações deixam pouco espaço para o dizer. Nos tópicos anteriores, inevitavelmente, os apontamentos tecidos acabaram versando sobre os procedimentos de entrevista emplacados nos registros: as fontes consultadas, os encontros realizados, e o teor mesmo das conversações – que revelam da cotidianidade, do homem ordinário e do fazer jornalístico em proximidade. Nas páginas adiante, por isso, o foco analítico recai em algumas passagens que nos ajudam a evidenciar meandros da relação de Rovira, e das *carreteras secundárias*, com a outridade em contexto de conflitos.

O relato de Ibrahim, garoto sequestrado com a irmã por senhores de guerra de Monrovia, em 2004, aclara para o delicado envolvimento do jornalismo com testemunhos em trauma. No campo de refugiados de Plumkor, Rovira se senta no chão da varanda da cabana para conversar com o menino, mas é o pai Variny quem assume a frente da conversa, enquanto a esposa Hawa, de 32 anos, mantém-se observando-os atrás da cortina. Variny tivera experienciado um grande abalo meses antes, quando teve de deixar sua aldeia para escapar dos ataques do LURD, e há poucas semanas viu os dois filhos serem sequestrados pelos guerrilheiros, tendo a filha morta por abuso sexual e Ibrahim sobrevivente de escravidão infantil. O início do contato é dirigido ao garoto, ao que o pai toma a palavra, e o faz dissimulando o que de fato se passou com os filhos, em uma espécie de engavetamento do trauma, como mecanismo de defesa, para si mesmo e para a família.

O acontecimento da violação sexual de Nancy pelos soldados não é admitido em nenhum momento do relato pelo pai, que se refere à causa da morte da filha por pimentões que os sequestradores nela injetaram:

Yo quiero que sea Ibrahim quien me cuente lo que le

ocurrió, pero el padre prefiere explicarlo a su manera.
 ¿Lo hace para proteger al niño? ¿Para protegerse a sí mismo?
 – La niña ya no podía comer nada. Le habían pegado y le habían puesto pimentón.
 El padre dice que por eso sangraba tanto. Yo sé que a Nancy la violaron.
 El hombre se limpia el sudor con el antebrazo. Me fijo en su rostro tenso, su mirada llorosa.
 Podría ser completamente directo. Decirle sin más rodeos:
 “la niña sangraba porque la violaron los soldados, uno detrás de otro”. Pero no digo nada.
 Déjalo en paz, pienso. Calla, Escucha. Siente.
 Deje que hable, que fabrique sus pequeñas mentiras para poder soportar la verdad.
 Acompáñale en su historia. Deja que encuentre consuelo en el laberinto de su narración.
 Trata de sentir con él su dolor, si puedes. ¿Acaso no has venido para eso?
 ¿Cómo podría jamás este hombre aceptar el final que tuvo su hija,
 cuyo cadáver ni siquiera ha podido enterrar?
 (Libéria/2004; ROVIRA, 2006, p. 119-120).

Rovira elige pontuar, inclusive com inscrições gráficas, suas percepções no compasso mesmo do desenrolar expressivo de Variny, como recurso que nos dimensiona, em alteridade possível, para a profundidade de um sofrimento que tenta se preservar até mesmo nas palavras, e pela complexidade do exercício jornalístico que, se por um lado é cobrado a depreender e se ater à exatidão dos fatos, por outro não se apequena em fazer do sensível um dado ou materialidade depurável. Mostra, de igual maneira, que nada nos prepara para lidar com as fissuras do humano, e que cada escolha, ainda que à primeira vista equivocada, carrega os movimentos possíveis dos indivíduos frente às desolações que suportam.

A dialogia com Ibrahim acaba se tecendo, então, pelas gestualidades que acompanham suas poucas palavras: a cabeça que assente ou se abaixa conforme as ponderações do pai, o silêncio que lhe cede lugar de fala, e a mirada vazia que acompanha sua presença, fragmentada no fluxo do tempo, como se o seu relógio tivesse ficado parado nas ocorrências traumáticas que testemunhou.

Ibrahim dice que sí con la cabeza, pero se resiste a levantar la vista [...]
 Mantiene la mirada fija en la tierra roja [...]
 Ibrahim se coge la cabeza entre las manos y mueve el cuerpo espasmódicamente [...]
 Ibrahim asiente [...]
 Ibrahim sigue hablando con la mirada fija en el suelo [...]
 Tiene la mirada vacía y no responde a mi saludo.
 (Libéria/2004; ROVIRA, 2006, p. 122-124).

James é outro personagem sobrevivente dos ataques do grupo rebelde LURD, que naqueles anos da Segunda Guerra Civil da Libéria invadia as aldeias para saqueio e sequestro de pessoas, nos confrontos com o então presidente Charles Taylor. Nascido na

região de Nimba, próximo à fronteira do país com Serra Leoa, ele tinha um bom trabalho como seringueiro, que lhe permitiu formar uma família de seis filhos e construir a sua própria casa. Os conflitos no território, no entanto, não lhes deram alternativa que fugir para o campo de Gandama, como refugiados, e hoje James busca sobreviver vendendo carvão com a ajuda dos filhos, já que teve sua perna direita amputada durante o percurso de exílio. A história de mais uma vida, íntima e familiar, que se colapsa com a guerra, Rovira apreende pela escuta direta e presencial do sujeito traumatizado, com quem levanta suas próprias interpretações para a realidade ali instalada.

Como compreendem a guerra aqueles que, inclusive fisicamente, mais sentem os seus impactos? Até três meses atrás, James tinha cama e cobertor, trezentos dólares guardados no quarto, arroz estocado na cozinha, e condições físicas de se locomover. De golpe, teve sua aldeia atacada às três horas da madrugada, e tempo apenas para pegar a roupa do corpo e os filhos. Por quatro dias, caminharam sem parar se alimentando de raízes do bosque, e presenciaram confrontos, violações e vidas se perdendo sem socorro e sem piedade, à mercê do cair dos dias na natureza. Quando chegaram em Gandama, o pé de James já estava inchado de uma tal forma que os médicos da seção belga do MSF tiveram de amputar sua perna. Ao que lhe disseram, foi a picada de algum inseto que agravou sua situação. - *Quiso quitarme la vida, pero me dijeron: si te mueres, ¿quién cuidará de los niños? Es mejor una pierna que nada* (p.161). Assim que desde então tem ensinado os filhos a extraírem lenha do bosque para juntos fazerem carvão e venderem na região.

E por que toda essa violência?, o repórter lhe pergunta ao final do encontro, os dois sentados nos troncos da varanda da cabana, à sombra das folhas de palmeira que fazem a cobertura do seu novo lar:

– Pienso en eso todos los días, pienso y pienso, de día y de noche...
Yo soy de la etnia manu. Los del LURD son mandinga y khran. Quizá sea ésta la razón.
No lo sé muy bien.
He estado pensando que quizá se deba a los celos...
Tú tienes. Ellos no tienen. Quieren lo que tú tienes. Sienten celos de ti.
Ahora he seguido dándole vueltas y me digo: ‘sólo por dinero?’ tiene que haber algo más.
Mire. Alguien está celoso de ti y quiere que sufras. Y entonces algo te pica el pie y pierdes una pierna. Parece brujería. Fue algo muy extraño. Alguien quería quedarse mi fuerza.
Tiene que ser eso. No es sólo política o poder.
Es egoísmo. Los demás tienen y tú no tienes. Odias a lo demás.
Pienso que éste es quizás el motivo de la guerra. Éramos felices y ahora no tengo nada.
¿Por qué?

(Libéria/2004; ROVIRA, 2006, p. 162).

Ao jornalismo de desacontecimentos importa, para além de investigar a complexidade das realidades reportadas por aportações históricas e políticas, que evidentemente muito contribui para a crítica, denúncia e transformação dos conflitos sociais, exercitar a compreensão dos fatos junto à vida ordinária, às percepções locais, ao que pensam e ao que sentem os sujeitos implicados em tais contextos. Aqui, não cabem julgamentos de ordem moral, cultural, nem mesmo científica, porque as reportagens não se inscrevem como tratados causais ou resoluções definitivas das problemáticas destacadas. Ainda que devam favorecer, na linha dos ensinamentos de coberturas para a paz, a identificação de soluções justas para reduzir o sofrimento humano, mais trabalham para situar o modo de vida, coletivo, cultural e político, dos locais, e por essa abertura mesmo é que podem enriquecer o quadro de reflexões e ações em torno das guerras.

Com Morris, Sako e Varney, soldados que protagonizam alguns relatos sobre Monrovia, é também esse o sentido que orienta as interações de Rovira. Mas há um aspecto de interesse a mais: o voltar-se para o Outro, que fundamenta a dialogia, assume os contornos de um movimento que se coloca em relação justamente com esse Outro enquanto representação do inimigo, do vilão, do mal. Os três jovens, de cerca de 25 anos, pertencem ao exército de Charles Taylor, que disputa o poder com a oposição do LURD, e se encaixam rasamente, conforme discutimos no tópico anterior, nas categorias de polarização que tradicionalmente projetamos ao pensar em confrontos. A aproximação em diálogo nos ajuda a ponderar, no entanto, sobre a camada de abalo que também atravessa suas vidas, desde os dez anos assoladas por invasão, sequestro, morte dos pais e destruição das aldeias em que nasceram, pelo mesmo ditador para quem tiveram de passar a servir.

O plano da escuta oferece às *carreteras secundárias* a oportunidade de não só robustecer a composição de seus personagens e evidenciar as nuances do contraditório que permeiam a narrativa, como também reunir visões e interpretações dos que vivenciam a guerra por ângulo distinto, às margens desse lado a que se chama oposto, ‘outro’:

-¿Cuál fue la razón de la guerra, según vosotros? – pregunto interrumpiendo un largo silencio durante el cual sólo se escucha el chasquido de las cáscaras de los cacahuetes al romperse.

Morris baja la mirada. Los otros dos callan. - ¿La guerra? – dice Morris sin levantar la vista de los círculos que ha empezado a dibujar en la arena con un palo.

- Los políticos son los que deciden. Ellos han ido a la escuela. Saben leer los papeles. Los intelectuales también. Los políticos y los intelectuales son los que lo complican todo. Son los que lo organizan. Nosotros sólo sabemos ir al combate. Ellos se aprovechan.[...]

-¿Dónde está lo que habéis robado? Pensaba que seríais ricos – les digo.

Ahora sí que rien a gusto. No tienen nada más que lo puesto, aseguran. – Tú coges para ti y luego los comandantes te lo quitan todo. Sabemos quiénes son los que se aprovechan, pero no podemos hacer nada. Son listos. Fíjate en los coches que manejan – dice Varney (Libéria/2004; ROVIRA, 2006, p. 149).

Há momentos de encontro, porém, que escapam às palavras, ou a tentativas de conversação, sobre as experiências que fazem ou fizeram os personagens da realidade que vivem. O ‘outro lado’ do genocídio em Ruanda, personificado pela etnia *hutu* que perpetró os ataques naqueles meses de 1994, legitimado e sistematicamente orquestrado pelo Estado, toma corpo, tato e cheiro na incursão de Rovira pela prisão de Kigali. Ali, os acusados de assassinato se amontoavam, em condições de vida praticamente anuladas e sem saber quando seriam julgados, enquanto os *peces gordos habian salido de Ruanda, a viver tranquillamente en Francia, en Zaire y otros países africanos que les han acogido* (p.206). Os guardas armados acompanharam Rovira até a porta principal da cadeia, que não contava com nenhum funcionário em seu interior – a vigilância era feita desde fora, e qualquer problema, de violência, enfermidade ou morte, era tratado pelos detentos à sua própria maneira.

O registro desse signo da relação, publicado no *La Vanguardia* sob o entretítulo *Detrás de las rejas, bajo el mismo cielo*, expressa-se em parágrafo único, de dizeres secos, de quem reconhece que não há descrição que alcance ser humano em um mundo destruído pela guerra e pela dor:

Ojos huraños. Ojos que piden clemencia.
 Es casi imposible caminar sin pisar a quienes están tumbados, durmiendo en el suelo.
 Las pocas celdas que existen son insuficientes para la enorme masa humana de la prisión.
 Los niños están alojados en un pequeño pabellón.
 Algunos chavales buscan mi mirada y desean alguna palabra mía,
 incluso se acercan para tocar mis bolsillos por si llevo caramelos o golosinas;
 pero no tengo valor para darles conversación y abandono ese rincón aislado,
 el único que dispone de cierto espacio en la cárcel
 (Ruanda/1995; ROVIRA, 2006, p. 209).

Em outras passagens da narrativa sobre Ruanda, o dialógico também vem como silêncio do repórter, das fontes, da esfera *entre* que não se mede por tempo ou ruído de fala, mas como gesto respeitoso ao Tu e ao que ele está disposto, ou lhe é possível, em situação tão atroz, partilhar: na igreja de Nyamata, sua primeira incursão no país, Rovira colhe o primeiro testemunho de sobrevivente no escopo de uma interação pontual, que

ele não desdobra em perguntas afins, dado também sua própria condição de recém-chegado, ainda em aproximação com um real tão alheio quanto seu:

Entonces, alguien se sentó a mi lado. Era una mujer mayor. Tenía los brazos y las piernas llenos de heridas. Una enorme cicatriz le cruzaba la cabeza de oreja a oreja. Llevaba un vestido floreado al que le faltaban algunos botones y calzaba unas chanclas viejas. El tacto de su antebrazo sobre mi piel era mármol helado, de quien vive más allá del cuerpo. Permanecimos todavía un largo rato en silencio hasta que dijo:

- Tuve la desgracia de sobrevivir porque quedé enterrada entre los muertos. Me refugié en la iglesia con mi familia. Los asesinos bloquearon la puerta y tiraron algunas granadas de mano por las ventanas, además de disparar a la pared. La iglesia se llenó de polvo. Tardaron tres días en exterminar los que allí estaban. Y luego añadió:

- Aquellos hombres olían a cerveza. Era el aliento fétido del diablo...

(Ruanda/1994; ROVIRA, 2006, p. 170).

O tempo de cada ambiente, de cada sujeito, é elemento importante a ser considerado nas dinâmicas de interlocução de um jornalismo de feição intersubjetiva. Não é aspecto dado, mas que se constrói, e se alarga ou se mantém, conforme a vivência estabelecida em reportagem, a depender da própria sensibilidade da mediação em captar os ritmos em cena. Com Béatrice, sobrevivente *tutsi* refugiada na Bélgica, o contato começou em 2002, quando da ida de Rovira a Youndé, na fronteira com a Ruanda, e estendeu-se até 2004, por diálogos em carta que fortaleceram o vínculo entre eles e tocaram em assuntos mais difíceis da infância da jovem.

No primeiro encontro, jantaram juntos e conversaram sobre a vida de Béatrice em Bruxelas, com a mãe, mas foi no decorrer de meses de correspondência que ela se sentiu mais confortável em revisitar o trauma do genocídio e falar dessa parte de sua história a que ainda não sabe muito bem como reelaborar – no plano de um comunicativo, esses fragmentos aos poucos se mostram menos dispersos e acessíveis à exteriorização:

¿Me puedes mandar los artículos que escribiste en aquella época?
Yo nunca hablo sobre aquello [...] quizás en el futuro, mucho más adelante, cuando encuentre el rastro de los míos, muertos en Kibuye, pueda reconstruir la historia.
B.

Querida Béatrice: me hace feliz saber que te quedaste con ganas de hablar. Aquel día en Camerún he querido saber, compartir, pero no era una situación adecuada... además, tenía miedo de herirte y de hacerte sentir incómoda si forzaba las cosas.

Querido Bru: [...] quisiera contarte...esta noche, a las 4 de la mañana me he despertado presa de una de las numerosas pesadillas de machetes... durante un segundo interminable he querido

creer que todoaquello era sólo una pesadilla...en junio de 1994, en el sótano donde nos escondíamos tenía los mismos sobresaltos en la oscuridad... ¿por qué te explico todo esto? Ciertamente porque tengo el deseo de compartirlo y es más fácil contárselo a un desconocido (o casi desconocido)... ¿podrás comprenderlo, tú que has conocido a otros supervivientes que, como yo, ansían confiarse?

Béatrice: ...hace tiempo que tengo episodios de angustia, pero desde que regresé las cosas han empeorado...un día ingresé de urgencias por culpa de un mareo... nada, no tengo nada...he decidido ir al psicoanalista...al parecer en mi vida hay muchos agujeros negros... y nada de heridas de guerra, que sería incluso heroico...al parecer lo que nos traumatiza no es lo que vemos sino cómo lo percibimos, el material emocional del que estamos hecho... ¿qué esconderán tantos agujeros negros?

(Ruanda/2002; ROVIRA, 2006, p.214-215).

Consegue a linguagem dar conta das intempéries humanas? Às narrativas jornalísticas sem apego ao desviante, ao verborrágico ou ao choque pela imagem, a expressividade possível se tece em cada escolha composicional, pela costura de uma processualidade que não espera fechar sentidos, mas que diz da experiência-vivência no espaço-tempo que lhe cabe. As interlocuções retomadas aqui nos ajudam a evidenciar que, quando se trata do registro do sensível, o entrelaçamento das vozes é, muito mais que ruído de um ou de outro, sentido instaurado num *entre*.

3.2.5 Trânsitos intersubjetivos

Como a estética formal do desacontecimento se delineia pela assinatura criativa do mediador-autor que o reporta, o desafio de uma analítica a nível de narração é o de, precisamente, atentar-se para a cadência dos movimentos realizados em reportagem e de suas inscrições desde o estilo acionado na escritura. O trabalho de campo, pela aproximação dialógica ao cotidiano do homem ordinário, reúne os substratos do real que está a noticiar e mostra-se, enquanto marcas de escolhas narrativas e profissionais, à superfície nas predileções de um *como* registrar: as vozes, as viagens, os cenários, os contextos, as relações. Não há, neste sentido, como assumir elementos prévios ou orientadores de leitura, para além da consideração de que o texto se configura, por si, do entrelaçamento dessas práticas que empreende. O que temos como norte para essa interpretativa, por isso, são as compreensões que elaboramos sobre cada percurso processual da obra, que uma vez conjugadas nos aclaram para sua composição redacional, ou para os traços de autoria nela impressos.

Compiladas em um livro de quatro capítulos, cada qual para tratar de um país visitado por Bru Rovira naqueles anos de cobertura africana para o *La Vanguardia*, as reportagens foram veiculadas originalmente no jornal espanhol, algumas na seção *La Revista*, como é o caso das que versam sobre Somália e Ruanda, na década de 1990, e outras no *El Magazine*, para Sudão do Sul e Libéria, em 2002 e 2004. Os textos comumente se apresentavam em um máximo de duas páginas do diário, por quatro colunas corridas e fotografias ao centro – a exceção é a matéria sobre a turnê do *Atomic Music*, que ocupou quatro páginas da edição de 12 de maio de 2002 –, com o qual Rovira viajava também como repórter fotográfico ao continente africano.

Das imagens, que também foram anexadas ao livro, de forma conjunta, uma à sequência da outra, em seu miolo, observamos a tomada de enquadramentos que privilegiam a expressividade dos detalhes, realçada por uma preferência à escala cinza, e o retrato dos personagens em feição silenciosa, quase que como gesto de resistência à opção de se contar histórias pelos aspectos que chocam, em uma aposta de Rovira pelo potencial subversivo das fotos pensativas, de que fala Barthes (1984, p.39), ou de um *punctum* que “fere” por aqueles elementos sensíveis – o olhar, as mãos, o vestuário, um objeto biográfico que me podem conduzir a um estalo – “vejo, sinto, portanto, noto, olho e penso”.

O jornalista mesmo deixou entrever sua posição em relação à construção imagética das narrativas, quando da abertura de sua reportagem sobre Ruanda: “Pienso en la indiferencia y el rechazo que suscita el horror, precisamente en un mundo dominado por la imagen. El exceso empacha la razón, anula la conciencia y, cuando no nos paraliza, nos embriaga” (2006, p. 172). Suas estratégias fotográficas, assim, ainda que não concentrem nossos esforços investigativos neste estudo, inscrevem-se em combinação e coerência com os sentidos alinhavados em dimensão textual por suas tessituras. E como a proposta jornalística que movimenta Rovira é a das *carreteras secundárias*, também a organização de *Áfricas* se atém a essa busca de alcançar os fatos pelos diminutos, ou uma visão mais ampla da realidade do continente por micro-relatos em conjunção.

Desde a lente dos desacontecimentos, somos instigados a perceber uma ordem semântica, como um fio condutor, que em modulo de expansão sequencia as pautas do Sudão do Sul, passando por Somália, Libéria, e desembocando em Ruanda. Cada um desses tomos aporta, em uma leitura macro e a partir das singularidades dos contextos noticiados, universos de significação cotidiana, histórica e política que contam de facetas complementares da vida social africana. O primeiro capítulo, que tem esse caráter de

situar o leitor na abordagem realizada, toma a forma da turnê partilhada por Rovira com o grupo congolense-sudanês *Atomic Music*, em Rumbek, como que a indicar, em coincidência nada aleatória, o início da grande viagem que o repórter empreenderia, ao longo de todas as outras páginas, pelo território da África subsaariana. As dificuldades do percurso que vão sendo relatadas, de problemas mecânicos, desvio de rotas, clima adverso, dialogam, nesse plano narrativo macro, com as próprias incertezas do trajeto jornalístico de se destinar ao Outro.

Pouco a pouco, entre reparos e atalhos, os encantos locais vão se mostrando: as paisagens exuberantes, a convivência harmoniosa entre os moradores, a descontração das conversas, o ritmo das danças e das músicas, no composto desse mistério, nunca por completo desvelado, que é a nossa própria experiência com o mundo. A partir daí, e estando abertas as trilhas para o avançar da incursão, os textos de Rovira passam a se aprofundar por outros matizes em cena – as interações culturais e geopolíticas que jogam com a vida das comunidades e atravessam seus conflitos, não como generalização ou simplificação do que ocorre nessas regiões, mas como entrecruzamento que nos adensa *no tan lejos*.

No segundo capítulo, então, que trata da Somália, a larga narrativa de fundo vai conectando a realidade dos habitantes, especificamente em condição de refúgio, com o imperialismo ocidental e os mandos da Guerra Fria, pela falência do Estado e os interesses estrangeiros que se escusam até mesmo entre as organizações humanitárias. Chegando em Monrovia, esse delineamento contextual assume contornos ainda mais evidentes: a lógica dos senhores de guerra, após derrocada de Charles Taylor, com o tensionamento das disputas por recursos no continente, via abastecimento bélico legal, e a intensificação dos rastros da violência no dia a dia dos cidadãos, desde os abalos nas vidas de James, Ibrahim e sua família, e o trio Morris, Sako e Varney.

Em Ruanda, o movimento de Rovira ao Outro, buscado como engrenagem de centro de suas rotas, põe-se em fratura e concreto latente com o genocídio dos *tutsi* em 1994, no desafio de, respaldado pela colcha polissêmica alinhavada até então, reportar os abismos da condição humana, em dor e resistência, no mais das vezes, simultaneamente. Não simplesmente como relato dilacerado de uma história de explorações levada às últimas consequências, mas como registro das luzes, sombras e penumbras que se envolvem, em ambiguidade e embate contínuo, com o existir. Uma grande narrativa, ao final, que diz das responsabilidades de nossas escolhas e renúncias, enquanto

individualidade-coletiva, e dos compromissos tomados pelo jornalismo na construção da saga do humano ser.

Não há como não pensar, desde essas vias, na dimensão narrativa de *Áfricas* como um extenso e agudo trânsito por nossas intersubjetividades. Evidentemente que outras características de redação se mostram nessa leitura, como o próprio trato descritivo do repórter no conteúdo noticiado: as avionetas que chegam e pousam nos campos de refugiados, com abastecimento de alimentos, remédios e trabalhadores, o sol que amanhece e se põe nos bosques tomados por intensas folhagens, a aridez que consome as tardes e se contrabalança como frescor no cair dos dias, o vai-e-vem dos sujeitos em seus assuntos domésticos, as passagens pelos *checkpoints* e estabelecimentos comerciais das cidades visitadas. Mas é o tom pessoal e profissional do mediador-autor, que circula em dialogia por intertextualidades e vozes do social, que interessa demarcar aqui, até como demonstrativo de um enredo que transparece suas intenções.

Marcas da intimidade de Rovira se sublinham por toda obra, às vezes em traçado direto, de quem se expõe em *repliegue de sentir* para assinalar seus dilemas enquanto europeu e jornalista a cobrir o continente africano, como abordado em termos de procedimento de apuração, às vezes em toque menos introspectivo, nem por isso mais frio, que carrega inclusive uma aceção de ironia para provocar nossas conformações. Das primeiras páginas de Rovira sobre sua experiência com o *Atomic Music*, quando ainda pousava no campo de Loki antes de passar a acompanhar a turnê, vale extrair um trecho que inscreve a subjetividade do repórter em fluxo – consigo mesmo, com outros seres, com seu entorno:

¿Qué siente un mosquito antes de perecer quemado?
Mientras miraba a través del mosquitero las aspas del ventilador
que invitaban con su carrusel de sombras a un sueño que no llegaba,
estuve pensando en que ninguna casualidad está exenta de significado.
Me pregunto qué cambiaría de nuestras vidas si tuviéramos presente la realidad de la muerte.
Pero me doy cuenta de que nuestra cultura vive tan alejada de la idea de la muerte propia
y se nos antoja tan natural la muerte de los demás – los ‘otros’.

También pasa lo mismo con el dolor y la desgracia, donde aquellos que sufren se presentan como seres molestos, quizá para apartar la idea de que algo similar pueda ocurrirnos algún día a nosotros, como ya nos sucedió en el pasado: a lo mejor, todo esto tenga algo que ver con el sentimiento que preside nuestra relación con África, el sentimiento no admitido de que es preferible ignorar lo que no podemos soportar; ignorarlo también porque, de saberlo, no podríamos soportarnos a nosotros mismos
(Sudão do Sul/2002; ROVIRA, 2006, p. 28).

Em Ruanda, o trânsito intersubjetivo se desperta com o olhar da menina sobrevivente de Nyamata, que Rovira encontra ao entrar na igreja local, e que depois combinará com a narrativa de Béatrice, ao tratar das nossas emoções *que habitan más allá de la conciencia y [que] se estrellan contra nuestros agujeros negros* (p.171). Tal incursão acaba por manifestar as próprias reconstruções da visão de mundo do repórter, na transição das ideologias prevalecentes até a queda do muro de Berlim a um humanismo político e plural, e de suas implicações ao ofício jornalístico:

Tengo una foto de la niña de Nyamata colgada en mi estudio.
Traté de fijar la vista en sus ojos opacos, ojos oscuros sin una sola lágrima que les diera vida.
En Ruanda conocí el Auschwitz de África, caminé por las colinas, viajé a los campos de
refugiados del Zaire y Tanzania, me interné en las selvas del Congo.
Al escribir sobre ello, me quedan pocos ideales sobre el heroísmo y la mítica figura del
reportero. Rezo para que no se me empañe la vista y conserve la fuerza y la serenidad a fin de
mantenerme alejado del veneno de los poderosos, para que no se me atrofie la sensibilidad que
me permite percibir los gritos del silencio,
la vida de los parias de esta tierra
(Ruanda/1994; ROVIRA, 2006, p.243).

Na reportagem sobre a Libéria, de 2004, o entrelaçamento de sentidos que configura a narrativa, e que se vai sustentar nos testemunhos de famílias refugiadas de Plumkor e de soldados de Monrovia, situa-se desde o início pelas contradições observadas por Rovira entre a vida local e a postura de agentes internacionais alocados na região. Durante o dia, circulava pela cidade para escutar relatos de sobreviventes e famílias devastadas pela guerra, e à noite, ao se acomodar no hotel *donde suelen reunirse los blancos que recalán en la capital* (p.127), convivía com a hipocrisia das ‘missões estrangeiras’, desde onde engancha seu fluir reflexivo:

Nosotros compartíamos mesa con un funcionario de ONU cuyo trabajo consistía en estudiar la situación sanitaria liberiana. Le pagaban más de seis mil dólares al mes por escribir un informe que irá, sin duda, a llenar una de las papeleras de la sede central de Naciones Unidas.
Estaba harto de aquella conversación llena de cinismo,
así que me levanté para saludar a los soldados de la UNMIL.
– Qué tal os lleváis entre vosotros? – pregunté a unos de los bosnios. – Ningún problema.
– Y con los liberianos? – Qué gente tan salvaje! – rieron a coro.
El comentario de los ex yugoslavos me recordó la película *En tierra de nadie*, cuando unos serbios que están bombardeando Sarajevo leen en un periódico la noticia sobre el genocidio ruandés y se sorprenden por aquella brutalidad. “Qué salvajes”, dicen utilizando las mismas palabras y, al escucharlos, uno se queda clavado a la butaca del cine sin saber muy bien si lo que resulta más chocante es la visión hipócrita y racista que los europeos tenemos sobre África o lo que realmente no incomoda es el cinismo con el que solemos mirarnos a nosotros mismos
(Libéria/2004; ROVIRA, 2006, p.129).

Ao jornalismo que se imbrica com os afetos, pela mirada que se dedica aos desacontecimentos, a trama *entre sujeitos* tem potência em cada uma de suas esferas de escolha e ação: o protagonismo do ordinário, a aproximação aos diminutos das vidas e contextos, a troca dialógica com os implicados, e, desde uma escrita também sensível, a composição textual mesma que dá forma a essas dinâmicas do comum. Se a mediação autoral libera as práticas de estruturas narrativas previamente fixadas, e instiga cada repórter a tecer, pela vivência que desenrola em campo, uma assinatura criativa, também o faz pela própria condição terna de seu *ethos* que se assume fendido, a compreender a complexidade do que somos – *em relação*.

A alteridade que abriga as incursões noticiosas de Rovira por *Áfricas*, assim, encontra a nível de estética textual as confluências por pensamentos, sentimentos e ações que o repórter realiza, e faz questão de expressar, com quem e o que vive. Trânsitos intersubjetivos, em outras palavras, a uma narrativa que se quer em dialogia com o mundo.

INCURSÕES EM DESTINO PENÚLTIMO

Um acesso rápido ao mecanismo de busca digital no arquivo da tese e vejo que mencionei 73 vezes a palavra resistência. A recorrência fica atrás dos termos Jornalismo, Comunicação, Desacontecimento e Bru Rovira, apenas. Sei que me vali da noção por diversas vezes porque me lembro dos embates com a escrita para encontrar sinônimos, variações, para não truncar o texto com repetições. Ainda assim, cá estou nestas páginas finais falando justamente dela. Há o nosso momento histórico, de pandemia de covid-19 e de expansão do neoconservadorismo no Brasil, e no mundo, que faz com que a ideia de resistência venha à tona como enfrentamento necessário às crises sanitárias, socioculturais, políticas e ambientais do contemporâneo. Nossa percepção sobre o passado, também, desde as aulas de História e Geopolítica na escola, está toda atravessada pelas relações conflitivas entre atores, grupos, comunidades e países, os ganhos e perdas que resultam de tantas lutas. O jornalismo e a pesquisa científica, no entanto, me colocaram a resistência como ato luminoso que diz de camadas mais sutis, diminutas, da vida e do homem. Me revelaram que a existência, em si mesma, e enquanto criação, já é um resistir, e que, para além de reação, oposição ou não-aceitação, mais vale pensar na expressão como amparo.

Nossa condição vulnerável, incerta, por vezes tão contraditória, nos abre carências e nos pede entrega, dia após dia, para reelabora-las, com o que somos e com o que podemos – e para muitas pessoas, infelizmente, o que se têm à disposição não é suficiente. Seguimos, nós mesmos rotos, em caminhos tortuosos, a procura de sentidos, de pessoas, de um entorno que nos ofereça segurança, que nos envolva em calidez. E é esse desejo mesmo que nos movimenta em resistência. Um resistir que não está nos grandes feitos, em realizações de impacto, em rearranjos de proporção coletiva. Pode até ser que se desdobre assim. Mas perfaz, de modo mais intenso e imediato, o território tão íntimo quanto cotidiano do nosso ser-comum. O ordinário, a rotina, o mundano, são todos eles carregados de nossa busca por amparo, e irradiadores, também, das criações do nosso prosseguir.

O protagonismo da resistência que se afirmou como janela na minha trajetória pessoal e acadêmica, e que se reitera nas considerações apresentadas neste estudo, fortalece-se na ordem desses microcosmos. Das nossas permanências e virações nos lares que habitamos, desde o nosso ser ao planeta que partilhamos, desde nossas escolhas

subjetivas às decisões tomadas nas esferas mais abrangentes, para a condução da vida em sociedade.

A obra periodística de Bru Rovira, tomada aqui como foco de estudos para o pensar sobre o Desacontecimento no jornalismo contemporâneo, e na esteira de projetos que se desenvolvem desde 2013, evidenciou a conjugação de coberturas, a nível local e internacional, que fizeram das *carreteras secundárias* suas rotas protagonistas de noticiabilidade. Entre os poetas do *El Gotic* e as vidas de *Áfricas*, que se sustentam na persistência de um movimento de saída, o Desacontecimento articulou-se como matriz interpretativa para evidenciar sua pertinência enquanto escopo a orientar leituras analíticas. Em visada complementar, tal semântica foi também cotejada por ordem de empiria, a partir do signo da relação que (des)acontece entre sujeito-pesquisador e sujeito-investigado. A experiência do Desacontecimento em vivência, junto a Rovira e outros profissionais que despontaram do reporterismo espanhol pós-franquismo, colheu da dialogia o valor ao exercício das *grietas*, e da proximidade a defesa ao olhar insubordinado como atitude vital para se narrar as margens pelas margens.

Esta investigação, por isso, desde a leitura que me cabe fazer como um ensaio penúltimo, não deixa de ser um gesto de aposta pelo fator humano. Pela capacidade inventiva de cada sujeito que, intimamente e coletivamente, resiste com o que consegue gerar e doar cotidianamente, e deve ter sua luta reconhecida com valor. Pela assinatura criativa de cada jornalista que, no âmbito de suas práticas rotineiras, revolve brechas para reestruturar os sentidos vigentes e fazer do ofício um caminho polifônico para a justiça social, e da tessitura narrativa uma via possível para a compreensão da condição humana.

Na sequência, e em tom de um arremate mais cadenciado, disponho minha empreitada reflexiva sobre a Teoria do Desacontecimento em elucidações-sínteses que, espero, encontrem eco e se ressignifiquem em outras práticas e pesquisas.

I

O Desacontecimento se insere, epistemologicamente, no âmbito das *Teorias do Jornalismo*.

Com isso, quero dizer que seu escopo reflexivo constitui indagações acerca da processualidade jornalística, especificamente no que toca ao *newsmaking* historicamente construído pela comunidade profissional. Sua linha de estudo se concentra nas dinâmicas

de produção de conteúdo, que foram conformadas em termos de cultura informativa, como ponto de inflexão para outra semântica da notícia. Suas discussões provocam problematizações sobre a ordem da natureza dos fatos reportados, em perspectiva longitudinal que compreende os saberes mobilizados pelos jornalistas no exercício rotineiro de suas atividades e sua responsabilidade no tecido social.

Sob esta posição epistêmica, o Desacontecimento não se aparta do campo regular de atuação dos meios, como se fosse uma modalidade de cobertura restrita a determinados formatos e suportes que jogam com logística alheia de produção, mas se configura em razão mesmo das potencialidades e lacunas da composição noticiosa tradicional. Desde mediações fraturadas que percebem as controvérsias de luz e sombras, ou de ruídos e silêncios, que atravessam o real midiático.

II

O Desacontecimento se articula, produtivamente, em confluências possíveis a nível de agenciamento individual e rotina organizacional, por *jornalistas-autores*.

Com isso, quero dizer que uma semântica outra da notícia depende do fator humano e suas moderações criativas em plano de agir profissional. Ainda que dimensões ideológicas, políticas e econômicas atravessem as produções jornalísticas, em determinados contextos até de modo impeditivo, o Desacontecimento enquanto prática à revelia implica mais diretamente o sujeito jornalista e seu ambiente redacional. Envolve um *como* os repórteres se apropriam do quadro de sentidos vigentes ao seu exercício de trabalho, e à própria cultura que lhes rodeia, isto é, se administram ou renovam as convenções. A assinatura criativa do fazer demanda um olhar insubordinado em relação aos padrões estabelecidos, tanto para as figuras que lidam imediatamente com a pauta, a partir de suas escolhas narrativas, quanto para os agentes de editoria, que podem fazer comando à essa dinamicidade por brechas informativas. A complexidade de sua equação considera as aportações biográficas, profissionais e coletivas dos atores que a engendram e se favorece de entornos organizacionais que apostam na autonomia das mediações.

Sob esta posição produtiva, o Desacontecimento não dissocia responsabilidade da esfera das escolhas pessoais. Inscreve a atuação profissional em mapa de constrangimentos complexos, mas predileciona possibilidades de virada por *ethos* que se assumem em autoria, comprometidos com a reestruturação do estado das coisas.

III

O Desacontecimento provoca, primordialmente, a *marcação* hegemônica dos fatos noticiados pelos meios jornalísticos.

Com isso, quero dizer que a matéria-prima noticiosa deve ser compreendida como constructo profissional que, em correspondência a demandas organizacionais e expectativas públicas, privilegia um *certo* modo de perceber e conhecer a história através de seus aspectos irruptivos ou de associação a figuras de poder. O Desacontecimento, ao questionar a natureza dos fatos que logram a agenda midiática, e pública, abala a sistemática da noticiabilidade hegemônica que visibiliza o real por suas dimensões de desvio e proeminência social. Estabelece uma ordem de contraposição, de discordância, de insatisfação entre sua pauta e os critérios tradicionalmente elegidos pela instância informativa para reportar os fatos. Configura um mapa cognitivo *outro*, à sombra da desordem aparente, e que se orienta pela rítmica do nosso espaço-tempo vivido.

Sob esta posição primordial, o Desacontecimento não se afirma como código de produção que se inviabiliza em circuitos midiáticos *mainstream*. Antes, enquanto estratégia de narração, e considerando as disputas e resistências do campo jornalístico, elege operar pelas camadas secundárias de nossa forma de ver, nas margens negligenciadas de protagonismo social e informativo.

IV

O Desacontecimento centra, propositivamente, interesse noticioso à *cotidianidade* do homem ordinário.

Com isso, quero dizer que sua abordagem busca a dinâmica do comum, no compasso dos movimentos rotineiros que significam a existência, individual e coletiva. Em ordem das rupturas, continuidades; em ordem do notável, o anonimato. A cotidianidade se inscreve, pela mirada do Desacontecimento, como território por excelência para as coberturas informativas, desde seus rearranjos em chave de criação e recriação de sentidos. A regularidade que, à primeira vista, é repetição inócua da leva dos dias, no real que desacontece é o fluxo *sempre adiante* dos sujeitos, enquanto resistência possível ante a intempéries diversas. Pela noticiabilidade do cotidiano, o

Desacontecimento se aproxima dos enfrentamentos, cálidos, diminutos e também sempre simbólicos, que cada um realiza para permanecer, intimamente e em convivência social.

Sob esta posição propositiva, o Desacontecimento não se aparta das ocorrências generalistas de nossa realidade local, nacional e internacional. Demarca, na verdade, o espaço-tempo da cotidianidade como *locus* favorável para uma angulação noticiosa interessada em apreender a faceta do ordinário, das resistências e astúcias sutis do que se passa em nossa volta.

V

O Desacontecimento mobiliza, inevitavelmente, um *aparato narrativo* dialógico e compreensivo para a captação de fatos não-marcados.

Com isso, quero dizer que a dimensão da cotidianidade enquanto notícia se apreende por procedimentos também distintos, à contrapelo da modelagem positivista que atravessa o jornalismo. A pauta das significâncias diminutas, das virações e permanências ordinárias, depende de expedientes sensíveis à irradiação dos detalhes, ao reconhecimento da alteridade em suas repetições transformadas – e transformadoras. Pelas vias da intersubjetividade, as técnicas de apuração e entrevista que compõem o quadro processual jornalístico podem se reconfigurar em movimentos de aproximação e dialogia com os contextos e atores sociais reportados. O Desacontecimento tem mais chances de se concretizar em signo da relação terno, que fende as cenas e cenários a aportações partilhadas pela atenção e escuta, e que dinamiza a ordem do comum por conjunções da oralidade, do tátil e do olfátil colhidas *entre*.

Sob esta posição em desdobramento, o Desacontecimento não se encerra como fato não-marcado, mas configura uma processualidade complexa, que envolve a cadência de saberes específicos desde o reconhecimento da pauta da cotidianidade aos dispositivos narrativos de contato empático com as ocorrências e personagens noticiados. Isso não significa que sua dinâmica de produção seja bajulatória ou tendenciosa a evitar realidades de abalo e pessoas controversas. A dialogia e a compreensão que perfazem o aparato de captação do Desacontecimento versam sobre uma abertura possível, de participação em um sentido comum e de *ser-com*, dentro das limitações intersubjetivas e em face mesmo das complicações de nosso tempo. Um exercício que aprofunda o envolvimento jornalístico a nível pessoal e contextual.

VI

O Desacontecimento rearranja, potencialmente, formas redacionais que convergem com a autoria e a *experiência-vivência* de seus repórteres.

Com isso, quero dizer que não há delimitações estéticas à sua escritura em termos de estrutura composicional. A forma do Desacontecimento decorre da assinatura criativa construída pelo jornalista em campo, como experimento narrativo de seus trânsitos junto aos fatos e sujeitos. As técnicas redacionais que se consolidaram para conformar um padrão informativo se desmontam com a pluralogia do vivido e pela valoração de um *ethos* em resistência e reelaboração dos tradicionais modelos da notícia. Narração e descrição tomam os contornos heterogêneos de um aqui-e-agora que desafia os profissionais a encontrarem o ritmo das suas histórias pelo que vivenciam em escuta atenta e ação. A costura textual é arremate que resulta de experiência e intuição, na lida contínua com o protagonismo social.

Sob esta posição fluída, o Desacontecimento não se confina a estratos classificatórios de gêneros ou formatos jornalísticos. Encontra, evidentemente, na reportagem uma potencialidade composicional, que se dá mais pelo *reporterismo* do que por predileção estética. Híbrida, conforme as demandas da pauta, recursos narrativos de tom ora mais descritivo, ora mais interpretativo, e por que não argumentativo, em consideração aos sentidos relacionais que permeiam a dimensão entre-sujeitos e de sintaxe discursiva. A forma textual não se lapida em si mesma, como abstração ou intento último do relato, mas é componente agregadora da experiência do desacontecer em registros jornalísticos.

VII

O Desacontecimento delinea, pertinentemente, caminhos jornalísticos para se reportar os contextos de atores sociais que se situam *à margem* do interesse hegemônico público e midiático.

Com isso, quero dizer que sua matriz inscreve práticas possíveis, não únicas e tampouco exclusivas, para conferir lugar narrativo às vidas sistematicamente minorizadas na abordagem noticiosa, desde o protagonismo da cotidianidade e por dinâmicas de apuração intersubjetivas. Há um transfundo propositivo de justiça social, direitos humanos e democratização de vozes no escopo processual do Desacontecimento, que o

situa como marco estratégico nas ações para o enfrentamento das desigualdades e violências culturais, a partir do reconhecimento das demandas locais e coletivas dos sujeitos e grupos ordinários.

Sob esta posição de fôlego, o Desacontecimento não se isola da busca social contínua por respeito e direitos, e mira como eixo-orientador de seu fazer a transformação aliada a processos políticos e culturais, de ordem institucional ou coletiva. Não se trata de militância ou de descrédito aos fundamentos de rigor factual e apartidarismo político caros à cobertura da notícia, mas da compreensão larga e contextual sobre *como* o jornalismo pode, desde as imbricações simbólicas de suas narrativas, despertar sensibilidade crítica, inter-humana e comunicativa em suas mediações.

VIII

O Desacontecimento matura, continuamente, *indagativas* sobre a ordem no mundo e as convenções jornalísticas.

Com isso, quero dizer que sua reflexão e práticas estão em estado permanente de negociação. O cerne da pauta da cotidianidade e seu aparato narrativo dialógico-compreensivo se atravessam pelas demandas plurais do contemporâneo, assim como sua base de estudos. Ao passo que sua matriz se robustece por subsídios colhidos em campo, de casos que despontam no cenário profissional brasileiro e internacional, outras possibilidades e questões tomam forma nesse espectro analítico, já que em compasso com os processos de reconfiguração técnico-estético do jornalismo.

Como o Desacontecimento tem se manifestado na cobertura noticiosa atual, para além de pontos de destaque de atuação profissional, no que toca aos informativos de circulação tradicional? Como o Desacontecimento pode se potencializar enquanto caminho narrativo diante dos desafios e dilemas, organizacionais, financeiros e sociais, do jornalismo?

Sob esta posição de investigação em recorrência, o Desacontecimento não tece considerações de ordem última, mas incorpora o processo compreensivo como fundamento também de seu trabalho intelectual. Orienta-se por um escopo epistêmico e prático que densifica sua mediação, e dispõe-se a aportações contínuas em lógica complementar.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, María José; NOGALES-BOCIO, Antonia. **Historia práctica del periodismo español**. Madrid: Editorial Síntesis, 2018.
- ALSINA, Miguel. **La construcción de la noticia**. Nueva edición revista y ampliada. Barcelona: Paidós, 2005.
- ARENDT, Hannah. **Compreender: formação, exílio e totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- ARMADA, Alfonso. **Cuadernos africanos**. Barcelona: Ediciones Península, 2019.
- ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENETTI, Márcia. O jornalismo como acontecimento. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). **Anais Eletrônicos...** São Paulo: USP, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**, seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.
- BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias: direito, literatura, vida**. São Paulo: Letra e Voz, 2014.
- BUBER, Martin. **¿Qué es el hombre?** México: Fondo de Cultura Económica, 1949.
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. 2ª edição revista. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992.
- CALVET, Augustí. **História de La Vanguardia**. Barcelona: Editorial Empúries, 1994.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo, SP: Pensamento, 2007.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **As Culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida**: da invenção de si ao projeto de formação. Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.
- ESQUIROL, Josep María. **Uno mismo y los otros**: de las experiencias existenciales a la interculturalidad. Barcelona: Herder Editorial, 2005.
- ESQUIROL, Josep María. **El respeto o la mirada atenta**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2006.
- ESQUIROL, Josep María. **El respirar de los días**. Barcelona: Paidós, 2009.
- ESQUIROL, Josep María. **La resistência íntima**: ensayo de una filosofía de la proximidad. Barcelona: Acanalado, 2015.
- ESQUIROL, Josep María. **La penúltima bondat**: assaig sobre la vida humana. Barcelona: Quaderns Crema, 2018.
- FLUSSER, Vilém. **Los gestos**: fenomenología y comunicación. Barcelona: editorial Herder, 1994.
- FOIX, Lluís. **Aquella porta giratoria**. Barcelona: Destino, 2016.
- FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- GADAMER, H. **Verdade e Método II**: complementos e índice. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. The structure of foreign news. **Journal of Peace Research**, v.2, n.1, p.64-91, 1965.
- GALTUNG, Johan. Violence, peace, and peace research. **Journal of Peace Research**., v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969.
- GALTUNG, Johan. **Peace by peaceful means**: peace and conflict, development and civilization. Oslo: PRIO, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GENRO FILHO, Adelmo. O Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo. **Dissertação**. Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, 1987.
- GIARD, Luce. Artes de nutrir. IN: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUZMÁN, Vicent Martínez. **Filosofía para hacer las pazes**. Barcelona: Icaria, 2001.

HANITZSCH, Thomas (et al.). **Worlds of Journalism: Journalistic Cultures Around the Globe**. Columbia University Press, 2012.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HUERTAS, Josep María. **Una historia de La Vanguardia**. Barcelona: Angle Editorial, 2006.

JOLIF, Jean Yves. **Compreender o homem**: introdução a uma antropologia filosófica. São Paulo: EdUsp, 1970.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KAPUSCINSKI, Ryszard. **Los cínicos no sirven para este oficio**: sobre el buen periodismo. Barcelona: editorial Anagrama, 2002.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KÜNSCH, Dimas. **Maus pensamentos**: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2005.

KÜNSCH, Dimas. Comunicação e pensamento compreensivo: um breve balanço. In: KÜNSCH, Dimas A.; MARTINO, L. M. S. (Org.). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Editora Plêiade, 2010.

KÜNSCH, Dimas (et al.). **Comunicação e estudo e práticas de compreensão**. São Paulo: UNI, 2016.

KÜNSCH, Dimas (et al.). **Para compreender a compreensão**. São Paulo: UNI, 2017.

KÜNSCH, Dimas. **Compreender**: indagações sobre o método. São Paulo: editora Metodista, 2020.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: UFSC – Insular, 2001.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 6. ed. Record, Rio de Janeiro, 2005.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1982.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo de outro homem**. Trad. por Pergentino S. Pivatto e outros. Petrópolis, RJ. Vozes, 1993.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÉVINAS, Emmanuel. **Da Existência ao Existente**. Tradução de Paul Albert Simon. Campinas: Papirus, 1998.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. São Paulo: Vozes, 2012.

LISPECTOR, Clarice. A repartição dos pães. In: LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOZANO, Jorge Eduardo. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulinas, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O espelho e a máscara**: o enigma da comunicação no caminho do meio. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Unijuí, 2002.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O escavador de silêncios**: formas de construir e desconstruir sentidos na comunicação. São Paulo: Paulus, 2004.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação**: conceitos antecipados com a nova teoria. São Paulo: Paulus, 2008.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2010.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O rosto e a máquina**: o fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico (Nova Teoria da Comunicação – Volume I) São Paulo: Paulus, 2013.
- MARTINI, Stella. **Periodismo, noticia y noticiabilidad**. Buenos Aires: Editorial Norma, 2000.
- MARTINO, Luís Mauro de Sá; SALGUEIRO, Angela. Afetividade e vulnerabilidade na relação pesquisador/sujeito pesquisado. In: KÜNSCH, Dimas A.; YURI, Mateus; FERNANDES, P. E.; DIAS, E.; BRITO, P. D. (Org.). **Produção de conhecimento e compreensão**. São Paulo: UNI, 2017.
- MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas: Ed. Ulbra, 1996.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.
- MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2008.
- MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008a.
- MEDINA, Cremilda. **Atravessagem**: reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.
- MEDINA, Cremilda. **Ato presencial**: mistério e transformação. São Paulo: Casa da Serra, 2016.
- MEDINA, Cremilda. O invisível à luz da experiência e da compreensão. In: KÜNSCH, Dimas (et al.). **Comunicação e estudo e práticas de compreensão**. São Paulo: UNI, 2016a.

- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MONTALBÁN, Manuel Vázquez. **Informe sobre la información**. [S.l: s.n.], 1975.
- MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e na Televisão. **Communications**, n.7, 1996.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª edição. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Suína, 2003a.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo?** Ensaios sobre o destino da humanidade. Bertrand Brasil, 2011.
- MORIN, Edgar. **Meus filósofos**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- MULLER, Helena. História do tempo presente: algumas reflexões. In: PORTO JR, Gilson (Orgs.). **História do tempo presente**. Bauru: EdUSC, 2007.
- NOGUÉ, Anna; BARRERA, Carlos. **La Vanguardia**: del franquismo a la democracia. Madrid: Editorial Fragua, 2006.
- PATOCKA, Jon. **El movimiento de la existencia humana**. Encuentro, 2004.
- PEREC, Georges. **Pensar, clasificar**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1986.
- PEREC, Georges. **Especies de espacios**. Barcelona: Montesinos, 2001.
- PEREC, Georges. Aproximações do quê?. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 178-180, janeiro-junho 2010.
- PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.1, n.2, p.13-29, 2004.
- RESENDE, Fernando. O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico. **E-Compós**, p.01-15, 2002.
- RESENDE, Fernando. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. **Contracampo**, n.12, p.85-102, 2005.
- RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1991.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1996.
- RIUS, Josep Carles. **Periodismo en reconstrucción**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2016.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999.

- ROVIRA, Bru. **Áfricas**: cosas que pasan no tan lejos. 2. ed. Barcelona: RBA Libros, 2006.
- ROVIRA, Bru. **Solo pido un poco de belleza**. Barcelona: Ediciones B, 2016.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciencias**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SCHUDSON, Michael. The sociology of news production. **Media, Culture, and Society**. v.11, n. 3, p. 263-282, 1989.
- SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amarrortu, 1973.
- SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- SELIGMANN-SILVA, M. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.
- SEOANE, María Cruz; SUEIRO, Susana. **Una historia de El País y del grupo PRISA**. Barcelona: Plaza & Janés, 2004.
- SERRA, Sonia. Relendo o ‘gatekeeper’: notas sobre condicionantes do jornalismo. In: **XIII Encontro Anual da Compós**, São Bernardo do Campo, 2004.
- SHOEMAKER, Pamela; REESE, Stephen. **Mediating the Message**: theories of influences on mass media content. Longman Publishers, 1996.
- SHOEMAKER, Pamela. News and newsworthiness: a commentary. **Communications**, v.31, p.105-111, 2006.
- SHOEMAKER, P. Prefácio. In.: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. (Orgs). **Critérios de noticiabilidade** - problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2005.
- SJØVAAG, Helle. Journalistic Autonomy: Between Structure, Agency and Institution. **Nordicom Review**, v.34, p. 155-166, 2013.
- SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos**. Coimbra: Minerva, 1999.
- TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TUCHMAN, Gaye. Making News by Doing Work: Routinizing the Unexpected. **American Journal of Sociology**, Vol. 79, No. 1, pp. 110-131, 1973.

TUCHMAN, Gaye. The production of News. In: JENSEN, K.B. (Org). **A Handbook of Media and Communication Research**. Londres e Nova Iorque, p.78-90, 2002.

VARGAS, Raúl Hernando Osorio. **El reportaje como metodología del periodismo**: una polifonía de saberes. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2017.

WALDENFELS, Bernhard. **Respuesta a lo extraño**: rasgos fundamentales de una fenomenología responsiva. Revista de Filosofía, n.14, p.17-26, 1997.

WHITE, David. O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias. In: TRAQUINA, Nelson. (Org). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Veja, p.142-151, 1999.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Ed. Da UnB, 2004.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo 2000**. Lisboa: Relógio d'água, 2000.

APÊNDICE

1.1 *Solo pido un poco de belleza* – Bru Rovira (2016)

Textos publicados no jornal <i>La Vanguardia</i>	Data
Del corazón de África a las calles de Barcelona	14 novembro 2004
Sólo pido un poco de belleza	21 novembro 2004
Quiérete un poco	28 novembro 2004
Siete punhaladas	05 dezembro 2004
La Señora	12 dezembro 2004
Va por ti, Pilar	19 dezembro 2004
Navidad en familia	01 janeiro 2005
Vida del Canario	16 janeiro 2005
En la ciudad de la luz	23 janeiro 2005
Come on, John	30 janeiro 2005
El plantapinos	13 fevereiro 2005
Uno de nosotros	17 abril 2005
Benavente noqueado	22 maio 2005
Mejor robar que entregarse	29 maio 2005
Un millón de pesetas, baby	12 junho 2005
M. en el espejo	16 outubro 2005
La tetina de Andrea	06 novembro 2005
Esperáme en el cielo	02 julho 2006
El brindis de Ana Luisa	17 dezembro 2006
Una vida de antaño	31 dezembro 2006
De todo se aprende	28 janeiro 2007
Vida actualizada	11 fevereiro 2007
Cinco estrellas	18 fevereiro 2007
Unas gotas de 1916	25 fevereiro 2007

Fonte: Hemeroteca La Vanguardia e Hemeroteca Universitat Autònoma de Barcelona (2019)

1.2 Àfricas – Bru Rovira (2006)

Textos publicados no jornal <i>La Vanguardia</i>	Data
Esto es África, amigos	31 março 2002
Cerco a la polio en el país de la nada	12 maio 2002
Regreso al fin del mundo	14 dezembro 1997
Al outro lado de la maquina del tiempo	16 março 1993
La ciudad que sólo conserva su sombra	17 dezembro 1993
Morir em Mogadiscio	27 março 2005
Más basura para Somália	20 março 2005
Liberia: la guerra de los tempos modernos	16 maio 2004
El precio de la vida	30 junho 2002
Ruanda cuenta sus muertos	10 fevereiro 2005
Un pueblo con la desolación auestas	29 junho 2005
Justicia y odio se disputan al país de las mil venganzas	11 fevereiro 1995
Muerte de un missioneiro	13 abril 2000
Viaje a la Ruanda de Rosa y Sagrario	29 março de 1998
Silencio antes de la tormenta	07 dezembro 1997
Ruanda: genocidio espera justicia	04 abril 2004

Fonte: Hemeroteca La Vanguardia e Hemeroteca Universitat Autònoma de Barcelona (2019)